

DA SABEDORIA CLÁSSICA À POPULAR
Volume 2

Jacir J. Venturi

DA SABEDORIA CLÁSSICA À POPULAR
Volume 2

Na internet você encontra integralmente os três livros do autor:

- 1) Álgebra Vetorial e Geometria Analítica (10^a ed.)
- 2) Cônicas e Quádricas (6^a ed.)
- 3) Da Sabedoria Clássica à Popular - Volume 1 (3^a ed.)

Site (com acesso gratuito):

www.geometriaanalitica.com.br

Curitiba – 2021

DA SABEDORIA CLÁSSICA À POPULAR | Volume 2

© 2021, by Jacir J. Venturi

Direitos reservados.

Permitida reprodução para fins não comerciais, desde que citada a fonte.

Revisão Ortográfica e Gramatical

Júlio Rocker Neto

Capa e Diagramação Eletrônica

Jeanfrank Teodoro Dantas Sartori

V469

Venturi, Jacir J., 1949 -

Da Sabedoria Clássica à Popular - Volume 2/ Jacir
J. Venturi. -

Curitiba, 2021 (1.ª Edição)

244 p.

ISBN 978-65-00-32032-9

1. Obras Gerais. 2. Crônicas. 3. Humor.
4. Pensamentos. 5. Fábulas. 6. Desafios
ao Raciocínio

I. Título

Dedicatória

Dedico aos meus familiares e amigos: companheiros
de jornada e razão maior do meu afeto e
crescimento pessoal.

Dedico também às pessoas que
vão além do seu dever.

PREFÁCIO

O escopo principal deste livro é prestar uma reverência à miríade de doutos cérebros que nos legaram centenas de pensamentos consolidados como clássicos ao longo dos anos e dos séculos, não apenas por sua mensagem, mas também por serem expressos em frases concisas e palavras bem-postas. Por esse apanágio, equivalem, muitas vezes em uma única sentença, ao conteúdo de dezenas de páginas de um livro. Além disso, nesta obra também a sabedoria popular é contemplada, tão pródiga em lições de vida e em tiradas de humor encantadoras.

Quando verbalizados ou escritos em ocasiões oportunas, os textos e frases aqui selecionados denotam erudição, mas também podem representar um divisor de águas num debate. E mais do que isso, destes bons pensamentos da sabedoria clássica ou popular podemos extrair importantes lições para o crescimento pessoal, para o desenvolvimento profissional e para uma vida mais útil, produtiva, solidária e, por que não, mais feliz. *Ipsa facto*, por sua característica, são de fácil memorização e citação.

Esta obra é o volume 2 do livro de mesmo título (3.^a edição, na versão impressa) que, juntamente com outros dois livros de minha autoria, estão disponíveis gratuitamente no site www.geometriaanalitica.com.br, acessado aproximadamente 1,2 milhão de vezes até a data desta publicação, com cliques oriundos de cerca de 70 países, conforme dados do Google Analytics. Portanto, neste site estão hospedados três livros de minha autoria, sendo os dois primeiros manuais acadêmicos para cursos de graduação da área de exatas: *Álgebra Vetorial e Geometria Analítica* (10.^a Edição); *Cônicas e Quádricas* (6.^a Edição); *Da Sabedoria Clássica à Popular Volume 1* (3.^a Edição).

Tal qual o volume 1, contém mais de uma centena de artigos e crônicas honrosamente publicados nos últimos 11 anos simultaneamente em diversos jornais e revistas, como Estadão, Gazeta do Povo, Revista Linha Direta, Jornal do Comércio (PE), Folha de Londrina, Tribuna de Santos, LinkedIn, Clipping da ABMES, dos Sinapes, da Fenep e outras mídias impressas ou digitais.

A leitura desta obra deve ser feita sem sofreguidão, de algumas páginas por dia, degustando cada pensamento e meditando sobre ele, pois é um caleidoscópio de saberes produzidos pela humanidade através dos séculos e do nosso cotidiano. Ler o que se gosta é um dos grandes prazeres da vida, pois “o livro

traz a dupla delícia de estar só e ao mesmo tempo bem acompanhado” – bem complementa o nosso poeta Mário Quintana (1906-1994).

Nasci na bucólica e rural Agrônômica (SC) e estudei num internato de pais em Lages (SC) onde aprendi a apreciar a filosofia, o latim, o grego, as artes, as ciências e o gosto pela leitura, levando-me por fim à matemática – “rainha e serva de todas as ciências”. Em Curitiba (PR) enfrentei as fortes exigências profissionais e o maior dos desafios: educar meus três filhos e, agora, coeducar meus 3 netos, razões maiores do meu afeto.

Aprendi com os bons profissionais, nas mais diversas áreas, que a característica comum a todos é o entusiasmo e o prazer de ser útil. São pessoas que vão além do seu dever. Assim, sou um pouco de cada amigo, familiar ou profissional com os quais convivi. Sou grato a cada um deles pela presença em minha vida.

Em muitas fases, a vida é penosa e repleta de incertezas, uma travessia, como se estivéssemos navegando em uma noite escura sem carta náutica nem GPS. Mas com enlevo e espiritualidade, sejamos resilientes, flexíveis e, sobretudo, solidários, como nas oportunas as palavras de Dalai Lama: “A ajuda aos semelhantes nos traz sorte, amigos e alegrias; sem ajuda aos semelhantes, acabaremos imensamente solitários”.

Entre luas e sóis, sempre me acompanhou o amor incondicional pela educação, pelos bons afetos e pela matemática. Exerci essa paixão como professor e gestor de escolas, públicas e privadas, em todos os níveis da Educação Básica e em três universidades do Paraná. Num cálculo aproximado, tive o privilégio de lecionar para cerca de 95 mil estudantes nestas cinco décadas. Desde a conclusão do bacharelado e da licenciatura em matemática, me senti um vocacionado para o magistério, mesmo nos anos 70, quando também me formei em engenharia, o que era garantia de bom emprego e uma promissora carreira.

E como não se apaixonar pela educação? Afinal, nenhum país atingiu elevado grau de desenvolvimento sem que, em algum momento da sua História, não tivesse feito uma opção preferencial por um ensino de qualidade. E aqui Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) se faz oportuno: “Todos os que meditaram a arte de governar os homens se convenceram de que o destino de um país depende da educação dos jovens”.

Não nos desencoraja, no entanto, o fato de o nosso combalido sistema educacional ainda padecer de mazelas de difícil solução: burocracia, politiza-

ção, ideologização, vitimização, pouca valorização do esforço e do mérito e baixa capacitação de uma parte de nossos professores e reduzida motivação de uma parcela de nossos discentes. Agregam-se aí as desigualdades sociais e as deficiências tecnológicas e de infraestrutura de um bom número de nossas escolas. E não gastamos pouco. Nos *rankings* internacionais, a maioria dos países com bom desempenho escolar investe na educação aproximadamente o mesmo que nós: cerca de 6% do PIB. E de fato a maneira mais eficaz e digna de ascensão social é pela educação – como testemunhei em milhares de meus alunos.

Se eu tivesse de escolher uma frase simples e de grande significado diria que se deve “educar com entusiasmo”. Principalmente pelo seu significado etimológico que ensina belas lições: *educar* tem origem no latim *ducere* (conduzir, mostrar o caminho); *entusiasmo* provém do grego *en-theo*, em que *en* significa “dentro” e *theo* significa “deus”. Ou seja, quem tem entusiasmo tem um deus dentro de si. Todo educador deve carregar dentro de si a chama esplendorosa do entusiasmo. Como educadores, não temos o direito de ser medianos, pois a nossa matéria-prima é a mais nobre que existe na face da Terra: nossas crianças, adolescentes e jovens. “A escola é a nova riqueza das nações. Passou a valer mais que a fábrica, o banco, a fazenda” – faz-se oportuno Peter Drucker, renomado consultor norte-americano.

Nunca tive a veleidade de ser modelo para outros professores. Ao contrário, me tornei melhor didata adotando e emulando práticas e atitudes de mestres mais experientes. A base de uma boa aula é a sua preparação e sempre adotei como lema de minha conduta como docente que aula que tem que ser dada merece ser bem dada. Dar uma boa aula é uma excelente terapia, eleva a autoestima, os bons relacionamentos, o respeito e o aprendizado dos alunos.

Todo o educador deve manter a sua autoestima elevada, também pelo prazer de ser útil e por deixar como legado uma sociedade melhor, compartilhando com os outros uma energia positiva muito forte, de maneira entusiasta e não se apequenando diante das vicissitudes da vida.

Reconheço ser um ator privilegiado pelo intenso convívio com educadores, crianças, jovens e seus familiares. Escola e família são ambientes em que, quando neles se convive com zelo e paixão, se alternam alegrias, conflitos e frustrações. São meios em que a mente, o espírito e o corpo – o ser holístico de cada um – experimentam metamorfoses profundas e revelam as potencialidades e limitações, tanto de uma criança quanto de um jovem ou de um adulto.

São estes aprendizados, numa coletânea compilada ao longo de toda uma vida, pela leitura, pela experiência e pelo convívio com o próximo, que tenho o prazer de compartilhar com o estimado leitor. Boa leitura!

O autor.

Vendo sapatinho de bebê nunca usado

O escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961) produziu um dos mais famosos microcontos, contendo apenas 30 letras: “Vendo sapatinho de bebê nunca usado”. Esse texto ganhou notoriedade em todo o mundo em setembro de 2015, ao ser apresentado ao lado da foto de um policial turco, numa praia do Mediterrâneo, carregando nos braços o corpo inerte de Aylan, de 3 anos. Apesar do corpinho enrijecido, as duas perninhas pendiam soltas no ar, ainda com os sapatinhos calçados nos pés. A mãe da criança, em desespero para fugir da guerra na Síria, havia se lançado ao mar em um barco que naufragou devido às condições precárias dele.

Texto do autor

Pensamentos

- “Você é livre para fazer suas escolhas, mas é prisioneiro das consequências.”

Pablo Neruda (1904-1973), poeta chileno

- “A vida é muito curta para ser insignificante.”

Charles Spencer Chaplin (1889-1977), ator, diretor, compositor, roteirista, produtor e editor britânico

- “Não devo me preocupar com a falta de crença em Deus numa pessoa, mas sim com o que ela colocaria nesse lugar.”

Gilbert Keith Chesterton (1874-1936), mais conhecido como G. K. Chesterton, foi escritor, poeta, filósofo, dramaturgo, jornalista, palestrante, teólogo, biógrafo, crítico literário e de arte inglês

Somos um pouco de cada amigo que temos

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

De início, gostaria de contar uma pequena história. Na véspera do casamento do filho, seu velho pai o chama para uma conversa: “Amanhã você vai se casar, vai ter uma esposa, depois filhos que passarão a ser a prioridade em sua vida. Mais tarde, seus filhos farão exatamente o que você está fazendo comigo e que eu fiz com o seu avô. E o que será de você? Por isso, nunca se distancie dos amigos. Hoje você não compreenderá essa importante lição, mas, repito, dedique tempo aos amigos. E muito mais necessários eles serão à medida que você for envelhecendo. É com eles que você vai rememorar boas histórias, dar

gargalhadas gostosas, falar de política e futebol, contar segredos, esquecer frustrações, angústias e ingratidões”.

Conselhos sábios de um velho pai, pois muito do que somos devemos aos amigos, e quando se perde um amigo – seja pela morte, seja por circunstâncias alheias à nossa vontade – é um pedaço de nós que se vai. Ah, como dói! E não é dor física. Por que os amigos não são eternos?

Amigos são os irmãos que nos damos, ao passo que os irmãos são os amigos que Deus nos dá – parafraseando um engenheiro carioca. Pessoas tóxicas há, sim, e muitas; entretanto, os amigos são medicinais, pois curam as nossas mazelas pelo simples fato de estarem juntos de nós. Amizade é cumplicidade, disposição para todo tipo de ajuda, reciprocidade de afetos, confiança, troca de experiências e lembranças de boas histórias em comum. E uma relação de amizade adulta será vitoriosa na medida do diálogo, das concessões mútuas e até mesmo de tolerância. Tal qual o amor, a amizade é uma roseira em seu jardim: se há a beleza e o perfume das flores, também os espinhos que por vezes nos machucam.

E qual a diferença entre “eu gosto de ti” e “eu te amo”? – questionou um discípulo ao mestre Buda, lá pelo longínquo ano de 550 a.C. Eu agora peço vênias pela licença poética que pratico na resposta dada por Buda: quando tu gostas de uma flor, tu a arrancas e a levavas contigo para que contemples a sua beleza e seu aroma. Mas, se tu amas a flor, tu a cultivarás com todo o teu zelo e carinho. Cabe recordar que Buda, aos 26 anos, abandonou uma vida de riquezas e luxúrias do palácio da família em busca da elevação espiritual.

Corroboram com este pensamento os antigos gregos, para os quais a amizade é uma variação do amor – um amor temperado pela razão, que denominavam *philia*. Aristóteles se faz oportuno ao afirmar que “ninguém escolheria viver sem amigos, mesmo se tivesse todos os outros bens e a nobreza”. Sim, sem amigos a vida se tornaria insignificante.

Epicuro, outro filósofo helênico e que recebeu o epíteto de Apóstolo da Amizade, quando perguntado sobre o que se deve fazer para uma vida feliz, respondeu que, “para a felicidade, das mais importantes é a amizade”. Em 306 a.C., já com seus 36 anos, Epicuro arrebanhou alguns de seus leais amigos e juntos adquiriram uma espécie de chácara nas cercanias de Atenas, onde fundaram uma escola, denominada Academia Jardim, formando com os

discípulos uma sociedade autossustentável: plantavam e colhiam inclusive o próprio alimento. Não havia hierarquia e dedicavam o tempo essencialmente aos estudos e à reflexão. As refeições eram o momento de compartilhamento de todos, de celebração e alegria, pois era cultura da escola que mais importante que comer é com quem comer; alimentar-se sem a companhia de amigos é viver como um lobo.

Todavia, a realidade contemporânea tem imposto importantes reveses às amizades reais, verdadeiras. Um dos bons e representativos analistas dessa realidade foi o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que chamou os atuais laços afetivos de líquidos, frágeis e individualistas. Ele refletiu em sua obra sobre as relações de amizades efêmeras do mundo das redes sociais, onde tudo é fugaz: sentia-se estupefato com as pessoas que têm 500 ou mil “amigos”, pois ele, que passou dos 90 anos, contaria nos dedos aqueles que chamaria de amigos.

Para Bauman, este é um grande paradoxo, pois é um solitário em meio a uma multidão de solitários, um ecossistema onde “tudo é mais fácil na vida virtual, mas perdemos a arte das relações sociais e da amizade. Esquecemos o amor, a amizade, os sentimentos, o trabalho bem feito. O que se consome e o que se compra são apenas sedativos morais que tranquilizam seus escrúpulos éticos”. Prevalece o *fast-food* (não só o da alimentação), longe do apregoador por Epicuro. E o que será dessa geração quando chegar aos 50, 60, 70 anos, sem que tenham sido cultivados os amigos de verdade?

Jacir J. Venturi é professor, diretor de escola, autor de três livros e membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná

Pensamentos

- “O bem que o Estado pode fazer é limitado; o mal, infinito. O que ele pode nos dar é sempre menos do que nos pode tirar.”

Roberto Campos (1917-2001), economista, professor, escritor, diplomata e político brasileiro

- “Para ser grande, sê inteiro.”

Fernando António Nogueira Pessoa (1888-1935), poeta, filósofo, dramaturgo, ensaísta, tradutor, publicitário, astrólogo, inventor, empresário, correspondente comercial, crítico literário e comentarista político português

- “Não existe limite para o pior.”

Velha máxima italiana

Os amigos dissimulados

A aranha, o gafanhoto e o camaleão habitavam o aprazível bosque da cidade. Conviviam a uma distância razoável, pois, reciprocamente, temiam as artimanhas que sempre eram recorrentes.

A aranha foi a primeira a urdir:

- Meu caro gafanhoto, sejamos previdentes e alertas! O camaleão é o rei dos disfarces, muda de cor e a gente nem percebe.

- É mesmo! - completa o gafanhoto - ele fica nos troncos das árvores com cara de “boi-sonso”. É só passar por perto que ele estica aquela língua imensa e... “crau!”.

- Sim, companheiro, sempre alerta! - continua a aranha. Eu passo o dia fiando, mas é um olho na teia o outro no camaleão. Você sabe, o seguro morreu de velho. Precaução e caldo de galinha não fazem mal a ninguém, dizia a minha avó.

- Belos conselhos, Dona Aranha. Esse camaleão é o mestre da desfaçatez, é o rei da dissimulação.

- Vá por mim! Dificilmente eu me engano! E tem mais - disse a aranha sussurrando: o camaleão tem uma armadilha mortal. Chegue mais perto, meu caro amigo gafanhoto, que eu lhe contarei.

Ingenuamente, o gafanhoto se aproxima e se enrosca todo na teia. Diante da morte certa, fica a pensar o quanto foi bobo em confiar na ardilosa aranha.

Moral da história: “Amigos falsos são piores que inimigos ferozes.”

Texto do autor, baseado em uma fábula da sabedoria popular

Pensamentos

- “Homens fortes criam tempos fáceis e tempos fáceis geram homens fracos, mas homens fracos criam tempos difíceis e tempos difíceis geram homens fortes.”

Provérbio Oriental

- “Este tem sido um de meus mantras – foco e simplicidade. O simples pode ser mais difícil do que o complexo: é preciso trabalhar duro para limpar seus pensamentos de forma a torná-los simples. Mas no final vale a pena, porque, quando chegamos lá, podemos mover montanhas.”

Steve Jobs (1945-2011), cofundador e presidente da Apple, o principal mentor do iPhone I lançado nos EUA em 2007

- A mais doce música para os ouvidos de uma pessoa é o som de seu próprio nome. Memorizemos o nome de nosso interlocutor e sejamos pródigos em repeti-lo.

Do autor

A carga tóxica das mágoas e dos melindres

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Mágoa é veneno que eu tomo sozinho e espero que o efeito recaia sobre quem me magoou. É uma espécie de alforje, pois somente a mim cabe carregar. Portanto, sou o único que perco com essa carga tóxica e peçonhenta que infelicita e desencadeia doenças. Normalmente, meu detrator não está nem aí para o meu sentimento, tampouco os outros. Bem ensina um velho cacique indígena: “os maiores inimigos do homem estão dentro do próprio homem: são os ressentimentos”.

Numa escala próxima estão os melindres e, ao atingir a vida adulta, toda pessoa deveria adotar como lema: “perdi o direito de ser melindroso, sob pena de me tornar um velho ranheta”. O filósofo norte-americano Ralph Waldo Emerson bem o disse, em uma tradução livre: ponha de lado os melindres ao agir, pois a vida é uma experiência. Não posso me quedar a um vitimismo que só me afasta das pessoas. Alguém estaria interessado na minha autoestima? Tirante alguns poucos familiares ou amigos, ninguém.

Uma autoestima elevada cabe a mim, podendo ser desenvolvida de maneira duradoura e genuína pela prática do bem, pelo prazer de ser útil, pela alegria do dever cumprido e pelo cultivo da nobre arte de perdoar. São atitudes que fazem com que eu compartilhe uma energia positiva muito forte, mantendo-me entusiasta e não me apequenando diante das vicissitudes da vida nem dos sentimentos vis. A propósito, entusiasmo é uma das palavras mais belas do nosso léxico, e tem etimologia no grego: *en-theo*, em que *en* significa “dentro” e *theo* significa “deus”. Ou seja, para os gregos politeístas, quem tem entusiasmo tem um deus dentro de si, e cabe a mim carregar essa chama esplendorosa do entusiasmo.

E intercalando-se no deletério papel de causa e de efeito das mágoas e dos melindres, várias pesquisas apontam a maledicência como a origem primeira

de hostilidades e desgostos. A sabedoria popular ensina que “a língua é o chicote do corpo”, ou, no Talmude (livro sagrado dos judeus, que reverbera há séculos), com a frase a “palavra dita é como abelha, pois tem mel e tem ferrão”.

Ainda mais incisiva é a nossa estimada jornalista Marleth Silva, mestre pela Universidade de Westminster, que assim se manifestou em um artigo nos idos de 2013: “Tenho cá para mim que 90% do que falamos e do que ouvimos é dispensável. Se não dito, não faria falta. Talvez até ficassemos melhor. Não me refiro só às maldades e fofocas que têm poder de incomodar. A maioria de nós não é assim tão fofoqueiro, nem tão maldoso. Nosso mal é falar coisas desnecessárias; é dizer inutilidades. Acredito até que a fofoca maldosa nasce mais da vontade de falar qualquer coisa que do desejo de ferir. A maioria dos fofoqueiros são inconsequentes, bobos. Só isso, bobos”.

Em tempos profusão das mídias sociais que deram azo e voz a uma legião de ativistas que tudo sabe e tudo julga, é pertinente e consentânea uma narrativa alegórica da sabedoria oriental. Antes de levar adiante uma maledicência com potencial destrutivo, devo passar pelo crivo das duas peneiras: 1) a peneira da verdade: se eu apenas ouvi falar, qual a certeza de ser confiável? E não sendo verdade, há dois tipos de danos: a mim mesmo, que passo por leviano, fofoqueiro, intrigueiro, e ao outro, pois compromete a credibilidade de todo um conjunto de boas obras e afeta a reputação tão duramente conquistada por anos de trabalho; 2) a peneira da bondade: o que eu estou contando, gostaria que os outros dissessem o mesmo a meu respeito? Quem vai se beneficiar dessa informação? Todo ser humano comete erros, e ter complacência é uma atitude nobre e humana.

A mágoa indica uma alma ferida, e uma boa analogia é relembrar como nasce uma pérola. A indesejada impureza se adentra à concha, e diante dessa agressão a ostra tem a natureza, tem a sabedoria de converter o infortúnio em uma encantadora pérola. É uma transformação tão ou mais difícil que sublimar a mágoa com o perdão, que produz leveza interior. As maiores destruidoras de afetos não são as divergências, mesmo quando descambam para momentos de raiva, mas as mágoas. Parafraseando o apóstolo São Paulo: que não se ponha o Sol sobre o vosso ressentimento.

Jacir J. Venturi, autor de três livros, engenheiro e matemático, é vice-presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná e foi professor e diretor de escolas por 50 anos

Pensamentos

“Se sou amado,
quanto mais amado
mais correspondo ao amor.

Se sou esquecido,
devo esquecer também,
Pois amor é feito espelho:
tem que ter reflexo.”

Pablo Neruda (1904-1973), poeta chileno, diplomata, senador e Prêmio Nobel de Literatura em 1971

- “É melhor atirar-se à luta em busca de dias melhores, mesmo correndo o risco de perder tudo, do que permanecer estático, como os pobres de espírito, que não lutam, mas também não vencem, que não conhecem a dor da derrota, nem a glória de ressurgir dos escombros. Esses pobres de espírito, ao final de sua jornada na Terra, não agradecem a Deus por terem vivido, mas desculpam-se perante Ele, por terem apenas passado pela vida.”

Bob Marley (1945-1981), cantor e compositor jamaicano, notabilizou-se por difundir o reggae para o mundo

- “Conheça seu cônjuge no divórcio, seus irmãos no inventário, seus filhos na velhice, seus amigos na dificuldade.”

Frase de efeito da sabedoria popular

O arranca-rabo entre o cavalo e o burro

Cavalo e burro irmanavam-se em servir ao seu senhorio. Pastejavam o mesmo piquete, capim verdejante, especialmente nutritivo e palatável para ambos. Mas, um dia, tiveram um arranca-rabo quando o burro de forma insolente disse:

– Este capim é azul!

E o cavalo de pronto, convicto, respondeu:

– Este capim é verde!

É verde, é azul... na discussão até se entreolharam com raiva. Foi quando o cavalo se lembrou de um velho ditado: “O burro dá coice porque não sabe argumentar”. E no uso do seu bom senso, sugeriu que procurassem o Rei Leão para arbitrar. E assim o fizeram, contando da desavença entre eles.

O burro foi o primeiro a perguntar:

- Vossa Majestade, não é verdade que o capim é azul?

Bocejando, evidenciando sua impaciência, o Leão deu o veredito:

- Sim, o capim de vocês é azul. E você cavalo, como castigo, metade da ração e um ano de silêncio obsequioso!

Saltitante de alegria, o burro se foi para contar vantagem aos demais da tropa. O cavalo permaneceu ali, amuado, e perguntou ao Leão:

- Mas como? É óbvio que o capim é verde...

Ao que o Leão, do alto de sua vivência e sabedoria, respondeu:

- É evidente que é verde. O seu castigo não é por causa da cor do capim e sim porque, sendo você inteligente, como pode perder seu tempo com discussões tão bobas com um burro e ainda por cima vir aqui me encher o saco?

Lições da sabedoria popular:

- 1) Todo burro gosta de ouvir o seu zurro.
- 2) Quando o burro orneja, canário não pia.
- 3) Burro dá coice porque não sabe argumentar.
- 4) Ditado latino: *asinum asinum fricat* (um burro coça outro burro).

Lições de um escritor clássico:

Nem todos os burros são intransigentes, mas todos os intransigentes são burros.

Texto do autor, com base em uma fábula moderna

Pensamentos

- “Às vezes, você só perde o interesse. E isso não significa que você odeia a pessoa, mas sim que as atitudes dela foram tão desgastantes que conseguiram decepcionar você a ponto de não sentir mais a necessidade de fazer parte da vida dela.”

Jey Leonardo (n. 1990), autor de livros, paraibano

- “A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo o que se propõe.”

Jean Piaget (1896-1980), um dos mais influentes educadores do século 20, foi psicólogo, biólogo, epistemólogo suíço

- “A amizade é o maior dos amores. Sem amizade e cumplicidade não existe um grande amor.”

De uma pedagoga curitibana

Em 2022, um Novo Ensino Médio – enfim, a valorização das potencialidades dos estudantes

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Em uma palestra, há muitos anos, ouvi uma fábula na qual os animais de uma mata se reuniram em assembleia para debater como enfrentar os desafios de um mundo que demasiadamente mudou. Decisão aplaudida por todos:

– Vamos fundar uma escola, pois os nossos instintos já são insuficientes para os novos tempos.

Contratados professores com notório saber, a primeira reunião foi para definir o conteúdo a ser ministrado. Priorizando a sobrevivência, seja pela busca dos alimentos, seja para escapar dos ataques de predadores, decidiram que o mais importante seria aprender a correr, voar, nadar e subir em árvores.

Os primeiros a se matricular foram a raposa, o cachorro, a onça e o pato. Chegaram à escola supermotivados e irmanados, porém, com o decurso dos dias, o entusiasmo se arrefeceu, pois a raposa, embora a primeira em aulas de corrida com obstáculos e lépida em subir em árvores, tinha baixo desempenho na natação, mas toda vez que tentava voar sua nota era zero.

De nada valeram os argumentos da raposa que os seus saltos de cima das árvores para o chão eram um arremedo de um voo. Não está contemplado na ementa! – respondeu o professor. O cachorro tirava boas notas ao correr e nadar, mas era mediano em subir em árvores e, cada vez que tentava voar, se esborrachava no chão. A onça foi a mais brilhante no conjunto em três compo-

mentos curriculares – correr, subir em árvores e nadar –, mas também zerou em matemática, ops..., na prova de voo.

Mas quem foi o único aprovado em todas? Sim, o pato, pois era mediano nos quatro componentes. Voava, mas apenas curtas distâncias; corria, mas desengonçado e lento; seu voo era apenas o suficiente para alcançar as árvores mais baixas; e tinha um nado apenas regular, apesar de algum destaque em mergulho. Enfim, não era talentoso em nenhum dos componentes curriculares, mas cumpriu o regulamento.

Essa fábula pode parecer caricata, mas espelha boa parte do nosso atual Ensino Médio. Todo aluno tem potencialidades e limitações, no contexto do que defende H. Gardner, professor e psicólogo da Universidade de Harvard, autor da Teoria das Inteligências Múltiplas: “Não existe uma inteligência geral. As inteligências são diferentes e elas podem e devem ser desenvolvidas”.

Assim, é incumbência precípua dos educadores motivar o desenvolvimento dos pontos fortes do discente, de maneira que os saberes escolares não devem ser os únicos a ser valorizados. Mas, assim como na fábula, não é isso que ocorre em nosso atual Ensino Médio, excessivamente conteudista, afeito a memorizações e hermeticamente dividido em 13 componentes curriculares que pouco ou nada dialogam entre si.

Alguns dos resultados desse cenário: taxa de abandono e reprovação que beira os 30% no 1.º ano, o Ideb é de 3,7 (numa escala até 10, que mede a qualidade do ensino-aprendizagem) e seria enfadonho mencionar o desempenho pífio dos nossos estudantes nos principais *rankings* comparativos entre nações, nos quais pontuamos entre os últimos. E com um pouco de empatia podemos imaginar o martírio, a baixa autoestima e o *bullying* infringidos aos alunos com baixo desempenho acadêmico em uma ou mais áreas do conhecimento. Até o Ministro da Educação questionava em 2016: “Que chances estamos dando aos jovens do Ensino Médio? Zero!” – ele próprio respondeu.

Mas há motivos para um intenso laivo de otimismo. Com o Novo Ensino Médio (implantação gradativa a partir de 2022), as habilidades e competências socioemocionais (incluindo Projeto de Vida) passarão a ser estimuladas e a fazer parte de uma matriz curricular com 60% do tempo (de um total de 3.000h) dedicados à Formação Geral Básica, comum a todos, e 40% dedicados a cinco Itinerários Formativos, podendo o aluno optar entre Linguagens, Matemática,

Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Sociais ou Formação Técnica e Profissional.

Em especial, o último itinerário tem a sedução do ingresso mais rápido no mercado de trabalho ou mesmo de melhorar a capacitação para uma função laboral já exercida. Necessitamos, sim, de colégios que mantenham um bom preparo para o ingresso em universidades mais concorridas, porém é absolutamente necessária a ênfase aos cursos técnicos, que ao privilegiarem uma aplicação prática atendem a um expressivo contingente de alunos. No Brasil, apenas 10% dos estudantes – dada a oferta limitada – estão matriculados nessa modalidade, enquanto nos países da OCDE o índice médio é de 40%.

Assim como o pato aprovado na escola de bichos da fábula (mesmo mediano em tudo, facilmente pode ter virado ensopado ao deparar-se com o primeiro caçador que adentre àquela mata), nossos jovens enfrentam hoje muitas dificuldades ao concluir – quando conseguem – a Educação Básica, estando pouco aptos a enfrentar os desafios da vida e do mercado de trabalho. Com o Novo Ensino Médio, há boas perspectivas de termos alunos mais motivados e com suas potencialidades mais bem desenvolvidas, contribuindo para um futuro mais promissor não apenas para o egresso, mas também para nosso país.

E como fica o professor com o Novo Ensino Médio? Será mais do que nunca exaltado, porém não mais como um expositor de conteúdos, mas transfigurado em mediador, mentor, motivador. No século 21, com os avanços das tecnologias educacionais – alavancadas em boa parte pela Covid-19 –, em que a informação está ao alcance de um teclado, a escola deve equilibrar as competências e habilidades cognitivas com as socioemocionais.

Jacir J. Venturi, professor e diretor de escolas públicas e privadas, vice-presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e/ou gestor da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo

Pensamentos

- “Filho é um ser que nos emprestaram para um curso intensivo de como amar alguém além de nós mesmos, de como mudar nossos piores defeitos para darmos os melhores exemplos e de aprendermos a ter coragem. Isto mesmo! Ser pai ou mãe é o maior ato de coragem que alguém pode ter, porque é se expor a todo tipo de dor, principalmente

da incerteza de estar agindo corretamente e do medo de perder algo tão amado.

Perder? Como? Não é nosso, recordam-se? Foi apenas um empréstimo.”

José Saramago (1922-2010), que em 1995 ganhou o Prêmio Camões e em 1998, o Prêmio Nobel de Literatura

- Saber dizer não é uma arte, e das mais difíceis. Mas é uma habilidade necessária para um bom desempenho profissional e familiar.

Do autor

- “Ninguém vencerá a guerra dos sexos. Há muita confraternização entre os inimigos.”

Dito hilário da sabedoria popular

Fofocas, babados, maledicências e as plumas

Um velho Monsenhor, cansado das desavenças provocadas pelos fuxiqueiros e fuxiqueiras em sua paróquia, assim começou o sermão dominical:

– Quando eu era um jovem padre, fui enviado pelo meu bispo para uma igreja cuja comunidade tinha o péssimo hábito de fofocar, futricar. Eu alertava nos meus sermões que caluniar, levantar falso testemunho é pecado. E sempre que os maledicentes vinham se confessar eu dava uma penitência. Um santo remédio, pois acabaram as futricas.

Qual a penitência, vocês podem me perguntar? Eu dizia: – Dessa vez, nada de Ave Maria ou Pai Nosso. Mas da próxima, como penitência, vá até sua casa, pegue um travesseiro de penas e uma tesoura, suba até a torre da igreja, corte o travesseiro e atire as plumas do alto. Desça e recolha as plumas que o vento carregou e traga todas até mim.

E o que os fofoqueiros me retrucavam?

– Impossível, padre. As plumas serão levadas pelo vento. Como vou recolher todas?

E eu, jovem pároco, concluía: – Assim também é a fofoca. Uma vez dita, jamais conseguimos recolher os males à reputação alheia. Bem ensina a sabedoria universal: pessoas brilhantes discutem ideias. Pessoas mediócras falam de coisas e da vida alheia.

Texto do autor, com base em uma fábula antiga

Pensamentos

- “Não há disfarce capaz de ocultar o amor quando ele existe, ou de simulá-lo quando deixa de existir.”

François de La Rochefoucauld (1613-1618), pensador francês, autor dos livros Reflexões ou Sentenças e Máximas Morais

- “Dentro de um abraço o mundo é quente, aconchegante. Mário Quintana, mestre em definições poéticas simples, assim sintetizou: é ‘coração com coração, tudo cercado de braço’.”

Lucília Diniz (n. 1956), empresária paulista, escritora e articulista da Revista Veja

- “A lei da mente é implacável. O que você pensa, você cria; o que você sente, você atrai; o que você acredita, torna-se realidade.”

Sentença atribuída a Buda, codinome de Siddharta Gautama, mestre religioso e fundador do budismo, no século IV a.C.

- A consagrada sigla “S.O.S” passa a ter uma nova acepção em inglês: *Slower, Older, Smarter*. Traduzindo: mais lento, mais velho, mais inteligente.

Da sabedoria popular norte-americana

Mãe, uma missão ainda mais desafiadora e complexa

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

As mães foram, são e sempre serão as maiores educadoras de todos os tempos. Lenda ou fato, jamais me esqueci do meu professor de História, que com a verve de um grande didata nos contava que na Antiguidade houve povos invasores que, ao se apoderarem de uma região ou país, exterminavam os homens, conquanto mantinham vivas as crianças e suas mães. E destas, cruelmente decepavam as línguas para que a tradição fosse banida. Desse mister, e do inerente reconhecimento do elevado papel da mãe na formação dos filhos, ressurgia uma geração nos moldes da cultura dos conquistadores.

Ao longo da História, se por um lado as mães sempre tiveram reconhecido esse papel, por seu turno as crianças de hoje não são as mesmas de antes, sendo muito mais estimuladas e detendo participação familiar e social de elevado protagonismo. Assim, mais complexo é o papel de mãe, que mais do que nunca precisa ser versátil, polivalente e afetiva, sem ser muito concessiva.

A maternidade responsável é uma missão e um dever à qual não se pode furtar e se apresenta ainda mais exigente e desafiadora do que no tempo de nos-
sas avós. Ainda assim, a vida profissional, apesar de suas elevadas demandas, pode muito bem ser ajustada a uma vida particular equilibrada. Percebo que muitas mães desenvolvem conflitos interiores por não estarem suficientemente presentes na vida dos filhos, porém mais importante que a quantidade de tempo disponível é a segurança de seu amor e de nutri-lo afetivamente. Mais cedo do que imaginam as mães, os seus rebentos compreenderão a dura tarefa de conciliar o papel de provedora e as tarefas do lar. Mas que a mãe se apresente por inteira na lida com os filhos – lembrando que o celular é meu bem e meu mal; ou para fazer blague, é a maquininha de Deus e do diabo.

Como que a compensar a culpa pela ausência, há mães que cometem dois grandes erros. O primeiro é a leniência, a frouxidão ao exigir responsabilidades dos filhos. A autoridade, quando exercida com equilíbrio, é uma manifestação de amor – até porque é mais trabalhoso ser exigente que ser “boazinha”. O segundo grande erro é a superproteção. Nada mais certo que o arrependimento futuro, pois esta supermãe, paradoxalmente, é falível no que lhe é a preocupação preponderante: não prepara o filho para a vida adulta permeada de adversidades e frustrações e para a qual se exigem autonomia e autoconfiança.

A psicóloga paulista Maria Estela A. Santos se faz oportuna: “Um filho superprotegido possivelmente será um adulto inseguro, indeciso, dependente, que sempre necessitará de alguém para apoiá-lo nas decisões, nas escolhas, já que a ele foi podado o direito de agir sozinho.” Ademais, aos filhos deve-se delegar tudo o que eles têm de capacidade física e intelectual para realizar. Se isso não for feito – e essa dura tarefa deve ser estimulada por todos os adultos da casa –, perde-se uma oportunidade única e é pouco provável que a nossa super-heroína se livre das consequências futuras. E nas situações do dia a dia, muitas são as oportunidades de converter as pequenas frustrações em lições de resiliência, imprescindíveis para uma vida adulta equilibrada.

Como diretor de escola, conheci muitas mulheres vocacionadas para o lar e dedicadas à educação dos filhos, ótimas mães que merecem a nossa justa homenagem. Outras deixaram o trabalho por alguns anos e retornaram ao mercado.

Outras, ainda, exerceram a maternidade e a profissão com equilíbrio e planejamento, embora eventualmente perpassasse em seus corações algum sentimento de culpa. É a pluralidade e a diversidade que tornam a vida interessante!

Quando um utensílio realiza três tarefas dizemos que é multifuncional. E o que dizer de uma mãe? Na árdua frágua cotidiana realiza dezenas de funções: cuidadora, provedora, psicóloga, professora, cozinheira, motorista... que em geral agrega aos papéis sociais de esposa, filha, amiga, etc. Há momentos, sim, de desamparo e desalento no cotidiano de uma mãe. Presto minha homenagem a elas neste mês das mães parafraseando a Oração de São Francisco de Assis em sua suprema sabedoria: que eu, sendo mãe, aceite mais consolar que ser consolada. Mais compreender que ser compreendida. Mais amar que ser amada.

Jacir J. Venturi, diretor de escola, professor, avô de três netos e vice-presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná

Pensamentos

- “Quando não podemos mais mudar uma situação, somos desafiados a mudar a nós mesmos.”

Viktor Frankl (1905-1997), neuropsiquiatra judeu austríaco, em 1942 foi deportado para um campo de concentração nazista. Defende a tese de que o sentido da vida é encontrar um propósito. Criou o método chamado logoterapia

- “Nosso maior defeito é nos preocuparmos com os defeitos dos outros.”

Khalil Gibran (1883-1931), poeta e escritor de origem libanesa

- “A mente humana foge do presente, voltando a sofrimentos do passado ou criando um futuro idealizado.”

Eckhart Tolle (n.1948), escritor e conferencista alemão, no livro O Poder do Agora.

Quem está jogando as crianças no rio? Antiga fábula indiana

Todo domingo, dois pescadores se encontravam no remanso piscoso do rio, que ali fazia uma curva de 90 graus. O ambiente silente da floresta e bons peixes eram o convite para retornarem.

Mas naquele domingo tudo foi diferente: o silêncio foi quebrado por gritos desesperados de crianças. Perplexos, os pescadores lançaram olhares para todos os lados em busca de um sentido. E o que viram? Duas crianças na correnteza. De imediato, lançaram-se na água e as resgataram.

Já de volta aos barrancos, exaustos pelo esforço do salvamento, o que ouviram? Mais clamor de socorro. E dessa vez eram quatro crianças, das quais só conseguiram salvar duas. Ainda mais atordoados, ouviram uma algaravia de berros e avistaram não duas, nem quatro, mas seis crianças em pânico na correnteza.

Um dos pescadores, já em desespero, avistou o seu companheiro se distanciando e, ao concluir que ele estaria indo embora, explodiu: – Covarde! Você não vai mais me ajudar?

O amigo rapidamente se virou e apenas respondeu: – Fique aí, faça o que puder. Vou descobrir quem está jogando esses inocentes no rio.

Sensata foi a atitude, pois é necessário estancar o mal na sua origem. Afinal, mais importante do que combater os efeitos de um problema é a busca pela eliminação de sua causa. Portanto, busquemos sempre descobrir, em nosso dia a dia, os responsáveis pelas crianças que caem no rio. Seja em nossas relações profissionais, seja nas afetivas, dedicar tempo à raiz do problema nunca será perda de tempo. Só haverá ganhos.

Texto do autor

Pensamentos

- “A ciência sem religião é manca, a religião sem a ciência é cega.”

Albert Einstein (1879-1955) tem diversas manifestações sobre religião, pois em outra ocasião escreveu: “Não creio no Deus da teologia que recompensa o bem e pune o mal.”

- “Não procure alguém que te complete. Complete a si mesmo e procure alguém que te transborde.”

Clarice Lispector (1920-1977), ucraniana de nascimento, se naturalizou brasileira, autora de romances, ensaios e contos

- Os radicalistas de esquerda e de direita se retroalimentam, e só ataçam a intolerância que tanto combatem.

Do autor

O futuro é incerto para as nossas crianças e adolescentes

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Há uma frase antológica – “no Brasil, até o passado é incerto” – frequentemente atribuída ao ex-ministro Pedro Malan. E se ironicamente o passado já é povoado de incertezas, o que se dirá do futuro diante de uma nova e complexa realidade que ainda se rascunha? Os acrônimos VUCA e mais recentemente BANI definem, nos seus termos em inglês, as expectativas com adjetivações, como “incerto”, “volátil”, “ansioso”, “incompreensível”, “não linear”.

As inovações tecnológicas promovem, cada vez mais rapidamente, profundos redesenhos nas funções laborais tradicionais e, diante de uma névoa de imprevisibilidade, há muitos estudos que sugerem rasgos de luz. Aproximadamente 65% das profissões – de acordo com o Fórum Econômico Mundial – que nossas atuais crianças exercerão quando adultas sequer existem hoje. E o que dizer das dezenas de ocupações que desaparecerão em duas ou três décadas? Porém, em vez de perscrutar as profissões mais promissoras para o futuro – campo em que até mesmo os especialistas divergem e onde não faltam especulações –, propomos aqui habilidades e competências que, uma vez promovidas e estimuladas por escolas e famílias, propiciarão aos educandos e filhos um bom desempenho profissional no futuro, funcionando como um sistema de vasos comunicantes: um retroalimenta o outro.

Afinal, aqueles alunos que desenvolvem adequadamente as chamadas *soft skills* (habilidades comportamentais) duplicam o rendimento nas *hard skills* (habilidades técnicas), aponta estudo desenvolvido pela McKinsey & Company, renomada consultoria empresarial norte-americana. Em outras palavras, os desempenhos acadêmico e profissional são potencializados pela flexibilidade, criatividade, empatia, resiliência, solidariedade, positividade, adaptabilidade, gestão de tempo, comunicação interpessoal, etc.

É comum as empresas contratarem profissionais por suas competências técnicas e os demitirem por suas inabilidades no trato humano. Um ambiente abundante em posturas de respeito, reconhecimento mútuo e senso de coletividade induz à maior produtividade, inovação e motivação. É evidente que

competência técnica é relevante, no entanto é imprescindível a disposição para se adaptar às necessidades da empresa ou, em outras palavras, ser darwinista, uma postura essencial para os dias de hoje.

Semelhantemente, muito valorizado é o tal do resolvedor de problemas, aquele profissional que é expedito, que tem gestão focada em resultados para os *stakeholders* – usando uma linguagem corporativa. Busca as soluções e não os culpados pelos erros, demonstrando para a equipe que dos equívocos podem-se tirar importantes lições – o nome disso é liderança. Requer, além das habilidades socioemocionais e competência técnica, um bom raciocínio lógico.

E já há ampla comprovação científica de que novas redes neurais se formam por meio de atividades que exijam esforço mental, reflexão, abstração e análise crítica – infelizmente pouco valorizadas na cultura brasileira –, que se praticadas desde cedo (na escola e em casa) levam a uma boa performance escolar e, no futuro, laboral. *Ipsa facto*, desenvolver o pensamento lógico é uma das principais incumbências dos pais e professores, concomitantemente à indispensável apropriação do conhecimento.

Quando da visita de Howard Gardner – psicólogo e professor da Universidade de Harvard – ao Brasil, em 2009, na plateia éramos cerca de 100 privilegiados educadores. Julgo que seu maior mérito foi valorizar e inserir no espectro da sua Teoria das Inteligências Múltiplas as inteligências interpessoal, intrapessoal e lógica. Quando uma diretora de escola lhe perguntou quais as mais valorizadas para o mercado de trabalho e para a vida, Gardner foi enfático: – É a combinação do pensamento lógico com a capacidade de lidar com as pessoas. E anotei uma de suas últimas frases: “Inteligência é a capacidade de solucionar problemas”.

Todas as crianças e adolescentes têm potencialidades e limitações. É necessário que seja desenvolvido nas escolas e nas famílias um novo modelo mental (*mindset*) para um mundo não linear, incerto, multidisciplinar, no qual raciocínio lógico, adaptabilidade e habilidades socioemocionais são imprescindíveis para o futuro tanto no campo profissional como pessoal.

Jacir J. Venturi, professor, diretor de escolas e universidades públicas e privadas, avô de três netos ainda crianças e vice-presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná

Pensamentos

- “A felicidade existe quando o que você pensa, diz e faz estão em completa harmonia.”

Gandhi (1869-1948) liderou campanhas em toda a Índia para eliminar as injustiças sociais e mitigar a pobreza. Foi morto à queima-roupa com 3 tiros por um fundamentalista hindu

- “O segredo de uma boa velhice não é outra coisa senão um pacto honrado com a solidão.”

Gabriel García Márquez (1927-2014), escritor colombiano, Prêmio Nobel de Literatura em 1982, com traduções em 39 idiomas e tiragem acima de 40 milhões de exemplares

- “Leva dois anos para aprender a falar e sessenta para aprender a calar a boca.”

Ernest Hemingway (1899-1961), jornalista e escritor norte-americano, foi correspondente em Madrid da Guerra Civil Espanhola e depois morou por anos em Cuba. Acometido por severa depressão, se suicidou com arma de fogo

O rico fazendeiro

Um rico fazendeiro tinha uma mulher muito sensual. Intrigado com a morte de suas criações, foi à cidade em busca de um famoso curandeiro para um “benzimento”. Chegando à fazenda, o benzedor pediu um quarto escuro na companhia da mulher. Desconfiado, mas sem alternativas, o maridão ficou de tocaia com o ouvido na parede de madeira.

Após murmúrios e sussurros, o curandeiro iniciou o ritual do “benzimento”:

- Pela saúde do garnizé, passo a mão no seu pé.
- Pela saúde da cadela, passo a mão na sua canela.
- Pela saúde do coelho, passo a mão no seu joelho.
- Pela saúde da vaca mocha, passo a mão na sua coxa.
- Pela saúde da novilha, passo a mão na sua virilha.

Raivoso e possesso, vociferou o fazendeiro:

- O boi zebu e a vaca preta... deixa morrer!

Texto do autor, com base na sabedoria popular

Pensamentos

- “Basta-me um pequeno gesto,
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te leve...”

Cecília Meireles (1901-1964), poetisa, jornalista e pintora carioca, foi a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira

- “Envelhecer é como escalar uma grande montanha: enquanto escala, as forças diminuem, mas o olhar é mais livre, a visão mais ampla e mais serena.”

Ingmar Bergman (1918-2007), sueco, foi diretor e produtor de cinema, televisão, rádio e teatro

- “Os homens perdem a saúde para juntar dinheiro, depois perdem o dinheiro para recuperar a saúde. E por pensarem ansiosamente no futuro se esquecem do presente de forma que acabam por não viver nem no presente nem no futuro. E vivem como se nunca fossem morrer... e morrem como se nunca tivessem vivido.”

Obs.: frase atribuída indevidamente a Dalai Lama, a bem da verdade faz parte de um texto de Jim Brown, denominado “Entrevista com Deus”

Autonomia: boa para o Banco Central, por que não para o MEC?

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Por uma maioria acachapante, Senado e Câmara recentemente aprovaram a autonomia do Banco Central. O Presidente da República, no meio de seu mandato, indicará um nome para assumir a instituição por 4 anos, porém a aprovação do indicado e a sua eventual remoção antecipada terão de ser referendadas pelo Senado, sendo possível a recondução, por iniciativa do próximo mandatário, para mais um período de igual duração.

Essa medida foi enaltecida pelos setores financeiro e político, pela imprensa e pelos brasileiros em geral, numa rara quase-unanimidade, pois vislumbra-se por meio dela um Banco Central, se não totalmente liberto, ao menos bastante protegido das ingerências políticas na formação de seu quadro técnico e na tomada de decisões.

Cabe à autarquia perseguir anualmente a metas de inflação por meio de seus instrumentos de política monetária e cambial, entre as quais se destaca a SELIC ou taxa básica de juros. Desse modo, independentemente do viés político da gestão governamental que esteja em curso, há um objetivo claro e específico a ser perseguido e que, por essa razão, não deve e não mais poderá ficar submisso a qualquer viés ideológico.

Há, todavia, outra área de igual ou até maior relevância para o destino da nação e que também impacta direta e intensamente o desempenho econômico, a geração de renda, o enfrentamento das desigualdades sociais, a ascensão social: a educação. E, semelhantemente, é um setor que sofre com a interferência político-ideológica de governos que vêm e vão, privando o Brasil de uma verdadeira estratégia para a superação de nossas mazelas. Basta notar que, desde a redemocratização, iniciada em 1985 com o Presidente Sarney, foram nomeados 22 ministros da Educação em 36 anos, constituindo mandatos que duram, em média, apenas 1 ano e 7 meses.

A autonomia para o Ministério da Educação poderia seguir, *mutatis mutandis*, devido às suas próprias singularidades, a mesma lógica daquela do Banco Central, inclusive com o estabelecimento de metas de qualidade e aprimoramento a serem perseguidas pela sua gestão, bem como exigências mínimas de qualificação e experiência. Teríamos certamente maior longevidade para a implantação de uma política educacional de Estado, com uma visão de médio e longo prazo – e não da próxima eleição. Ademais, muito menos interferências políticas na gestão de recursos financeiros e na formação do quadro técnico-administrativo. Teríamos, sobretudo, um ministro-gestor mais autônomo para a tomada de decisões urgentes, muitas vezes duras, que o combalido setor educacional requer para o bem da nação.

Desde 1985, a maioria esmagadora dos 22 ministros da Educação foi nomeada por critérios ideológicos e/ou políticos, o que reforça a constatação de o país ser nos dias de hoje excepcionalmente necessitado de um gestor experimentado e com bom conteúdo educacional para enfrentar os problemas da área, que não são poucos nem de simples solução. Como a indicação teria de passar pelo beneplácito do Senado, certamente haveria um maior rigor na escolha, sem falar na repercussão da sabatina naquela casa legislativa. Se assim já o fosse, será que os 4 últimos ministros – Vélez, Weitraub, Decatelli e Milton Ribeiro – teriam ocupado essa nobre cadeira para definir o futuro do Brasil?

Jacir J. Venturi, professor e diretor de escolas públicas e privadas. Foi professor da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo

Pensamentos

- “A amizade é o sentimento mais nobre do que o amor, eis que permite que o objeto dela se divida em outros afetos, enquanto o amor tem intrínseco o ciúme, que não admite rivalidade.

E eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores, mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos.”

Paulo Sant’Ana (1939-2017), cronista gaúcho e comentarista esportivo

- “No mundo sempre existirão pessoas que vão te amar pelo que você é, enquanto outras que vão te odiar pelo mesmo motivo. Acostume-se.”

Ediane Wunderlich, no site www.pensador.com

- Não invejo o autor da ideia, mas, sim, o fazedor.

Do autor

Ao educar, errar é inevitável

Os educadores erram, sim! E os pais, também! Pequenas divergências entre escola e família são aceitáveis e, quiçá, salutares, uma vez que educar é também conviver com erros e acertos. É importante que o educando perceba desde cedo que pais e professores se equivocam às vezes e, com isso, desenvolva a resiliência e a tolerância, preparando-se para uma vida adulta na qual os erros e as divergências fazem parte do cotidiano. O psicanalista Sigmund Freud (1856-1939) muito bem manifesta: “A educação é uma dessas profissões em que errar é inevitável”. No entanto, na essência, deve haver entendimento entre pais e educadores. O filho é como um pássaro que dá os primeiros voos. Família e escola são como as suas duas asas: se não tiverem a mesma cadência, não haverá uma boa direção para o nosso querido educando.

Texto do autor

Pensamentos

- “Não há sucesso profissional que compense o fracasso pessoal ou familiar.”

*Napoleon Hill (1883-1970), escritor estadunidense influente na área de realização pessoal, no livro *As 16 Lições do Sucesso**

- “Me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende.”

Cora Coralina (1889-1985), poetisa e contista brasileira

- “Hoje tão ou mais importante que aprender é desaprender.”

Alvin Toffler (1928-2016), escritor e futurista norte-americano, doutor em Letras, Leis e Ciência

Uma bela história e o livre arbítrio

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Catalães e madrilenos historicamente vivem às turras. Em 1984, por motivações políticas, uma forte desavença se estabeleceu entre os tenores José Plácido Domingo, nascido em Madri, e José Carreras, com berço em Barcelona. Ambos subirem ao mesmo palco? Impensável! Recusa explícita, cláusula pétrea nos contratos de ambos.

Em 1987, mais funesta que esta inimizade foi o diagnóstico de uma leucemia em José Carreras, com tratamentos prostrantes, incorrendo em transplante de medula óssea, quimio e radioterapias em Seattle, nos EUA. Os procedimentos médicos caríssimos teriam levado Carreras à exaustão financeira. Diante da falta de melhores alternativas, José Carreras procurou uma Fundação Beneficente (e sediada em Madri) especializada no tratamento de leucêmicos.

Uma vez curado, após 15 meses de tratamento, e já tendo voltado a cantar, Carreras foi manifestar a sua gratidão se inscrevendo como sócio benemérito da referida Fundação. Seus advogados, ao lerem os estatutos, quem encontraram como Presidente e principal financiador? Sim, ele, o arquirrival desafeto. Plácido Domingo teria se mantido no anonimato para que Carreras não recusasse a ajuda.

Su encuentro fue comovedor... Carreras surpreendeu Plácido em uma apresentação em Madri e, subindo ao palco, se ajoelhou e agradeceu. Plácido o levantou, longamente se abraçaram em prantos copiosos. Na saída, acorreram os jornalistas, indagando sobre a nobreza do gesto, uma vez que, além de desafetos, eram concorrentes. Ao que Plácido emocionado justificou: “Porque uma voz como aquela não poderia se perder”.

História comovente, não? Possivelmente você, leitor, já a conhecia como texto ou vídeo motivacional. O que talvez desconheça é que, à exceção da doença em si, todo o restante do relato é inverossímil, *fake*, não tem amparo

histórico – não passa de uma ficção –, como bem desmente em comunicado oficial a Fundação Internacional de Leucemia sobre qualquer ajuda de Plácido Domingo ao tratamento de José Carreras. É compreensível que José Carreras tenha se sentido aborrecido com esta versão mentirosa.

Portanto, não passa de um conto fantasioso, com forte carga emocional, impregnado de bons valores, razão pela qual raramente desconfiamos de sua inverossimilhança. E eis aqui um grande perigo, pois somos naturalmente tentados a acreditar – ainda que sem qualquer evidência de veracidade – em informações e afirmações que coincidam com nosso posicionamento, visão de mundo, valores. E vice-versa: nossa primeira reação tende a ser de rejeição a conteúdos que se oponham ao nosso modo de pensar.

Para o bem ou para o mal, o que tem levado inúmeras pessoas a postarem tantas *fake news* nas redes sociais, uma das maiores pragas do mundo contemporâneo? E, assim como numa guerra, a primeira vítima é a verdade, ainda que tal termo não seja imune a uma ampla discussão filosófica. Mesmo que haja boas intenções, toda versão mentirosa dá azo à profusão de maledicências e destruições de reputações na internet que em muito contribuem para as polarizações na política e nos costumes.

A bem da verdade, não é uma invenção, pois boatos e inverdades – deliberadas ou não – existem desde sempre. Todavia, a tecnologia e a conectividade deram às *fake news* um alcance e um impacto sem precedentes. Se, de um lado, o fascinante mundo da internet representa a mais ampla e democrática forma de acesso ao saber e à pesquisa, de outro é um ecossistema que possui pouca regulação e controle, no qual opiniões comumente enfrentam intensa oposição de diversos interesses. Nunca na história a falsidade, a futilidade e a imbecilidade tiveram uma tribuna tão pernicioso e falacioso às nossas crianças, jovens e até mesmo aos adultos. O escritor e linguista italiano Umberto Eco (1932-2016) bem descreveu esse fenômeno: “as mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar.”

Para o polonês Czeslaw Milosz, Nobel de Literatura de 1980, o bem e o mal são imanentes ao ser humano e, se “a espécie humana deixar de existir, tanto o mal como o bem desaparecerão”, ainda que há 16 séculos ecoe a indagação pungente de Santo Agostinho: “Unde Malum?” – ou seja, “De onde vem o mal?”. Mas sem nos adentrarmos em questões filosóficas ou religiosas, devemos aceitar que somos providos de livre arbítrio, *ipso facto* temos o discernimento

da escolha entre o bem e o mal. Dentro de nós há dois cães que se litigam todos os dias: um representa o bem e o outro, o mal. Qual dos dois vence a briga? Aquele ao qual damos mais comida.

Jacir J. Venturi é membro do Conselho Estadual de Educação, autor de livros, foi professor da UFPR, PUCPR e da Universidade Positivo

Pensamentos

- “O que as pessoas mais desejam é alguém que as escute, de maneira calma e tranquila. Em silêncio. Sem dar conselhos. Nós amamos não a pessoa que fala bonito. Amamos a pessoa que escuta bonito. A fala só é bonita quando nasce de longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor cresce. E é na não escuta que ele termina. Não aprendi isso nos livros. Aprendi prestando atenção.”

Rubem Azevedo Alves (1933-2014), psicanalista, educador, teólogo, escritor e pastor presbiteriano brasileiro

- “Tudo depende de como vemos as coisas e não de como elas são.”

Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica

- “Diversidade etária é essencial para a inovação dentro das empresas.”

Chip Conley (n. 1960), hoteleiro norte-americano, empresário de hospitalidade, autor, palestrante e conselheiro da Airbnb

Como educadores, não temos o direito de ser medianos

“A escola é a nova riqueza das nações. Passou a valer mais que a fábrica, o banco, a fazenda” – destaca Peter Drucker, renomado consultor norte-americano. A matéria-prima que passa pelas mãos de professores e gestores escolares é a mais nobre que existe na face da Terra: nossas crianças, adolescentes e jovens. O educador não tem o direito de ser mediano, cabendo-lhe o dever da busca incessante pela qualidade de ensino, qualquer que seja o contexto.

Ademais, os professores são – e devem sempre ser – os arautos da esperança, que na sabedoria popular “é a última que morre”, ao que o poeta Manoel Bandeira bem complementa: “jamais prive uma pessoa de esperança, talvez ela só tenha isso”. Manter acesas as chamas da esperança, do trabalho, do entusiasmo e da perseverança é o grande desafio dos educadores.

Texto do autor

Pensamentos

- “As mãos que ajudam são mais sagradas que os lábios que rezam.”

Madre Teresa de Calcutá (1910-1997), religiosa católica da Macedônia. Dedicou sua vida às comunidades carentes e foi cononizada em 2016. Prêmio Nobel da Paz de 1979

- “A inveja, a raiva e os insultos, quando não aceitos, continuam pertencendo a quem os carregava consigo.”

Provérbio muito difundido nas redes sociais

- “Parente que visita a sua casa é como peixe:
 - Primeiro dia: fresco e delicioso.
 - Segundo dia: bom.
 - Terceiro dia: começa a cheirar mal.”

Dito chistoso japonês

Uma corrente do bem, para além do dever moral

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Quando adolescente, estudei em um colégio interno em Lages (SC). Meu pai, um pequeno madeireiro, foi à falência e eu teria de abandonar os estudos por não poder mais pagar a mensalidade. Um de meus professores – um padre depois alçado a bispo – obteve de um casal católico alemão a ajuda necessária para um ano e meio de estudo, o suficiente para que eu concluísse o então primeiro grau (atualmente Ensino Fundamental). Cerca de uma década depois, já estabilizado profissionalmente, voltei àquela instituição de ensino com a disposição de ressarcir aquele gesto magnânimo, não ao casal (que preferiu se manter no anonimato), mas ao próprio educandário, para que igualmente beneficiasse outros estudantes em dificuldades.

Ao lhe entregar minha doação, o mesmo professor me deu uma das mais importantes lições de minha vida: “nós aqui – disse o padre – temos as nossas dificuldades, mas somos autossuficientes. Você, como proprietário de escola em Curitiba, pode ajudar muitos estudantes que precisam”. E este foi um compromisso que de fato assumi, concedendo meias bolsas ou integrais a centenas de alunos. E sempre tive o zelo de chamar cada beneficiado com a recomendação de que toda a gratidão deveria ser concedida não a mim, mas às pessoas que vierem a dele(a) necessitar de ajuda.

Na sua sabedoria, este professor me ensinou – e assim procurei disseminar – que ser solidário é sim um dever moral, mas pode ir muito além disso ao se tornar uma corrente do bem. E isso só é possível quando temos com o nosso próximo a mesma empatia que experimentamos daqueles que nos estenderam a mão nos momentos de necessidade, dentro daquilo que nos é possível fazer. Se não somos proficientes de grandes obras que impactem uma comunidade, podemos dar a nossa modesta contribuição com aquilo que está ao nosso alcance.

Toda a atividade social de benemerência incorpora para a vida de quem a pratica uma experiência de grande valor. É uma via de mão dupla, pois o retorno está em um sentimento de felicidade genuína e no prazer de ser útil. É uma terapia gratificante, a ponto de ser indicada por diversos consultórios como uma forma de organizar o tempo dos pacientes, que, ao se sentirem úteis e solidários, recebem os efeitos da liberação das benfazejas endorfinas. Aqui Leon Tolstói, um dos mais renomados escritores russos, morto em 1910, é pertinente: “A alegria de fazer o bem é a única felicidade verdadeira”.

Sim, é uma via de mão dupla, pois a de ida leva dignidade, autoestima, bens materiais, alimentos à pessoa ou à comunidade atendida. Certa feita, Madre Tereza de Calcutá distribuía pão, peixe e água à população de um bairro paupérrimo de uma cidade indiana. Um repórter, bem intencionado, se aproxima e pergunta: em vez de dar o peixe, não seria melhor ensiná-los a pescar? Como sempre obsequiosa, Madre Tereza lhe transmite uma lição de anos de experiência: primeiro, eles precisam se alimentar, neste momento não dá para ensinar a pescar. Ninguém aprende de barriga vazia.

Os gestos de generosidade são sempre nobres, não importa a motivação. Religiosa? Você só leva aquilo que dá. Cívica? Somos um dos países mais desiguais do mundo. Narcisista? Não nos cabe julgar, afinal a ânsia de ser apreciado é da natureza humana e para o beneficiário pouco importa a motivação da ajuda recebida. E se para toda boa ação é da natureza humana esperar reconhecimento, consolemo-nos nas páginas do Evangelho: não foram 10 os leprosos curados? Quantos voltaram para agradecer? Outro dia, li: “Quem tem coragem para fazer o bem, tem que ter sabedoria para suportar a ingratidão”.

O Brasil não é um país pobre, mas sim injusto. A bem da verdade, este país será salvo não apenas pelos governantes, mas pelas ações concretas de cada um de nós. Não podemos ficar indiferentes à cruel realidade de nossas crianças e jovens, carentes não só de alimento, saúde e boas escolas, mas também de esperança. E no limiar de um novo ano, após os estertores de um ano pandêmico, de perdas e isolamento social, há um renovar de esperanças, sobretudo uma disposição de sermos mais altruístas, com bons propósitos de ressignificar nossas atitudes de amor ao próximo, pois “bondade também se aprende” – como bem ensina a poetisa goiana Cora Coralina.

Jacir J. Venturi é membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e diretor de escolas públicas e privadas, e das universidades UFPR, PUCPR e UP

Pensamentos

- “Não encontro defeitos. Encontro soluções. Qualquer um sabe se queixar.”

Henry Ford (1863-1947), formado em engenharia, em 1902 fundou a Ford Motor Company, pioneira na implantação de uma linha de montagem numa fábrica de automóveis

- “What doesn’t challenge you, doesn’t change you.”

Citado por Débora Venturi: “O que não te desafia, não te transforma.”

- “O amor não garante uma boa convivência.”

De um psicoterapeuta curitibano

É 8 ou 80

Um adágio latino ensina que *in medio stat virtus* ou *virtus in medium*, ou seja, a virtude está no meio, no equilíbrio. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Todavia, há pessoas extremadas, em certas circunstâncias – algumas sempre –, que partem para o tudo ou nada. Dizem elas:

1) É 8 ou 80 – mas esquecem que entre eles há ao menos 72 alternativas.

2) É branco ou preto – ignorando que há incontáveis tons de cinza entre estes dois extremos.

Texto do autor

Pensamentos

- “Se Deus nos fez à sua imagem levou o troco.”

Reprodução burlesca de uma frase do filósofo iluminista Voltaire

- “A inveja é o mau hálito da alma.”

Ibrahim Sued (1924-1995), jornalista, apresentador de televisão, crítico e colunista social brasileiro

- “Existem pessoas tóxicas, mas também medicinais. São aquelas que chegam e ajudam a curar nossas vidas.”

Do Instagram

Reformas tributária e administrativa: por um estado mais justo e expedito

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

As ações de enfrentamento à pandemia do coronavírus no biênio 2020/2021 promoverão um rombo nas contas públicas brasileiras da ordem de 870 bilhões de reais e, em consequência, a dívida pública tangenciará os estratosféricos 90% do PIB. Eram 62% há apenas 10 anos. Não restam dúvidas de que, em função da excepcionalidade e em nome da preservação da vida, são e foram medidas necessárias, ainda que denúncias de desvios e má gestão de recursos devam ser apuradas com todo o rigor da lei. Mesmo assim, é uma espada de Dâmocles a balançar sobre as cabeças de nossos governantes, em especial da esfera federal.

Isto posto, é urgente a realização – por tantas vezes anunciadas, tantas vezes adiadas – das reformas tributária e administrativa, temas esses que até hoje não passaram de um mero jogo de cena. Em 2019, os entes federados gastaram 920 bilhões de reais com os funcionários administrativos, legislativos e judiciários, e há um consenso das profundas distorções salariais – seja internamente, seja ao cotejar-se com o mercado de trabalho – que precisam ser enfrentadas, para que os direitos legítimos dos servidores sejam preservados.

Além de buscar uma maior racionalidade dos gastos públicos, é imprescindível a persecução de uma maior eficiência de gestão para o enfrentamento das

incontáveis mazelas brasileiras, uma vez que nosso problema não é, nem nunca foi, falta de recursos financeiros para o Estado. O brasileiro médio trabalhou em 2019 um total de 128 dias, mais de 4 meses, para cumprir suas obrigações com os fiscos municipais, estaduais e federal, deixando nos cofres do governo R\$ 2,39 trilhões de reais. Mas a visão míope, de que é mais fácil aumentar os impostos do que administrar de modo eficiente, fez com que desde o início do mandato do Presidente José Sarney (1985) a carga de impostos, taxas e contribuições saltasse de 21% do PIB para 35,07% em 2019.

E neste ínterim, com passagens de governantes dos mais diversos matizes no espectro ideológico, tivemos que suportar bovinamente a crescente voracidade arrecadatória, sem uma contrapartida proporcional por parte do Estado, seja na amplitude e na qualidade dos serviços prestados, seja na promoção de justiça social, sem falar na eterna sombra da corrupção que nunca nos abandona. “Os impostos têm limites naturais, além dos quais uma nação se deita para morrer ou se levanta para lutar”, se faz oportuno Joseph-Ernest Renan (1823-1892), filósofo e historiador francês.

Com a autoridade de ser um dos maiores especialistas no tema e ter sido o relator de uma das Comissões da Reforma Tributária na Câmara dos Deputados, Luiz Carlos Hauly é pertinente: “Estou convencido de que mais de 50% da responsabilidade pelo atraso da nossa economia é do nosso sistema tributário anárquico e caótico, que mata as empresas e os empregos, concentra a riqueza e pune os mais pobres – os que ganham até dois salários mínimos pagam 53,9% de carga tributária, enquanto quem ganha acima de 30 salários mínimos paga 29%.”

O objetivo primeiro de uma reforma tributária deve ser desonerar parte dos encargos sobre salários e sobre o consumo de bens e serviços essenciais – e por conta deste e de outros fatores, só é viável em conjunto com a reforma administrativa. O Brasil tem quase 50% de sua arrecadação proveniente do consumo, ao passo que nos países da OCDE a média é de 32%. Não há equidade e por consequência a base da pirâmide social paga proporcionalmente mais. É um repto necessário, pois nossa estrutura tributária é irracional, cara e antes de tudo injusta. Por exemplo, há décadas que não se corrige adequadamente a tabela do Imposto de Renda – um confisco forçado que atingiu este ano 103% de defasagem, de acordo com o Sindifisco. Ou seja, se fosse aplicada a inflação,

estariam isentos os contribuintes que ganham até R\$3.881,00, entretanto hoje os tentáculos da Receita Federal alcançam o contribuinte que auferir uma renda mensal de R\$ 1.903,98, sendo os maiores prejudicados os assalariados da classe média-baixa.

Nas nações em que se executa uma boa política de bem-estar social – como é o caso dos nórdicos –, a tributação é também elevada, algo próximo de 50%, mas nestes países o cidadão é amparado pelo Estado, que proporciona a todos uma vida digna do berço até a sepultura – de mamando a caducando para fazer galhofa.

No entanto, ante a um fisco voraz e com má aplicação dos recursos – como no Brasil –, as pessoas e empresas não apenas se conformam. Elas também se vingam, com mais sonegação, elisão, pirataria, informalidade, corrupção, contrabando, calote. Condenável, sim, mas esta é a natureza humana. A história ensina que tributos exacerbados e baixo retorno social formam uma mistura explosiva, pois não apenas comprometem o setor produtivo, mas também promovem o esgarçamento do tecido moral e ético.

Jacir J. Venturi foi professor da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo. Cidadão Honorário de Curitiba. Foi vice-presidente da ACP. Autor de três livros

Pensamentos

- “País algum se elevou sem que tenha se purificado no fogo do sofrimento.”

Mahatma Gandhi (1869-1948), nacionalista indiano, especialista em ética política de resistência não-violenta. Foi assassinado por um nacionalista hindu com três tiros no peito

- “Nunca se culpe por ter amado. Por ter confiado. Por ter ajudado. Nunca se culpe por acreditar na bondade humana, na amizade verdadeira, no amor eterno. Estamos no mundo para ganhar e perder.”

Chico Xavier (1910-2002), médium, filantropo e um dos mais importantes expoentes do Espiritismo

- Que o jovem se transforme em locomotivas, não em vagões; em águias, não em ovelhas.

Do autor

E todo o Guairão gargalhou

Conta o professor Jacir Venturi que, num sábado à noite, o Teatro Guairá estava lotado para o belíssimo show do Almir Sater. Quando da apresentação de cada um dos instrumentistas, todos estavam curiosos para saber quem era a única e linda jovem do palco. Muito formal, anuncia o Almir:

- E agora a minha irmã que...

De pronto um curitibano bem-humorado se manifestou em alto e bom som:

- Valeu, cunhadão!

Coluna do Malu – publicada na Gazeta do Povo

Pensamentos

- “Eugênio Gudín – engenheiro, economista, ministro da Fazenda no governo Café Filho (1954-1955), professor e autor de cinco livros sobre economia –, um defensor da liberalização da economia e inserção do Brasil no mercado internacional, que, desiludido com a insistência do país em se isolar em um nacionalismo atrasado, fez o seguinte desafo: “O Brasil foi a amante que mais amei, e a que mais me corneou. Tendo tudo para ser rico, insiste em se manter no pobreza.”

De um artigo de José Pio Martins, economista e Reitor da Universidade Positivo

- “Resumo da vida: tentar emagrecer e pagar boleto.”

Gracejo popular

- “O homem é o único animal que precisa ser educado.”

Immanuel Kant (1724-1804), filósofo prussiano

O ensino híbrido se consolida; e como fica o professor?

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

O mundo caminha para a consolidação do ensino híbrido, modalidade que combina tanto o docente em sala de aula, orientando e expondo conteúdos aos alunos, quanto o aluno complementando esses estudos remotamente em plataformas digitais ou em outras formas de ensino não presencial.

Nas Instituições de Ensino Superior (IES), ainda existem resquícios da falsa dicotomia entre educação virtual e presencial, porém mais bem superada

do que na Educação Básica. Muito em breve essa visão deve desaparecer, pois são modalidades complementares: é ensino-aprendizagem e... ponto. Nesse sentido, a partir da Portaria do MEC de 31/12/18, até 40% do conteúdo da carga horária de um curso superior presencial pode ser a distância – antes esse limite era de 20%. Evidentemente, há regramentos e limites, em especial para os cursos da área de saúde.

Mais recentemente, com a pandemia da Covid-19, a mesma evolução se impõe também para a Educação Básica: o Conselho Nacional de Educação intensamente sugere, e boa parte dos Conselhos Estaduais de Educação normatizou a implementação do ensino híbrido no biênio 2020/21, o denominado *continuum*. Porém, excluído esse período de excepcionalidade, o que temos para a Educação Básica – na verdade tão somente para o Ensino Médio – é o limite de 20% para o conteúdo que pode ser ofertado a distância para o turno diurno e 30% para o noturno.

No entanto, até onde a vista alcança, o que se prevê para os próximos anos é a dilatação desses índices e até mesmo a permissão de se implementar o ensino híbrido inclusive para os anos finais do Ensino Fundamental. Afinal, os discentes de hoje são nativos digitais e em geral têm grande facilidade em dominar as novas tecnologias, sem que isso reduza em nada o quanto a presença do docente em sala é imprescindível para a qualidade do ensino.

Mas há, sim, uma mudança no papel, no perfil e na atuação deste profissional, o que gera uma recorrente e pertinente pergunta: e como fica o professor? Infelizmente, muitos bons didatas do passado, com suas aulas expositivas bem dadas, estão perdendo o emprego por não conseguirem o mesmo êxito em plataformas, linguagens e metodologias digitais. Nesse aspecto, valho-me de uma metáfora: os professores estão sendo convidados a embarcar em ônibus de ida, sem retorno. A maioria embarca e no caminho se capacita, se adapta, é darwinista e segue em frente, mas outros desembarcam ou são desembarcados.

A maioria dos docentes se sente despreparada para uma boa mediação tecnológica e muito apreciaria receber treinamentos na escola. É recomendável que a instituição de ensino, quando adentra ao universo do ensino *on-line*, se concentre inicialmente em ferramentas de menor complexidade, pois facilita a prática, a troca de experiências e o aprendizado para aqueles que se consideram – ou são considerados – dinossauros digitais. Nesse contexto, há aqueles

docentes que se agigantaram e até montaram em casa um ministúdio para as aulas remotas. Outros, tidos como ótimos didatas no presencial, não possuem fluência digital, tampouco desenvoltura e espontaneidade diante de uma tela para bem se comunicar com os alunos e as famílias. Mas há pelo menos mais uma boa notícia: uma recente pesquisa com professores constatou que 87% deles pretendem usar mais tecnologia ao retornarem às aulas presenciais. Isto posto, as transformações só se efetivarão se as escolas forem providas de boa conectividade, um dever de nossos governantes.

Conheci uma aluna da EJA (a modalidade de Educação de Jovens e Adultos pode ser até 90% a distância) que se dizia uma dinossaura, essencialmente analógica. Para ela, celular era só para mensagens e ligações. Aos poucos, foi desenvolvendo as habilidades digitais, passou a usar o Google Classroom e outras plataformas, fez a sua matrícula no aplicativo e hoje, feliz e autossuficiente, faz compras *on-line*, movimenta suas operações bancárias. “Faz meses que não vou à agência do meu banco” – diz ela.

No Brasil, temos hoje 1,7 milhão de matriculados em faculdades de licenciaturas (52% em cursos a distância) que disponibilizam ao mercado anualmente um grande contingente de professores em parte carentes de boa formação pedagógica e de uso das novas tecnologias educacionais – e aí está uma das principais razões do nosso combalido sistema educacional. Os calouros iniciam a licenciatura motivados e têm boa cultura digital, porém os cursos superiores de formação de professores, em sua maioria, não preparam adequadamente profissionais da educação para o ensino digital e para a nova fronteira que tem sido aberta com o ensino híbrido.

É importante lembrar, no entanto, que toda disrupção é alvo de controvérsias e falhas, e o ensino totalmente *on-line*, bem como o híbrido, não são exceção, recebendo também críticas, em boa parte merecidas. Mas, nesse caso, elas não deveriam estar voltadas à modalidade e sim às instituições de ensino que não ofertem oportunidades de boa capacitação aos seus professores e tutores, não disponibilizam materiais de apoio com boa didática e tampouco um AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) amigável e estimulante.

Num futuro não muito distante, grandes mudanças se efetivarão, abolindo-se o atual regime seriado com disciplinas herméticas e fragmentadas. E especialmente no Ensino Superior, as universidades necessitarão de menos espaço

físico, pois, em um ecossistema de inovação e ambientes virtuais mais didáticos que os atuais, os estudantes terão um aprendizado mais eficaz da parte teórica em um quarto silente de sua casa e irão ao câmpus para experiências em laboratório, práticas nas clínicas ou encontros focados em projetos e problemas com conteúdo assaz diversificado. As nações que estiverem na vanguarda dessa nova era educacional certamente colherão os bons e merecidos frutos econômicos e sociais.

Jacir J. Venturi é membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e diretor de escolas públicas e privadas, e das universidades UFPR, PUCPR e UP

Pensamentos

- “As pessoas são mais solitárias porque constroem muros ao invés de pontes.”

Antonie de Saint-Exupéry (1900-1944), escritor e piloto francês, autor do clássico O Pequeno Príncipe, escrito em 1943. Morreu em 31/07/1944 em missão de reconhecimento, quando seu avião foi abatido por um caça alemão junto à costa de Marselha, na França

- “Eleger propriedades diversas é o modo infalível de aviltar todas elas.”

Roberto Campos (1917-2001), nascido em Cuiabá, economista, ministro e membro da ABL

- “Ontem eu sonhava com o futuro. Hoje eu nem consigo pegar no sono.”

De para-choque de caminhão

Transparência: o melhor desinfetante

“A luz do sol é o melhor desinfetante que existe” – frase de uma sentença proferida em 1914 por Louis Brandeis, juiz da Suprema Corte dos EUA, justificando a defesa da transparência e da ampla divulgação das verdades no mundo político-financeiro.

Pensamentos

- “A burrice no Brasil tem um passado glorioso e um futuro promissor.”

Roberto Campos (1917-2001), economista, professor, escritor, diplomata e político brasileiro, membro da ABL

- “Não há bom juiz em causa própria.”

Sabedoria popular

- Aula é passageira, o que pode ser perene é a lição. E aula que tem que ser dada merece ser bem dada e, para tanto, bem preparada.

Do autor

Homenagem a um dos maiores professores de todos os tempos

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Uma das mais belas passagens da literatura universal é a descrição do jovem ateniense que pergunta ao seu mestre:

- Que faz Deus?

- Deus eternamente geometriza... responde placidamente ninguém menos do que Platão, o mesmo que também mandou inscrever no frontispício de sua Academia: “Que nenhum desconhecedor da Geometria entre aqui”.

À guisa de introito, enalteço propositadamente a Geometria, mas com o escopo de prestar uma homenagem aos professores – como faço todo ano, no mês de outubro. Euclides se notabilizou por sua capacidade de escrever e ensinar, ou seja, foi um grande didata, além de ser um sinônimo de Geometria. Sua maior obra, *Os Elementos*, exerceu (e ainda exerce) extraordinária, profunda e vasta influência no mundo há mais de 23 séculos, sendo “responsável por uma influência sobre a mente humana maior que qualquer outro livro, com exceção da Bíblia”, como bem assevera George F. Simmons, autor de diversos livros de matemática universitária.

Euclides concluiu o seu compêndio aproximadamente no ano de 300 a.C., efusivamente replicado na forma de manuscritos pelos monges copistas. Desde a maior invenção do milênio (a imprensa de Gutenberg), passou de mil edições, sendo a publicação em Veneza (de 1482) considerada a primeira delas. Escrito originalmente em grego, se subdivide em 13 capítulos, constituindo-se em uma compilação metódica e ordenada de 465 proposições, tendo como característica o rigor das demonstrações, o encadeamento lógico dos teoremas, axiomas e postulados e muita clareza na exposição. Sua proposta é uma geometria dedutiva, des preocupada das aplicações práticas, em contraste com a Geometria egípcia de caráter indutivo e pragmático.

Mais se assoma à grandeza de Euclides por ter sido o fundador da Escola de Matemática da Biblioteca de Alexandria, nas margens egípcias do Mediterrâneo, contribuindo para torná-la o Templo do Saber da Antiguidade, com cerca de 700 mil rolos de papiros (talvez menos, conforme a fonte considerada). Por esta escola passaram gerações de jovens (entre eles Arquimedes, Hiparco, Ptolomeu, Eratóstenes e Apolônio) cuja genialidade nas ciências fez com que Isaac Newton reconhecesse em uma de suas cartas: “se vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”. Por seu turno, Albert Einstein disse que, quem na juventude não teve seu entusiasmo despertado por Euclides, certamente não nasceu para ser cientista.

Por estas relevantes contribuições, muitos historiadores fazem referência à Biblioteca de Alexandria como a primeira Universidade, pois ali estudantes e professores passavam todo o dia debruçados em pesquisa e ensino-aprendizagem. A organização era similar às atuais Instituições de Ensino Superior, pois parte dos professores se dedicava à gestão, parte à pesquisa e havia aqueles que, ao se notabilizarem por sua didática, focavam no ensino. Pelos relatos de Carl B. Boyer, em a *História da Matemática*, “parece que Euclides definitivamente pertencia à última categoria”.

Quem trouxe Euclides de Atenas para Alexandria foi o imperador do Egito General Ptolomeu I, um dos sucessores de Alexandre Magno. Um exemplar em papiro de *Os Elementos* foi levado às mãos de Ptolomeu I, que ao folhear página por página, na esperança de bem compreender os teoremas, axiomas e postulados, perguntou a Euclides se não havia uma forma mais suave de aprender Geometria. Lacônico, Euclides respondeu: “Majestade, não há uma estrada real para a Geometria”. Ou seja, o caminho da aprendizagem matemática não é florido, nem pavimentado; ao contrário, rude e pedregoso, requer disciplina pessoal e esforço.

Vê-se, assim, que a maior realização de um docente é o seu legado – e este é propósito desta singela homenagem a Euclides. É óbvio que há milhões de outros nomes em diferentes grandezas, os quais igualmente merecem o reconhecimento de seus méritos, pois também foram além do mero cumprimento de sua obrigação. E nesse mister, há um lema que todo professor deveria seguir como um mantra: aula que tem de ser dada merece ser bem dada e para tanto bem preparada... e com boas pitadas de açúcar, de afeto. Magistério é aquela profissão na qual ninguém tem o direito de ser mediano.

E, no ofício de ensinar, essa dedicação possui na vocação uma companheira perfeita. Juntas, são capazes de proporcionar encanto e vertigem mesmo para aqueles que não possuem afinidade ou facilidade em alguma área de conhecimento. O renomado escritor argentino Ernesto Sábato, obviamente com pendores para a área de Humanas, aos 12 anos se rendeu a um bom didata que lhe fez ver a matemática como “um mundo de infinita harmonia”. E, em geral, o aluno realmente se apaixona mais pelo bom didata que ali está do que pelo componente curricular propriamente dito.

Quando governantes, diretores e professores investem o melhor de sua energia na sala de aula, todo o ambiente escolar se transforma. A sala de aula representa os metros quadrados mais nobres de qualquer organização educacional – talvez de todo um país –, e é nesse espaço que devemos colocar os melhores talentos. Há um mote em que duas palavras merecem reverência: educar e entusiasmo. A primeira vem do latim *ducere*, que significa “conduzir”, “mostrar o caminho”, “liderar”. *Entusiasmo* tem etimologia no grego *entheo* (*en* = dentro, *theo* = Deus). Para os gregos politeístas, quem têm entusiasmo tem um deus dentro de si. Nada de grandioso pode ser obtido sem entusiasmo e nenhuma missão é mais grandiosa do que a de educador, pois este tem como legado deixar no mundo uma geração melhor que a sua.

Jacir J. Venturi, graduado e pós-graduado em Matemática e Engenharia, autor dos livros *Álgebra Vetorial e Geometria Analítica* (10ª edição) e *Cônicas e Quádricas* (6ª edição). Foi professor e diretor de escolas públicas e privadas

Pensamentos

- “As injúrias são as razões dos que não têm razão.”
Jean-Jaques Rousseau (1712-1778) nasceu em Genebra, Suíça. Foi, como filósofo, um dos ícones do Iluminismo
- “O que mais me impressiona nos fracos é que eles precisam humilhar os outros para se sentirem fortes.”
Mahatma Gandhi (1869-1948), nacionalista indiano, especialista em ética política de resistência não-violenta. Foi assassinado por um nacionalista hindu com três tiros no peito
- “Contra piadas não há argumentos.”
Do livro O Castelo, de Franz Kafka (1833-1924), nascido em Praga, maior escritor de língua alemã, boêmio e considerado um dos mais influentes escritores do século XX

Saudade que dói

A saudade do amigo que foi para o plano espiritual bate tão forte que tive uma ideia: vou pedir a São Pedro para instituir horários de visita no céu. Pode até cobrar entrada...

Quando se perde um amigo, o sentimento é o de um doce-amargo: doce, pois ele já estará muito melhor na companhia do bom Deus; amargo, para nós que aqui permanecemos neste vale de lágrimas, agora com o vazio da ausência de quem se estima.

Texto do autor

Pensamentos

- “No meio acadêmico todos somos inteligentes. Diferencie-se sendo gentil.”

Frase sob a mesa de trabalho de um professor universitário

- “Deus não é socialista. Ele não fez os homens iguais. Uns são laboriosos, outros são preguiçosos. Uns são geniais, outros são medíocres. A igualdade é impossível. O máximo que conseguimos é administrar humanamente as desigualdades.”

Roberto Campos (1917-2001), economista, professor, escritor, diplomata e político brasileiro

- “Ou a dor me constrói ou me destrói.”

Provérbio popular, com uma boa rima

Reabertura das escolas: complexa e dispendiosa, mas necessária

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Hodiernamente, nenhum tema é tão candente quanto o retorno às aulas presenciais, que envolverá 48 milhões de estudantes da Educação Básica e mais 8,4 milhões do Ensino Superior. Como tudo o que se refere à Covid-19, há polarizações exacerbadas, estatísticas para todos os gostos e as *fake-news* que se espalham como ervas daninhas. E quando as versões contrariam a ciência, pior para a ciência.

O retorno de muitas áreas e atividades à quase normalidade está num ritmo frenético demais em todo o país – muitas vezes à revelia das leis e das autoridades –, e a expressão “fique em casa” passou a ser substituída por “ninguém aguenta mais”. E aí mora o problema: esse esgarçamento desmesurado – tipo fadiga de quarentena – está levando parte da população à irresponsabilidade: desde os rolês e churrascos aos bares, raves e praias, sem os cuidados mínimos de distanciamento e uso de máscaras. Viralizou um meme de uma foto em uma de nossas praias coalhada de guarda-sóis, encimada por uma pergunta: e aqui não há alunos, nem professores?

Tais aglomerações – fontes incontestes de contágio – devem ser repudiadas para a tão almejada redução das curvas de contágio e de mortes, bem como para o retorno pleno dos serviços, comércio e indústria (e assim alavancar o emprego, a economia e até o orçamento público) e, tão necessário quanto, para a reabertura das escolas ao ensino presencial. Todo o problema que se queira resolver deve ser enfrentado, e estamos apenas tangenciando, postergando, feito um tear de Penépole, em relação ao tema reinício das aulas presenciais. É uma ilusão esperar pelas condições ideais, uma vez que esse vírus capiroto já sinalizou que não vai dar esta canja tão cedo.

E sempre oportunas são as palavras de Roberto Campos: “o debate honesto pressupõe conhecimento da causa”. Há excessivas tergiversações nas redes sociais e, em parte da mídia, uma imbricação de temas e argumentos fúteis. Até mesmo decisões judiciais extremadas, como no Rio de Janeiro, onde se concedeu liminar ao Sindicato dos Professores para proibir o retorno às aulas até que todos os alunos e docentes fossem vacinados. O bom senso prevaleceu com a suspensão desta liminar, depois de vários dias de embates nos tribunais. Os professores devem fazer parte da solução e não do problema – é o que pensa a maioria de nós –, numa atitude de cidadania e comprometimento com a boa educação.

“Estamos condenando esta geração de crianças e jovens. Os riscos são pouquíssimos” –, defende com ardor a psicóloga Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna. Nesta semana, OMS, Unicef e Unesco fizeram, no mesmo sentido, um apelo aos governos para que coloquem a abertura de escolas como prioridade. Segundo as entidades, ainda não existem evidências suficientes para declarar que foi a reabertura de escolas que eventualmente

agravou a transmissão da Covid-19 nas comunidades que a realizaram, quando as medidas de proteção e de saúde foram devidamente adotadas.

Há dois meses, as escolas privadas retornaram às suas atividades presenciais. Com bom planejamento, seguiram os 6 eixos principais – sobejamente conhecidos e exequíveis – com base nos padrões internacionais. O reinício deu-se gradual e não obrigatório, com turmas de 4 alunos e hoje com cerca de 15. É justificável o receio, pois os pais foram estimulados desde o início da pandemia pelas necessárias e intensas campanhas pelo isolamento por parte da mídia e dos governos. Aos poucos, parte do medo acaba se dissipando quando a família visita a escola e presencia um ambiente com uma rotina que segue todas as normas recomendadas. E regras de ouro existem para bons resultados na reabertura: retorno gradual, respeito ao livre arbítrio dos responsáveis pelos alunos e rigor na implementação dos protocolos de higiene e biossegurança.

Todavia, no Brasil, 9 estados ainda estão sem prazo algum para o reinício das aulas. Nos demais, a retomada é escalonada e cuidadosa – o que se faz mister. Em vários países da Europa, as escolas foram liberadas antes do comércio: naqueles pertencentes à OCDE as instituições de ensino permaneceram fechadas por 98 dias em média, com destaque para a França, 56 dias, e a Alemanha, 68. No Brasil, já vivemos mais que o dobro disso, tendo já sido ultrapassada a marca dos 200 dias. Estamos num dos lugares mais altos do pódio, juntamente com o Paraguai. O Uruguai estabeleceu protocolos de volta às aulas assim que a curva de infectados começou a apresentar redução. Manter as escolas fechadas por tanto tempo tem elevados impactos negativos, entre eles o aumento significativo das evasões e o comprometimento das condições socioemocionais dos discentes.

Por outro lado, neste momento, uma abertura ampla seria uma insanidade, pois a média móvel é ainda alta, mesmo que em recente tendência de desaceleração. Os estados que já retornaram ou agendaram o reinício levaram em conta as condições imunológicas e o baixo índice de transmissibilidade nas regiões liberadas, sendo priorizadas as escolas mais bem estruturadas para atendimento às condições de biossegurança. E se houver unidades escolares com eventuais casos de contágio? Seguem-se os protocolos dos agentes de saúde e os isolamentos pontuais e cirúrgicos. Afinal, não foi assim que agiram alguns países, como França e Israel?

Se é importante que sejam estabelecidos prazos para a abertura, mais que isso é necessário definir-se o “como abrir”, tema este que se deveria debater. Essa tarefa exigirá semanas de um bom planejamento organizacional e financeiro, bem como da complexa e dispendiosa reconfiguração do espaço físico e implementação das normas sanitárias e de biossegurança. Tudo será diferente, se comparado com o retorno após as tradicionais férias de verão, sempre festivo, com abraços efusivos e aquela algaravia que soa como música aos ouvidos dos educadores.

Agora estamos vivenciando um período excepcional de afastamento de 6 meses, do qual advêm não só alunos, mas também professores e funcionários que passaram ou ainda estão passando por experiências negativas, até mesmo traumáticas, como insegurança, descontrole emocional, perda de renda, óbitos de familiares ou conhecidos. A ênfase das primeiras semanas é o acolhimento, o vínculo afetivo, correção de disparidades de aprendizagem, equalização dos conteúdos de cada componente curricular. O discente vai encontrar outra escola, seja antes, durante ou após as aulas. Não menos fácil será estabelecer a divisão entre os conteúdos que serão presenciais ou remotos, uma vez que não será viável um retorno pleno no curto e médio prazo. Mais do que nunca, escola e família devem ser parceiras; mais do que nunca, a direção deve manter uma boa comunicação e transparência diante da comunidade escolar, pois haverá revezes, imprevistos ocorrerão.

Jacir J. Venturi, professor, foi diretor de escolas públicas e privadas, e docente da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo

Pensamentos

- “O trabalho de destruição é rápido, fácil e recreativo; o labor da criação é lento, árduo e maçante. Esta é uma das lições do século XX. Também é uma razão pela qual os conservadores sofrem desvantagem quando se trata de opinião pública. Sua posição é verdadeira, mas enfadonha; a de seus oponentes é excitante, mas falsa.”

Roger Scruton (1944-2020), filósofo e escritor inglês, um cânone do pensamento conservador contemporâneo, autor de aproximadamente 50 livros

- “Só os tolos acreditam que política e religião não se discutem. Por isso os ladrões permanecem no poder e os falsos profetas continuam a pregar.”

Charles Spurgeon (1834-1892), influente pregador inglês da Igreja Batista, que recebeu a alcunha de “Príncipe dos Pregadores”

- “Es fácil ser comunista en un país libre. Lo difícil es ser libre en un país comunista.”

Agustín Etchebarne, economista, diretor do Instituto Liberdade e Progreso, Buenos Aires

Três competências de um gestor educacional

Os gestores educacionais devem simultaneamente praticar três competências para os desafios da escola contemporânea:

- 1) Darwinista: adaptar-se continuamente às mudanças.
- 2) Cartesiana: racionalizar custos e estabelecer um rigoroso controle dos gastos.
- 3) Socioemocional: implementar uma cultura de respeito, cordialidade, confiança e boas relações interpessoais. Escola deve ser espaço da alegria e da aprendizagem.

Texto do autor

Pensamentos

- “A vida nos é dada, mas não nos é dada pronta.”

José Ortega y Gasset (1833-1955), ensaísta, jornalista e ativista político, fundador da Escola de Madrid

- “É impossível viver feliz sozinho.”

Vinicius de Moraes (1913-1980), poeta, dramaturgo, jornalista, diplomata, cantor e compositor brasileiro

- “A filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual.”

Blague imerecido contra os filósofos

Vinhos: meu bem, mas pode ser meu mal

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Falar de vinhos em ambientes sociais é uma postura amistosa, glamourosa e em certa medida demonstra cultura. Porém, pode-se legar a imagem de esnobe, pedante, pernóstico. Ou usando uma adjetivação mais recorrente: “enochato” no falar e, pior, inconveniente no beber. É uma bebida controversa,

pois muitas são as pesquisas sobre os efeitos – positivos e negativos – do álcool no organismo.

Um dos estudos de maior fidedignidade feito por 6 professores das universidades de Stanford e do Texas, durante 20 anos e com 1800 americanos na faixa etária de 55 a 65 anos, mensurou a taxa de mortalidade neste período. Os participantes foram divididos em grupos: o dos bebedores contumazes, pesados, com mais de 4 taças de vinho por dia, no qual o índice de mortalidade foi de 60%; e o dos bebedores moderados, com uma ou duas taças por dia, cuja taxa foi de 41%. Essa diferença nos percentuais talvez não seja suficientemente convincente, pois de per si é um indicativo que afetaria “apenas” a longevidade dos seguidores mais fiéis ao deus Baco. Contudo – e aqui reside a grande surpresa –, a taxa de mortalidade dos que nada bebem equivale à dos que ingerem diariamente acima de 4 taças de vinho.

Mas há outros argumentos a favor dos benefícios de um consumo comedido de bons vinhos. Na produção do tinto se incorporam as cascas e as sementes, que com a fermentação produzem o resveratrol, substância pouco presente nos espumantes e brancos, feitos com polpa da fruta. Esse polifenol é um potente antioxidante, é anti-inflamatório, robustece o sistema imunológico, reduz as placas de gordura nas artérias e o risco de alguns tipos de tumor. Comprovadamente diminui as doenças cardiovasculares, pois, ao mesmo tempo que eleva o bom colesterol (HDL), melhora os níveis do mau colesterol (LDL).

O vinho é um bom lubrificante social, é catarse, é disposição para a alegria e confraternização em qualquer grupo. Certamente, aí reside um dos benefícios adicionais que vão além do resveratrol: afastar a melancolia. Até mesmo as Sagradas Escrituras se rendem aos seus encantos, uma vez que “alegra o coração dos homens”. Tomado de regozijo, também o circunspecto Benjamin Franklin se queda ao néctar dos deuses: “O vinho é a prova constante de que Deus nos ama e deseja ver-nos felizes”.

Todavia, há de se considerar algumas consequências funestas: em quantidades elevadas, o álcool promove doenças degenerativas no fígado e no cérebro, bem como gastrites, deletérias para a convivência familiar e laboral. Tais efeitos, além das motivações religiosas, fazem com que o fiel da balança penda a favor dos abstêmios. É delgada a linha divisória entre o consumo moderado de álcool e a dependência, e não há quem desconheça os malefícios do exagero. Além disso, se vinho harmoniza tão bem com queijos, nada combina com direção. Parcimônia, temperança são as palavras de ordem, e o que importa mais é a

qualidade de vida! Mas o que seria consumo moderado? Boa parte da literatura médica estabelece para o vinho uma, eventualmente duas taças (de 250 ml) diárias.

Há os que evitam o vinho (e outras bebidas alcoólicas) por saberem que sua genética tem elevada influência, bastando começar... Um amigo meu, num crescendo, foi de uma taça a uma garrafa por dia, em dois anos... O que aconteceu? Esteatose (gordura) no fígado. O médico foi assertivo: parar por completo por uns meses. E, como melhorou, hoje está restrito a três taças por semana. Donde adotei como filosofia de vida: bebo pouco para beber sempre.

Os vinhos finos nacionais, que representam 16% do total de consumo no país, tiveram um incremento de 66% nas vendas neste primeiro semestre, quando se compara ao mesmo período de 2019. Considerando adultos acima de 18 anos, o consumo per capita no Brasil foi de 2,8 litros/ano, portanto muito aquém dos três países que estão no pódio: Portugal (44), França (41) e Itália (38). Vinho bom é caro, no entanto há um preceito básico: nem todo o vinho caro é bom, mas todo o vinho barato é ruim. E a vida é muito curta para tomar vinhos vulgares.

O vinho é uma bebida tão antiga quanto a civilização: há registros datados de 6000 a.C., sendo onipresente a descrição de porres homéricos nos banquetes greco-romanos e até nas Sagradas Escrituras, que mencionam o fermentado 140 vezes. Há ciência, sim, em relação aos benefícios do vinho, mas nos acaulemos, pois nas redes sociais muitos são os milagres apregoados, tal como acontece com os polivitamínicos. Sonho e glamour é ter a própria vinícola, que, por ser dispendiosa e difícil de colocar o produto no mercado, se compara a um haras. Em tom de blague, já me ensinaram como me tornar um milionário com uma vinícola: bastaria ser um bilionário! E mesmo quando a vida não apresenta motivos para brindar, vale a recomendação de Napoleão: “Nas vitórias é merecido, nas derrotas é necessário”.

Jacir J. Venturi, professor, enólogo, autor de livros e Cidadão Honorário de Curitiba

Pensamentos

- “Entendi que o câncer é uma ameaça, mas não é o fim, é o começo. O câncer não é vilão, mas pode ser – e é – um grande professor. O câncer não é inimigo, mas pode ser um belo agente transformador.”

Ana Furtado, atriz e apresentadora, que aos 45 anos (em 2018) passou por um tratamento quimioterápico

- “Com leis ruins e juízes bons ainda é possível governar. Mas com juízes ruins as melhores leis não servem para nada.”

Otto Von Bismarck (1815-1898), principal estadista europeu do século XIX e eminente arquiteto da unificação alemã, conhecido como “Chanceler de Ferro”

- “La educación es el más humano y humanizador de todos los enpeños.”

*Fernando Savater (n. 1947), escritor e filósofo basco, professor de Ética. Publicou cerca de 45 livros, alguns deles traduzidos para o português, em especial o *Ética para o meu filho*, de 2012*

Quem mandava aqui?

Aníbal Khury (1924-1999) foi eleito deputado estadual por 14 vezes e em diversas ocasiões foi Secretário-Geral e Presidente da Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP), tendo sido responsável pela articulação da criação de 88 municípios paranaenses, ou seja, 22% de um total de 399. Foi o maior guru da história da política das terras dos pinheirais e nenhum governador ousava se confrontar com aquele homem que “fazia chover”.

Do Palácio Iguazu, sede do Governo do Paraná, se apontava para o prédio da Assembleia Legislativa (a menos de 200 metros) e jocosamente se dizia: – Poder, quem tem é o Aníbal. Aqui é Governo.

Ao falecer, em 1999, com 75 anos, contava-se em tom de blague que, insolente, teria perguntado a São Pedro ao chegar ao céu: – Quem mandava aqui?

Texto do autor

Pensamentos

- “A angústia de ter perdido não supera a alegria de um dia ter possuído.”

Santo Agostinho de Hipona (354-430), teólogo e filósofo cristão

- “Viajar é mudar a roupa da alma.”

Mário Quintana (1906-1994), poeta, tradutor e jornalista brasileiro

- Eu sou um pouco de cada familiar, de cada amigo que tenho.

Do autor

Volta às aulas: os maiores desafios estão por vir

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Em abril, eu já afirmava que fechar os prédios escolares seria a parte mais fácil do caminho entre o início do enfrentamento da crise causada pela Covid-19 e o retorno das aulas presenciais. Se a fase de implementação não planejada e emergencial do ensino remoto já tem sido difícil e complexa, muito mais difícil será o retorno das aulas presenciais para gestores escolares, professores e alunos, um contingente de cerca de 65 milhões de pessoas ou 30% da população brasileira.

O retorno após dois meses de férias de verão tradicionalmente sempre foi um momento de alegria, abraços efusivos e a costumeira algaravia de uma escola festiva. Todavia, após esse período excepcional, encontraremos estudantes, professores e funcionários que passaram ou ainda estarão passando por experiências negativas ou até traumáticas, como problemas psicológicos, perda de renda, falta de apoio domiciliar ou óbitos de familiares e conhecidos. Destarte, a essência da primeira e segunda semana possivelmente esteja no acolhimento, na ênfase ao vínculo afetivo, no olhar compassivo e na “escutatória” aguçada. Se esses aspectos já não fossem um suficiente desafio, ainda existirá o fato de que uma nova dinâmica se exigirá, pois o mais provável é que o retorno seja gradual com alternância de dias e séries/anos.

Assim, na Educação Básica brasileira – como em todo o mundo – a tendência será de uma educação híbrida (ou *blended* ou semipresencial), modalidade que combina tanto o professor em sala de aula orientando e expondo conteúdos quanto o discente estudando remotamente em plataformas digitais, ou outras formas de ensino não presencial. Um primeiro avanço nessa direção já havia sido dado nas diretrizes para o novo Ensino Médio, tendo o CNE permitido neste ciclo uma carga horária de até 20% a distância, podendo ir até 30% aos estudantes do noturno e até 80% aos da EJA. A modalidade é positiva, pois desenvolve características muito valorizadas no mercado de trabalho: disciplina pessoal, gestão do tempo, autonomia, fluência digital, foco. Porém, é necessária a maturidade para não embicar para o sedutor mundo digital das redes sociais e outras distrações. Certamente, em poucos anos deixará de existir a dicotomia ensino presencial e ensino a distância, será ensino... e ponto.

Todavia, isto posto, elevada é a necessidade de capacitação de nossos docentes, como se depreende de uma pesquisa do Instituto Península, na qual 83% dos docentes se sentem despreparados para o uso de novas tecnologias educacionais e muito apreciariam receber treinamentos na escola. É recomendável que a instituição de ensino se concentre inicialmente em ferramentas *on-line* de menor complexidade, pois facilita a prática e a troca de experiências para aqueles que se consideram dinossauros digitais.

Nesse sentido, a Covid-19 veio incluir novos parâmetros para avaliação do docente. Há aqueles que se agigantaram com a adoção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e até montaram em casa um miniestúdio para as aulas remotas. Outros, tidos como ótimos didatas no presencial, não possuíam fluência digital, tampouco desenvoltura e espontaneidade diante de uma tela para bem se comunicar com as famílias. Um diretor de escola deu o seu depoimento: “eu tive que contratar ajuda psicológica para 3 professoras, pois entraram em pânico quando viram na tela os seus alunos pequenos, e ao lado deles as mães.”

Adicionalmente, o Parecer 11/20 do Conselho Nacional de Educação (CNE), de 7/7/20 – que tem o escopo de bem orientar o retorno às aulas presenciais –, recomenda o zelo extremado em relação a três temas: 1) perdas de aprendizagem (estimadas entre 30% a 50%, com maior ênfase à Matemática); 2) reorganização do calendário escolar, inclusive com sugestão de um *continuum* curricular 2020-2021, ou seja, o ano letivo de 2020 não se encerra necessariamente em 31 de dezembro; 3) evasão e reprovação (especialmente no Ensino Médio, podendo chegar até 30%).

Este último tema bem reflete o drama que afeta especialmente as famílias de baixa renda, gerando mais desigualdade social: violência, drogas, gravidez precoce (cerca de 500 mil adolescentes de 11 a 19 anos se tornam mães por ano), *bullying*, necessidade de trabalhar ou a percepção de que “a escola é chata” por oferecer um currículo exagerado de 13 componentes curriculares obrigatórios, a maioria desconectada do cotidiano do aluno.

Concernente à aprendizagem, maior deverá ser a heterogeneidade entre os alunos, que se dividirão em três subgrupos: 1) os aplicados, autossuficientes,

com boa estrutura tecnológica domiciliar; 2) os que apenas cumpriram o mínimo indispensável nos estudos e que em parte receberam ajuda de familiares nas avaliações e tarefas *on-line*; 3) os negligentes, desmotivados, muitos deles com problemas reais ou fictícios na conectividade. Será imperativa uma avaliação diagnóstica das lacunas de aprendizagem, com o propósito de se equalizar tanto quanto possível o nível de cada turma. E, na sequência, a aplicação de revisões presenciais e/ou remotas com os estudantes mais defasados, com o devido apoio pedagógico e a adoção de estratégias de recuperação da aprendizagem.

Neste cenário, escola e famílias, em especial agora, deverão ser parceiras, pois é complexa e cara a implementação das normas sanitárias e de biossegurança, bem como a reconfiguração do espaço físico. Serão necessárias compreensão e colaboração de todos, pois a maioria das escolas privadas estará com os cofres combalidos conquanto as públicas precisarão enfrentar um custo adicional de 30 bilhões, segundo estimativa do Instituto Unibanco, num contexto em que o governo também está esquelético em suas finanças. Da direção escolar, mais do que nunca, uma boa comunicação e a transparência diante da comunidade escolar serão extraordinariamente relevantes, devendo estar presentes a assertividade e também uma boa gestão de pessoas, instituindo regras bem definidas, sobretudo as que envolvem protocolos de higiene e biossegurança na escola, tendo em vista que os pais compreensivelmente estarão muito inseguros em relação ao perigo de contágio de seus filhos.

Para finalizar, é a hora e a vez de parafrasear o refrão de um grande banco: “nós vamos acertar, vamos errar, mas de braços cruzados não vamos ficar”. Penosa e repleta de incertezas está sendo esta travessia, como se estivéssemos navegando em noite escura, sem carta náutica. Numa *live* de que participei, o outro painalista comentara o quanto o coronavírus é um desconhecido, e eu repliquei em tom de blague: “esse vírus só pode ter sido criado por um matemático; só tem incógnitas”. Nesta travessia, enlevados de boa espiritualidade, sejamos flexíveis, resilientes e, sobretudo, solidários, sendo oportunas as palavras de Dalai Lama: “A ajuda aos semelhantes nos traz sorte, amigos e alegria; sem ajuda aos semelhantes, acabaremos imensamente solitários”.

Jacir J. Venturi é membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e diretor de escolas públicas e privadas, e das universidades UFPR, PUCPR e UP

Pensamentos

- “A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplauso.”

Charles Chaplin (1889-1977), diretor de cinema britânico, considerado o melhor ator do cinema mudo pelo uso da mímica

- “O problema do mundo de hoje é que as pessoas inteligentes estão cheias de dúvidas, e as pessoas idiotas estão cheias de certezas.”

Bertrand Russell (1872-1970), de família aristocrata inglesa, reputado como um dos mais notáveis intelectuais do século XX, como filósofo e matemático. Ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1950

- Sejamos como um próton: sempre positivo.

Facécia motivacional popular

Avô babão... ou bobão

- 1) Meu neto Guilherme, então aos 4 anos de idade, estava no elevador do nosso prédio com a avó quando uma vizinha muito solícita se aproxima e diz para ele:
– Você é muito lindo, sabia?
Ao que ele responde:
– Eu não sou lindo, sou feliz.
- 2) Não me canso de repetir:
– Os filhos vêm para serem nossos professores, os netos para nosso deleite.
- 3) E em tom de blague, rememoremos Gore Vidal, escritor norte-americano: “Nunca tenha filhos. Só netos.”

Texto do autor

Pensamentos

- “Aquele que fala semeia; aquele que escuta recolhe.”

Pitágoras de Samos (570 a.C.-496 a.C.) filósofo e matemático grego jônico creditado como o fundador do movimento chamado Pitagorismo

- “Perdoe seus inimigos, mas não esqueça os seus nomes.”

John Fitzgerald Kennedy (1917-1963), político e ex-presidente estadunidense, assassinado em Dallas aos 57 anos

- “Se formos parar para jogar pedras em cada cachorro que latir para nós ao longo do caminho, não vamos chegar ao destino.”

Sir Winston Churchill (1874-1965), político conservador e estadista britânico

Por ela todos nós aceitaríamos morrer, se preciso

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Em 1832, Évariste Galois, atualmente reconhecido como um dos mais criativos matemáticos, envolveu-se perdidamente com a noiva de um atirador de pistola, bom de gatilho, que o desafiou a um duelo no raiar do dia seguinte, nas cercanias de Paris. Sabedor de que suas chances de sobrevivência seriam diminutas, Galois passou a noite escrevendo cerca de 60 páginas de novas teorias matemáticas. Antes do amanhecer, o nosso incauto matemático escolheu uma de suas pistolas, dirigiu-se ao local adrede combinado. Seguindo o ritual da época, os dois oponentes distanciaram-se 25m e, ao se virarem, Galois recebeu o balaço fatal. Em nome da honra, uma grande perda para a ciência, pois Galois tinha apenas 20 anos de idade.

Semelhantemente, outro relato histórico é de um ateniense que foi até o chefe persa oferecendo a própria vida para pedir clemência a seus compatriotas presos. Quando quiseram forçá-lo a ajoelhar-se diante do chefe sátrapa, repeliu com altivez: “vim dar minha vida, não minha honra”.

Se no passado já fora relativamente comum, aceito e até valorizado o sacrifício extremo pela honra, homens e mulheres – palestrou Luc Ferry, filósofo francês e autor de obras bem vendidas – também deixaram muitas vezes a família em segundo plano, para arriscarem suas vidas por uma das três grandes causas: Deus, pátria ou ideologia.

Todavia, gigantescas transformações aconteceram, especialmente nos últimos 50 anos, e não apenas em relação às tecnologias, mas também aos costumes. Se de um lado o modelo tradicional e hierárquico – pai, mãe e filhos, correspondendo a 61% dos lares segundo o último Censo do IBGE em 2010 – é apenas uma das alternativas de construção familiar, mais do que nunca se

valorizam os vínculos afetivos entre as pessoas que coabitam. Em uma palestra em Curitiba, Ferry foi enfático: “A família é a única entidade realmente sagrada na sociedade moderna, aquela pela qual todos nós aceitaríamos morrer, se preciso”.

A família, em sua concepção contemporânea, continua sendo a base da ordem social e, segundo pesquisas internacionais, é o principal ingrediente de felicidade quando se confronta com poder, dinheiro, fama, política, ideologias, religião e honra. E vale o oposto, pois nada mais infelicitiza o ser humano do que pertencer a uma família desestruturada e uma convivência desarmoniosa ou conflituosa. Na vida, algumas negligências são até admissíveis, menos em relação à família, cujas consequências são, por vezes, irreparáveis. A vida profissional, apesar de suas elevadas exigências, pode muito bem ser ajustada a uma vida familiar equilibrada.

Em qualquer uma de suas configurações, à família é indispensável a presença do vínculo afetivo, da cooperação, do respeito, da solidariedade e de uma escala de valores compartilhada. Coabitar, morar juntos, é viver de fases de êxtases, alegrias, mas também de frustrações. Discordâncias são até salutares, mas uma relação familiar só será vitoriosa na medida do diálogo, da tolerância, das concessões mútuas. As maiores destruidoras de afetos em uma família são a indiferença e a falta de diálogo.

Em uma de suas homilias de Páscoa, o Papa Francisco bem se manifesta ao discorrer que não existe família perfeita, mas sim um grupo de pessoas cheias de defeitos, e complementa: “sem o perdão, a família se torna uma arena de conflitos e um reduto de mágoas. O perdão é vital para a nossa saúde emocional e sobrevivência espiritual. Nós não nascemos onde merecemos, mas onde necessitamos evoluir”. Para Platão, a grandeza do ser humano está na virtude – *aretê*, em grego – e, como recompensa, é a prática das virtudes que propicia a felicidade genuína.

Jacir J. Venturi, professor e diretor de escolas públicas e privadas por 50 anos, é pai de três filhos e avô de três netos, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná e Cidadão Honorário de Curitiba

Pensamentos

- “Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente. Quem sobrevive é o que melhor se adapta às mudanças.”

Leon C. Megginson (1921-2010), professor da Louisiana State University, quando em 1963 apresentou a sua interpretação da ideia central de A Origem das Espécies, de Charles Darwin

- “A política do PT é a arte de pedir votos aos pobres, pedir dinheiro aos ricos e mentir para ambos. Na realidade não sabem fazer mais nada na vida.”

Antônio Ermínio de Moraes (1928-2014), engenheiro e industrial paulista, foi presidente do Grupo Votorantim

- “En la vida hay que evitar tres figuras geométricas: los círculos viciosos, los triângulos amorosos, y las mentes cuadradas.”

Mario Benedetti (1920-2009), poeta, escritor e ensaísta uruguaio

Dormindo com o inimigo

O pai do professor Jacir Venturi foi expedicionário na Segunda Guerra Mundial e lutou nos campos da Itália contra os nazistas. Retornando ao Brasil, em pouco tempo estava casado com uma donzela de 15 anos – pasmem –, uma bela e legítima descendente de alemães. Depois de muitos anos de casamento, o prof. Jacir gostava de fazer blague com o velho, na frente de sua mãe:

– E aí, pai, qual das guerras foi pior? – referindo-se à Segunda Guerra e ao casamento. Naturalmente, o velho dava boas risadas, mas certo dia, à prudente distância da esposa, fez uma pausa, gargalhou e disse:

– Na Segunda Guerra, o inimigo era conhecido, e a gente tinha chance de sobreviver!

Coluna do Malu – publicada na Gazeta do Povo

Pensamentos

- “Os idiotas vão tomar conta do mundo. Não pela capacidade, mas pela quantidade. Eles são muitos.”

Nelson Rodrigues (1912-1980), escritor, jornalista, romancista, teatrólogo, contista e cronista de costumes e de futebol brasileiro

- Não é difícil avô atender os desejos dos netos, o difícil é atender todos os desejos da avó dos netos.

Do autor

- “99 acertos, nenhum elogio; 1 erro, mil condenações.”

Dito hiperbólico popular

Gigantesco desafio para as escolas, em especial as privadas

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Satisfeitas as necessidades humanas básicas segundo a hierarquia da Pirâmide de Maslow – respiração, alimento, sono, excreção, sexo –, na sequência advêm outras, como segurança, saúde e educação. A saúde é um bem essencial, de tal sorte que Napoleão Hill afirma que, “se você tem saúde, jamais diga que a vida não lhe deu uma oportunidade”. A educação, por sua vez, não só propicia estratégias e oportunidades para a ascensão social, mas também nos coloca em trilhos civilizatórios.

Ademais, há hoje muita insegurança quanto ao mundo pós-coronavírus, com recessão econômica e ampliação das desigualdades sociais. O cenário mundial que atualmente vivenciamos é singular, sendo a pandemia não apenas sanitária, mas também socioeconômica, com impactos deletérios que evidentemente atingirão as escolas. Especificamente neste segmento, este vírus paralisou até o momento as aulas presenciais em 188 países, afetando 1,5 bilhão de estudantes, o que corresponde a 89,5% do total de alunos no mundo, conforme dados da Unesco, órgão da ONU responsável por esse monitoramento.

A pandemia da Covid-19 promove tantas incertezas e volatilidades que poucas atividades econômicas deixarão de sofrer impactos dilacerantes, conquanto toda a crise gera oportunidades. Como me disse o reitor de uma universidade: Crise? Tire o S, crie! E, como a necessidade é a mãe da inovação, o momento é oportuno para a tão debatida e necessária transformação digital de nossas escolas, que em geral ainda pouco se diferenciam daquelas de 50 anos atrás. “Essa crise terá efeitos perenes sobre a forma de aprender (...) criando novos hábitos e comportamentos, tanto nas famílias quanto nas instituições de ensino” – bem complementa o experiente diretor de uma rede de ensino, Paulo Arns Cunha.

E mais do que vultosos investimentos em tecnologias, elas necessitam de uma intensa capacitação de professores e gestores para que o processo ensino-aprendizagem possa agora ter sequência na modalidade a distância, até que possamos retornar à normalidade. E o uso destas ferramentas também traz o benefício de induzir nos estudantes o desenvolvimento da fluência digital, uma das mais importantes competências do mundo contemporâneo.

Assim, as direções de escolas têm pela frente um trabalho de Hércules, com a difícil missão de minimizar o impacto da paralisação das aulas presenciais e, conseqüentemente, reorganizar o calendário letivo, implementar o ensino em plataformas digitais, atendendo aos anseios das famílias com suas legítimas e diversas necessidades. E, no caso das escolas particulares, administrar a queda da arrecadação com poucas possibilidades de redução de custos. Muito pelo contrário, a implantação de meios e tecnologias de informação e comunicação, em um curto espaço de tempo, implica numa exacerbação nas despesas.

Por estes e outros fatores, é momento de nossos políticos não atrapalharem a boa relação entre famílias e escolas privadas, pois inoportunos são os projetos de lei apresentados em várias casas legislativas, que propõem a imposição de uma redução linear nas mensalidades escolares. É evidente que toda escola deve reconhecer a gravidade da perda do poder aquisitivo de muitos lares, mas isso deve ser resolvido mediante negociação com cada instituição, cada família, caso a caso. Um porcentual fixo e generalizado, como tem sido proposto, não vai atender uma parte das famílias por ser um índice insuficiente, enquanto há outras famílias mais capitalizadas que, com um pouco de aperto, suportariam a manutenção do valor contratado. É justamente o que o próprio Procon recomenda: o diálogo deve ser o instrumento primordial para a construção de um acordo que seja bom para ambos os lados. Uma redução exagerada e compulsória no valor das mensalidades pode cravar a insolvência de não poucas escolas, com impactos econômicos e sociais que vão complicar ainda mais a crise que enfrentamos.

Afinal, as instituições de ensino da livre iniciativa, compostas de colégios, faculdades e universidades, empregam 1,7 milhão de profissionais e atendem quase 15 milhões de alunos, o que corresponde a 17% das matrículas da educação básica e 74% das faculdades. No Paraná, são quase 2 mil escolas particulares com cerca de 730 mil matrículas. Cumpre destacar que, em Curitiba, a subdivisão é praticamente equânime nas três redes, pois na educação básica um terço delas está em escolas estaduais, um terço nas municipais e um terço nas particulares.

O segmento das escolas particulares é altamente concorrencial e com grande capilaridade, pois está presente em todos os municípios, em todos os bairros das grandes cidades. Uma das maiores riquezas de um país está na pluralidade

de suas escolas – sejam elas públicas, particulares, confessionais, comunitárias, laicas. E isso ocorre mesmo sendo um segmento com alta tributação, pois cerca de um terço do valor da mensalidade é destinado ao fisco. Via de regra, outras nações não aplicam tributo algum sobre a escola privada, pois se entende que está desonerando o Estado.

No momento em que vivemos, temos um compromisso ainda mais necessário, imperativo: trabalhar, lutar por uma educação de qualidade, não importa se pública ou privada, um divisionismo retrógrado, antipatriótico que só faz perdedores. Há muito que nos une, pouco que nos divide. Não é enfraquecendo a escola particular que se fortalecerá a pública, e sem escola pública de qualidade jamais seremos uma nação com justiça social. Cabe, agora ainda mais do que nunca, o espírito de cooperação.

“A escola é a nova riqueza das nações. Passou a valer mais que a fábrica, o banco, a fazenda” – faz-se oportuno Peter Drucker, renomado consultor norte-americano. A nossa matéria-prima é a mais nobre que existe na face da Terra: nossas crianças, adolescentes e jovens. Somos educadores e, como educadores, não temos o direito de ser medianos. Cabe-nos o dever da busca incessante pela qualidade de ensino, em qualquer contexto, mesmo que haja nuvens borrasquentas no céu.

Jacir J. Venturi foi professor e diretor de escolas públicas e privadas, presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Paraná (Sinepe/PR) entre 2012 e 2016, e é membro do CEE/PR como representante das escolas privadas do Paraná

Pensamentos

- “Fiquei magoado, não por teres mentido, mas por não poder voltar a acreditar-te.”

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) como filósofo exerceu e exerce grande influência no Ocidente. Autor de várias obras, com destaque para Assim Falou Zarathustra

- “Para um homem esforçado a terra não será preguiçosa.”

De uma pecuarista sul-matogrossense

- “Estatística é igual a biquíni, mostra tudo menos a melhor parte.”

Roberto Campos (1917-2001), de origem humilde de Cuiabá, formou-se em Filosofia e Teologia em seminário católico. Foi ministro, diplomata, político e escritor

FHC e o pacto com o diabo

Em abril de 1996, o presidente Fernando Henrique Cardoso convocou a seu gabinete a Ministra da Indústria Comércio e Turismo, Dorothea Werneck, por quem tinha elevado apreço pessoal e que apresentava um bom desempenho na função executiva. No encontro comunicou que, embora pesaroso, teria de exonerá-la para abrigar um acerto partidário com Francisco Dornelles (PPB/RJ). Ambos se abraçaram e choraram, conforme registrou em seu diário o ex-presidente tucano: – Eu estava fazendo pacto com o diabo. Fui ficando com raiva de mim mesmo.

Texto do autor

Pensamentos

- “Nunca discuta com ignorantes: você será arrastado ao nível deles, que irão vencer pela maior experiência na burrice.”

Mark Twain (1835-1910), escritor e humorista estadunidense crítico do racismo

- Quando McCain perdeu para o Obama, no discurso de derrota ele disse: “Ele era meu adversário, agora é meu Presidente”. Isso é manter a união do País.

John McCain (1936-2018), foi senador pelo Arizona por 31 anos e candidato do Partido Republicano à Presidência dos EUA

- “Você tem que usar o *wi-fi* público com o mesmo cuidado com o qual utiliza um banheiro público.”

Fábio Assolini, analista de segurança da Kaspersky

Brasil, um país que ainda negligencia a Matemática

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Os poucos oásis que temos em pesquisa matemática não seriam motivo para nosso desalento, mesmo sabendo que não é diferente em outros países em desenvolvimento, se um dos grandes males que verdadeiramente nos acometem não fosse a cultura de pouca valorização à Matemática e à têmpera racional da mente, como também pouco valorizamos o mérito, o esforço e o bom rendimento escolar.

Contribuem para esse cenário as seduções do mundo digital, de conteúdo geralmente fútil, quando não pernicioso, que contribui para que a maioria de nossas crianças e adolescentes tenha preguiça de pensar, não mergulhando fundo nos conteúdos, conseqüentemente resultando no aprendizado *fast-food*, fugaz: aprende rápido e esquece rápido.

Contudo, em tempos da eclosão da inteligência artificial, algoritmos, mineração de dados e da 4.^a Revolução Industrial, nunca se deu tanto valor para o profissional com boa capacidade de raciocínio, capaz de tomar decisões lógicas (“resolvedor” de problemas) e com bom domínio das ciências dos números.

Todavia, todas as avaliações nacionais ou internacionais corroboram com a assertiva de que não temos uma cultura de valorização das Ciências Exatas. No último Saeb, por exemplo, apenas 9,1% dos concluintes do Ensino Médio apresentaram aprendizado adequado dos conteúdos de Matemática. Ademais, entre 78 países participantes do último Pisa nos posicionamos na 71.^a colocação em Matemática, o pior resultado dos países latino-americanos participantes, ou seja, atrás de Uruguai, Chile, Peru, Colômbia e Argentina.

O Pisa revelou, também, que 68,1% dos nossos adolescentes de 15 anos de idade não possuem nível básico em Matemática, considerado o mínimo necessário para o exercício pleno da cidadania. A próxima aplicação do Pisa, em 2021, será com ênfase em Matemática, uma vez que, mesmo poucos sabendo, a cada aplicação se dá alternadamente ênfase a um dos três domínios – Leitura, Ciência e Matemática.

Destarte vale o alerta: é tempo, é hora de uma capacitação de nossos discentes e docentes, para buscarmos um ponto de inflexão nos desempenhos escolar e acadêmico que, historicamente, apresentam uma curva descendente. Nesse sentido, o INEP/MEC já se comprometeu em preparar um material na forma de pré-testes, com foco em conteúdos matemáticos, que será disponibilizado às escolas.

Para uma evolução crescente e sustentável, é necessário compreender que é com muito esforço que se aprende a raciocinar, além de ser uma atividade praticamente solitária. Para muitos, a Matemática é vista como uma ciência lúgubre, sinistra, abstrata e com cara de poucos amigos. Por isso mesmo, em tom jocoso, se diz que a Matemática não se aprende só com cérebro, mas também com as nádegas: é preciso uma cadeira, uma mesa, folhas de rascunhos (ou algum equivalente tecnológico), um ambiente silente e, antes de tudo, disciplina e boa disposição para resolver problemas mais complexos.

Ainda que a Matemática seja a “rainha e serva de todas as ciências”, pois não há ciência sem fundamentação matemática, seguramente tem o condão de desenvolver a têmpera racional da mente. Todos os que sobre ela se debruçaram intensamente por ela se apaixonaram. É um “mundo de infinita harmonia”, nas palavras do escritor Ernesto Sábato.

Quando em visita ao Brasil, Howard Gardner – psicólogo cognitivo, professor de Harvard, autor da Teoria das Inteligências Múltiplas – ministrou palestra (a qual tive o privilégio de assistir) sobre o espectro das nove inteligências por ele propostas. Ao ser indagado sobre as mais valorizadas para o mercado de trabalho, Gardner foi enfático: “É a combinação da união do pensamento lógico com a capacidade de lidar com as pessoas”. Assim, desenvolver na criança e no adolescente a inteligência lógico-matemática é papel preponderante dos pais e professores.

Em relação ao desempenho historicamente ruim de estudantes da Educação Básica, um bom alento advém da Implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já no decurso de 2020 para o Ensino Fundamental e a partir de 2022 para o Ensino Médio. Luzes e esperanças estão sendo lançadas, pois entre outras habilidades está a ênfase ao raciocínio lógico, assim espera-se relegar às calendas gregas o ensino essencialmente conteudista, afeito a memorizações e hermeticamente dividido em componentes curriculares.

Jacir J. Venturi, formado em Matemática e Engenharia, autor dos livros Álgebra Vetorial e Geometria Analítica (10ª edição) e Cônicas e Quádricas (6ª edição). Foi professor e diretor de escolas públicas e privadas

Pensamentos

- “O melhor programa econômico de governo é não atrapalhar aqueles que produzem, investem, poupam, empregam, trabalham e consomem.”

Visconde de Mauá (1813-1889), comerciante, armador, banqueiro e que em muito contribuiu para a industrialização do Brasil

- “Se você tem uma visão permanente de si mesmo como vítima, você se torna seu próprio opressor.”

Candace Owens (n.1989), comentarista e ativista da política conservadora estadunidense

- “Não é a política que faz o candidato virar ladrão. É o seu voto que faz o ladrão virar político.”

Meme das redes sociais

Pelé expulso? Não, que seja expulso o juiz

Em 1968, em Bogotá, transcorria um amistoso da Seleção da Colômbia contra o Santos. O juiz, tendo sido insultado por Pelé, expulsou de campo o “Rei”. Tantas foram as vaias e os apupos da torcida que a Federação Colombiana de Futebol retirou de campo o dito juiz, de nome Guilherme Velasquez (bom juiz, tendo inclusive apitado na Copa do Mundo de 1970 e em quatro Olimpíadas), sendo substituído por um dos bandeirinhas. Pelé, às pressas, retornou triunfante do vestiário com uma chuteira no pé e outra na mão. O time brasileiro venceu por 4 x 2.

Texto do autor

Pensamentos

- “Dar exemplo não é melhor maneira de influenciar os outros. É a única.”
Albert Schweitzer (1875-1965), teólogo, filósofo e médico alemão, nascido na Alsácia, então parte do Império Alemão
- “O Brasil vai sair da barbárie para a decadência, mas sem conhecer a civilização.”
*Claude Lévi-Strauss (1908-2009), antropólogo, professor e filósofo belga naturalizado francês. Em 1935 participou da Comissão Francesa para a criação da USP e com apenas 26 anos assumiu a cadeira de Sociologia. Aqui permaneceu de 1935 a 1939, viajando pelo Brasil e desenvolvendo pesquisas etnológicas em tribos indígenas. Desta experiência, publicou seu conceituado livro *Tristes Trópicos**
- Mario Quintana, que morreu solteiro, dizia: “prefiro deixar várias pretendes esperançosas a uma desiludida.”

O coração, morada do amor e dos sentimentos, é terra que ninguém pisa

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Qual coração não guarda seus segredos? Fantasias, desejos?

Ninguém adentra o íntimo de outrem – por isso coração é terra que ninguém pisa, como bem expressa a sabedoria popular, que também admite que o coração é a morada do amor e dos sentimentos. Se ninguém pisa, não é só

por ser impossível de se apoderar dele pela força, mas também por ser ilógico, imprevisível, pois todo o amor é uma amálgama de êxtase e sofrimento. Como nos versos da consagrada goiana Cora Coralina, “quis ser um dia jardineira de um coração. Nasceram espinhos e nos espinhos me feri.”

Na mesma toada, temos o poema da mineira Adélia Prado, ainda mais pungente: “o amor é a coisa mais alegre, o amor é a coisa mais triste, o amor é a coisa que mais quero.” A aceitação dessa alternância entre fases ditosas e frustrantes torna a vida mais leve. Rejeitar a tristeza ou o sofrimento é como rejeitar a própria condição humana.

Para mitigar as dores do coração é comum buscar racionalidade nas relações afetivas. Ou seja, chega a Dona Razão para tentar pôr ordem na casa, porém entre o cérebro e o coração cabe um oceano. Temos dentro de nós dois cães que se litigam todos os dias: um representa a emoção e o outro, a razão. Qual dos dois vence a briga? Aquele ao qual damos mais comida, por isso os dois precisam ser alimentados com porções iguais. O equilíbrio entre os sentimentos e a inteligência é a essência de uma vida de contentamento interior, o que requer disciplina pessoal, esforço e boas escolhas do nosso livre arbítrio.

Uma relação a dois será vitoriosa se igualmente ambos se dispuserem a dialogar, ceder e tolerar. As discordâncias fazem parte do cotidiano de um casal – afinal são dois seres oriundos de históricos familiar e individual diferentes, e cada um vem com suas crenças e escala de valores. Mas que prevaleçam a boa comunicação e a força dos bons argumentos. E se um entra em crise ou surta, o outro deve se conter, manter o equilíbrio, pois danoso para a relação é quando simultaneamente os dois entram em crise. Se os dois acham que têm razão, aí começa a tragédia – parafraseando Shakespeare.

Igualmente salutar é a prática da empatia, uma habilidade que se faz condzente quando se analisa a etimologia da palavra: do grego *en* (dentro) + *pathos* (sentimentos). Destarte, empatia significa “dentro do sentimento do outro”; colocar-se no lugar do outro, com interesse genuíno.

As maiores destruidoras de afetos não são as divergências, mesmo quando descambam para momentos de raiva, mas sim as mágoas. Por isso, bem vindas são as palavras do Apóstolo Paulo: “que não se ponha o sol sobre a vossa ira”.

Contraponto à solidez da consagrada expressão “até que a morte nos separe”, vivenciamos hoje uma maior fragilidade nos laços afetivos, baixos vínculos

– que Zygmunt Bauman definiu como amores líquidos, e que, para ele, geram níveis de insegurança cada vez maiores. Mas também podemos constatar que os sentimentos são mais realistas, e com maior qualidade, enquanto duram.

Sendo os casamentos menos duráveis, um pai muito brincalhão diz que aconselhava a filha a antes de tudo preocupar-se não em arranjar um bom marido, mas um bom ex-marido, pois é ele que vai pagar a pensão; é ele que vai ajudar a criar os filhos. Também tem a galhofa daquele engenheiro que fazia a defesa do casamento com sua lógica própria: é tão bom que já estou no terceiro.

O amor teima em resistir à racionalidade. E ninguém prescutoou tão profundamente os labirintos da alma humana quanto Sigmund Freud, que afirma: “a grande questão que nunca foi respondida e para a qual eu ainda não tenho resposta, apesar dos meus trinta anos de pesquisa da alma feminina, é: o que deseja uma mulher?”

Em tempos de igualdade de gênero, concedamos às mulheres o mesmo direito a proclamar em alto e bom som: o que deseja um homem? Destarte, o amor existe para ser vivido e não compreendido.

Jacir J. Venturi foi diretor de escolas, professor e/ou coordenador da UFPR, PUCPR, Universidade Positivo e autor do livro Da Sabedoria Clássica à Popular (3ª edição)

Pensamentos

- “Pessoas negativas não enxergam soluções e aumentam os problemas. Preferem a lamentação, a murmuração, o pessimismo. Melhor é acender o fósforo que lamentar a escuridão. Pequena é a abelha, que produz o que de mais doce existe. Somos o que pensamos. O pensamento negativo gera energia negativa que se transforma em doença.”

Dr. Drauzio Varella (n. 1943), médico e escritor, formado na USP

- “Viver é isto: ficar se equilibrando, o tempo todo, entre escolhas e consequências.”

Jean-Paul Sartre (1905-1980), escritor, crítico e filósofo francês. Dele são também duas frases icônicas: 1) “O inferno são os outros.”; 2) “O importante não é o que fizeram de nós, mas o que fazemos do que fizeram de nós.”

- “Ninguém morre virgem, a vida fode todo mundo antes disso.”

Kurt Cobain, vocalista e guitarrista da famosa banda Nirvana. Em 1994, com 27 anos, se suicidou com um tiro de espingarda na cabeça, em sua casa em Seattle, EUA. Era viciado em heroína

Nada de raivinha... só quero metade!

Ivana foi casada com Donald Trump por 15 anos, com quem teve três filhos. Em 1992, após um acordo milionário de separação (ficou com US\$ 50 milhões), diante das câmeras de TV aconselhou as mulheres: – Não fique com raiva. Fique com metade.

Texto do autor

Pensamentos

- “As desavenças humanas são desavenças das palavras.”
Baruch Espinosa (1632-1677) foi um dos grandes racionalistas e filósofos do século XVII
- “Ajuda teus semelhantes a levantar a carga, mas não a carregues.”
Pitágoras de Samos (570 a.C.-496 a.C.), filósofo e matemático grego-jônico creditado como o fundador do movimento chamado Pitagorismo
- “Sábio é aquele que percebe que saúde é o que ele tem de mais valioso.”
Hipócrates (460 a.C.-370 a.C), grego frequentemente considerado “Pai da Medicina”. Outra frase dele muito recorrente: “Que seu remédio seja seu alimento, e que seu alimento seja seu remédio.”

Ser voluntário, não voluntarioso; ser solidário, não solitário

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

De início, um leve jogo de palavras que recomendo para quem deseja desfrutar da genuína felicidade: seja solidário para não ser solitário; seja voluntário e não voluntarioso. São atitudes e posturas que humanizam quem dá e quem recebe, pois levam dignidade, proporcionando a transformação interior e o prazer de se sentir útil. Ao contrário, o voluntarioso (do latim *voluntas*, vontade) age seguindo a própria vontade, de modo egoísta com seus próprios caprichos, pouco se importando com o outro.

Atualmente, ser ou ter sido um ator social é muito valorizado para a empregabilidade, pois as empresas buscam colaboradores que sabem se doar, são proativos, não se apequenam diante das vicissitudes e conflitos. Enfim, a experiência com boa dedicação à assistência social é habilidade reconhecida, porque traz maiores possibilidades para compartilhamento de energia positiva e desenvolvimento de competências socioemocionais também no mundo corporativo.

Há que se considerar que o chamado 3.º setor, formado por organizações de iniciativa privada sem fins lucrativos, já movimenta 1,2% do PIB brasileiro, apesar de distante dos 5% alcançados por vários países desenvolvidos. A participação comunitária é um dever de consciência social e um dos mais nobres exercícios da cidadania. Somos um país desigual, mas não pobre, e a justiça social neste país não será conquistada apenas pelos governos, mas em conjunto com as ações solidárias de cada um de nós.

Neste contexto, a boa notícia é que os jovens em geral são sensíveis ao chamamento por uma maior participação comunitária, como bem comprova uma pesquisa que realizamos em três escolas de Curitiba, com 1.900 estudantes: apenas 8% deles participam regularmente de ações solidárias promovidas pela escola, família, igreja, em contrapartida, porém 71% gostariam de participar e não sabem como.

Milhares de jovens estão fazendo a sua parte, mas é pouco, muito pouco para um Brasil que necessita de maior equidade econômico-social, ainda mais existindo outros milhares de jovens com tempo disponível, bem-instruídos, bem-nutridos e, no entanto, voluntariosos e hedonistas (do grego *hedoné*, prazer), seduzidos pelo consumismo. Um quase hino à apatia, pois boa parte deles pratica o refrão “deixa a vida me levar”, de Zeca Pagodinho, conquanto essa bela música tem um estribilho reparador: “mas meu coração é nobre”.

Isso nos faz questionar quantos são os jovens a parasitar numa torre de marfim? Uma vida irreal, pois blindado é o seu mundo das redes sociais, dos shoppings, dos condomínios ou dos prédios-fortaleza. Jamais poderíamos afirmar que essa geração é melhor ou pior que as antecedentes, e sim que é diferente, é *sui generis*. É fato também que o consumo de drogas – em especial cocaína, crack, MDMA – cresce de maneira alarmante.

Ademais, inquieta um estudo com base em dados do IBGE que revela a precocidade com que os pré-adolescentes de 13 a 15 anos bebem álcool: ao menos uma vez por mês, sendo 25,1% de garotas e 22,5% de garotos. Para efeito de comparação, nos EUA é menos de 10%, pois nessa faixa etária os controles são rigorosos. É um hábito devastador. O consumo antes dos 21 anos aumenta em cinco vezes a probabilidade de dependência, sem contar ser altamente prejudicial para o organismo.

E as escolas devem fazer sua parte, promovendo com seus alunos ações comunitárias, afinal, uma ação organizada e unida ao entusiasmo produz uma força de transformação poderosa. Por muitos anos, como diretor de escola, juntamente com professores e pais, promovemos uma boa e contínua integração dos nossos alunos com a comunidade de algumas creches, asilos e escolas de periferia. E ao final, colhíamos depoimentos. Um dos adolescentes assim se manifestou: “quando estou praticando o voluntariado esqueço os meus problemas, até porque eles são pequenos diante daquela realidade que estou vivenciando”. Até mesmo uma das professoras fez blague: “quem não está gostando é a minha psiquiatra e o meu psicólogo, pois com essa vivência abandonei os remédios e a terapia contra a depressão”.

A solidariedade é um dever moral e que vai além dos preceitos religiosos. Quem não tem em seu coração amor ao próximo sofre da pior doença cardíaca.

Jacir J. Venturi, cidadão honorário de Curitiba, foi professor, diretor de escolas e presidente do Sinepe/PR, onde, juntamente com outros professores, implementou 750 ações comunitárias em creches, asilos e escolas de periferia

Pensamentos

- “Você tem todo o direito de não gostar de política, mas sua vida terá influência e será governada por aqueles que gostam. Portanto, o castigo dos bons que não fazem política é ser governado pelos maus que a fazem.”

Platão (428 a.C.-348 a.C.) foi aluno de Sócrates e fundador da Academia de Atenas

- “Nós não precisamos de muita coisa. Só precisamos uns dos outros... e de sonhos.”

Oscar Wilde (1854-1900), poeta, dramaturgo e escritor irlandês

- “Se os porcos pudessem votar, o homem com o balde de lavagem sempre seria eleito, não importa quantos porcos já houvesse abatido.”

Orson Scott (n. 1951), escritor norte-americano, autor de diversos livros de ficção científica

10 dicas preciosas do bilionário Warren Buffet

- 1) Nunca dependa de uma única fonte de renda.
- 2) Faça investimentos para criar fontes alternativas de renda.
- 3) Se você compra coisas de que não precisa, logo terá de vender as coisas das quais precisa.
- 4) No mundo das ações (Bolsa de Valores), o espelho retrovisor é sempre mais claro que o para-brisa.
- 5) Não poupe o que restou após gastar, gaste o que sobrou depois que poupar.
- 6) Nunca teste a profundidade de um rio com os dois pés.
- 7) Não se pode fazer um bom acordo com uma pessoa má.
- 8) Um homem rico deve deixar aos seus filhos o suficiente para que possam fazer o que quiserem, mas não o suficiente para que não tenham de fazer nada.
- 9) As pessoas realmente bem sucedidas dizem não para quase tudo.
- 10) Só quando a maré baixa você descobre quem estava nadando pelado.

Obs.: por suas lições, Warren Buffet (n. 1930) recebeu o epíteto de “Oráculo de Omaha”, em referência à cidade onde mora, no meio-oeste dos EUA. Reconhece gostar de ensinar e que sua vocação primeira seria a de professor. Sua fortuna é de cerca de 102 bilhões de dólares, obtidos com um retorno médio de 20% ao ano, nos últimos 50 anos, fruto de aplicações, essencialmente em ações. Começou a investir na Bolsa aos 11 anos. Após concluir o curso de Administração na Universidade de Nebraska, Buffet foi rejeitado pela Universidade de Harvard, fato que ele próprio classifica como “a melhor coisa que aconteceu na vida”. Afinal, se tivesse seguido a carreira acadêmica naquele momento, teria perdido o *timing* para fazer prosperar os seus negócios que já iam bem. Saliente-se, no entanto, que posteriormente fez mestrado em Economia na Universidade de Columbia. Além de megainvestidor, a Buffet cabe o nobre mérito de ser um dos maiores filantropos de todos os tempos, tendo doado à fundação Bill & Melinda Gates cerca de 40 bilhões de dólares.

Texto do autor

Pensamentos

- “Tem ideia de quanto mal fazemos por essa maldita necessidade de falar?”

Luigi Pirandello (1867-1936), dramaturgo, poeta e romancista italiano

- “No Brasil, o marxismo adquiriu uma forma difusa, volatizada, atmosférica. É-se marxista sem estudar, sem pensar, sem ler, sem escrever, apenas respirando.”

Nelson Rodrigues (1912-1980), escritor, jornalista, romancista, teatrólogo, contista e cronista de costumes e de futebol brasileiro

- “A Igreja Católica informa que a partir dos 65 anos as traições deixam de ser pecado passando a ser pequenos milagres .”

Dito chistoso em uma roda de amigos

Promover a fluência digital é imprescindível

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Um escritor espanhol do século XVIII dizia que, se rei fosse, determinaria às escolas não mais disciplinas de oratória, e sim de “escutatória”. Parafrazeando, em analogia, eu diria que, se rei fosse, universalizaria, em escolas públicas e privadas, ações metodológicas capazes de desenvolver a fluência digital e uma elevada cultura tecnológica.

Se algumas de nossas escolas já estão navegando na Educação 4.0 – alinhada às demandas da Indústria 4.0, como inteligência artificial, robótica, programação, espaços maker, gamificação do ensino –, no outro extremo temos escolas cuja única “revolução” se limita a passar do quadro de giz para a lousa branca – que em tom jocoso se diz Educação 2.0.

Evidentemente, transformar essa realidade das escolas brasileiras demanda vultosos investimentos, uma política de longo prazo e uma intensa capacitação de professores e gestores, para que, ao longo da trajetória escolar, todos os alunos desenvolvam a fluência digital, uma das mais importantes competências do mundo contemporâneo.

Em visita oficial de nove dias ao Vale do Silício em 2018, praticamente em todas as palestras a fluência digital foi enaltecida e apresentada como requisito

indispensável para sobrevivência no mundo atual, ao lado das *soft skills* (competências socioemocionais), as quais não enfoco neste texto.

Assim como a internet foi um poderoso agente de transformação em nosso *modus vivendi et operandi* – a ponto de alguns dividirem a história em a.w. (antes da *web*) e d.w. (depois da *web*) –, muito mais disruptivo e célere será o impacto da Indústria 4.0 na vida e no trabalho. E cabe à escola preparar seus alunos para esse cenário já inserido em nosso cotidiano, dando a eles capacidades e habilidades necessárias para atender às novas demandas do mercado de trabalho.

Em outra frente, apesar de ainda encontrar resistências, já é realidade crescente no Brasil e no mundo o ensino híbrido (ou *blended*, ou semipresencial), modalidade que combina tanto o professor em sala de aula orientando e expondo conteúdos quanto o discente estudando remotamente em plataformas digitais.

Em nosso país, no entanto, essa pujança da EaD (rubrica na qual se inserem os cursos híbridos, pelos critérios do MEC) é mais notória no Ensino Superior, o que se constata pela quantidade de calouros da modalidade em nossas faculdades: 1,2 milhão em 2019, o que corresponde a um terço das novas matrículas, sendo as projeções da ABMES, para 2023, de equivalência à oferta presencial. Ademais, há ainda outros 5 a 7 milhões de jovens e adultos em cursos livres e de pós-graduação ofertados a distância.

Na Educação Básica, um primeiro avanço foi dado no Ensino Médio, para o qual, ao final de 2018, o Conselho Nacional de Educação determinou carga horária de até 20% a distância. Aos estudantes do noturno, até 30% e, aos da EJA, até 80%. A iniciativa é louvável, pois, no ambiente virtual de aprendizagem, desenvolvem-se características muito valorizadas no mercado de trabalho: disciplina pessoal, gestão do tempo, autodidatismo, fluência digital, foco, maturidade para não embicar para o sedutor mundo digital das redes sociais e outras distrações.

Entretanto, especialmente até o 5.º ano do Ensino Fundamental, a presença afetiva e cuidadora dos professores é imprescindível para a aprendizagem dos conteúdos e desenvolvimento das habilidades psicomotoras. Nessa etapa, a

tecnologia deve ter um papel mais coadjuvante por meio de jogos eletrônicos, aplicativos apropriados à idade e lousas interativas que agucem a curiosidade e favoreçam a ludicidade.

Desenvolver uma boa e universal fluência digital é cada vez mais necessário para a empregabilidade e o desenvolvimento do país. Um estudo que mensura a competitividade entre os países feito pelo IMD, conceituada escola de negócios da Suíça, coloca o Brasil na 57.^a posição entre 63 economias. Esperávamos estar democratizando as oportunidades com as novas tecnologias, mas isso não está ocorrendo em virtude de nossas deletérias desigualdades sociais. Escola e governo precisam assumir as relevantes responsabilidades que lhes cabem, para que as transformações pelas quais o mundo passa sejam oportunidades em vez de obstáculos, inclusão em vez de exclusão, diminuição das desigualdades em vez da intensificação delas.

Jacir J. Venturi, autor de três livros e membro do Conselho Estadual de Educação, foi professor e diretor de escolas públicas e privadas

Pensamentos

- “Mantenha seus pensamentos positivos, porque seus pensamentos tornam-se suas palavras. Mantenha suas palavras positivas, porque suas palavras tornam-se atitudes. Mantenha suas atitudes positivas, porque suas atitudes tornam-se seus hábitos. Mantenha seus hábitos positivos, porque seus hábitos tornam-se seus valores. Mantenha seus valores positivos, porque seus valores tornam-se seu destino.”

Mahatma Gandhi (1869-1948), nacionalista indiano, especialista em ética política de resistência não-violenta. Foi assassinado por um nacionalista hindu com três tiros no peito

- “O que você sabe não tem valor; o valor está no que você faz com o que sabe.”

Bruce Lee (1940-1973), nascido em Hong Kong, fez carreira como ator e cineasta nos EUA

- “Meu psiquiatra me disse para escrever cartas às pessoas que me fizeram mal e depois queimá-las. Mas o que eu faço com as cartas?”

Um falso silogismo, porém humorístico

Sabedoria árabe sobre o ser humano

Uma pessoa poderia ser avaliada do seguinte modo:

- Se tiver ética, ele é = 1
- Se também for inteligente, acrescente 0 e será = 10
- Se também for rico, acrescente mais um 0 e será = 100
- Se também for belo, acrescente mais um 0 e será = 1000

Mas, se perder o 1, que corresponde à ética, então perderá todo o seu valor e restarão apenas zeros.

Obs.: essas pérolas são atribuídas a Al-Khowarismi, um dos maiores matemáticos árabes. A ele também se creditam dois verbetes hoje universais:

- *álgebra*, por sua célebre obra *Al-Jabr*, que na acepção do matemático árabe significa “transposição”, ou seja, na álgebra um termo é transposto de um membro para o outro da equação;
- *algarismo*, pela semelhança fonética com o nome próprio do matemático (Al-Khowarismi).

Quando da conquista árabe da Península Ibérica, seu livro *De numero hindorum*, título latino que significa *Sobre os números dos hindus*, ganhou grande notoriedade, pois introduzia uma morfologia dos números muito próxima à dos atuais símbolos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9. Apesar de criados pelos hindus, pelo grande sucesso dessa obra em toda a Espanha do século IX, tais símbolos ficaram conhecidos como algarismos arábicos. O monge e matemático francês Gerbert d’Aurillac tomou conhecimento dos algarismos indo-arábicos em Barcelona no ano de 980. No ano de 999, Gerbert foi eleito Papa (sob o nome Silvestre II) e impôs a divulgação ampla de tais símbolos – ou algarismos – por serem muito mais práticos.

Texto do autor

Pensamentos

- “Não é da bondade do padeiro e do açougueiro que devemos esperar nosso jantar, mas da defesa que eles fazem de seu próprio interesse, como não é de nossa bondade que eles obterão seu sustento, mas da defesa que fazemos de nosso interesse.”

Adam Smith (1723-1790), filósofo e economista britânico nascido na Escócia, na clássica obra A Riqueza das Nações

- “Investir em conhecimento rende sempre os melhores juros.”

Benjamin Franklin (1706-1790), polímata estadunidense. Foi um dos líderes da Revolução Americana, conhecido por suas citações e experiências com a eletricidade

- “O amor é enfermidade curável pelo casamento.”

Oscar Wilde (1854-1900), influente escritor, poeta e dramaturgo irlandês

Em suportes impressos ou digitais, o valor da boa leitura

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Há uma sensação de enlevo e êxtase quando imergimos em uma boa leitura, quer pelo aconchego de um livro impresso, quer pela praticidade de um *tablet* ou outro dispositivo digital. Afinal – ao contrário de algumas previsões belicosas –, os *e-books* e as versões em papel não são rivais, e sim suportes diferentes que retratam uma harmoniosa convivência entre gerações analógicas, imigrantes digitais e nativos digitais.

Vivenciamos uma época singular da História com a superabundância de livros, revistas e jornais a preços acessíveis – muito diferente de uma realidade não tão distante –, e o acesso gratuito a praticamente todos os grandes clássicos da literatura universal por meio de *downloads*.

Há exatos 30 anos, o físico inglês Tim Berners-Lee criou a fantástica rede *www*, com a “ambição de que um dia ela abraçasse toda a Terra” – segundo suas palavras –, e sequer a patenteou para que fosse “livre e igualitária”. Só para dar uma ideia de seu gigantismo, nos dias de hoje a cada 5 minutos a internet hospeda novos dados que equivalem, em gigabytes, à totalidade do conteúdo da Biblioteca do Congresso norte-americano – a maior do mundo em acervo físico –, conquanto uma parcela significativa de *bits* da *web* seja fútil, quando não pernicioso.

Assim, a internet tornou-se a quase realização do grande sonho dos diretores da antiga Biblioteca de Alexandria, que no período do século III a.C. ao século IV d.C. continha praticamente todos os registros escritos da Antiguidade em cerca de 700 mil rolos de papiros. Seu lema era “adquirir um exemplar de cada manuscrito existente na face da Terra”.

A aquisição desses exemplares, no entanto, era uma odisseia. Cada pergaminho era obtido por diferentes meios – prioritariamente escambo ou pilhagem –, aproveitando-se do fato de que os navios que partiam de Alexandria

singravam todos os mares conhecidos à época. No entanto, pela raridade, o manuseio era restrito aos mais conspícuos mestres da época. Atualmente, em contrapartida, vivemos a Era da Informação, com uma profusão mais ampla e democrática de conteúdo na *web*, apesar de ainda persistirem restrições de informações, especialmente estratégicas, científicas e tecnológicas.

Os suportes digitais para leitura são práticos, armazenam vários livros – uma facilidade para as viagens – e os preços para *download* são módicos. Porém, alguns estudos indicam que ler na tela pode eventualmente ser menos eficiente em comparação ao livro impresso para a compreensão e retenção de conteúdo, em especial os mais complexos e para gerações que não são nativas digitais.

Apesar dessa realidade global, o Brasil ainda é um país com baixo índice de leitores, ao menos em termos de conteúdos úteis, pois, considerando a leitura espontânea (ou seja, excluindo os indicados pelas escolas), não chega a dois *per capita*, enquanto na França é sete e nos EUA é cinco. Afinal, o brasileiro gasta, em média, 3h45 min por dia em redes sociais. Sim, ocupamos o segundo lugar (o primeiro são as Filipinas), num ranking de 45 países, conforme pesquisa publicada há um mês pela GlobalWebIndex, com sede em Londres. Isso significa menos leituras, menos estudo e menor convivência com familiares e amigos no mundo real.

Um robusto estudo de 298 páginas denominado Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro, indica que quase 56% dos brasileiros se declaram leitores – o critério é ter lido um livro ou parte dele nos últimos três meses. Nos dois extremos, temos 30% que nunca compraram um livro e 25% com boas habilidades em leitura e escrita. Um recorte interessante desse estudo mostra que a maioria considera que a leitura ensina a viver melhor e que se converte em bons hábitos, inclusive citando uma pesquisa da Universidade de Roma que chegou à conclusão de que os leitores são mais felizes do que os não leitores.

E esse mesmo estudo também comprova o que todos sabemos: são os exemplos e não as palavras que influenciam a formação de novos leitores. Nesse sentido, prevalece a premissa de que a criança não nos ouve, mas nos imita, ou seja, pais e professores leitores formam crianças leitoras.

Ademais, os bons leitores têm melhor compreensão de textos, loquacidade, pensamento crítico e escrita fluente na norma culta, requisitos tão valoriza-

dos nos concursos e na vida profissional. Quem bem lê, bem escreve. E sobre essa importância de uma boa escrita, os antigos já nos ensinavam em bom latim: *verba volent, scripta manent* (“as palavras voam, os escritos ficam”).

Jacir J. Venturi, autor de três livros e membro do Conselho Estadual de Educação, foi professor da UFPR, PUCPR e coordenador na Universidade Positivo

Pensamentos

- “O homem é a mais insana das espécies. Adora um Deus invisível e destrói uma natureza visível, sem perceber que a natureza que ele está destruindo é esse Deus invisível que ele adora.”

Hubert Reeves (n. 1932), astrofísico canadense

- “Chamar um cobrador de impostos de ‘contribuinte’ é como chamar uma vítima de estupro de ‘parceiro sexual’.”

João Amoêdo (n. 1962), carioca, banqueiro, administrador de empresas e um dos fundadores do Partido Novo em 2011

- “O Brasil é uma Ferrari dirigida por macacos.”

Frase amplamente divulgada na internet, atribuída a um engenheiro da Microsoft

Como uma gangorra, fases difíceis se alternam com fases boas. É a vida.

Muitas são as mensagens de doutrinadores religiosos que nos confortam nos momentos de dor, sofrimento ou dificuldade, como o faz aqui o médium mineiro Chico Xavier (1910-2002):

“Quando você conseguir superar problemas graves, não se detenha na lembrança dos momentos difíceis, mas na alegria de haver atravessado mais essa prova em sua vida. Quando sair de um longo tratamento de saúde, não pense no sofrimento que foi necessário para enfrentar, mas na bênção de Deus que permitiu a cura. Leve na sua memória, para o resto da vida, as coisas boas que surgiram nas dificuldades. Elas serão uma prova de sua capacidade e lhe darão confiança diante de qualquer obstáculo.”

Ademais, a solidariedade é um dever moral que vai além dos preceitos religiosos. Humaniza quem dá e quem recebe, pois leva dignidade, proporcio-

nando a transformação interior e o prazer de ser útil. Louvam-se, igualmente, as pessoas que praticam a caridade por motivações religiosas, estas sujeitas a uma gradação muito bem posta por Madre Tereza de Calcutá: “as mãos que ajudam são mais sagradas do que os lábios que rezam”.

Texto do autor

Pensamentos

- “Democracia é quando eu mando em você. Ditadura é quando você manda em mim.”

Millor Fernandes (1923-2012), desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro

- “Para todo o *game over* existe um *play again*.”

Frase de efeito

- “Não basta ter iniciativa, é preciso ter acabativa. O nome disso é efetividade.”

Dita por um coach, frase de efeito em cursos de treinamento

Raciocínio lógico: uma das mais reconhecidas competências socioemocionais

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Há aproximadamente 25 séculos, os gregos nos deixaram de herança o prazer de pensar, que culminou no espírito cartesiano – *cogito, ergo sum* –, ou seja, “penso, logo existo”. Outro francês, Henry Poincaré, nascido em 1845, filósofo e matemático, bem complementa o estímulo à reflexão, ao pensamento crítico e ao bom discernimento: “Duvidar de tudo ou acreditar em tudo são atitudes preguiçosas. Dispensam-nos de refletir”.

Vivenciamos um momento histórico singular, com amplo domínio de polarizações, dogmatizações, *fake news*, no qual quase todo ser humano se julga no direito de ser levado a sério, mas cujas manifestações nas redes sociais são irrefletidas, rasas. E o que temos? Uma algaravia, uma profusão confusa de sons e palavras.

Diferentemente de países desenvolvidos, nossa cultura pouco valoriza o aprofundamento, o conteúdo clássico, a tempera racional, como pouco valoriza o esforço, o mérito, o bom rendimento escolar. Pesquisadores da Universidade de Harvard provaram cientificamente que a reflexão é indispensável para o aprendizado de conteúdos mais profundos e boa performance laboral. Todo profissional com bom raciocínio dedutivo é um resolvidor de problemas – que para o mercado de trabalho é uma das mais recomendadas competências socio-emocionais ou *soft skills*.

Defrontar-se com uma tarefa mais complexa faz bem aos neurônios, desenvolve a autonomia intelectual e a confiança para superar outros desafios. Vinte minutos dedicados a um problema difícil – mesmo que não resolvido – promovem mais pulsos elétricos nas sinapses do que a resolução de cinco outros exercícios bastante acessíveis.

Por estas e outras razões, estimular o raciocínio deve ser uma das principais incumbências dos pais e professores, em especial no ambiente escolar. Que o nosso educando compreenda e produza bons textos e seja capaz de expô-los com clareza, síntese e lógica são importantes legados que a instituição de ensino pode oferecer.

Todavia, recorrentes e até enfadonhas – embora cruelmente verdadeiras – são as notícias do baixo desempenho dos nossos discentes nas avaliações nacionais em comparação com o de outros países. No último Pisa, tendo sido avaliados adolescentes de 15 e 16 anos em 70 países, o Brasil se manteve na 64.^a posição no conjunto de Matemática, Ciências e Português. No mais recente Ideb do Ensino Médio, a nota média foi 3,7, numa escala que vai até 10. No último Saeb, apenas 9,1% dos concluintes do Ensino Médio apresentaram aprendizado adequado dos conteúdos de Matemática. E na prova do Enem de três anos atrás, composta de 45 questões de Matemática com 5 alternativas, o acerto médio foi de 13 questões, quando a probabilidade de acerto no chute é de 9.

Todas essas provas priorizam o raciocínio lógico e a interpretação de textos, contrapontos à predominância do nosso ensino hermético, conteudista, minimamente interdisciplinar ou contextualizado. Se os governantes e nós, educadores, temos responsabilidades pelo *status quo* de nossa combatida edu-

cação, há de se compartilhá-la com uma boa parte dos estudantes, pois inércia, apatia e indisciplina contagiam todo o ambiente escolar.

Permita-me uma analogia com a atividade física: acordar às 6 horas para nadar, puxar ferro numa academia ou caminhar pode não ser nada prazeroso, mas depois de 30 minutos... ah, sim, advém a sensação de bem-estar provocada pela serotonina.

Assim como os músculos se fortalecem com os exercícios físicos, igualmente novas redes neurais se formam por meio de atividades que exijam raciocínio, abstração, análise crítica. Destarte, o cérebro produz uma proteína denominada neurotrofina que induz o desenvolvimento dos neurônios. Com isso, um ciclo virtuoso se estabelece, desencadeando a formação de novas sinapses que, por sua vez, retardam os males degenerativos, pois uma mente preguiçosa é oficina de doenças e do afastamento de um bom convívio social.

Jacir J. Venturi, autor de três livros e membro do Conselho Estadual de Educação, foi professor da UFPR, PUCPR e coordenador na Universidade Positivo

Pensamentos

- “O que destrói o ser humano? Política sem princípios, prazer sem compromissos, riqueza sem trabalho, sabedoria sem caráter, negócios sem moral, ciência sem humanidade e oração sem caridade.”

Mahatma Gandhi (1869-1948), nacionalista indiano, especialista em ética política de resistência não-violenta. Foi assassinado por um nacionalista hindu com três tiros no peito

- “O custo do cuidado é sempre menor que o custo do reparo.”

Frase de efeito

- “Seja otimista e pare de pensar como um derrotado. Pense como um boleto. Um boleto sempre vence.”

Tirada humorística da internet

O homem que calculava

O sogro do professor Jacir Venturi, já falecido, era fazendeiro em MS e divertia-se em fazer blague. Pediu ao genro que se posicionasse sobre as tábuas

do mangueiro, junto com mais um peão, para contar os garrotes. E a bezerrada entrava bastante acelerada por uma porteira, o que dificultava a contagem.

E veio a hora do veredito: Jacir, engenheiro e matemático, contou 146; o peão, que estudou até a 5º ano, disse que eram 147 bezerras. O sogrão, que também havia contado 147, foi espirituoso:

– Jacir, é muito fácil saber quantos garrotes: basta contar o número de patas e depois dividir por 4!

Coluna do Malu – publicada na Gazeta do Povo

Pensamentos

- “Ninguém mais envelhece com a idade, envelhece quando deixamos de aprender.”

Peter Ferdinand Drucker (1909-2005), famoso professor, escritor e consultor austríaco dedicado à temática de gestão e estratégia

- “Um amigo meu é o meu outro eu.”

Pitágoras de Samos (570 a.C.-496 a.C.) filósofo e matemático grego jônico creditado como o fundador do movimento chamado Pitagorismo

- “Sou contra a pena de morte, à exceção do revisor.”

Millôr Fernandes (1923-2012), desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro

Diretor de escola: um gestor de pessoas ou gestor de conflitos?

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Imagine um colégio com mil alunos, portanto de porte médio. Multiplique por 4 e terá quatro mil pessoas, as quais chamaremos de comunidade escolar, composta de pais, avós, docentes, equipe pedagógica, colaboradores, além, evidentemente, dos discentes. Esta é a abrangência de um diretor de escola, alvo de comentários quase semanais nas famílias.

Muito bem! Em média, quanto tempo esse diretor dedica à sua capacitação, à motivação de seus colaboradores, à implantação de uma cultura para uma maior eficiência nos processos acadêmicos, de gestão e das boas e cordiais relações pessoais com a sua comunidade? Talvez 20%, se tanto. E não estamos tratando de escolas cujo entorno é conflagrado por violências e gangues.

Admitindo-se esse índice como razoável no Brasil, do que se ocupa o diretor nos 80% restantes do seu tempo? Essencialmente, com gestão de conflitos, burocracia, reuniões e elevado esforço para manter uma boa rotina escolar.

Vamos por partes: uma boa rotina escolar é imprescindível tal qual a energia elétrica e a água encanada. Quando faltam, todos percebem e reclamam. Aqui o diretor pode dar conta, instituindo regras bem definidas e sendo assertivo em cobrar da equipe pedagógica e administrativa a implementação e o cumprimento delas. Uma boa rotina escolar requer um elevado zelo para que haja uma comunicação fluida entre todas as pessoas da comunidade escolar, pois os ruídos de uma interlocução truncada estão entre as principais fontes de problema.

Obviamente, fazem parte de uma boa rotina escolar professores preparados, pontuais e motivados, funcionários solícitos, suporte tecnológico atualizado e em bom estado, instalações físicas esmeradas e comprometimento de todos para instituir um ambiente acolhedor e de respeito às regras e à hierarquia.

Reuniões e burocracia são dois grandes males da educação! Há excessos de reuniões, em geral pela falsa indução por uma cultura de gestão democrática, pois reuniões amiúde promovem atritos que, em vez de gerarem luz, geram calor, desavenças. Há outras consequências funestas: mau uso do tempo, menos ensino e menos convivência com os educandos.

Os controles excessivos e trâmites burocráticos são deletérios, são pragas do Estado brasileiro, pois absorvem um precioso tempo dos gestores da escola para cumprir as exigências legais. São uma praga, sim, pois um bom diretor pode implementar uma boa rotina na escola transferindo responsabilidades para a equipe pedagógica e administrativa, bem como reduzir os excessos de reuniões, mas é indefenso à cartorial burocracia.

Conflitos são as fontes precípua de aborrecimentos do diretor, que muitas vezes chega ao final do dia extenuado e se pergunta: passei o dia apagando incêndios e o que eu fiz em prol da boa educação? Com a devida vênia, elenco algumas recomendações ou regrinhas de ouro de como administrar os conflitos no ambiente escolar, considerando ser salutar o envolvimento da equipe pedagógica, de professores e de funcionários.

Todo problema deve ser atacado no nascedouro, antes que a marola vire um tsunami. Independentemente do tamanho do problema, deve ser enfrentado e não apenas tangenciado. É altamente recomendável que haja na escola um mediador – um pedagogo ou preferencialmente o vice-diretor para administrar o ninho da serpente. E se a desavença cai no colo do diretor – em geral tendo como envolvidos professores, pais, alunos –, a primeira postura é serenar os ânimos, oferecendo água, café e enfatizando que cada um dos envolvidos fale pausadamente, um de cada vez, com tempo limitado e sem interrupções. Como preâmbulo, pode fazer a menção clássica de que se Deus (ou a natureza) nos concedeu uma boca e dois ouvidos foi por uma boa razão.

O diretor deve fazer valer a sua autoridade, sendo firme em bem conduzir os arranca-rabos, sabedor que é de que, nesses momentos, há sempre duas versões que se antagonizam. E o *feeling* e a experiência do diretor definirão se o imbróglgio ali se encerra ou se adotará a estratégia do “decurso dos dias”, na qual o travesseiro é um bom conselheiro.

Uma mediação eficiente pode reduzir as nuvens borrasquentas, com algumas frases de efeito ou tiradas de humor, se for oportuno, evidentemente. Os briguentos se altercam com xingamentos? O diretor interrompe: opa, opa, vocês sabem por que cavalo dá coice? Não sabem? É porque cavalo não sabe argumentar! Ou a clássica ponderação de Shakespeare: “A tragédia começa quando os dois lados acham que têm razão.”

Na verdade, a escola tem o perfil do seu diretor, que, além de líder assertivo e com autoridade, deve ser um bom gestor de pessoas. A ele competem duas frentes: prevenção e ação. A prevenção pela implementação de uma cultura de respeito não só mútuo, mas às diferenças e à hierarquia, até porque a escola é um laboratório para a vida adulta de nossos educandos. E ação vigilante e punições justas de acordo com as normas legais e Regimento Escolar. Ou seja: a ação é como remédio; ninguém gosta de tomar, mas promove a cura. A prevenção se faz pela implantação de um ambiente ético e saudável nas relações interpessoais. O ato de dirigir uma escola é, antes de tudo, uma prática do bom senso e de discernimento.

Jacir J. Venturi foi professor e diretor de escolas privadas e públicas por mais de quatro décadas e coordenador da Universidade Positivo. É membro do Conselho Estadual de Educação

Pensamentos

- “A lei de ouro do comportamento é a tolerância mútua, já que nunca pensaremos todos da mesma maneira, já que nunca veremos senão uma parte da verdade e sob ângulos diversos.”

Mahatma Gandhi (1869-1948), nacionalista indiano, especialista em ética política de resistência não-violenta. Foi assassinado por um nacionalista hindu com três tiros no peito

- Cuide de seus pensamentos quando estiver sozinho e das suas palavras quando estiver com pessoas. Cuide de suas emoções quando estiver com problemas e cuide de seu ego nos momentos de sucesso.

Autoria incerta, adaptado

- “Lembre-se que, por vezes, não conseguir o que você quer é um lance de sorte.”

Do atual Dalai Lama, Tenzin Gyatso (n. 1935), monge budista tibetano, Prêmio Nobel da Paz em 1989. Vive exilado com a incorporação do Tibete pela China em 1950

Nem tudo é como nos contos de fadas

A Rainha Vitória reinou na Inglaterra por 64 anos (1837-1901). Casada com o Príncipe Albert, tinha com ele seus arranca-rabos (assim como qualquer plebeu). Sendo o costume da época os nobres dormirem em quartos separados, já tarde da noite, após um forte entrevero, a rainha deu fortes pancadas na porta do quarto de Albert, que perguntou: – Quem é?

E ouviu do lado de fora: – É a Rainha da Inglaterra, abra a porta!

O príncipe interpretou como uma afronta e não se mexeu. E a cena se repetiu mais uma vez. Dando-se conta de sua impulsividade, a rainha resolveu bater com mais leveza e mais uma vez o príncipe perguntou quem era? De fora, veio uma resposta bem mais suave: – É a sua mulher.

Foi então que o príncipe se levantou, foi até a porta e a convidou para entrar.

Texto do autor

Pensamentos

- Nem tudo o que me é lícito, me convém.

Parafraçando São Paulo em sua frase “Tudo o que me é lícito, mas nem tudo me convém”. Carta aos Coríntios 6:12

- “Entre agradecer o outro e ser você mesmo, seja você mesmo.”

Frase motivacional

- “Mulheres adoram parecer sensuais, mas não significa que queiram fazer sexo com você.”

Da internet

Israel, permanente valorização da educação e das novas tecnologias

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Esquadrinhamos 2.000 km desse pequeno país (10% do território paranaense), com apenas 71 anos de independência, 8,9 milhões de habitantes e mais de 3.000 anos de história. História de superação e tenacidade. Uma produtiva viagem de 8 dias, adrede bem planejada, munidos de aplicativos, sem guias e sem incidentes, em um automóvel com mais três familiares, todos com formação cristã. Abundantes são as informações turísticas nas rodovias, concomitantemente em três idiomas: hebraico, árabe e inglês, nesta ordem.

À guisa de uma artéria principal, numa das margens das estradas, o aqueduto nacional, que conduz para todo o país água doce do Mar da Galileia e água dessalinizada do Mediterrâneo. A balança comercial agrícola de Israel é deficitária em apenas 5%, um feito notável, pois 80% de suas terras não eram originalmente agriculturáveis. Se é assim, o solo é apenas suporte e adubo nele. O índice pluviométrico é baixíssimo? Pois bem, a água para a irrigação provém do tratamento dos esgotos das cidades, demandada por tubos de polietileno até à raiz das plantas, estas em boa parte distribuídas em estufas. O gotejamento é uma técnica criada em Israel em 1965, sendo adicionados à água nutrientes como superfosfato, cálcio e potássio. Nesse ecossistema, sem uso de agrotóxicos, um hectare está produzindo 30 vezes mais que a média mundial, fruto de um amplo desenvolvimento acadêmico e tecnológico.

Israel possui a maior quantidade de artigos científicos e um dos maiores índices de registro de patentes *per capita* do mundo. Quando se coteja o número de adultos com formação universitária, Israel ocupa o 2.º lugar, com 48%, enquanto o Brasil está na 100.ª posição, com apenas 15%. Os gastos públicos em educação de ambos os países são equivalentes: 5,7% do PIB. Embora raramente ultrapassem 0,5% da população mundial, 19% dos prêmios Nobel foram concedidos a cidadãos de ascendência judaica.

Para esse conspícuo desempenho intelectual, há várias justificativas, das quais duas merecem destaque: a ênfase ao estudo e a continuidade dos valores morais dos judeus; e o patrimônio intelectual lhes propiciou a sobrevivência e a adaptação no longo decurso de sua história de diásporas, guerras, invasões, perseguições e desterramentos. O historiador americano Paul Johnson se faz oportuno: “Nenhum outro povo mostrou-se mais fecundo em fazer da desgraça um uso criador”.

Israel é uma nação com eleições livres – por isso recebe o epíteto de oásis democrático, envolto por vários países com regimes autoritários e fundamentalistas. Internamente, a sensação é de segurança, quando se perambula pelas suas cidades, inclusive à noite. Até mesmo na Cisjordânia, onde fizemos um tour de dois dias.

Onipresentes, soldados e soldadas com fuzis a tiracolo, pistolas e equipamentos eletrônicos na cintura; serviço militar obrigatório por três anos para eles e dois para elas, em seus uniformes *fashion*, poderosas e sensuais, cabelos e rostos bem produzidos, como que a humanizar esse ecossistema militarizado. No deserto de Neguev, muitos postos militares (testemunhamos exercícios com tanques). É um Estado militarizado, de intimidação, enfim, a materialização do preceito romano: *Si vis pacem, para bellum* (“se quiseres a paz, prepara-te para a guerra”).

Desde a independência de Israel, em 1948, foram cinco guerras. A mais fez foi em seu primeiro ano de vida, tendo como adversários cinco países árabes com o escopo anunciado de lançar ao mar o Estado recém-criado. Nesses três milênios, nenhuma cidade superou Jerusalém em ataques – 52 vezes.

Apesar desse histórico de conflitos e do aparato militar, o estado preza por manter uma aparência de normalidade em tudo. Por exemplo, é comum presenciar crianças de 8 a 10 anos andando sozinhas pela rua com mochilas a

tiracolo, em direção à escola ou classes infantis brincando em praças acompanhadas por uma ou duas professoras, porém vigiadas de perto por uma dupla de militares.

Jerusalém foi por duas vezes destruída, uma das quais, no ano 70 d.C., com quase um milhão de judeus mortos pelos romanos. Tantas nações sucumbiram, enquanto Israel mais uma vez renasce das cinzas, tal Fênix. Qual o segredo dessa longevidade? Difícil responder, mas certamente, entre outras razões, estão a perseverança e a resiliência de um povo diante das adversidades, bem como o zeloso investimento na educação para a formação das futuras gerações pela família e pelo Estado.

Jacir J. Venturi, coordenador na Universidade Positivo, membro do Conselho Estadual de Educação e Cidadão Honorário de Curitiba

Pensamentos

- “Quando um homem assume uma função pública, deve considerar-se propriedade do público e justamente ser passível à inspeção e à vigilância da opinião pública.”

Thomas Jefferson (1743-1826) foi o 3º Presidente dos EUA e reconhecido como um dos mais influentes founding fathers

- “A palavra é viva quando são as obras que falam. Cessem, portanto, os discursos e falem as obras. Estamos saturados de palavras, mas vazios de obras.”

Santo Antonio de Pádua (1195-1231), doutor da Igreja Católica

- “Um estômago vazio não tem ouvidos.”

Jean de La Fontaine (1621-1695), poeta e fabulista francês. Sua grande obra foi Fábulas

Desafiando o seu Raciocínio I

Meu avô mora numa cidadezinha do interior e veio passar uns tempos conosco na capital. Numa certa noite, depois de jantar, nos contou a seguinte história: “Eu não tenho relógio de pulso, mas em casa há um excelente relógio de parede, no qual, às vezes, me esqueço de dar corda. Uma vez, quando isso aconteceu, fui à casa do vizinho que tem sempre um cronômetro marcando a

hora exata e lá passei algum tempo. Depois, voltei para casa e acertei o meu relógio de parede. Como pude fazê-lo, se eu não sabia a duração de ida e volta até a casa do vizinho?”

Resposta na pág. 242 (final deste livro)

Pensamentos

- “Se faço o bem me sinto bem, se faço o mal, me sinto mal, essa é a minha ética.”

Abraham Lincoln (1809-1865), político norte-americano que serviu como o 16.º Presidente dos Estados Unidos, assassinado em pleno mandato em 15 de abril de 1865

- “Justice delayed is justice denied.”

Máxima norte-americana, qual seja: justiça atrasada é justiça negada

- “O homem que reconhece o erro estando errado é um sábio; o homem que reconhece o erro estando certo é casado!”

Dito chistoso

Para vivenciar momentos felizes com os filhos

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Muitos momentos felizes e saudáveis da infância podem e devem ser de interação com amiguinhos ou familiares ao ar livre. Essa convivência propicia segurança afetiva, bem-estar psíquico, maior rendimento escolar e desenvolvimento de habilidades motoras. Os benfazejos raios solares metabolizam a vitamina D (promove a absorção do cálcio, nutriente necessário para o crescimento dos ossos) e são terapêuticos contra a tristeza e depressão.

Custa pouco, quase nada, levar os pimpolhos aos parques da cidade ou chácaras para jogar bola, andar de bike ou a cavalo, churrasquear, empinar pipa, levar o bichinho de estimação para passear, interagir com os patos e peixes ou mesmo ler e contar histórias sob árvores frondosas junto ao aprazível verde da natureza. Considere um triunfo seu filho chegando em casa cansado, suado e com um pouco de vitamina S (S de sujeira), pois robustece o sistema imunológico.

Esses momentos também fazem parte da tarefa de educar os filhos – a mais nobre, porém a mais difícil das missões –, e aos poucos os pais devem se tornar dispensáveis à exceção dos vínculos afetivos. A vida adulta é permeada de frustrações e adversidades, para as quais autoconfiança e autonomia são necessárias. Para o desenvolvimento da autonomia, desde pequeno delegue-se tudo o que a criança tenha capacidade intelectual e física de fazer, incorporando em seu cotidiano tarefas domésticas consentâneas com a idade e estimulando a ser autossuficiente em relação aos seus hábitos de higiene.

E nós, pais e mães, estamos diante de conflitos, conscientes ou não, em relação aos nossos educandos: com muita dedicação ao trabalho para prover a família, comumente a ausência é “compensada” com bens materiais e conforto. Mas será que assim agindo não estamos criando filhos hedonistas e alheios aos problemas sociais? Além disso, o quanto se deve privá-los de pequenas frustrações e de ouvir alguns “nãos”, em vista das adversidades e negativas que fatalmente encontrarão na vida adulta?

A resposta é genérica – sem deixar de ser eficaz –, mas o que deve prevalecer é a medida equilibrada entre o afeto e os limites, dando a segurança do amor, porém mantendo o controle como duas paralelas que se alargam ou se estreitam para evitar que seu rebento cometa erros irreversíveis. Simultaneamente, é importante que seja propiciada uma boa escala de valores, construída pelas palavras e pelos exemplos. Ademais, bom senso caso a caso, pois os pais que têm dois filhos ou mais aceitam – digo isso em tom de blague – que antes de eles nascerem já combinaram de um ser diferente (ou oposto) do outro, portanto não há padrões universais para bem educar.

Esportes, idiomas, atividades extraclasse são recomendados, mas até que ponto não estamos impondo uma agenda de executivo (talvez para, novamente, compensar nossa ausência) e, com isso, queimam-se etapas do seu desenvolvimento e compromete-se o seu equilíbrio emocional? E como lidar com o excesso de dispositivos eletrônicos que comprometem o sono, estudos, leituras e até mesmo a compleição física? Uma boa medida provém da Academia Americana de Pediatria, que recomenda limites para a exposição diária a todo tipo de mídia: no máximo 1 hora dos 2 aos 5 anos; 2 horas entre 6 a 12 anos; e 3 horas a partir dos 13 anos.

Com ponderação e bom senso, educar é conviver com erros e acertos – e nos inspiremos ou nos confortemos com as palavras de Sigmund Freud: “educar é uma daquelas atividades que errar é inevitável”. Não nos martirizemos querendo ser perfeccionistas, mas busquemos sempre o melhor possível. Até porque uma família perfeita não faria bem aos filhos, pois deixaria de prepará-los para um mundo inevitavelmente imperfeito.

Jacir J. Venturi, coordenador na Universidade Positivo e membro do Conselho Estadual de Educação, é pai de três filhos e avô de três netos

Pensamentos

- “Nossa Carta de 1988 é promiscuamente híbrida no plano político, anacronicamente intervencionista no econômico e demagogicamente utópica no social.”

Roberto Campos (1917-2001), economista e deputado constituinte de 1988

- “A minha função é dizer a verdade, não convencê-los dela.”

Jean-Jaques Rousseau (1712-1778) nasceu em Genebra, Suíça. Foi, como filósofo, um dos ícones do Iluminismo.

- “Uma pessoa com conhecimento e sem sabedoria é como um burro que carrega uma carga de livros.”

Mote da sabedoria popular

Gênios atormentados

O famoso pintor Van Gogh, nascido em 1853, produziu cerca de 400 quadros, mas em vida vendeu apenas um. Na década de 1990, um deles – *Retrato de Dr. Gachet* – foi leiloadado por mais de 80 milhões de dólares para um empresário japonês. O pintor holandês levou uma vida errática, depressiva e por diversas vezes foi internado em hospitais psiquiátricos. Suicidou-se com um tiro no peito, com apenas 37 anos.

Mas tais tormentos não eram exclusividade de Van Gogh. “Meus problemas são parte de mim, de minha arte, e um tratamento destruiria a minha criatividade” – frase de outro gênio da pintura, o norueguês Edvard Munch, que conheceu Van Gogh na França. Munch era 10 anos mais jovem que Van Gogh e também padecia de transtornos psiquiátricos.

Uma versão de seu quadro mais famoso, *O grito*, pintado em 1895, foi recentemente vendido para um empresário norte-americano por 121,1 milhões de dólares. São 4 versões de *O grito*, estando uma delas exposta no Museu Nacional da Noruega, em Oslo – onde visitei em 2017.

Texto do autor

Pensamentos

- “Um provérbio popular diz que os homens inteligentes aprendem com os erros dos outros, os normais aprendem com os próprios erros, e os estúpidos não aprendem nunca. A escolha é sua!”

De um artigo do professor José Pio Martins, ex-Reitor da Universidade Positivo

- Povo que elege corruptos não é vítima, é cúmplice.

Do autor

- “Quem empresta a um amigo, cobra um inimigo.”

Da sabedoria popular

Ensino Superior: EaD avança em meio a feroz concorrência. Presencial em queda

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas.

Neste preâmbulo, valho-me de duas valiosas e até antagônicas metáforas da sabedoria popular. Quando citei a primeira – “é o pássaro madrugador que apanha a minhoca...” –, meu amigo, admirável matemático e executivo de várias empresas renomadas, com um sorriso maroto, retrucou: “é, mas é o segundo rato que come o queijo...”. Sim, demorei um pouco para entender: o primeiro rato madrugador é abocanhado pelo gato!

Pois bem, analogamente a essa parábola, na Educação Superior brasileira, quem está comendo o queijo é a Educação a Distância (EaD), que é consideravelmente recente, mas já se consolidou. O expressivo crescimento dessa modalidade educacional, porém, não se fez sem efeitos colaterais, pois, com alguma dose de canibalismo, promoveu uma redução no ensino presencial. Com matrículas praticamente nulas em 2003, a EaD alcançou a cifra de quase 1,8 milhão de alunos em 2017 (dados mais recentes disponibilizados pelo INEP/MEC), com taxas de

crescimento de até 27% ao ano. Nesse mesmo período, a modalidade presencial apresentou um incremento anual médio de 6%, no entanto apresenta um ponto de inflexão há três anos, com quedas consecutivas especialmente nas Instituições de Ensino Superior (IES) privadas.

Dos 3,2 milhões de calouros em 2017, cerca de 1,1 milhão optou pela EaD e 2,1 milhões pelo presencial, e do total de 8,3 milhões de universitários em instituições públicas e privadas, o percentual de matriculados na EaD é de 21,2% (há dez anos era 7%), índice que avança para 46,8% nos cursos de licenciatura. Em 2023, projeções da ABMES indicam que será equivalente o número de ingressantes nas duas modalidades, com leve decréscimo no presencial.

Ademais, há ainda outros 5 a 7 milhões de jovens e adultos em ofertas EaD não controladas pelo MEC, considerando cursos livres, de capacitação ou de extensão. Aprovados ou não pelo MEC, o fato é que no ambiente virtual desenvolvem-se características muito valorizadas no mercado de trabalho: autonomia para aprender, disciplina pessoal, fluência digital, foco, boa gestão do tempo, maturidade para não embicar para o sedutor mundo digital das mídias sociais e outras distrações. E após concluído o curso, o diploma ou o certificado não faz qualquer referência se a modalidade foi presencial ou a distância.

Essa sinalização se faz ainda mais eloquente quando se considera o crescimento célere de matrículas no ensino híbrido ou semipresencial, no qual se amalgamam a educação presencial e a distância, sob a égide de uma maior efetividade na aprendizagem. E cabe aqui uma explicação adicional e relevante: os cursos semipresenciais, mesmo que ofertem 30% ou 50% de aulas com professor em sala, entram nas estatísticas da EaD. São os que mais crescem, e merecidamente, diante da conjuntura atual.

Até 2016, para abrir um polo de EaD, o tempo era de cerca de 3 anos, e os 6 maiores *players* educacionais detinham 80% das matrículas. A partir de um novo marco regulatório do MEC, de 21/6/17, disparou-se o gatilho para uma abertura descomunal de polos, partindo-se de 6.583, antes da referida portaria, para 15.394 em julho de 2018 (parte deles inativos, por falta de matrículas). Essa explosão de polos levou à prática de preços predatórios, e o alerta é que isso não comprometa a imagem da EaD, como aconteceu com o antigo supletivo – seja EaD, seja presencial, é determinante a qualidade do ensino. Segundo estudo da Consultoria Hoper Educacional, o preço médio da mensalidade em

2012 era de 358,00 reais, caindo para 270,00 em 2018 – ou seja, um terço da média nacional do presencial, equivalente a 796,00.

E três são os atrativos preponderantes da educação em plataformas digitais: os preços acessíveis, uma vez que as mensalidades da graduação totalmente *on-line* ficam bem aquém da presencial; os discentes são atraídos pelos horários flexíveis – um instrumento democrático, pois permite estudar onde e quando puder, bastando ter acesso à internet; e a eliminação dos deslocamentos, que com o trânsito caótico nos grandes centros pode significar um ganho diário de 2 a 3 horas e redução de gastos com a locomoção.

A dicotomia ainda hoje existente entre a educação virtual e a presencial em breve não fará mais sentido. Serão modalidades complementares. “É aprendizagem e ponto”, num modelo que se aproxima do que atualmente chamamos de semipresencial. Nesse sentido, a partir de uma Portaria do MEC de 31/12/18, vigente portanto para 2019, em uma IES até 40% do conteúdo da carga horária de um curso presencial pode ser a distância – antes esse limite era de 20%. Há regramentos para essa implantação, e parte das críticas que surgiram devem merecer do MEC ajustes no decurso dos próximos meses, mas devemos ter em mente que os ingressantes em nossas universidades são nativos digitais e em geral dominam bem essas novas tecnologias.

Quanto aos docentes – e este é o lado triste –, muitos bons didatas do passado, com suas aulas convencionais e bem dadas, estão perdendo o emprego por não conseguirem o mesmo êxito em plataformas e linguagens digitais. E nesse aspecto, valho-me de outra metáfora: os professores estão sendo convidados a embarcar em ônibus de ida, sem retorno. A maioria embarca e no caminho se capacita, se adapta, é darwinista e segue em frente; mas outros desembarcam ou são desembarcados.

Toda disrupção é alvo de críticas, mas nesse caso não deveriam estar voltadas à modalidade EaD e sim às IES que não ofertem oportunidades de boa capacitação aos seus professores e tutores, aos materiais de apoio sem boa didática ou ainda às tecnologias educacionais deficientes. Ademais, é um instrumento indispensável para que atinjamos a Meta 12 do Plano Nacional de Educação (PNE) – matricular 33% dos jovens de 18 a 24 anos na Educação Superior até 2024 (atualmente estamos perto dos 19%).

Jacir J. Venturi, coordenador na Universidade Positivo e membro do Conselho Estadual de Educação, foi professor da UFPR e PUCPR

Pensamentos

- “Há muito mais alegria em chegar em um entendimento do que derrotar um adversário.”

Tancredo Neves (1910-1985), político mineiro, Primeiro-Ministro do Brasil e Presidente da República não empossado

- “Nunca implore carinho, atenção ou amor. Se não é dado livremente, não vale a pena ter.”

Banner postado no Facebook

- “Nós somos a soma das nossas decisões.”

Palavras do personagem interpretado por Woody Allen no filme Crimes e Pecados

Sogra: um estereótipo universal

No imaginário popular, a sogra tem naturalmente um sentido pejorativo, comumente tomando parte em anedotas, tiradas jocosas ou mesmo desdenhosas, porém a intenção em geral é fazer “zoação” – ao menos é a melhor das defesas. Para o pesquisador Luis Câmara Cascudo, é um estigma universal, existindo em todas as línguas, desde os antigos gregos e romanos.

Em casa, nós somos sete irmãos e muitas vezes cutucamos nossa mãe: – A mãe sempre dá razão para o genro ou para a nora.

E ela se defende sabiamente: – Eu brigo com um(a) filho(a) hoje, amanhã estamos de bem. Mas se eu brigo com um genro ou uma nora, pode levar anos para uma reconciliação.

No volume 1 desta obra, na página 34, há várias tiradas hilárias, e aqui as complemento:

- Existe, sim, sogra boa, é a sogra da minha mulher.
- Minha sogra quer ensinar a educar os meus filhos. Se fosse boa nisso, eu não teria o marido que tenho.
- Sogra deveria ter apenas dois dentes: um para abrir a garrafa de cerveja do genro e, o outro, para doer o dia inteiro.
- Qual a punição por bigamia? Resposta: 2 sogras.
- Sogra não deve morar tão perto que possa vir de pantufas, nem tão longe que desembarque com as malas.

Texto do autor

Pensamentos

- “Quase não leio jornal e não vejo noticiário porque no dia seguinte temos que vender entusiasmo.”

Luiza Helena Trajano (n. 1952), paulista, foi presidente e é uma das principais acionistas da Magazine Luiza

- Temos o péssimo hábito de atuar no efeito por ignorar as causas.

Do autor

- “A ausência de evidência não é evidência de ausência.”

Frase famosa de Carl Sagan, que acreditava em vida extraterrestre. Carl Sagan (1934-1996) foi cientista, astrofísico, cosmólogo e autor de mais de 20 livros

Uma nobre atitude de cidadania e espiritualidade

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

A solidariedade é intrínseca à condição humana, um dever moral que vai além da dimensão religiosa, pois todos somos gregários e frágeis. A bondade é tão relevante que, cinco séculos antes de Cristo, nos limiares da filosofia, o pré-socrático Demócrito de Abdera assim aconselhava: “é preciso ou ser bom ou imitar quem o seja”.

Praticar o bem é um ato nobre e gratificante, sejam quais forem as motivações: espiritualidade, cidadania ou alegria de servir. Conta-se que um grande filantropo americano foi à Índia conhecer as ações de Madre Teresa e, surpreso com tanta misericórdia e dificuldade, teria exclamado: “Irmã, eu não faria esse trabalho por dinheiro algum do mundo”. Ao que ela respondeu: “Eu também não”. Imbuída de elevada religiosidade, ela manifesta a sua escala de valores: “as mãos que ajudam são mais sagradas que os lábios que rezam”.

O voluntariado é uma via de mão dupla, pois dá dignidade, supre necessidades básicas e leva tanto quanto possível autossuficiência à comunidade atendida. E a neurociência comprova que agir de modo altruísta, entre outros efeitos positivos, libera o hormônio oxitocina, que promove bem-estar e cuja falta pode ocasionar estresse e depressão. “Voluntarioterapia”, um neologismo que se impõe diante de testemunhos daqueles que esquecem os próprios problemas, pois são pequenos diante da realidade em que estão atuando; ou que abandonaram terapias e remédios contra a tristeza e a depressão – não há voluntário triste quando em ação.

Zilda Arns, uma mártir do voluntariado – pois faleceu em plena atividade comunitária, vítima do terremoto no Haiti em 2010 – se faz oportuna: “quem é voluntário não só dá, recebe muito mais”. Essa transcendentalidade está presente nas palavras de Gibran Khalil Gibran, humanista e escritor libanês: “O trabalho voluntário é para mim uma prece silenciosa. Deveis encontrar uma causa generosa à qual sacrificareis tempo e dinheiro, porque é assim que conhecereis a alegria de dar. Mais do que vossas posses, é quando derdes de vós próprios é que realmente dais”.

Inegavelmente, é a motivação religiosa que prepondera em atividades sociais de benemerência. Os fiéis que frequentam igrejas, sinagogas, mesquitas ou outros templos são mais generosos na doação de seu tempo e nas contribuições pecuniárias. Um estudo realizado nos Estados Unidos pela Charities Aid Foundation aponta que, em média, o americano religioso distribui 7% de sua renda para projetos sociais, correspondendo ao dobro dos 3,5% praticados pela população como um todo, em muito contrastando com os 0,3% da renda que os brasileiros dedicam às doações.

Certamente, não é menor a generosidade dos brasileiros, mas sim baixa a confiança em relação às associações de filantropia (quantas delas mercedoras do adjetivo “pilantrópicas”?). A despeito, há um outro olhar, de enlevo e esperança, quando se convive com o expressivo número de abnegados que dedicam tempo e dinheiro às famílias necessitadas ou entidades assistenciais idôneas, sem que constem em qualquer estatística.

Até mesmo sem vínculos com crenças religiosas, muitos são os atores sociais movidos pelo espírito de cidadania, cujo estímulo advém do prazer de agregar valor à comunidade, ou até pelo desejo de serem reconhecidos. Sim, há aqueles que promovem ações voluntárias em busca de reconhecimento e autopromoção ou para vender uma boa imagem – mesmo assim, não devem ser julgados, pois a entrega traz benefícios. É um narcisismo eficaz, e ser apreciado é próprio da condição humana. Seja qual for a motivação, é sempre relevante a promoção de oportunidades de estudos e trabalho que propiciem autossuficiência e efetiva inclusão social.

Infelizmente, boa parte dos países ainda pratica a “economia da exclusão, que mantém os pobres na marginalidade” – faz-se oportuno o papa Francisco. E o Brasil é uma das nações em que há maior desigualdade social, não por escassez de recursos, e sim por injustiça e improbidade. É de se perguntar: o que choca mais, a pobreza ou a passividade diante dela? A bem da verdade, uma real e duradoura transformação de nosso país virá de uma contribuição muito significativa das ações comunitárias de cada um de nós e, concomitantemente, de uma pressão persistente sobre gestores públicos e melhores escolhas na eleição de nossos dirigentes e legisladores.

Jacir J. Venturi, coordenador da Universidade Positivo (UP), foi professor e diretor de escolas públicas e privadas

Pensamentos

- “A religião da palavra é muito pequena diante da religião da ação.”
Leocádio J. Correia (1848-1886), médico paranguara, abolicionista, eleito deputado provincial. Dedicou-se intensamente às causas sociais no litoral paranaense
- “Muita indignação e pouca ação, os males da nossa democracia são. No Brasil, a democracia não começa na urna: termina nela.”
Gustavo Ioschpe (n. 1977), economista gaúcho, com formação acadêmica nos EUA
- “Nascemos sem trazer nada, morremos sem levar nada. E no meio brigamos por algo que não trouxemos e não levaremos.”
Autoria incerta

Uma tarde com Sócrates

Autor de uma das mais conhecidas frases – “Só sei que nada sei” –, o ateniense Sócrates (c. 470-c. 399 a.C.) nada deixou escrito e tudo o que dele sabemos devem-se aos escritos de seu discípulo Aristóteles. Memorize a resposta genial de Steve Jobs (1955-2011), quando em 2001 a Revista Newsweek lhe perguntou qual um de seus maiores sonhos: – Passar uma tarde com Sócrates. Eu trocaria toda a minha tecnologia por uma tarde com Sócrates. Steve Jobs tinha um estilo de vida zen-budista, tendo passado um tempo na Índia em busca da iluminação, logo após ter abandonado a faculdade.

Texto do autor

Pensamentos

- Sun Tzu (em a *Arte da Guerra*, conhecido no ocidente no sec.18, tradução do jesuíta francês Jean- Marie Amiot) recomenda deixar uma brexa para a fuga do oponente, para que seu espírito não seja alimentado pelo desespero que é capaz de transformar um guerreiro em dez
- “Pensar é difícil, é por isso que a maioria das pessoas prefere julgar.”
Carl Gustav Jung (1875-1961), professor e psiquiatra suíço, fundador da psicologia analítica, na qual defendia o inconsciente coletivo, “que não se desenvolve individualmente, mas é herdado”
- Na adolescência, ao vencer os hormônios, nascem os neurônios.
Do autor

Bons propósitos para uma convivência feliz

Do autor, publicado em vários jornais

Recentemente, meu filho mais novo pediu que eu proferisse alguns ensinamentos de vida, por ocasião da cerimônia de seu casamento. Mais especificamente, bons propósitos para praticar com sua então companheira desde o início do casamento, que se propõe a ser duradouro.

Eu não poderia me quedar a tão auspicioso convite, embora tomado por forte emoção. São 14 regrinhas de ouro para uma boa coabitação. Ei-las:

1) Manter sempre o propósito de crescerem juntos, de se moldarem para favorecer uma convivência feliz e saudável.

2) Estabelecer alguns projetos de vida em conjunto, sendo o principal deles construir uma boa escala de valores. É mais feliz o casal que desenvolve valores, virtudes, crenças e condutas em comum. Serão bons companheiros na velhice e, o mais importante, pais muito melhores, pois os ensinamentos e os modelos serão mais uniformes. Na vida, as negligências são até admissíveis, menos a de papel de pais, pois nada mais frustrante que filhos desencaminhados.

3) Coabitar é passar por fases de êxtase, alegrias, mas é também superar frustrações. É preciso lembrar sempre que há uma roseira em seu jardim: se há a beleza e o perfume das flores, também os espinhos que machucam. A poetisa Cora Coralina é que nos inspira com a sua alegoria: “quis um dia ser jardineira de um coração. Nasceram rosas, mas nos espinhos me feri”.

4) O que compromete uma relação adulta não são as discordâncias, mas a indiferença, a falta de diálogo. A indiferença é a maior destruidora de afetos. E diálogo exige respeito, quer pelas palavras, quer pelas atitudes.

5) Uma relação afetiva será vitoriosa na medida do diálogo, da tolerância e das concessões mútuas. A tolerância no casamento não é fraqueza, é virtude – desde que praticada por ambos.

6) As discordâncias fazem parte do cotidiano de um casal – afinal são dois seres oriundos de históricos familiar e individual diferentes, e cada um vem com suas crenças e escala de valores. Mas que prevaleça a boa comunicação e a força dos argumentos.

7) Se um entra em crise, o outro deve se conter, manter o equilíbrio, pois muito danoso para a relação é quando simultaneamente os dois “surtam”. Neste mister, muito bem corroboram as palavras de Shakespeare: “a tragédia começa quando os dois acham que estão certos”.

8) O equilíbrio entre os sentimentos e a razão é a essência de uma vida de contentamento interior, o que requer disciplina pessoal, esforço e boas escolhas do nosso livre arbítrio. Temos dentro de nós dois cães que se litigam todos os dias: um representa a emoção e o outro, a razão. Qual dos dois vence a briga? Aquele ao qual damos mais comida, por isso os dois precisam ser alimentados com porções iguais.

9) Quais os dois principais erros de um casal?

- 1.º) Focar nas falhas do outro, em vez das qualidades.

- 2.º) Querer que o outro mude, se amolde aos seus desejos. As mudanças devem ocorrer, os ajustes são necessários, mas fruto do convencimento interno de cada um.

10) A pior solidão é a solidão de dois sobre o mesmo teto, e decorre da indiferença, da rotina em que um não se interessa pelo outro, nem há manifestação de sedução e libido.

11) Não guardar mágoas, cultivando a difícil arte de perdoar. Mágoa é deletéria, uma carga tóxica que infelicita e desencadeia doenças.

12) Quero lhes contar uma pequena história: na véspera do casamento do filho, o velho pai o chama e diz – amanhã você vai se casar, vai ter uma

companheira, depois filhos que passarão a ser a prioridade em sua vida. Mais tarde, seus filhos farão exatamente o que você está fazendo comigo e que eu fiz com o seu avô. E o que será de você? Por isso, nunca se distancie dos amigos, dedique tempo a eles. É com eles que você vai rememorar boas histórias, dar gargalhadas gostosas, falar de política e futebol, contar seus segredos, frustrações e angústias.

13) Praticar solidariedade e ações comunitárias, gestos que levam dignidade e autoestima. O retorno é o prazer de ser útil, além de ser uma terapia gratificante. Belas e oportunas são as palavras de Dalai Lama: “A ajuda aos semelhantes nos traz sorte, amigos e alegria. Sem ajuda aos semelhantes acabaremos imensamente solitários”.

14) Perseguir a trilha da espiritualização. Manter a fé no Deus criador, a inteligência infinita. Crer na força das preces, das boas energias e do pensamento positivo, que promovem curas e nos confortam nas horas de sofrimento. Manter a prática da caridade cristã, voluntária e sincera. E sobre isso, Madre Tereza de Calcutá tem autoridade para nos ensinar: “as mãos que ajudam são mais sagradas que os lábios que rezam”.

São regras simples, mas que exigem persistente esforço para sua implementação contínua. Todavia, são esforços que se tornam prazerosos na medida em que gradualmente se colhem os frutos de um relacionamento feliz e duradouro.

Jacir J. Venturi, professor e diretor de escolas públicas e privadas, autor de três livros e pai de três filhos

Pensamentos

- “Um homem só fracassa quando desiste de tentar. Todos os dias me levanto para vencer.”

Aristóteles Onassis (1906-1975), magnata grego, empresário da marinha mercante. Foi casado com a ex-primeira-dama Jacqueline Kennedy de 1968 a 1975

- “No Brasil perdoa-se tudo, menos o sucesso.”

Alfredo Machado, cofundador (em 1940) da Editora Record

- “A arte de viver é simplesmente a arte de conviver... simplesmente, disse eu? Mas como é difícil.”

Mário Quintana (1906-1994), gaúcho de Alegrete, poeta, jornalista e tradutor de obras clássicas da literatura universal

A sogra muito “viva”

A “feijoada sem pressa” do Restaurante Vallentina, no Água Verde, foi premiada com o 2.º lugar pelo júri popular promovido pela Gazeta do Povo. O proprietário, Fábio L. Oliveira, ex-professor de cursinho, recebeu a visita do amigo Jacir Venturi neste último sábado. Na saída, ao elogiar a saborosa comida da senzala, o prof. Jacir recordou que sua mulher também faz uma feijoada apetitosa e que uma vez comentou com sua sogra, fazendo blague:

– Casei com sua filha por causa da feijoada!

E a sogra foi rápida no gatilho:

– Ah, não sabia que mudou de nome!

Coluna do Malu – publicada na Gazeta do Povo

Pensamentos

- “As convicções são inimigas da verdade e bem mais perigosas que as mentiras.”

Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão

- “A qualidade da sua vida é determinada pela qualidade das emoções que você sente constantemente em seu cérebro.”

Tony Robbins (n. 1968), escritor e palestrante motivacional estadunidense

- “O dia do benefício é a véspera da ingratidão.”

Anexim português

O extraordinário legado da escola pitagórica

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Incomensuráveis são os méritos atribuídos a Pitágoras, embora uma figura imprecisa historicamente, uma vez que nada deixou escrito. As primeiras referências a esse monumental legado datam de cem anos após sua morte, em torno de 497 a.C., e deve-se a Filolaus, que nos repassou o que aprendeu com um dos discípulos de Pitágoras. Mais tarde, também Platão fez menção aos seus ensinamentos – não se referindo à pessoa física, mas sim, à Escola Pitagórica. Mais recentemente o filósofo e matemático Bertrand Russel o classificou como “um dos maiores homens de todos os tempos”.

Pitágoras nasceu na ilha de Samos, na região então conhecida como Ásia Menor, e durante 30 anos percorreu Egito, Babilônia, Síria e, possivelmente, Pérsia e Índia, locais onde acumulou ecléticos conhecimentos em geometria, aritmética, astronomia, filosofia, misticismo e religião. Por muitos anos permaneceu no Egito, onde se fez sacerdote para melhor entender os ritos e religiosidades.

Por volta de seus 50 anos, retornou à terra natal e, indispondo-se com um governante tirano, decidiu emigrar para Crotona, na Calábria, sul da Itália, de dominação grega. Ali se estabeleceu, aglutinando uma plêiade de mais de uma centena de membros – formando o que alguns historiadores honrosamente classificam como a primeira universidade do mundo.

Ficando conhecida como Escola Pitagórica, suas atividades se viram desde então envoltas por um véu de mitos e lendas, notabilizando-se por séculos como uma irmandade intelectual e espiritualista. Politeísta e mística, nela preponderava uma espécie de sincretismo religioso, incluindo a crença na imortalidade da alma, cujo aperfeiçoamento ocorreria através de sucessivas reencarnações.

No dia a dia, realizavam-se práticas de purificação e elevação moral através de uma vida ascética, austera, devoção à obediência, à lealdade, aos segredos da Escola e combate à preguiça e à cólera. Seus aforismas perpassam os séculos pelos valores que ensinam, e peço licença para recitar dois deles: “Com organização e tempo encontra-se o segredo de fazer tudo e tudo fazer bem” e “Ajuda teus semelhantes a levantar a carga, mas não a carregues”.

Os estudos de aritmética, geometria, música e astronomia eram, por sua vez, as formas de purificação da mente. E para purificar o corpo abstinham-se de beber vinho e comer carne. Daí ser improvável a versão de que Pitágoras teria comemorado a demonstração do teorema que leva o seu nome com a matança de cem bois. A propósito, a palavra “hecatombe” provém dessa lenda (do grego *hecaton*, significa “cem”) e chegou até nossos dias significando, em seu sentido figurado, “carnificina” ou “grande derramamento de sangue”.

Se cabe a Pitágoras o mérito da demonstração, porém o famoso teorema que leva o seu nome – que relaciona a soma dos quadrados dos catetos com o quadrado da hipotenusa num triângulo retângulo – alguns séculos antes já era conhecido dos babilônios, chineses e hindus.

A palavra “matemática” surgiu com os pitagóricos (*mathematikós*, em grego), com a concepção de um sistema de pensamento em bases dedutíveis, e deles advêm o conhecido aforisma de que “a matemática é o alfabeto com o qual os deuses escreveram o universo”. Até então, a geometria e a aritmética tinham um caráter utilitário, intuitivo, fulcrado em problemas práticos, sendo fruto dos pitagóricos a classificação dos números em pares, ímpares, primos e racionais (estes são todos os números que podem ser representados na forma de fração).

Conta uma das tantas lendas que grande celeuma se instalou entre os pitagóricos em virtude da irracionalidade da raiz quadrada de dois. Como explicar um triângulo retângulo cujos catetos são iguais a 1 e o resultado da hipotenusa seja um número não admitido por eles? Para eles, os números tinham preceitos místicos e, mesmo assim, um ousado discípulo chamado Hipasus de Metapontum propôs uma solução para o problema, admitindo números fora do espectro dos racionais. O que aconteceu com o infeliz? Foi atirado ao mar, pois estavam em um navio quando se confrontaram.

Narrativas fatídicas à parte, também dos pitagóricos advêm estudos sistematizados de alguns poliedros e polígonos regulares, sobre proporções, números decimais e a seção áurea ou divina. Na astronomia, os pitagóricos cristalizaram a ideia de que há uma ordem que domina o cosmo (termo também cunhado por eles, que em grego significa “harmonia”) e que as leis que regem o universo podem ser expressas por relações matemáticas. Pela acurada observação dos astros, admitiram teorias inovadoras para a época, a despeito de nem sempre serem precisas: declararam que a Terra seria esférica e distinguiam as estrelas dos planetas, os quais se moviam em órbitas circulares ao redor da Terra.

A Escola Pitagórica representa um dos importantes marcos da humanidade, pois a despertou para o sublime prazer de pensar, que culminou com o retumbante pensamento cartesiano *cogito, ergo sum*. E nesse espírito, não me contenho e peço licença para concluir com mais dois ensinamentos atribuídos a Pitágoras: “Não é livre quem não consegue ter domínio sobre si” e “Educai as crianças e não será preciso punir os homens”.

Jacir J. Venturi, coordenador na Universidade Positivo e membro do Conselho Estadual de Educação, foi professor da UFPR e PUCPR

Pensamentos

- “Não há opinião pública. Há opinião publicada.”
Winston Churchill (1874-1965), primeiro-ministro britânico, Prêmio Nobel de Literatura e o maior estadista do século XX
- “A mão que embala o berço é a mão que faz o destino.”
Tradução livre de parte de um poema de 1865 de Willian Ross Wallace
- “A falta de tempo é uma desculpa de quem o perde por falta de método.”
Autoria incerta

Qual a melhor religião?

Em 2010, Leonardo Boff, teólogo e filósofo brasileiro, durante uma palestra em Curitiba, nos contou que dois anos antes teve um encontro com Dalai Lama, no qual, movido por curiosidade e interesse teológico, perguntou:

– Santidade, qual a melhor religião?

Boff verbalizou que esperava como resposta: “A melhor religião é o budismo tibetano ou são as religiões orientais bem anteriores ao cristianismo”. Mas não. Em vez disso, ele serenamente respondeu:

– A melhor religião é a que te faz melhor, é a que mais te aproxima de Deus.

E Boff até se julgou inconveniente, mas prosseguiu:

– Mas o que me faz melhor?

– Melhor é a religião que te faz mais compassivo – foi a resposta de Dalai Lama, numa mensagem expressando o que as religiões tibetismo, budismo e taoísmo têm de mais sagrado: ensinar a ser compassivo e solidário.

Texto do autor

Pensamentos

- “O seu caráter é parecido com o daqueles com quem escolheu conviver.”
Sigmund Freud (1856-1939), médico neurologista e psiquiatra criador da Psicanálise
- “Atrações físicas são comuns, conexões mentais são raras.”
Do Pinterest

- “Quando uma mulher estiver brava, nunca pergunte qual é o problema. Mas também não ignore sem perguntar qual é o problema.”

Gracejo popular

As habilidades podem e devem ser desenvolvidas

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas.

Aqueles que desenvolvem adequadamente as chamadas *soft skills* (habilidades comportamentais) duplicam seu rendimento nas *hard skills* (habilidades técnicas), aponta um estudo desenvolvido pela McKinsey & Company, renomada consultoria empresarial norte-americana. Em outras palavras, os desempenhos escolar, acadêmico e profissional são potencializados pelas habilidades socioemocionais como criatividade, pensamento crítico, empatia, afeto, tolerância, colaboração, resiliência, positividade, liderança, comunicação interpessoal, gestão do tempo, resolução de problemas, etc.

Deste modo, não foi coincidência quando na atmosfera de *bits* e *bytes* do Vale do Silício – onde estivemos há poucos meses em visita oficial a nove empresas que desenvolvem conteúdos e produtos educacionais – a expressão mais ouvida por nós foi *soft skills*. O recado é eloquente em meio a tanta tecnologia: o desenvolvimento cognitivo é importante, porém o ambiente abundante em habilidades socioemocionais traz produtividade, felicidade e inovação. De fato, o Silicon Valley é apontado por pesquisas como a região dos EUA mais feliz para se trabalhar, detém o menor índice de criminalidade e tem maior diversidade étnica – cerca de 40% dos que lá trabalham provêm de mais de 60 países.

Até a década de 1980 reinavam absolutos os testes de QI (quociente de inteligência) para mensurar a aptidão acadêmica dos estudantes ou o potencial dos funcionários de uma empresa, razão pela qual quem tinha QI aquém de 80 era alvo de pilhérias e bullying. Foi então que surgiu a teoria das Inteligências Múltiplas, tendo à frente Howard Gardner, professor e psicólogo da Universidade de Harvard, que investiu sua ira santa contra os testes de QI, e uma significativa transformação aconteceu na psicologia da aprendizagem e, mais tarde, no ambiente corporativo.

Os testes de QI, criados em 1905 pelo pedagogo e psicólogo francês Alfred Binet, basicamente mensuravam as aptidões linguísticas, motoras e de raciocínio lógico. Gardner, por sua vez, deu um novo enfoque a estas três habili-

dades e propôs mais seis: interpessoal, intrapessoal, artística, espacial e, mais recentemente, a naturalista e a existencial. Hoje incorporadas e valorizadas nos mundos acadêmico e corporativo, conquanto o maior mérito de Gardner foi reconhecer como tipos de inteligência a interpessoal (empatia, capacidade de se relacionar bem com outras pessoas, liderança, etc.) e a intrapessoal (virtudes, autoconhecimento, ética, etc.). Destas decorrem avanços, mas em boa parte não passam de variações semânticas.

A teoria gardneriana tem por fulcro duas premissas básicas: as pessoas são dotadas de inteligências diferentes (as nove já enunciadas) e, apesar de admitida a herança genética, elas podem e devem ser desenvolvidas – pelos estímulos do ambiente, família, escola e pelo esforço pessoal. Todos temos potencialidades e limitações. Einstein, por exemplo, foi reprovado nas disciplinas de humanas, quando buscou o ingresso na Escola Politécnica de Zurique, porém conseguiu a vaga pelo elevado desempenho em matemática e física. Picasso, por sua vez, foi um péssimo aluno nas disciplinas de exatas, porém um gênio nas habilidades artísticas. Assim, Goethe se faz oportuno quando afirma: “nem todos os caminhos são para todos os caminhantes”.

Gardner esteve em Curitiba em 2009, a convite da Universidade Positivo, e fui agraciado como um dos 100 educadores convidados. Afável e empático, o seu primeiro gesto antes de iniciar a palestra foi abrir as cortinas e saudar o sol ainda titubeante daquela congelante manhã de inverno curitibano. E, ao final, quando lhe perguntaram qual a habilidade mais admirada no mundo contemporâneo, deu-nos a impressão de que hesitou como se tivesse que escolher das nove filhas a mais bela. Porém, não ficamos sem resposta: “é a combinação do pensamento lógico com a capacidade de lidar com as pessoas”. E finalizou: “inteligência é a capacidade de resolver problemas”.

Jacir J. Venturi, é coordenador na Universidade Positivo e membro do Conselho Estadual de Educação, foi professor e diretor de escolas públicas e privadas

Pensamentos

- “A maior invenção do mundo não é a minha tecnologia! É a morte! Pois, através dela, o velho dará lugar para o novo.”

Trecho de um discurso de Steve Jobs (1955-2011), cofundador da Apple, em seu discurso de 2005, na Universidade de Stanford

- “Precisamos de tão pouco para sermos felizes. O problema é que precisamos de muita experiência para compreendermos isso.”

Autoria incerta

- Celular: maquininha de Deus e do diabo.

Do autor

A burocracia é coisa muito nossa

O ritual da burocracia tupiniquim me exaspera. Certa feita, fui a uma repartição pública e tive de fazer um cadastro. Do outro lado do balcão, uma senhora miúda, óculos caídos sobre o nariz, que quase se escondia atrás do computador.

E inicia o ritual padrão de preenchimento questionando:

- Nome? Endereço? RG? CPF? Sexo?...

Não me contive:

- Sexo? Quase todo dia...

Só então a nossa burocrata levantou os olhos sobre os óculos:

- Como assim... Quase todo dia?

- Quase na segunda, quase na terça e quase na quarta-feira - respondi, com um sorriso maroto.

Ela, bem-humorada, gargalhou.

Texto do autor

Pensamentos

- “Inteligência é a habilidade de se adaptar às mudanças.”

Stephen Hawking (1942-2018), físico britânico

- “Cuidado com o vazio de uma vida ocupada demais.”

Sócrates (469-399 a.C), filósofo ateniense

- Como bom curitibano, gosto do frio, mas não gosto de passar frio.

Do autor

Ensino Médio: reprovado mais uma vez

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Caso o nosso Ensino Médio fosse um aluno em uma escola, não teria passado de ano – e não apenas uma vez, mas em vários anos consecutivos. Quando da divulgação da média 3,8 (numa escala até 10) no último Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), o Ministro da Educação, Rossieli Soares, num lamento pungente, assim se expressou: “É mais uma notícia trágica para o Ensino Médio do Brasil”. Afinal, já faz 20 anos que essa nota permanece nesse patamar crítico, ignominioso.

O Ideb, o mais relevante indicador da qualidade da nossa educação, é gerado a cada 2 anos pelo INEP/MEC a partir de avaliações em todas as escolas públicas, sendo facultado às privadas a participação voluntária. E outros resultados também corroboram com o que o MEC realça como trágico: de cada 10 alunos que concluem o Ensino Médio, 7 o fazem sem os níveis adequados em Português e Matemática; no último Pisa – exame internacional que coteja os resultados de 70 países aplicado a adolescentes de 15 anos –, funestos foram os resultados: o Brasil obteve a 53.^a posição em Linguagem, 63.^a em Ciências e 66.^a em Matemática; e nas provas do Enem, aplicadas aos que concluíram o Ensino Médio, se constata uma gradual queda nas notas em Matemática e Português.

A bem da verdade, o nosso Ensino Médio representa a maior mazela da educação brasileira, lamentavelmente combatida como um todo. É um modelo único no mundo, uma jabuticaba estragada que forçamos goela abaixo de nossos jovens e mestres. Em consequência, as estatísticas demonstram uma realidade desumana e deletéria à sociedade e às finanças do país. De um contingente de 7,9 milhões de matriculados no Ensino Médio, quase 3 milhões abandonaram a escola ou reprovaram ao longo de 2017, acarretando um desperdício (somente naquele ano) de aproximados 100 bilhões de reais – conforme estudo do economista Ricardo de Barros, do Instituto Ayrton Senna, publicado na Exame de 17/11/17.

As causas das evasões e reprovações bem refletem o drama que afeta especialmente as famílias de baixa renda, gerando mais desigualdade social: violência, drogas, gravidez (cerca de 500 mil adolescentes de 11 a 19 anos se tornam mães por ano), *bullying*, necessidade de trabalhar ou a percepção de que “a escola é chata” por oferecer um currículo exagerado de 13 componentes curriculares obrigatórios, a maioria desconectado do cotidiano do aluno.

Se estes parágrafos parecem pessimistas ao leitor – conquanto cruelmente realista –, têm o propósito de clamar por urgentíssimas mudanças, embora uma boa parte de nós, educadores, já o façamos há mais de uma década. O Brasil precisa abandonar o atual modelo e aprovar a BNCC para o Ensino Médio, talvez a 4 mãos – considerando um governo findo e um governo entrante – de modo a aprovar uma base curricular ainda em 2018 ou no mais tardar em 2019.

A lei 13.415/17, que altera a LDB em relação ao Ensino Médio, define que o Núcleo Comum deve contemplar obrigatoriamente Matemática, Português e Inglês, ao longo de três anos, uma vez que desenvolvem no aluno o raciocínio lógico, boa escrita e oralidade, habilidades em evidência em nossa aldeia global – daí a justificativa da inclusão do Inglês.

Na parte diversificada, o aluno poderá optar por uma das 5 áreas (itinerários formativos): Matemática, Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Formação Técnica e Profissional. Descortina-se uma ampla variação entre as escolas, pois numa ponta haverá instituições de ensino seguindo estritamente a nova ementa do Enem, com o escopo de obter aprovações nas melhores universidades. Na outra ponta, escolas que ofertam em seu itinerário formativo componentes de formação profissionalizante para atender aqueles que têm habilidades, vocação ou que são seduzidos pelo ingresso rápido no mercado de trabalho – o Brasil apresenta aqui uma elevada distorção, pois apenas 8% dos nossos estudantes do Ensino Médio estão matriculados em cursos técnicos, enquanto o índice médio é de 40% nos países desenvolvidos.

A implantação é complexa, por exemplo, como ofertar mais de uma opção (itinerário) a 2.702 municípios (dados do INEP) que possuem apenas uma escola de Ensino Médio e cujo número de alunos por série já é reduzido? Com toda essa diversidade de opções e flexibilidade, há ainda muitas pontas soltas que precisam ser amarradas e ninguém ignora a miríade de problemas na implantação, certamente um hercúleo desafio às escolas, Secretarias de Estado e Conselhos Estaduais de Educação, porém ficar com o que aí está é a pior das alternativas. É certo, contudo, que, a médio prazo, acarretará numa boa redução nos índices de reprovação e evasão.

Para concluir, por oportuno, me aproprio de um parágrafo do Estadão sobre a reforma do Ensino Médio: “é uma oportunidade ímpar para se enfrentar o desafio da revolução do sistema educacional, do qual o Brasil depende para crescer, promover inclusão social e formar capital humano”.

Jacir J. Venturi, coordenador na Universidade Positivo, foi professor e diretor de escolas públicas e privadas

Pensamentos

- “Ter couro de elefante é o maior dom que Deus pode dar a um estadista.”

Konrad Adenauer (1876-1967), chanceler da República Federal da Alemanha

- “Espero nunca me tornar velho a ponto de ficar religioso.”

Fraser preconceituosa de Ingmar Bergman (1918-2007), escritor e diretor de cinema sueco

- “La vida es demasiado corta para beber vinos malos.”

Dito chistoso espanhol

A mãe sortuda

Nasceu Gabriel, filho de amigos meus, pais bem apessoados. Astrid, a radiante mãe de Gabriel, conta que recebeu de um amigo do maridão uma camiseta para o pimpolho com a criativa e hilária inscrição: “Sou um gatinho, meu pai um gatinho e minha mãe uma sortuda”.

Do autor

Pensamentos

- “Se tens saúde não diga que a vida não te deu uma oportunidade.”

Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão

- “A palavra felicidade perderia seu significado se não fosse equilibrada pela tristeza.”

Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicoterapeuta suíço

- No momento em que vivemos, temos um compromisso ainda mais necessário, imperativo: trabalhar, lutar por uma educação de qualidade, não importa se pública ou privada, um divisionismo retrógrado, antipatriótico que só faz perdedores. Há muito que nos une, pouco que nos divide. Não é enfraquecendo a escola particular que se fortalecerá a pública, e sem escola pública de qualidade jamais seremos uma nação com justiça social. Cabe, agora ainda mais do que nunca, o espírito de cooperação.

Do autor

Ser professor não é apenas uma profissão – é missão

Do autor, publicado na *Gazeta do Povo*, *Linha Direta* e/ou outros jornais e revistas

“Tratamos os professores como joias. Ser professor não é emprego, é o profissional responsável por moldar as futuras gerações” – este é o mote do país que apresenta um dos melhores resultados nas avaliações educacionais internacionais. Ostenta orgulhosamente que as suas “professoras primárias são apaixonadas pela Matemática” e nele os exames escolares são aplicados de forma padronizada a todas as instituições de ensino, o que afere a qualidade de cada uma delas. Escolhe os seus docentes entre os 5% dos estudantes com melhor desempenho e inicialmente os submetem a estágios probatórios e mentoria dos mais experientes.

O leitor pode estar se imaginando: seria a Finlândia? Ou o Japão? Ou a Coreia do Sul? Até poderiam ser, pois são nações que também exibem elevado desempenho educacional, porém este país que retratamos tem a singularidade de ter tido, até a década de 1960, uma população majoritariamente analfabeta e pobre. Sim, sim... Singapura é o seu nome.

Em consonância com todas as nações bem situadas nos *rankings* educacionais, propicia uma carreira de magistério com intensa qualificação profissional, reverencia os mestres com o merecido prestígio e glamouriza os apaixonados e vocacionados pela nobre missão de ensinar. E no decurso da carreira, os professores dedicam à capacitação 100 horas ou mais anualmente, com ênfase no desenvolvimento de novas metodologias, tecnologias de ensino e habilidades. E igualmente relevante: são avaliados sistematicamente, recebendo *feedbacks* acompanhados meritocraticamente pela oferta de bônus e prêmios.

Um dos pontos-chave reside no fato de os professores serem amplamente reconhecidos pela sociedade, aspecto no qual o exemplo do Japão é igualmente oportuno e icônico: todos os súditos se inclinam ao saudar sua majestade, à exceção dos mestres, sob a prerrogativa de que sem bons professores não se faz um bom imperador. Por isso, resgatar o prestígio social dos nossos mestres talvez seja, aqui no Brasil, o primeiro passo para uma significativa melhora em nossa tão comprometida qualidade educacional, conquanto, sejam igualmente adotadas progressivamente as demais implementações estruturantes: avaliações padronizadas, *feedbacks*, capacitação, controles, oferta de bônus por resultados, adequação da infraestrutura física, adoção de novas tecnologias, etc. Obvia-

mente, um esforço hercúleo será necessário, até porque boas iniciativas já implementadas nesse sentido naufragaram no Brasil por incúria administrativa ou diante das pressões corporativas ou ideológicas. Ademais, um simples incremento linear nos salários seria uma medida – além de inócua – irresponsável em meio às combalidas finanças públicas.

Outro ponto relevante que merece ser atacado é a baixa atratividade da carreira docente, talvez o principal limitador para que os nossos jovens mais talentosos abracem a nobre missão de legar uma geração melhor que a sua. Pesquisa de satisfação entre os professores, conduzida pelo IBOPE Inteligência, destaca que cerca de um terço dos professores não se sente satisfeito com a atividade docente e metade dos professores não recomendaria essa profissão para um jovem. Motivos: desvalorização da carreira (48%); má remuneração (31%); dificuldades na rotina (15%). Quem adentra os umbrais da educação não desconhece os elevados desafios – mas outras profissões também não o têm? No entanto, há de prevalecer que nenhuma missão é mais grandiosa que a do educador, na qual não se tem o direito de ser mediano. E todo o professor deve adotar o seguinte lema: aula que tem que ser dada, merece ser bem dada e para tanto bem preparada.

Para nosso alento, temos muitos vocacionados no magistério, apesar do pouco que a nação e a sociedade lhes oferecem, e o que os motivam são a paixão e o entusiasmo. A propósito, entusiasmo é uma das palavras mais belas do nosso léxico que provém do grego *en-theo* (*en*=dentro; *theo*=deus). Ou seja, tem um deus dentro de si quem tem postura entusiasta.

Jacir J. Venturi, coordenador na Universidade Positivo e membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor do Colégio Estadual do Paraná, EJA, Pré-Vestibulares, UFPR e PUCPR

Pensamentos

- “O problema brasileiro nunca foi fabricar Constituições, e sim cumpri-las. Havíamos demonstrado, ao longo da história, talento jurisdicista para produzir até então Constituições, e suficiente indisciplina para descumpri-las todas.”

Roberto Campos (1977-2001), deputado constituinte de 1988, ministro, diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras

- “Tu devolvestes meu retrato, minha cartas, meus presentes, nada disso aceitei. O que só faço questão de te devolver são os beijos que te dei.”

*Do samba *Meu Único Desejo*, de Ismael Silva (1905-1978), compositor e cantor brasileiro*

- “Muitos homens devem o seu sucesso à primeira mulher; e sua segunda mulher, ao sucesso.”

Blague popular

Esforço + Método = Resultados Extraordinários

Tenho como filosofia de vida que, enquanto estiver com 1% de chance para alcançar algo, continuarei lutando. Todo o esforço, desde que persistente e acompanhado de organização e método, produz resultados extraordinários. 1% pode parecer desprezível, mas a Matemática prova – nas duas igualdades abaixo – a grande diferença entre não fazer nada em comparação com um acréscimo de 1% ao longo dos 365 dias de um ano:

$$(1,00)^{365} = 1,00$$

$$(1,01)^{365} = 37,7$$

Texto do autor

Pensamentos

- “A vida é muito bela para ser insignificante.”

Charles Spencer Chaplin (1889-1977), ator, diretor, compositor, roteirista, produtor e editor britânico

- “A vida é como andar de bicicleta. Para manter o seu equilíbrio, você precisa continuar em movimento.”

Albert Einstein (1879-1955), físico alemão

- Ele, pretensioso demais, julga que detém o monopólio das virtudes.

Do autor

Posso ser voluntário todo dia?

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

O trabalho voluntário é um dever de consciência social e um nobre exercício de cidadania. É uma via de mão dupla. Leva dignidade, autoestima e bens materiais à comunidade atendida, dando como retorno a transformação interior, o prazer de ser útil e a incorporação de uma experiência valorizada por todos, inclusive pelo mercado de trabalho. “A solidariedade é o sentimento que melhor expressa o respeito pela dignidade humana” – se faz oportuno Franz Kafka.

Muito se ensina às crianças e jovens sobre valores nas escolas, famílias, igrejas e templos. Via de regra, o jovem é generoso, mas lhe falta iniciativa e uma maior responsabilidade social. Numa pesquisa que realizamos com 1900 alunos de três escolas de Curitiba, constatamos que apenas 8% dos jovens participam de ações comunitárias. No entanto, 71% gostariam de participar, mas não sabem como. Assim, estamos muito aquém dos países da Europa, EUA e Canadá, onde a inserção dos jovens em projetos comunitários é robusta: de 40% a 62%.

A solidariedade se incorpora com a prática, pois pequena é a eficácia quando fica restrita apenas aos ensinamentos dos pais e professores. No Brasil, são centenas de milhares de jovens bem instruídos, bem nutridos, com tempo disponível, enclausurados em suas torres de marfim – condomínios, colégios, clubes, *shoppings* e *smartphones* –, no entanto alheios aos problemas sociais e desconhecedores da realidade da periferia de sua cidade.

Ter sido um ator social é relevante em um currículo. As empresas entendem que esse candidato é colaborativo, mantém bons relacionamentos, sabe se doar, desenvolve mais celeremente a liderança e não se apequena diante das vicissitudes.

Confirmam as pesquisas científicas que a ação generosa reduz a ansiedade, a depressão e revigora os praticantes em bem-estar, saúde, pois libera a endorfina. Ensina a sabedoria popular que não há melhor exercício para o coração do que se inclinar e levantar pessoas.

Fazer o bem é uma excelente terapia. É a benfazeja prática da ‘voluntario-terapia’. “Meu psiquiatra deve ter detestado as ações comunitárias que faço, pois deixei de tomar remédios e o dispensei” – confessa emocionada, em tom de blague, a Prof.^a Marli, pois assim que se aposentou passou por um período de apatia e profunda tristeza. Foi então que se engajou em um projeto que desenvolvemos em parceria com algumas construtoras de Curitiba, preparando os funcionários para os exames da EJA. Com a participação de adolescentes e por iniciativa nossa, muitos foram os trabalhos voluntários praticados em escolas públicas de periferia, creches, asilos. Dessa rica experiência, colhemos depoimentos comoventes, como o de Susan: “Saí da zona de conforto e arregacei as mangas. Estou cansada, mas feliz. Aprendi a ser mais humana e mais humilde.”

A premissa básica do voluntariado é “servir o outro”. Motivações para isso são abundantes. Cidadania? O prazer de ser útil? Uma experiência reconhecida? ‘Voluntarioterapia’? Religião? – afinal você só leva aquilo que dá. Finalizo com as palavras da Madre Tereza de Calcutá: “as mãos que ajudam são mais sagradas que os lábios que rezam.”

Jacir J. Venturi é presidente do Sindicato das Escolas Particulares do Paraná (Sinepe/PR) e foi mentor e coordenador do Projeto Amo Curitiba – Ações Voluntárias, que desenvolveu 780 projetos comunitários em creches, asilos e escolas públicas de periferia, por meio de um grupo de escolas privadas e o Sinepe/PR. O Sinepe é colaborador voluntário do Instituto GRPCOM no blog Giro Sustentável

Pensamentos

- “A única coisa bem distribuída no mundo é o bom senso. Tanto isso é verdade que todos acreditam que já o têm suficiente.”

Michel de Montaigne (1533-1592), pensador francês

Obs.: “A única coisa bem distribuída no mundo é a burrice.” – diz George Bernard Shaw em contraposição à Montaigne.

- “Ser saudável não é apenas sobre o que você come. É também saber o que você pensa, diz e faz!”

Pensamento muito verdadeiro extraído das redes sociais

- “O sexo é uma das coisas mais lindas, naturais e saudáveis que o dinheiro pode comprar.”

Woody Allen (n. 1935), ator, comediante, roteirista, e cineasta norte-americano

A difamação

Na empresa, escola ou família campeiam frequentemente a intriga e a maledicência. A tal infortúnio, os ensinamentos orientais sugerem um bom discernimento, ante o impulso de levarmos adiante a tendência destrutiva presente em nossa relação com o outro. Antes, esses ensinamentos propõem que passemos pelo crivo de duas peneiras.

A peneira da Verdade

Temos certeza de ser verdadeiro o que ouvimos? A experiência demonstra que, na maioria das vezes, não o é. Porém, convictos da veracidade, torna-se pertinente deixarmos vazar à peneira seguinte.

A peneira da Bondade

A injúria feita à reputação raramente se repara, de modo que o mais inocente dos homens pode perder seu bom nome, duramente conquistado. Por outro lado, quase nunca os difamadores obtêm o respeito daqueles que o cercam. São os escoteiros do mal: têm que praticar uma má ação por dia e sua língua é o principal instrumento.

Assim agindo, todos teremos um mundo melhor para viver.

O *Talmude*, livro sagrado dos judeus nos ensina: “A palavra dita é como abelha: tem mel e tem ferrão.

Texto do autor

Pensamentos

- “Quando fores orar, começa perdoando.”
Santo Agostinho de Hipona (354-430), teólogo e filósofo cristão
- “Brasileiro ou é cheio de problemas ou de soluções. Os do primeiro tipo atrapalham menos.”
Joemil Beting (1936-2012), jornalista paulista de grande prestígio
- Thomas Jefferson (1743-1826), um dos autores da Constituição dos EUA, disse que a Carta Magna deveria ser à prova de idiotas, pois em algum momento eles vão governar. Nelson Rodrigues (1912-1980), grande escritor brasileiro, dizia que “os idiotas vão tomar conta do mungo; não pela capacidade, mas pela quantidade. Eles são muitos.”

A infância e o extraordinário legado de uma boa escola

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Depois de quase 5 cinco décadas como professor e gestor escolar, e com fulcro em muitas leituras, se meu neto tivesse a oportunidade de estudar em uma escola de excelência somente numa única fase da vida escolar, e esta escolha fosse minha, não seria no Ensino Médio, tampouco na Universidade, mas sim no período dos 3 aos 8 anos de idade.

Neurocientistas afirmam que na infância o cérebro faz mais que o dobro de conexões em comparação a qualquer outro período da vida. Um especialista do tema, Rodolfo Canônico, em entrevista à Gazeta do Povo, em 20/07/18, corrobora: “As conexões cerebrais que se formam nos primeiros anos podem

ser um fundamento forte ou fraco para aquelas formadas posteriormente. Além disso, a saúde física e mental, as habilidades sociais e as capacidades cognitivas e linguísticas que se desenvolvem nos primeiros anos de vida são importantes para a vida escolar e profissional, além da vida comunitária em si.”

Em uma excelsa instituição de ensino, a criança encontra um estimulante ambiente alfabetizador que facilita o ingresso ao mágico mundo das letras. A contação de histórias e as leituras têm efeitos benfazejos para toda uma vida, bem como o encorajamento à reflexão sobre o mundo que a cerca. Ao interagir e dialogar, o nosso pequeno desenvolve a linguagem, o raciocínio e a argumentação, enriquecendo-se de novas palavras. Ademais, as pesquisas indicam que até os 8 anos é a fase da vida que o cérebro tem maior plasticidade para aprender uma segunda língua. Tão relevante quanto é o ritual de passagem para o encantador mundo da Matemática com suas atividades lúdicas, jogos e brincadeiras que exigem algum tipo de raciocínio lógico.

No cerne de todo esse processo, fundamental e indispensável é o papel do professor. Por que, nas últimas avaliações internacionais, os alunos dos países asiáticos têm se destacado? A resposta é consensual: na infância, as crianças dessas nações têm professoras e professores – valorizados, respeitados e adequadamente capacitados – apaixonados em contar e ler histórias, entusiastas pelo ensino da Matemática de forma aprazível e sem decorebas, com uma sincera curiosidade que é naturalmente transmitida aos educandos.

Dada a importância que se reveste nos dias atuais, vale destacar que a boa escola também contribui para o desenvolvimento de hábitos alimentares diversificados e salutareos, que têm reflexos positivos por toda uma existência, e é oportuno rememorar um pensamento de Napoleon Hill: “se tens saúde, não diga que a vida não te deu uma oportunidade”. Diminui, ainda, o risco de a criança integrar as estatísticas de excesso de peso na população, que pela gravidade já é denominado por alguns pesquisadores como a epidemia do século e nos EUA causou uma queda – embora leve – na expectativa de vida de seus cidadãos em 2016. E tanto lá como cá, o sobrepeso acomete cerca de 30% das crianças. Ademais, uma descoberta feita pela Universidade de Nova Iorque revela que a gula surge por volta dos 5 anos, pois até os 3 ou 4 anos, em geral, os pequenos possuem um mecanismo de autorregulação cerebral que limita o volume de alimento a ser consumido.

Não menos importante, numa escola de excelência o nosso infante – príncipe ou princesa – aprende, por meio do convívio escolar com os amiguinhos, as regras básicas de cooperação, o respeito ao espaço do outro e os compromissos com horários, tarefas e normas. E ao nosso rebento são reforçados os bons valores familiares e lhe é propiciado um ambiente de acolhimento e afeto, cuja sensação de bem-estar resultante inunda a arquitetura cerebral de endorfinas e serotoninas que estimulam seu desenvolvimento.

Uma frase atribuída a Freud ensina que “criança é o pai do homem” – ou seja, nós, adultos(as), consciente ou inconscientemente, agimos muito de acordo com uma escala de valores construída na infância por meio de ensinamentos, exemplos e experiências vividas, sem negar as influências do nosso DNA. Nesse sentido, existe atualmente uma maior compreensão das famílias e escolas de que, especialmente na fase dos 3 aos 8 anos, é grande a relevância dos estímulos neuropsicomotores, os quais definem boa parte das habilidades necessárias para uma vida adulta de realizações profissionais e bons relacionamentos. E o que se clama hoje é que as novas descobertas da neurociência adentrem ainda mais o espaço escolar.

Jacir J. Venturi, coordenador na Universidade Positivo e membro do Conselho Estadual de Educação, foi professor da UFPR e PUCPR

Pensamentos

- “De amor e seus danos / me fiz lavrador / semeava amor / e colhia enganos / não vi em meus anos / homem que apanhasse / o que semeasse.”

Luiz Vaz de Camões (1524-1579), um dos principais poetas da literatura lusófona, autor da epopéia Os Lusíadas

- “Não importa a cor do gato, importa que ele cace o rato.”

Deng Xiaoping, principal líder político da China no período de 1978 a 1992. Pragmático, foi responsável pelas reformas econômicas e pela chamada abertura para uma economia de mercado socialista

- “Nenhuma situação é tão complicada que uma mulher não possa piorar.”

Tom Jobim (1927-1994), autor de letras antológicas, cantor, pianista, violonista brasileiro

A lógica lusitana

Apesar das piadas dos brasileiros em relação aos portugueses, a lógica deles diante de perguntas do cotidiano é irrepreensível. Veja dois exemplos:

1) Numa sexta-feira, o brasileiro entra em uma loja em Lisboa e pergunta ao atendente se a loja fecha amanhã, sábado. Ele responde que não. No sábado, o brasileiro volta e dá de cara com a loja fechada. Na segunda-feira, muito zangado, cobra o atendente:

- O senhor disse que não fechava!

E o português responde:

- Mas como vamos fechar se nem sequer abrimos?

2) O português tinha como esposa uma brasileira:

- Manoel, vá até a padaria e traga 5 pães; se tiver ovos, traga 6.

Ele volta com 6 pães e disse:

- Tinha ovos.

Texto do autor

Pensamentos

- “É fácil amar a humanidade; difícil é amar o próximo.”

Nelson Rodrigues (1912-1980), escritor, jornalista, romancista, teatrólogo, contista e cronista de costumes e de futebol brasileiro

- “Acuse-os do que você faz, xingue-os do que você é.”

Vladimir Ilyich Ulianov “Lênin” (1870-1924), revolucionário comunista e político russo

- Pergunta de uma prova: “Qual a função do coração?” Resposta: sofrer (muito criativo).

Dois dinossauros no Vale do Silício

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Bem em frente aos dois prédios da alta cúpula da Google, há uma escultura de uns 2 m de altura, sobre a qual paira uma lenda advinda dos dois fundadores:

- Vocês estão vendo o esqueleto deste dinossauro? Pois bem, ele foi grandalhão, um dos mais ferozes do planeta e o dominava. E o que aconteceu? Desapareceu!

A mensagem é óbvia: não basta ser grande, temido e líder. É preciso se adaptar às mudanças, ser um darwinista.

Durante 8 dias, integrei uma missão oficial ao Vale do Silício, na qual visitamos nove empresas, incluindo a Universidade de Stanford, na companhia de 32 gestores educacionais, bem mais jovens do que eu. Entrar neste ambiente altamente tecnológico foi um intenso desafio pessoal, pois toda minha formação acadêmica foi estritamente analógica (régua de cálculo, tábuas logarítmicas e trigonométricas, estojo para desenhar a nanquim), por isso é elevado meu esforço, atualmente, para acompanhar os jovens digitais num ambiente corporativo.

San José é a “capital” dessa região formada por cerca de 20 pequenos municípios. No início do século passado, era inóspita e rural. E, diante desse ecossistema extremamente digital e inovador de hoje, inevitavelmente se questiona: que fatores levaram essa extensão de terra a se tornar uma meca da tecnologia? Certamente, os mais fortes foram os incentivos fiscais dos municípios e uma Stanford acolhedora de projetos das pequenas indústrias, a partir da década de 1930, para o desenvolvimento e produção de circuitos integrados e transistores, impulsionadas pelas extraordinárias demandas desses eletrônicos pelo exército e pela marinha estadunidenses, NASA e grandes indústrias.

Nas várias palestras e reuniões das quais participamos, entre os temas mais recorrentes estavam a Inteligência Artificial (AI) e o *Machine Learning* (Aprendizado das Máquinas). Na sede da Google, foi sinalizado o que causaria *frisson* em todo o mundo na semana seguinte: conversas gravadas de um robô com humanos. Trata-se do assistente digital Google Duplex – em linguagem técnica, denominado *chat bot* (robô de conversação).

Inicialmente, o robô ligou para uma cabelereira e estabeleceu um diálogo completo para o agendamento de um horário. Em outro momento, telefonou para um gerente de restaurante para reservar uma mesa. Em ambos os casos, o interessante é que, diante de obstáculos – como a indisponibilidade de horário ou limitações de lugares –, o robzinho propôs alternativas, inclusive simulando hesitações em linguagem próprias de humanos, como “hum...”, “hãh...” e “deixa eu ver”. Surpreendentemente, nem a cabelereira nem o gerente do restaurante suspeitaram que do outro lado da linha houvesse uma máquina.

A bem da verdade, estamos no limiar do Teste de Turing sobre a Inteligência Artificial – quando uma máquina conversa a distância com um humano, sem que este perceba. Alan Turing (1920-1954), matemático inglês, foi criador do primeiro modelo de um computador e se notabilizou por decodificar o Enigma, engenhosa máquina criptografada com códigos secretos nazistas.

Big data foi outro tema recorrente nas palestras. Evgeny Morozov, um bielorrusso de apenas 34 anos, professor de Stanford, publicou vários livros e artigos sobre o tema e é efusivo em referência à mineração de dados: “Do mesmo modo que no século XX a economia foi dominada pelo petróleo, o século XXI será movido pelo *Big data*”.

Todavia, naquela atmosfera em que se respiram *bits* e *bytes*, há quase paradoxalmente uma manifesta cultura de ênfase aos valores humanos, socioemocionais e éticos. Os avanços tecnológicos são imprescindíveis, mas só se justificam se estiverem a serviço do bem-estar do ser humano – dizem eles. Os que lá trabalham querem deixar um legado para as próximas gerações. Obviamente, não podemos posar de ingênuos diante dos discursos – entre falar e praticar há no meio um mar, ensina a sabedoria popular. Entretanto, o Vale do Silício, além de ser a região mais rica e de menor índice de criminalidade dos EUA, é também onde os profissionais são mais felizes para trabalhar, segundo pesquisas. Apresentam-se como pessoas satisfeitas e de bem com a vida. Talvez, quanto mais tecnológica é uma comunidade, mais clama por afetividade.

Ao leitor atento, resta uma indagação, uma vez que o título deste artigo faz referência a dois dinossauros, porém o texto só menciona um (o esqueleto em frente a Google). Diante de tudo o que vi, ouvi e vivenciei na imersão no Vale do Silício, a resposta para mim é ao mesmo tempo trivial e assustadora. Além do esqueleto em frente ao prédio, o outro dinossauro era eu!

Jacir J. Venturi, coordenador na Universidade Positivo, é engenheiro e matemático. O autor participou em maio/18 de uma missão a Stanford e a 8 empresas do Vale do Silício, com mais 32 diretores e mantenedores de escolas e IES.

Pensamentos

- “Julgar os outros é perigoso. Não tanto pelos erros que podemos cometer a respeito deles, mas pelo que podemos revelar de nós.”

Autoria incerta

- “Meu amor, durma com os anjos e sonhe comigo, porque um dia dormirás comigo e sonharás com os anjos.”

Gracejo popular

- Poucos são os bancos com sombra no caminho para o sucesso ou para a vitória.

Do autor

O Kit sonolento

Quem lembra dessa é o professor Jacir Venturi, um amigo dileto e também um contador de histórias. Numa das aulas da Faculdade de Medicina, a que assistia dormitando, o muito amado porém folclórico Kit Abdala foi inquirido pelo professor que havia notado sua sonolência.

- Kit, quantas modalidades de parto existem?

Ainda sonolento, escutou um colega sentado na carteira de trás soprar três.

Ele respondeu:

- Três, professor!

- Quais são elas?

O colega soprou de novo e ele repetiu:

- Vaginal!

- Certo!

- A segunda?

O colega soprou de novo:

- Cesárea!

- Certo! E a terceira?

O colega prestimoso soprou:

- Anal!

Foi uma gargalhada só e, quando o Kit se tocou da mancada, e já bem desperto, emendou:

- Professor, essa última modalidade foi por onde nasceu este f.d.p. aqui atrás...

Coluna do Malu – publicada na Gazeta do Povo

Nota do autor: o Dr. Kit Abdala formou-se em Medicina em 1959 na UFPR e faleceu em 2013, com 84 anos. Nasceu na pequena cidade paranaense de Itaperuçu, estudou no Colégio Bandeirantes de SP. Foi uma das figuras mais amadas do sudoeste paranaense (especialmente em Francisco Beltrão), pelo exercício da Medicina e pela sua vida eivada de aventuras, lendas e folclores.

Pensamentos

- “Uma vida calma e modesta traz mais felicidade do que a busca do sucesso combinada com constante inquietação.”

Albert Einstein (1879-1955), físico alemão

- “O talento ganha jogos, mas trabalho em equipe e inteligência ganham campeonatos.”

Michael Jordan (n. 1963), ex-jogador norte-americano de basquete profissional e dono da equipe da NBA Charlotte Hornets

- “Quem mata o tempo não é assassino, é suicida.”

Millôr Fernandes (1923-2012), desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro

Bandeira vermelha para nós, energívoros

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas.

Numa paráfrase a Aristóteles, para quem o “homem é um ser social”, atualmente podemos afirmar que o homem é antes de tudo um ser “energívoro”, lembrando que o sufixo latino *vorus* significa “aquele que se alimenta de”. Estima-se que os contemporâneos de Aristóteles consumiam cerca de 12 mil kcal/dia, calorias advindas da ingestão de carboidratos, proteínas e gorduras, mas também pela queima da lenha para cozer o alimento, pelo uso do sol para aquecer a casa, da tração animal, da força hidráulica para mover o monjolo, etc.

O homem tecnológico de hoje – a quem chamamos de “energívoro” – extrapola muito essas necessidades primárias, e os cálculos análogos indicam que o consumo médio atual, em kcal/dia, é cerca de 20 vezes maior. Reforça essa constatação o fato de que um quilograma de petróleo utilizado na combustão corresponde a 10 mil kcal de energia térmica, e que no Brasil o consumo per capita vem crescendo desde 1970, pois, enquanto a população brasileira aumentou 2,2 vezes, consumimos 3,4 vezes mais em kWh.

No espectro energético, o país se abateu pela confluência desastrosa de dois fenômenos: escassez de chuva e erros em abundância por parte do governo. No final de 2012, anunciou-se com pompa e circunstância a redução de 20% na conta de luz e se promoveram mudanças regulatórias no setor (MP 579), sendo medidas não técnicas, populistas, deletérias e que provocaram um megarrombo de R\$ 65 bilhões. É inegável, no entanto, que o agravamento da crise se deu pelo estresse hídrico, forçando o acionamento intensivo das caríssimas termelétricas. Soma-se a esse imbróglio mais uma vez a má gestão do governo que provocou o retardo das obras de Belo Monte, Jirau e de linhas de transmissão, bem como a postura dos ecoativistas e burocratas em conter a liberação de licenças ambientais para as PCHs (Pequenas Centrais Hidrelétricas).

O site do Ministério de Minas e Energia informa que, considerando o mês de março (os percentuais variam ao longo do ano), a nossa matriz energética

está assim distribuída: hidráulica, 71,8%, térmica, 25,9% e 2,3% divididos entre as fontes eólicas, de biomassa e solar.

O alento vem do crescimento da produção de energia eólica, pois se dobrou a planta instalada nos últimos 12 meses, embora ainda seja pouco representativa. O otimismo também perpassa o setor das PCHs, pelo simples fato de o governo atrapalhar menos. Há maior celeridade nos trâmites para a concessão de licença ambiental e a sua pujança pode ser demonstrada pelos 1.300 projetos em análise, que sendo todos liberados somariam em potência o equivalente a uma Itaipu. As PCHs oferecem baixo impacto ambiental, pois têm potência máxima de 30 MW. Ademais, a ANEEL passou a oferecer uma cenourinha um pouco mais apetitosa: reajustou o preço para R\$ 210/MWh – uma bagatela comparado ao valor das térmicas, que pode chegar a R\$ 1.400,00.

O fornecimento de energia elétrica só não entrou em colapso por causa do nosso “pibinho”. Os estudos indicam que percentualmente o crescimento do consumo de energia é sempre superior ao do PIB, chegando às vezes a ser o dobro. Além de o PIB estar tangenciando o zero, há motivos para a demanda por energia reduzir ou até estacionar em 2015 e 2016, e consequente diminuição das térmicas.

O primeiro motivo disso é o impacto de três reajustes consecutivos na conta de luz em menos de um ano, o que pode dobrar o valor do kWh. A segunda razão é que a partir de 2015 foram implementadas as bandeiras tarifárias, com escopo educativo, para que o consumidor utilize a energia elétrica de forma consciente e racional diante da elevação dos custos da geração. A cor verde indica que os reservatórios estão cheios, as condições hidrológicas são ideais e não há cobrança adicional; para as condições menos favoráveis impõe-se a bandeira amarela, com um incremento na fatura, que hoje é de R\$ 2,50 para cada 100 kWh consumidos. Desde a implantação (janeiro/15), pelo uso intensivo das termelétricas, aplicou-se a bandeira vermelha, cuja tarifa adicional é de R\$ 5,50 para cada 100 kWh.

Isto posto, é forçoso concluir que o Brasil é um país ilógico e já se disse que aqui a lei da oferta e da procura se converte em “lei do infarto e da loucura”. Ao paciente leitor, duas indagações se impõem: por que tantos entraves burocráticos para a restrição da construção de usinas hidrelétricas, se as térmicas são elevadamente poluidoras, além de caríssimas? Por que nossas contas de luz figuram entre as quatro mais caras do mundo, se somos uma “Arábia Saudita” em energias renováveis?

Jacir J. Venturi, engenheiro civil e coordenador na Universidade Positivo.

Pensamentos

- “A história é um cemitério de civilizações que sucumbiram por não terem sabido mudar em tempo.”

Rubens Ricupero (n. 1938), embaixador e Ministro da Fazenda

- “É preciso construir o que falta, e não destruir o que resta.”

Frase com crédito concedido a múltiplos autores.

- Há juramentos absolutamente inúteis, pois raramente serão cumpridos:

1) Amar eternamente uma pessoa.

2) Nunca mais amar alguém.

Do autor

A melhor dieta alimentar

1) Coma de tudo, mas sem exagero.

2) Mastigue bem, o estômago não tem dentes.

3) Sente à mesa com fome. Levante-se com um pouco de fome. A gula é inimiga de uma vida saudável.

Texto do autor

Pensamentos

- “O homem grande mostra sua grandeza pela forma como trata o homem pequeno.”

Victor-Marie Hugo (1802-1855), romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta, estadista e ativista francês pelos direitos humanos

- “Se você é neutro em situações de injustiça, você escolheu o lado do opressor.”

Desmond Tutu (n. 1931), arcebispo da Igreja Anglicana, consagrado com o Prêmio Nobel da Paz em 1984 por sua luta contra o apartheid na África do Sul

- “A injustiça feita a um é ameaça feita a todos.”

Montesquieu (1689-1755), político, filósofo e escritor francês

Transformações disruptivas para um ambiente universitário inovador

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Há 10 anos chegaram a nossas mãos os primeiros *smartphones*, sem os quais hoje temos a sensação de orfandade e, há menos de 5 anos, sutilmente eclodiram ao grande público as tão enlevadas tecnologias dos dias atuais, como a inteligência artificial (AI), internet das coisas (IoT), *big data*, *machine learning*...

Essa é a base para afirmarmos que, daqui em frente, do universitário mais e mais se exigirá “fluência digital”, uma vez que a aprendizagem será preponderantemente em ambiente virtual. Requerer-se-á dele disciplina na autogestão do seu tempo para aprender por conta própria, raciocínio lógico e disposição para interagir com conteúdos multidisciplinares em trabalhos em equipe.

Na academia, grandes mudanças se efetivarão, abolindo-se o atual regime seriado com disciplinas herméticas e fragmentadas. As universidades necessitarão de menos espaço físico, pois, em um ecossistema de inovação e ambientes virtuais mais didáticos que nos dias atuais, os estudantes terão um aprendizado mais eficaz da parte teórica em um quarto silente de sua casa e irão ao câmpus para experiências em laboratório, práticas nas clínicas ou para encontros focados em projetos e problemas com conteúdos assaz diversificados.

A maioria esmagadora das universidades brasileiras, todavia, padece de um grande e conhecido infortúnio: encasteladas em torre de marfim, pouco interagem com a indústria e com a sua comunidade. E o que se vislumbra para o futuro – e há modelos já bem-sucedidos como as de Stanford, Olin College e MIT – é uma analogia de tríplice hélice, cada uma constituindo um instrumento de propulsão para fomentar inovação e resolução de problemas: universidades, indústrias e governos. Cabe às universidades o mais importante papel: pesquisa, ensino e desenvolvimento de conceitos, tecnologias e soluções. Às indústrias, o papel de provedoras de laboratórios práticos e demandadoras de projetos customizados. Aos governantes, conceder incentivos para viabilizar que o entorno da academia seja um ambiente que fomente o empreendedorismo, abrigando startups e incubadoras.

Ademais, tornar-se globalizada certamente deve ser o escopo de nossas universidades, enviando e recebendo acadêmicos, seja pelo intercâmbio de pesquisas, conhecimentos e culturas diferentes, seja assimilando e incorporando boas práticas de gestão e ensino. Sempre afirmei em sala de aula: o futuro

concorrente do aluno não será apenas o profissional formado nas Instituições de Ensino Superior do Brasil, mas também naquelas sediadas na China, Japão, Coreia, Vale do Silício. Estamos todos conectados – a “aldeia global” do filósofo canadense Marshal McLuhan. A vivência por seis meses ou mais em outro país deixa uma marca indelével para toda uma vida e propicia elevado amadurecimento e desenvolvimento pessoal.

E o professor? Esse será mais do que nunca exaltado, porém não mais como um expositor de conteúdos, mas transfigurado em mediador, mentor, especialista, motivador. Nos encontros dentro das instituições de ensino, haverá ênfase para que o discente desenvolva as habilidades socioemocionais, estas cada vez mais valorizadas na convivência profissional, familiar, nas relações humanas e com o meio ambiente.

A academia deve ser um *hub* da inovação e também espaço da pluralidade. Todavia, atingir esse desejado patamar exige um esforço da sociedade, dos governos e da academia, vencendo a inércia do *status quo*, as resistências de parte dos docentes e discentes, bem como os preconceitos mútuos existentes na integração entre academia e empresas. As instituições que conseguem esse feito demonstram indubitavelmente os expressivos efeitos sobre o ensino-aprendizagem, sobre a economia e sobre a sociedade em que estão inseridas. Um desafio que merece e deve ser enfrentado.

Jacir J. Venturi, coordenador na Universidade Positivo, foi professor da UFPR, PUCPR e vice-presidente da ACP

Pensamentos

- “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.”

Mário Quintana (1906-1994), gaúcho de Alegrete, poeta, jornalista e tradutor de obras clássicas da literatura universal

- “Cada um que possui experiência e contato com o sofrimento dos outros é levado a desfrutar de um esquecimento transitório de si próprio.”

Percy Bysshe Shelley (1792-1822), escritor e poeta inglês

- “É muito mais seguro ser temido do que amado.”

Nicolau Maquiavel (1469-1527), escritor, filósofo, diplomata que vivenciou a Florença renascentista. Principal obra: O Príncipe

Filha minha não se separa. Fica viúva!

O meu dileto amigo professor Jacir Venturi, diretor de várias escolas de Curitiba, sempre de bem com a vida, conta que em 1975 casou-se em Mato Grosso. Seu sogro, boa-praça, tanto como prefeito e pecuarista, era tido como “coronel”.

Na festa de noivado, o sogro não se fez de rogado e avisou:

– Filha minha não se separa. Fica viúva!

Até hoje o sogrão diz que foi tudo brincadeira.

Em tempo: Jacir continua casado com a mesma mulher.

Coluna do Malu – publicada na Gazeta do Povo

Pensamentos

- Em discurso de despedida do parlamento, Roberto Campos repetiu as palavras de Gudin, e disse mais: “há países que são naturalmente pobres, mas vocacionalmente ricos (caso do Japão), e países que são naturalmente ricos, mas vocacionalmente pobres (caso do Brasil). Devemos reconhecer, com certa melancolia, que o Brasil é rico de recursos, mas segue atrasado, pobre e socialmente violento. Muitos culpam o capitalismo. Mas nem o capitalismo liberal nem a democracia política foram praticados no Brasil de forma completa.”

Roberto Campos (1917-2001), economista, professor, escritor, diplomata e político brasileiro.

Eugênio Gudin Filho (1886-1986), economista liberal brasileiro e ex-Ministro da Fazenda

- “Qualquer coisa capaz de despertar paixão a seu favor certamente despertará paixão contrária na mesma medida.”

Ernest Hemingway (1899-1961), escritor estadunidense

- “O STF deve ser o último a errar.”

Ruy Barbosa (1849-1923), polímata brasileiro, tendo se destacado principalmente como jurista, advogado, político, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor e orador

Mesmo fazendo pouco, o trabalho comunitário enobrece

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Mesmo fazendo pouco, o trabalho comunitário enobrece. Belas e oportunas são as palavras do ícone maior do voluntariado – Madre Tereza de Calcutá: “Minhas ações podem ser pequenas, gotas no oceano. Mas sem essas gotas, o oceano seria menor.”

É preciso ser proativo, como o fabulativo beija-flor em contraponto ao egocêntrico elefante: era verão e o fogo crepitava feroz na floresta. O obeso elefante fugiu para o grande rio que permeava a floresta, e os outros animais se puseram a debelar o incêndio. O beija-flor apanhava uma minúscula porção de água e a arremessava sobre as chamas, enquanto o elefante, com sua tromba avantajada, refestelava-se na segurança do rio. O elefante, ao observar o colaborativo beija-flor em suas idas e vindas, pergunta:

- Meu pequeno pássaro, que fazes? Não vês que de nada serve a tua ajuda?

- Sim, responde o beija-flor, mas o importante para mim é que estou fazendo a minha parte!

Via de regra, o jovem é generoso, mas lhe falta iniciativa e uma maior consciência social. Numa pesquisa que realizamos com 1 900 alunos de três escolas de Curitiba, constatamos que apenas 8% dos jovens participam de ações comunitárias. No entanto, 71% gostariam de participar, mas não sabem como. Assim, estamos muito aquém dos países da Europa e da América do Norte, onde a inserção dos jovens em projetos comunitários é relevante: de 40% a 62%. Ter sido um ator social é relevante em um currículo. Muitas empresas entendem que esse candidato é colaborativo, mantém bons relacionamentos, sabe se doar, desenvolve mais rapidamente a liderança e não se apequena ante às vicissitudes.

A bem da verdade, o planeta será salvo não apenas pelos governos ou ONGs, ou pela nossa comisseração, mas pelas ações concretas de cada um de nós. Não basta condoer-se com o desmatamento da Floresta Amazônica, com a morte dos ursos polares, com a extinção do mico-leão-dourado ou do minhocuçu.

A falta de proatividade se desvela naquilo que está cotidianamente ao alcance de todos: o índice de separação de lixo está estacionado há anos, apesar de todas as campanhas da mídia e das escolas. Em contrapartida, cresce em 6,8% a produção anual de resíduos atingindo em 2010 a cifra de 71 bilhões de toneladas, que corresponde a 376 kg/ano por brasileiro (de mamando a caduando). Se esse número é menor no meio rural, triplica nas cidades maiores.

Não estamos desenvolvendo a cultura do consumo responsável. Sim, embalagens e sacolas que envolvem os produtos adquiridos, além de elevar o custo, têm como destino o aterro sanitário, lixões a céu aberto, mananciais e

rios. A maioria das famílias em datas festivas, como aniversário, dia da criança, passam horas no *shopping* e voltam carregadas de sacolas. Conheço pais que não oferecem presentes. Em troca dedicam uma tarde ou um dia inteiramente ao filho. São horas de muita interação: brincar num parque ou chácara, jogar bola, subir em árvores, pedalar, nadar, andar a cavalo, empinar pipa, correr de rolimã, dar banho no cãozinho, ler e contar histórias, cantar e ouvir música, assoviar, assistir a um filme, cozinhar, lavar os pratos e talheres, dialogar sobre os amigos e a escola. E não menos importante: pai e/ou mãe manifestam num belo cartão seu afeto e as principais qualidades e virtudes do filho, para o seu autoconhecimento.

Considere o melhor troféu – ou um butim de guerra – seu filho chegando em casa com a roupa suada, suja ou molhada por uma chuva de verão. Um pouco de vitamina S (S de sujeira) fortalece o sistema imunológico infantil. Ademais, as atividades ao ar livre, nos horários recomendados, fazem com que os benfazejos raios solares fortaleçam os ossos e são excelentes como terapia para a mente.

Jacir J. Venturi, coordenador da Universidade Positivo (UP), foi professor e diretor de escolas públicas e privadas

Pensamentos

- “Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado com certeza vai mais longe.”

Clarice Lispector (1920-1977), escritora e jornalista brasileira, nascida na Ucrânia

- “As nações só podem ser salvas pelo sucesso que germina confiança ou pelo fracasso que provoca mudança. O perigo mora é no meio-sucesso ou no meio-fracasso – que só produz ‘ad quietem’ acomodação, escapismo e procrastinação.”

Roberto Campos (1917-2001), diplomata, Ministro do Planejamento e membro da Academia Brasileira de Letras

- “Cada pessoa acaba se assemelhando a quem ama.”

Frase creditada a S. Francisco de Assis (1182-1226), santo mais venerado do cristianismo por sua dedicação aos pobres, aos animais e ao meioambiente

Desafiando o seu Raciocínio (II)

Um velhinho, tido como muito esperto, foi até a igreja decidido a fazer um pacto com três santos e levar uma vantagenzinha. Foi no primeiro e propôs: dou a você 20 reais, se dobrar a quantia que tenho no bolso. Dali, foi no segundo e no terceiro com a mesma proposta.

Mas, ao dar os 20 reais para o terceiro santo, percebeu que nada mais tinha no bolso.

Pergunta: quanto dinheiro o velhinho tinha no bolso quando chegou à igreja?

Resposta na página 242 (final deste livro).

Pensamentos

- “O Brasil é um deserto de homens e de ideias.”
Oswaldo Aranha (1894-1960), político, diplomata e advogado brasileiro
- “Nós não vemos os problemas como eles são e sim como nós somos.”
Frase atribuída a múltiplos autores: Anaïs Nin, Steven Covey, H.M. Tomlinson, Anthony Hopkins etc.
- “Acuse seus adversários de serem o que você é, e de fazerem o que você faz.”
Antonio Francesco Gramsci (1891-1937), filósofo marxista, jornalista, crítico literário, linguista, historiador e político italiano

O Brasil na elite mundial da matemática

Do autor, publicado na Gazeta do Povo

Os dois maiores eventos da matemática mundial têm o Brasil como palco em 2018: a Olimpíada Internacional da Matemática realizada no Rio de Janeiro em julho do ano passado, com estudantes representando 110 nações; o outro evento, também no Rio de Janeiro, acontecerá em agosto deste ano, denominado Congresso Internacional da Matemática, com a participação prevista de 5 a 7 mil matemáticos de uma centena de países.

Esse Congresso é recorrente de 4 em 4 anos e nele serão agraciados os ganhadores da Medalha Fields, similar a um Nobel da Matemática. Laureou-se com

a medalha de ouro o brasileiro Artur Ávila em 2014, e para este ano o Brasil tem um forte candidato: Fernando Codá Marques, que trabalhou 11 anos no IMPA e hoje é professor da Universidade de Princeton. Por conta de sediarmos esses importantes eventos, 2017 e 2018 foram cognominados como o Biênio da Matemática, conforme lei federal do Dep. Alex Canziani.

E se não bastasse esse protagonismo internacional, o Brasil, no início deste ano, passou a integrar o grupo de elite da Internacional Mathematical Union (IMU), criada em 1920 e composto por 76 países-membros. Esse grupo, formado por 10 nações, representa o topo do *ranking* de desenvolvimento em pesquisa matemática. Para o diretor do IMPA Marcelo Viana, “é como se tivéssemos subido para a 1.^a divisão, se houvesse um campeonato mundial de matemática”. O Brasil hoje é responsável por 2,35% da produção mundial de matemática.

Conquanto esses eventos internacionais lançam luzes de ribalta sobre o Brasil, o escopo do presente artigo é conclamar diretores e professores para inscreverem seus alunos na 14.^a Olimpíada Brasileira de Matemática (OBMEP) criada pelo IMPA em 2005. No ano passado, graças à ampla divulgação da mídia e dos professores, a OBMEP foi classificada como a maior competição estudantil do Brasil, com 18,2 milhões de alunos inscritos do 6.^o ano do Ensino Fundamental ao 3.^o ano do Ensino Médio.

Neste ano, as inscrições devem ser feitas pelo *site* www.obmep.org.br, até 2 de abril, e a prova da 1.^a fase será aplicada em 5 de junho, na própria escola. Ademais, desde o ano passado, além das públicas, puderam participar também as escolas privadas, cujos resultados serão apresentados em 2 grupos distintos, na proporção dos inscritos. Importante: não haverá *ranking* de classificação entre as escolas e todo aluno deve ser instigado a participar.

Essa prova da 1.^a fase contém 20 questões de 5 alternativas, além de conteúdos curriculares, prioriza a lógica, o raciocínio crítico, a criatividade. Ademais, a Olimpíada da Matemática contribui para desenvolver um ambiente de cultura e amor à “rainha e serva de todas as ciências”, identifica jovens talentosos e promove a inclusão social. É um ganha-ganha, e são pertinentes as referências ao estudo promovido pelo ex-presidente do INEP, Chico Soares, segundo o qual, as escolas que regularmente participaram por anos seguidos dessa competição apresentaram melhoras de 26 pontos na Prova Brasil, o equivalente a 1,5 ano de escolaridade extra.

Eis o grande paradoxo! Sobejamente conhecidos são os resultados do desempenho sofrível dos nossos escolares nas avaliações internas ou quando se coteja com outros países. Se há uma ponta vistosa que merecidamente enleva e orgulha a matemática brasileira, formada por estudiosos denotadamente aguerridos, há em contrapartida, uma grande massa de estudantes – a parte submersa desse *iceberg* – que precisa emergir. Ou seja, histórias de sucesso convivendo com o problema crônico do ensino da disciplina.

Para o diretor do IMPA, Marcelo Viana, o nosso professor, em sua maioria, tem uma formação deficiente em conteúdo e método de ensino. Viana vai além: classifica o ensino na maioria de nossas escolas como “massificador e chato”, baseado na memorização e imposição de conteúdos – “justamente o que a matemática não é”.

Jacir J. Venturi foi professor de Matemática e diretor de escola por 44 anos, é ex-presidente do Sinepe/PR e um dos coordenadores da Olimpíada de Matemática no Paraná

Pensamentos

- “Aqui acerto ou aprendo.”

Mote bastante enfatizado em palestras que assistimos em 2018 no Googleplex, sede da Google em Mountain View, no Vale do Silício

- “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.”

Nelson Mandela (1918-2013) foi presidente da África do Sul, Prêmio Nobel da Paz de 1993, tendo sido preso por 26 anos como um ativista contra a segregação dos negros (Apartheid)

- A gente pode envelhecer, mas não pode deixar de se atualizar.

Do autor

Depois do “ócio criativo”, eu nunca trabalhei tanto

Em novembro de 2013, eu era Presidente das Escolas Privadas do Paraná, e convidamos o sociólogo italiano Domenico De Masi (n. 1938) para palestrar aos professores e diretores de escolas em Curitiba. De Masi ficou mundialmente conhecido pelo conceito de “ócio criativo”, segundo o qual o ócio, longe de ser negativo, é um estimulante da criatividade. E na ocasião fez uma ironia: “Depois que eu inventei o tal do ‘ócio criativo’, nunca trabalhei tanto”.

Ainda provocou risos da plateia quando deu o seguinte depoimento: “A maior sacada da Igreja Católica foi inventar o Purgatório, na Idade Média, pois todos pagavam indulgências. Meu avô, por exemplo, era um homem bom, certamente não foi para o inferno. Mas, por sua sensualidade exagerada, não mereceu o céu. E toda a minha família até hoje paga indulgências para tirá-lo do purgatório”.

E recentemente, em plena pandemia da Covid-19, o sociólogo italiano assim se manifestou: “Vamos aprender a diferença entre o necessário e o supérfluo”.

Texto do autor

Pensamentos

- “Os 6 melhores médicos do Mundo:

1. Luz do sol
2. Descanso
3. Exercício
4. Dieta
5. Auto-estima
6. Amigos”

Charles Spencer Chaplin (1889-1977), ator, diretor, compositor, roteirista, produtor e editor britânico

- “Pode-se tirar um garoto da aldeia, mas não se tira aldeia do garoto.”

Marc Chagall (1887-1985), pintor, ceramista e gravurista surrealista judeu russo-francês

- “Não quero viver em outro país, quero viver em outro Brasil.”

Marcel van Hattem (n. 1985), político brasileiro

Estamos no limiar da 4.^a Revolução Industrial

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas.

O desenvolvimento tecnológico tem progredido exponencialmente, dando origem a avanços como a inteligência artificial (IA), internet das coisas (IoT), robótica, *big data*, computação na nuvem, impressoras 3D, algoritmos avançados, *machine learning* (máquinas que aprendem), nano e biotecnologias, *fintech* (uso de novas tecnologias para o setor financeiro), drones, etc. E, logo,

estarão incorporados ao nosso cotidiano avanços como os carros autônomos e a telefonia 5G (10 vezes mais rápida que a 4G).

Essas novas tecnologias, de *per si*, não definem a indústria 4.0, porém servem de insumo, através de sua convergência, para a implementação de fábricas inteligentes. “Estamos a bordo de uma revolução tecnológica que transformará fundamentalmente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Em sua escala, alcance e complexidade a transformação será diferente de qualquer coisa que o ser humano tenha experimentado antes” – se faz oportuno Klaus Schwab, autor do livro *A Quarta Revolução Industrial*.

Uma das características da indústria 4.0 (4.^a Revolução Industrial) é a intensa e crescente automação das fábricas, cumprindo-se, em tom jocoso, a profecia de que a fábrica do futuro terá apenas dois operários: um homem e um cachorro. Função do cachorro: não permitir que o homem toque nas máquinas. Função do homem: alimentar o cachorro.

Como pano de fundo, cumpre lembrar que a História da humanidade passou pelos umbrais de três grandes processos transformadores. A 1.^a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra a partir de 1760, com a invenção da máquina a vapor e sua utilização na indústria têxtil, locomotivas e navios, produção de aço e ferro em larga escala, etc. A 2.^a Revolução Industrial, com início aproximado em 1850, se caracterizou pela invenção do motor a combustão interna movido a petróleo (e seu uso em profusão nos aviões, automóveis e navios) e a eclosão do uso da eletricidade, rádio, televisão, telefone, telégrafo sem fio, etc. A partir da 2.^a Guerra Mundial, emergem eletrônica, informática, corrida espacial, energia atômica, engenharia genética, marcos determinantes para se denominar a 3.^a Revolução Industrial.

Evidentemente, há uma área borrada entre o que se pode definir como tecnologia da 3.^a ou da 4.^a revolução, mas é uma discussão bizantina, irrelevante, pois é preponderante e inegável que estamos vivenciando o limiar de transformações disruptivas e avassaladoras, com elevados impactos nas relações de trabalho, geopolítica, costumes, ética e afetos. Já há quem diga que um novo ser humano está surgindo.

Nos últimos 250 anos, sob a égide das três revoluções industriais, os avanços tecnológicos e de produtividade promoveram saúde, longevidade, bem-estar e aumento da renda *per capita*. Cada uma das revoluções trouxe uma nova

dinâmica para a empregabilidade, com funções que se tornam dispensáveis, e outras que emergem. A intensidade de adaptação de indivíduos e nações às mudanças indica o grau e a qualidade de sua sobrevivência. Um exemplo clássico é a Itália, com passado glorioso, porém resistente aos avanços tecnológicos e consequentemente hoje se mantém na rabeira das nações desenvolvidas.

Valho-me do muito bem estruturado livro *A História da Riqueza no Brasil*, de Jorge Caldeira, para afirmar que o nosso país, das três grandes oportunidades para o seu desenvolvimento ao longo da História, aproveitou apenas uma, pois para nosso enlevo, de 1890 a 1930, o governo central destravou o setor privado e o Brasil tornou-se um dos países que mais cresceram no mundo.

Entretanto, duas janelas de oportunidade foram desperdiçadas. A primeira, de 1820 a 1890. No início desse período, EUA e Brasil tinham economias muito parecidas: exportações anuais de 4 milhões de libras esterlinas, população em torno de 5 milhões e rendas *per capita* não tão díspares, 670 dólares para o Brasil e 1.300 para os EUA, ou seja, beirava o dobro. Já em 1890, a renda *per capita* americana superou a brasileira em 5,7 vezes. O que aconteceu? A partir de 1820, os EUA se abraçam ao capitalismo, revolucionam o papel do governo, incorporam as inovações da 1.^a Revolução Industrial, abrem em profusão escolas e universidades. Nesse período, o Brasil pouco avança na alfabetização, de 2% chega a apenas 17% da população, ao passo que EUA e outras nações dão saltos gigantescos.

Para Jorge Caldeira, desde o período do Regime Militar a segunda janela foi desperdiçada, pois, em nome de um nacionalismo, cometeu-se um monumental erro estratégico ao não se abrir o país suficientemente para o mercado externo, limitando ou proibindo a importação de equipamentos eletrônicos e outras tecnologias.

Em sentido oposto, trafegam nações asiáticas como o Japão e as emergentes China, Coreia do Sul, Singapura, etc. Em 1972, quando do aperto de mãos entre Nixon e Mao Tsé Tung, a China tinha um PIB correspondente ao dobro do Brasil. Porém, embora comunista, fez a abertura comercial e hoje seu PIB é cerca de 6 vezes maior que o nosso.

Reconhecidamente, o Brasil tem muitas ilhas de excelência, seja no agonegocio, seja na indústria (produção de aviões, extração de petróleo em águas profundas, etc.). Porém, é pouco provável que o país esteja preparado para o advento da indústria 4.0. Não temos uma agenda desenvolvimentista, tampouco a educação é uma prioridade nacional, conquanto “a escola seja a nova riqueza das nações” – nas oportunas palavras de Peter Drucker. E sem profissionais qualificados, o atraso se perpetua.

Jacir J. Venturi, engenheiro, matemático e coordenador na Universidade Positivo

Pensamentos

- “Não há nada mais terrível que a ignorância ativa.”

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) nasceu em Frankfurt e é um dos principais escritores do Romantismo europeu. Sua obra-prima: Fausto

- “O Brasil é o país dos privilégios, não dos direitos.”

Mário Covas (1930-2001) nasceu em Santos, Deputado, Senador, Prefeito e Governador de SP

- Apesar das elevadas exigências profissionais é possível ter uma vida familiar equilibrada. E ter uma vida familiar equilibrada começa pelo investimento de tempo com os filhos – caso os tenha.

Do autor

Salvar a alma, porque o corpo está perdido

Brinco com os meus amigos já setentões, que a esta altura da vida temos de nos preocupar em salvar a alma, porque para o corpo já não há o que fazer, mas puxo ferro na academia e faço boas caminhadas no Parque Barigui. Certa feita, já no final da primeira volta ao lago com meu irmão Neri, mais novo e bem apessoado, nos deparamos com um grande amigo meu, sarrista e muito gozador.

Fazendo o papel de “escada”, resolvi cutucá-lo só para ouvir a resposta:

– Amigo, este é o Neri, meu irmão mais velho.

E o amigo, deu o esperado bom troco:

– Pô, Jacir, mas como você está acabado!

Pensamentos

- “Jamais alguém fez algo totalmente para os outros. Todo amor é amor próprio. Pense naqueles que você ama: cave profundamente e verá que não ama a eles; ama as sensações agradáveis que esse amor produz em você! Você o desejo, não o desejado.”

Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão

- Bom educador é aquele que pega um aluno com potencial 60 e o faz chegar aos 60. Mau educador é o que pega um aluno com potencial 80 e o faz chegar apenas até 60.

Do autor

- “A infelicidade entra por uma porta que já está aberta.”

Brocardo chinês

A falta de profissionais técnicos: do gargalo ao apagão

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Segundo diversos estudos, há aproximadamente 300 mil vagas abertas no país para candidatos com formação técnica. Esse déficit de profissionais representa um gargalo que pode descambar para um verdadeiro apagão, como bem se manifesta o presidente da TOTVS, gigante desenvolvedora de *softwares*: “Corremos o risco de um apagão sistêmico de capital humano”. Atualmente, as áreas mais demandadas são tecnologia, saúde, agronegócio, biotecnologia, logística e infraestrutura. Raros são os espaços para profissionais que não tenham uma boa fluência digital (daí a necessidade de dominar pelo menos uma parte das inovações tecnológicas, com suas linguagens e ferramentas), como também se valorizam pensamento lógico e abstrato, matemática, português e inglês – bases essenciais para se atingir o autodidatismo, tão indispensável nos dias de hoje.

Pesquisas realizadas em momentos distintos pelas Secretarias Estaduais de Educação do PR e de SP chegaram praticamente aos mesmos índices: um pouco mais da metade dos alunos do Ensino Médio escolheria uma formação técnica, por ser a que melhor faz a conexão entre ensino e a vida real, além da sedução da possibilidade de estágios, capacitação e remuneração.

Na prática, no entanto, apenas 10% dos estudantes estão matriculados nessa modalidade – por diversos fatores, entre os quais a oferta limitada –, enquanto na maioria dos países desenvolvidos esse índice supera os 40%. E, no período de 2019 (pré-pandemia) a 2021, dados obtidos da última edição do Atlas da Juventude atestaram que recrudescceu o que os demógrafos denominam jocosamente de jovens “nem-nem” (nem estudam, nem trabalham): representavam 10% da totalidade dos jovens antes da pandemia e saltou agora para 16% nos os dias atuais. Cabe a responsabilidade a toda a sociedade (governo, pais, professores, empresários) de reverter esse quadro trágico, bem como aos próprios jovens, pois uma parcela é hedonista e acomodada. Em um mundo competitivo, a 1.^a lei a ser revogada é a do mínimo esforço, pois não há como obter conquistas sem uma intensa disposição e disciplina para o trabalho e para os estudos.

O Brasil já dispõe de um bom fulcro para alavancar a disponibilidade do ensino profissionalizante, pois temos um histórico de experiências bem-sucedidas, como a dos CEFETs, dos Institutos Federais, do Sistema S (Senai, Senac, Senar) e do Centro Paula Souza de SP. Justamente nesse sentido, mais recentemente, observam-se com entusiasmo instituições privadas solicitando aprovação de um elevado número de cursos técnicos nos Conselhos Estaduais de Educação, com milhares de vagas na modalidade presencial ou EaD. Certamente, haverá abertura para estabelecer parcerias entre essas instituições e as redes públicas de educação, em especial para atender a janela de ensino remoto em 20% (nos cursos diurnos) ou 30% (para o noturno).

Todavia, salvo para uma elite cultural e/ou econômica, nas últimas décadas o país tem sistematicamente maltratado a maioria dos nossos jovens do Ensino Médio. São 13 componentes curriculares para a maior parte desses estudantes, constituídos de um amontoado maçante de conteúdos que não levam em conta aptidões e ambições individuais, cuja única finalidade seria o ingresso em um curso superior, conquanto apenas 22% dos nossos ingressantes no Ensino Médio prestarão o Enem ou um vestibular.

O Novo Ensino Médio, com implantação gradativa a partir de 2022, traz boas perspectivas de motivar estudantes e desenvolver potencialidades individuais, com a oferta de cinco Itinerários Formativos, podendo o aluno optar entre

Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Formação Técnica e Profissional. Em especial, o 5.º Itinerário tem a sedução do ingresso mais rápido no mercado de trabalho ou mesmo de melhorar a capacitação para uma função laboral já exercida. Necessitamos, sim, de colégios que mantenham um bom preparo para a aprovação em universidades mais concorridas, porém é absolutamente necessária a ênfase aos cursos técnicos, que ao privilegiarem uma aplicação prática atendem a um expressivo contingente de alunos.

Jacir J. Venturi, professor, vice-presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná, foi professor e gestor de escolas públicas e privadas e da UFPR, PUCPR e Universidade Positivo

Pensamentos

- “Está em nós mesmo, meu caro Brutus, e não nas estrelas a causa de nossas desgraças.”

William Shakespeare (1564-1616), reconhecido como o maior escritor e dramaturgo do idioma inglês. Frase de Hamlet

- “Não se fortalece o fraco, enfraquecendo o forte. Não se auxilia o empregado, rebaixando o empregador. Não se ajuda os pobres, destruindo os ricos.”

Abraham Lincoln (1809-1865) foi o 16º Presidente dos EUA, assassinado no exercício do mandato

- “Não se deixem enganar pelos cabelos brancos, pois os canalhas também envelhecem.”

Ruy Barbosa (1849-1923), nasceu em Salvador, jurista, diplomata, político, escritor e membro da ABL

Adilson bom de cumprimentos

Conta o professor Jacir Venturi que o seu colega Adilson Longen, conceituadíssimo professor de Matemática do Curso Positivo, por dar aulas para milhares de alunos anualmente, obviamente não consegue guardar a fisionomia de todos. E quando sai à rua, se alguém o cumprimenta, responde efusivamente, sempre achando ser um aluno seu.

Um belo dia, andando pela Rua XV, foi saudado:

- Oi, Adilson, tudo bem?
- Tudo bem! E você, estudando muito?
- Pô, Adilson, eu sou seu vizinho!!!

Coluna do Malu – publicada na Gazeta do Povo

Pensamentos

- “O melhor de mim, devo-o aos meus livros.”
Maksim Gorki (1868-1936), escritor russo
- “Viver é a coisa mais rara da mundo, a maioria das pessoas apenas existe.”
Oscar Wilde (1854-1900), escritor, poeta e dramaturgo irlandês
- “Medicina é a ciência das verdades transitórias.”
Dr. Lisandro Santos Lima (1906-1982), médico brasileiro, especialista em clínica médica

Sai sempre ganhando quem sabe respeitar, dialogar e perdoar

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Em todo relacionamento – em maior ou menor frequência e intensidade – haverá conflitos. E uma vez passada a fase da paixão, há três verbos que merecem ser conjugados: respeitar, dialogar e perdoar. O outro inevitavelmente tem escala de valores própria, nem sempre coincidente com aquela do companheiro e, tanto quanto seu DNA, carrega consigo uma história, experiências, traumas, aspirações e laços familiares que muito moldam suas expectativas. Neste mister, “sai sempre ganhando quem sabe amar e perdoar; não quem tudo sabe e tudo julga” – se faz oportuno Hermann Hesse, escritor alemão.

Quem tudo sabe ou tudo julga transfigura o companheiro num oponente. E, em qualquer relação, as discordâncias são salutares – até mesmo momentos de raiva, próprios da natureza humana, desde que não degenerem o relacionamento em mágoas e que prevaleçam o diálogo, o companheirismo e a força dos bons argumentos. Ou, nas palavras do apóstolo Paulo, “não se ponha o sol sobre a vossa ira”.

E aqui proponho uma reflexão baseada na bela analogia de Rubem Alves: os jogos de tênis e frescobol se assemelham antes da partida: duas pessoas, duas

raquetes e uma bola. No entanto, o tênis é uma competição cujo objetivo é vencer, gerando ao fim sentimentos opostos nos dois jogadores: um de alegria, outro de tristeza. Em contraste, no frescobol jogo bom é quando nenhum dos dois perde. Se a bola chega enviesada, o outro sabe que não foi de propósito e se requebra para devolvê-la suave, e assim o jogo continua prazeroso para ambos. E quem erra pede desculpas, lançando as bases para um novo recomeço.

No frescobol há empatia, palavra que provém do grego *en* (dentro) e *pathos* (sentimento), ou seja, estar dentro do sentimento do outro. Colocar-se no lugar do outro traz um olhar diferente, e essa é a melhor forma de compreender sentimentos e anseios. Num relacionamento, é a partir da coabitação que o jogo começa a ser jogado em sua plenitude, com o compartilhamento dos bens, decisões, deveres, gastos e mormente na educação dos filhos. E seguramente advêm as crises. Quando as crises se alternam, cabe ao outro a tolerância – esforço maior para ajeitar a bola e devolvê-la suave, seguindo em nossa metáfora. Entretanto, quando ambos entram em crise, cuidado! É jogo brabo, é jogo de tênis.

A conquista da felicidade em um relacionamento tornou-se uma obsessão – até por injunção do Facebook, só casais sorridentes, num *love* só. Parafraseando Tolstói, aqui se aplica o “princípio de Anna Karenina”: na bonança todos se parecem, mas no infortúnio cada um consegue ser infeliz à sua maneira.

A aceitação de que a vida a dois é feita de fases de alegria, mas também de tristeza, torna a convivência mais amena, pois querer escapar da dor é querer fugir da própria condição humana. Fortes são as exigências da vida moderna, e as mídias sociais promovem uma nova dinâmica nas relações – para o bem e para o mal. A vida hodierna é mais complexa e produtiva, mas tem mais armadilhas para os afetos e muito se perde das intimidades e do bom lazer.

Ademais, vale lembrar: o maior destruidor de afetos se chama indiferença. Há um número maior de separações pelo não dito do que pelo dito. Evidentemente há, todavia, casamentos duradouros ainda que infelizes, e só perderam por conveniência. Em tom de blague, Chico Anysio se insurge com a sua experiência: “Quem foi casado por 50 anos com Maria entende de Maria. De casamento entendo eu, que tive cinco”.

Entretanto, os relacionamentos felizes e duradouros têm por fulcro três palavras: companheirismo, respeito e diálogo. Nesse mister, para o filósofo ale-

mão Nietzsche, o diálogo é tão importante que por si só encampa outras virtudes. “Num relacionamento, cada um deve se perguntar: ‘sou capaz de dialogar prazerosamente com essa pessoa até a velhice?’ Tudo o mais é transitório, pois as relações que desafiam o tempo são aquelas construídas sobre a arte de conversar”.

Jacir J. Venturi, professor e autor de três livros, foi diretor de escolas, presidente do Sinepe/PR e vice-presidente da ACP

Pensamentos

- “O importante não é o que se dá, mas o amor com que se dá.”

Madre Teresa de Calcutá (1910-1997), religiosa católica da Macedônia. Dedicou sua vida às comunidades carentes e canonizada em 2016. Prêmio Nobel da Paz de 1979

- “Insanidade é continuar fazendo as mesmas coisas e esperar resultados diferentes.”

Albert Einstein (1879-1955), físico de nacionalidade alemã, suíça e norte-americana, Prêmio Nobel da Física de 1921

- “Um sorriso é a curva mais bonita no corpo de uma pessoa.”

Postado nas redes sociais

Os três chatos mais chatos

Quais são?

Egochato: sempre perguntado “Estou sendo chato, hein, hein?”

Enochato: esnobe, pedante, pernóstico ao falar de vinhos.

Ecochato: faz milongas exageradas sobre o desmatamento da Floresta Amazônica, a morte dos ursos polares, a extinção do mico-leão-dourado ou do minhocucu, todavia nada faz de concreto. Também pode ser chamado de “biodesgradável”, como uma corrúptela de biodegradável.

Mas qual a melhor definição de chato? Chato é aquele para o qual você pergunta “como vai” e ele responde.

Texto do autor

Pensamentos

- “A saúde não é tudo; mas, sem ela, o resto é nada.”
Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão
- “A vida já é curta, e que ela não seja também pequena.”
Mário Sérgio Cortela (n. 1954), filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário brasileiro
- “Um bom professor abre a porta para você, mas você deve entrar na sala sozinho.”
Anexim chinês

As escolas, escoadouro das nossas mazelas sociais e éticas

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

O ambiente escolar é um excelente laboratório para a vida adulta de nossas crianças e adolescentes. Entre inúmeras virtudes, a escola desenvolve resiliência às frustrações e propicia a convivência com a diversidade, pois é um espaço de aprendizado e alegria.

Ademais, a escola tem legitimidade e autoridade intelectual e moral para ser um agente de transformação da comunidade na qual está inserida. Desgraçadamente, no entanto, não é isso que ocorre em uma boa parte de nossos estabelecimentos de ensino. Mesmo reconhecida por uma maioria como a “nova riqueza das nações”, a escola, no Brasil, tem sido exacerbadamente o espaço de frequentes agressões físicas e morais, muito acima da média mundial, como bem demonstram estatísticas comparativas internacionais.

Sem forças para reverter uma dura realidade, boa parte de nossas escolas é um escoadouro das mazelas sociais e éticas. Destarte, vivenciam-se a violência física e o *bullying*, cuja frequência e intensidade indicam o quanto a escola está moralmente comprometida, como decorrência da falta de regras claras e de punição adequada, conflitos mal resolvidos e ausência de uma cultura mais humana no colégio ou em casa.

Os metros quadrados mais nobres de um bairro deveriam ser os da sala de aula e, se o seu entorno não é bom, a escola também é maculada. O quanto o ambiente escolar está vulnerável dentro dos padrões civilizatórios é demonstra-

do por uma ampla pesquisa nacional, realizada pela Fundação Lehmann, com 260 mil professores de escolas públicas: 51% deles presenciaram agressões físicas ou verbais de alunos contra os docentes; 17% dos professores identificaram alunos sob o efeito de álcool ou drogas; e 6% dos alunos já portaram armas brancas ou de fogo no recinto escolar.

É também oportuno rememorar que o Brasil, com apenas 2,8% da população mundial, é responsável por 10% dos homicídios do planeta, com 62 mil crimes por ano – e metade dessas mortes está na faixa etária dos 15 aos 29 anos. A realidade da escola é, portanto, o reflexo de uma sociedade com uma cultura de violência.

Diante desses números trágicos, de pronto há pessoas que estabelecem uma relação de causa e efeito entre desigualdade social e violência. Há outras justificativas causais mais proeminentes, pois como explicar, sob a ótica do argumento anterior, que a Índia tem, proporcionalmente, a segunda menor taxa de homicídios do mundo (só perde para a Islândia), enquanto o Brasil ocupa a sétima posição entre os mais violentos? Em tempo: a Índia, com seu sistema de castas, apresenta uma desigualdade social maior que o Brasil e renda *per capita* equivalente a um quinto da brasileira.

O professor Brian Perkins, da Universidade de Columbia, que faz estudos comparativos de violência escolar entre Brasil, Índia, China e África do Sul, é enfático ao afirmar que o Brasil tem um grave problema para melhorar a educação: a segurança. Oportuno, concluí que “é preciso resolver a violência para que haja um ambiente favorável ao estudo. A ciência mostra que o processo de aprendizagem é afetado negativamente por situações de medo”.

Além disso, nos últimos anos temos passado por um agravamento de toda essa problemática, uma vez que o Brasil vivencia a imbricação de três graves crises: econômica, política e, a mais avassaladora delas, a crise moral. E, como professa Aristóteles, “o homem guiado pela ética é o melhor dos animais; quando sem ela, é o pior”.

Assim, quando os valores, virtudes, mérito, dedicação aos estudos e ao trabalho duro são relegados por uma boa parcela de nossos políticos e da população, cabe a pergunta: que força tem a escola para romper os grilhões de violências físicas e morais? Quando o entorno é conflagrado, a agressividade e a intimidação adentram as escolas – se não for pelas portas ou pelas janelas, será pelas frestas. E como estancar essa invasão indesejada e deletéria?

A resposta é complexa, porém no Brasil e pelo mundo há bons resultados, conquanto se adapte esses exemplos bem implementados à sua realidade, pois insucessos existem em transpor modelos. Requer, antes de tudo, a iniciativa e o comprometimento dos gestores e professores em promover, junto com pais, líderes da comunidade e agentes das secretarias de Educação, um ambiente com boa rotina escolar: regras claras e bem cumpridas, relatórios mensais das ocorrências, respeito mútuo, equilíbrio entre afeto e disciplina, aulas motivadoras com muita prática e despidas de militâncias ideológicas.

Um bom educador é comprometido com a sua comunidade escolar, pois ele carrega dentro de si a chama esplendorosa do entusiasmo em promover o ser humano nos espectros ético, cognitivo, social e espiritual.

Jacir J. Venturi, coordenador da Universidade Positivo, foi professor e diretor de escolas públicas e privadas

Pensamentos

- “Você consegue realizar muito se você não se importa com quem ganha o crédito.”

Ronald Reagan (1911-2004) foi o 40º Presidente dos EUA

- “Onde quer que você esteja, esteja por inteiro.”

Eckhart Tolle (n. 1948), escritor e conferencista alemão, autor de best sellers, entre eles O Poder do Agora

- Encantam-se as pessoas que vão além do seu dever.

Do autor

Corpo apto e mentecapto

Em 2021, o renomado geneticista italiano Edoardo Boncinelli afirmara em uma entrevista exclusiva para a Gazeta do Povo: “O cérebro não envelhece precocemente desde que se mantenha o interesse e a paixão por toda a vida. Fazer exercícios físicos, sim, mas não muito. E usar o cérebro sem medo de usar muito”.

Exercitar a mente é tão – ou até mais – importante que exercitar o corpo. O contraste entre as academias de ginástica quase lotadas com as bibliotecas e

livrarias quase vazias permite um prognóstico: no futuro haverá uma profusão de idosos sarados, mas dementes. Ou seja: valeria o trocadilho corpo apto e mentecapto.

**Significado de mentecapto: quem é destituído de inteligência.*

Texto do autor

Pensamentos

- “Conhece a ti mesmo e conhecerás todo o universo e os deuses, porque se o que procuras não achares dentro de ti mesmo, não acharás em lugar algum.”

No templo de Delfos, na Grécia

- “Não somos seres humanos vivendo uma experiência espiritual, somos seres espirituais vivendo uma experiência humana.”

Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), padre jesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo francês

- “É parte da cura o desejo de ser curado.”

Lucius Sêneca (c. 04 a.C.-65 d.C.), filósofo estoico, advogado, escritor e intelectual romano

Família e escola: as duas asas do nosso educando

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Pais e professores são como duas asas de um pássaro: se não tiverem a mesma cadência, não haverá uma boa direção para o nosso educando. Família e escola devem ser vasos comunicantes, suprindo-se mutuamente. Pesquisa patrocinada pela Unicef mostra que, para 93% dos jovens brasileiros, a escola e a família são as instituições mais importantes da sociedade. A escola tem um papel primordial na melhoria do sistema educacional brasileiro, mas uma sustentabilidade consistente em qualidade advirá somente com a inserção dos pais no processo de aprendizagem. Sim, a educação brasileira será salva não apenas pelos governantes, ou pelos professores, mas também por uma mudança cultural e de postura dos pais.

Há pais que acompanham o rendimento escolar do filho somente pelo boletim no fim do bimestre. Todavia, o que faziam e fazem os sul-coreanos? Antes

de dormir, um dos pais se achega: “Filho, vamos abrir o livro e recordar o que você aprendeu na escola hoje?” Tudo de bom acontece nesse gesto: valorização do estudo, fixação do aprendizado do filho e crescimento intelectual dos pais. Sem falar da interação e da ternura que o momento propicia. E não menos importante: esse encontro amiúde permite aos pais um julgamento honesto da qualidade de ensino da escola.

Em recente visita à Finlândia, uma guia nos dizia que são comuns os protestos em prol da melhoria do ensino. “Mas como, se os finlandeses detêm os primeiros lugares em desempenho nos testes internacionais?”, pergunto, surpreso. “Sim, o resultado é fruto dessa cobrança”, faz-se lacônica a guia. É um círculo virtuoso: a população é bem instruída, colaborativa e cobra dos governantes uma boa educação para os filhos. O raciocínio é elementar: se deixarem de combater as falhas, perderão a excelência do ensino.

No Brasil, todavia, é recorrente e redundante: os nossos indicadores educacionais estão entre os piores do mundo. Com base em dados do IBGE, cerca de 1,7 milhão de jovens entre 15 e 17 anos (16% do total) abandonam a escola por ano, sendo o principal motivo, para 40% deles, a falta de vontade para estudar e o fato de a escola ser “chata”.

Qual o contexto desses alunos? Volto à analogia inicial: um bom voo para o nosso educando necessita de duas asas. Pais que não estimulam os estudos de seu filho representam uma asa ferida. Semelhantemente, asa quebrada é a escola com professores desmotivados ou que repassam conteúdos desconectados com a realidade dos alunos. Ademais, a escola é o espaço não só da aprendizagem, mas também da interação social, manifestação da autoestima, do enlevo e da alegria.

Permita-me um depoimento pessoal: recém-formado em Matemática, fui lecionar numa escola pública da periferia de Curitiba. Deparei-me com o primeiro grande paradoxo: a faculdade havia me ensinado muito de Matemática, mas nada sobre como ensinar Matemática naquela comunidade. Toda escola é uma síntese do meio em que está inserida e, naquele caso, o escoadouro de todos os problemas sociais: violência, furtos, vandalismo, gravidez, DSTs, negligência afetiva e carências de todo o tipo, falta de alimento e higiene, ausência de mesa para realizar as tarefas escolares em casa, etc.

Havia sentido ensinar o que era apótema, eneágono? A diretora, proativa e sensível aos anseios, permitiu que os professores negligenciassem parte do conteúdo pedagógico. A contrapartida foi um ensino focado no cotidiano do aluno, por meio de um trabalho interdisciplinar e contextualizado. Paulatinamente, colhíamos alunos mais interessados, participativos e com autoestima. No ano seguinte, o segundo grande paradoxo: não houve continuidade, pois, por iniciativa do Estado, a equipe foi desfeita, pela não efetivação de alguns docentes ou para atender transferências a pedido de políticos.

Apropriadas são as palavras do pedagogo Pedro Demo: “aprender é como parto: é uma coisa linda, mas dói”. Retirar uma comunidade do atraso requer gestores e professores entusiastas, com visão holística e que vivenciem a realidade do aluno. Nenhum país atingiu um bom nível de ensino sem que, em algum momento de sua história, não houvesse uma opção preferencial pela valorização do professor: salário justo, na proporção do mérito e desempenho do docente, é um requisito relevante, mas tão importante quanto é o reconhecimento e o prestígio dessa nobilíssima profissão por parte da sociedade, como o fazem todas as nações com bom desempenho educacional. E o bom professor há de entender que lhe cabe a iniciativa do diálogo, da interação com a comunidade na qual a escola está inserida. Alterar o *statu quo* de latência, apatia e falta de iniciativa do entorno da escola requer professores e gestores comprometidos, altruístas e respeitadas pelas famílias.

Jacir J. Venturi é coordenador da Universidade Positivo. Foi diretor de escolas e professor no Ensino Fundamental, Médio, Pré-Vestibular, na UFPR e na PUCPR

Pensamentos

- “Muitas vezes os homens não querem Deus. O que eles querem é milagres.”
Fiódor Dostoiévski (1821-1881), formado na Escola Militar de Engenharia de São Petersburgo, autor de grandes clássicos da literatura universal como Crime e Castigo e Os Irmãos Karamázov
- “O mal triunfa sempre que há omissão de homens de boa índole.”
Edmund Burke (1729-1797), escritor e político irlandês, membro do Parlamento Britânico
- O importante não é só o professor ensinar, mas como o aluno aprende. Quando este não aprende, em geral não é problema de aprendizagem e sim de “ensinagem”.

Do autor

Frases eloquentes quando você não está preparado

É comum sermos surpreendidos por não ter o que falar em público, e começar bem é essencial, enquanto o cérebro processa sinapses para uma boa sequência.

Invista o melhor de si nos três minutos iniciais, que podem ser dedicados a elogios sinceros, um toque de humor ou frases de efeito como por exemplo:

- Serei breve, pois discurso bom tem que ser curto e sendo curto nem precisa ser bom.

- Hoje eu vou começar contando uma pequena história... ou hoje eu vou começar citando um exemplo interessante...

- Há dois momentos que a gente se sente só: na hora de um discurso e... na hora da morte.

Texto do autor

Pensamentos

- “Se você olhar para a lua, verá a beleza de Deus, se você olhar para o sol, verá o poder de Deus e, se você olhar no espelho, verá a melhor criação de Deus. Então, acredite em si mesmo!”

Ratan Navan Tata (n. 1937), empresário indiano e presidente do Grupo Tata da Índia

- “Muitos dos que pregam a distribuição do bolo, o que eles querem mesmo é o controle da faca.”

Roberto Campos (1917-2001), economista, professor, escritor, diplomata e político brasileiro

- “Viver no Rio é uma merda, mas é bom. Viver em New York é bom, mas é uma merda.”

Antonio Carlos Brasileiro de Almeida “Tom” Jobim (1927-1994), compositor, maestro, pianista, cantor, arranjador e violonista brasileiro

Vinhos: um convite ao diálogo e ao perdão

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Uma bebida tão antiga quanto a civilização, onipresente na descrição de porres homéricos dos banquetes greco-romanos às Sagradas Escrituras, nas quais – segundo o Google – o vinho é mencionado 140 vezes. No *Livro dos*

Cânticos alia-se à lascívia: “Teu umbigo, essa taça redonda onde o vinho nunca falta”. O folclore popular é pródigo em frases de muito bom humor: “se beber vinho fosse pecado, Jesus teria transformado água em Fanta Uva”. Outra: “azeite, vinho e amigo, melhor se antigo”.

Em seu livro *Bebo, Logo Existo*, o filósofo inglês Roger Scruton rende-se à generosidade do fermentado de uvas, “um convite ao diálogo e ao perdão que há no fundo de cada taça”. Seguramente, a companhia tem forte influência nos seus encantamentos. Receber os amigos – ou a quem se ama – em torno de um bom vinho é um rito de celebração da vida. Até o circunspecto Benjamin Franklin se enche de júbilo: “o vinho é a prova constante de que Deus nos ama e deseja ver-nos felizes”. O mais idolatrado poeta português também se faz oportuno: “Boa é a vida, melhor é o vinho”.

Discorrer sobre vinhos em ambientes sociais é uma postura amistosa, glamourosa e em certa medida demonstra cultura. Porém, pode-se legar a imagem de esnobe, pedante, pernóstico. Ou usando uma adjetivação mais recorrente: “enochato” no falar e inconveniente no beber. A linha divisória entre o consumo moderado e a dependência é muito tênue e sabemos que são deletérios os malefícios do exagero. Não há consenso em relação à quantidade. É plausível de uma a duas taças diárias, de 250 ml. Moderação é a palavra de ordem. O tinto seco contém antioxidantes e resveratrol, que colaboram para reduzir os níveis de LDL (o mau colesterol), elevar o HDL (o bom colesterol) e, por consequência, comprovadamente reduzir os riscos de doenças cardiovasculares. Com os amigos, faço blague que esta é a descoberta do século. O jornalista Renato Machado costuma reiterar o conselho de seu médico: “Fique perto dos vinhos que rejuvenescem e longe dos laticínios que envenenam”. E como fica a harmonização, pois queijos e vinhos representam um casamento perfeito? Mais uma vez, com moderação, esporádicas recaídas são aceitas.

A vida é muito curta para tomar maus vinhos. Pela metade do preço em relação ao Brasil, na degustação de alguns emblemáticos tintos nas bodegas de Mendoza, encontrei a justificativa da expressão “néctar dos deuses” e das veneráveis efemérides dos povos greco-romanos a Dionísio e Baco. Veio-me a lembrança da bucólica infância, quando a iniciação se fazia com a “sangria” – assim denominada nas famílias de italianos do interior de SC –, a mistura de vinho de colônia, água e açúcar. Vinho jovem, adstringente, apreciado pelos

mais velhos, pois “tão puro que até tingia de vermelho os dentes”. Quando trouxe de Santiago o consagrado Don Melchor para o meu pai, depois de dois copos, perguntou o valor em reais e desconsolado me disse: “ainda prefiro os vinhos do Tio Carlo. E em preço é 20 garrafas contra uma”. Em outra ocasião, acompanhado de filhos e irmãos, todos enófilos, na visitação a uma bodega chilena, a bela morena pergunta donde somos. Eufórica, exclama: “Ah, são Brasil”. Faz sentido, pois 20% da produção da Concha Y Toro é exportada para o Brasil. Esclarece que o fundador Don Melchor legou a vinícola aos filhos, que hoje está na 4.^a geração e, no entanto, detém apenas 0,5% do capital. Vale o *tour*, com a ressalva do intenso *merchandising*. No final do ritual da degustação, a morena – nativa e com lindos traços indígenas, na educada versão dos meus acompanhantes – didaticamente verbalizava da aplicação dos cinco sentidos para bem sorver cada talagada: olfato, paladar, visão, tato. Fez-se uma providencial pausa.

– E o quinto sentido, a audição? – pergunta o paulistano ao meu lado.

Todos nós – como que embevecidos e mesmerizados com a graça e leveza daquele cerimonial –, em uníssono, bailamos nossas taças no ar em direção à taça erguida pela graciosa chilena, que após alguns segundos de silêncio proclama o *gran finale*:

– Y ahora, celebremos con un tintín a la salud y, a la vez, un exquisito encanto al oído.

Sim, dei-me conta de que o som daqueles sutis toques é um maravilhoso encanto aos ouvidos e sempre é prenúncio de enlevo e deleite. Mesmo quando a vida não apresenta motivos para brindar, vale a recomendação de Napoleão, em referência ao champanhe: “Nas vitórias é merecido, nas derrotas é necessário”.

Jacir J. Venturi, professor, enófilo e pecuarista

Pensamentos

- “Treine enquanto eles dormem, estude enquanto se divertem, persista enquanto eles descansam, e então viva o que eles sonham.”

Máxima muito popular no Japão

- “Não confio em pessoas que não gostam de cachorro. Mas confio totalmente num cachorro quando ele não gosta de uma pessoa.”

Frase usada como provocação hilária, sem qualquer fundamento na ciência

- Muitas são as pedras do caminho. Porém, enquanto tropeçamos em pedras, podemos estar galgando montanhas.

Do autor

O doutor bom de bico

Dr. Amauri Zuotoski é um conceituado médico acupunturista curitibano. No entanto, como conta seu colega Jacir Venturi, quando recém-formado (1976) tinha uma vida estressante pela sobrecarga de plantões. Num final de tarde, saiu do Hospital do Carmo, parou no Armazém Santana, no bairro Uberaba, pediu uns petiscos e uma boa dose de pinga com mentruz, que ali era muito requisitada.

E sentia-se feliz por aquele momento relaxante, num lugar que se julgava anônimo. Eis que entra um ex-paciente e flagra o nosso médico com o copo na mão:

- O sr. não é o Dr. Amauri?

O médico não se desconcentrou e foi firme na resposta:

- Eu não sou o Dr. Amauri! Eu sou o professor Alfredo. O Dr. Amauri é meu irmão.

Coluna do Malu – publicada na Gazeta do Povo

Pensamentos

- “No Brasil, quem tem ética parece anormal.”

Mário Covas (1930-2001), engenheiro e político brasileiro

- “A Academia Brasileira de Letras se compõe de 39 membros e um morto rotativo.”

Millôr Fernandes (1923-2012), desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro

- “O que engorda não é o que você come entre o Natal e o Ano Novo, mas o que você come entre o Ano Novo e o Natal”

Da sabedoria popular

Que sentimento têm os russos quanto ao passado comunista?

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Cada país tem sua singularidade, porém a Rússia tem algo de diferente. É enigmática pelos mitos, pelas lendas e pelas versões sobre fatos históricos que a diferenciam do que aprendemos nos livros didáticos. Em parte, é decorrência da bipolarização que se estabeleceu entre os EUA e aliados *versus* o regime comunista dominante por cerca de sete décadas na antiga URSS, derrocada em 1991.

Em seis impactantes dias em Moscou e São Petersburgo, convivemos intensamente com professores, guias turísticos e com russos de extratos sociais distintos. Sem o rigor de uma pesquisa científica, buscava compreender o sentimento que os russos têm atualmente em relação ao regime comunista implantado em 1917. Atrevo-me a dividir as opiniões em dois grandes grupos.

Primeiramente, há os saudosistas para os quais o comunismo oferecia mais qualidade em saúde e educação, bem como maior segurança na aposentadoria. Para esse grupo, não havia desemprego, embora se um engenheiro não tivesse trabalho, que fosse quebrar pedras, e quem não trabalhasse era muito mal visto. O sentimento anti norte-americano é mais forte. Sabe por que os norte-americanos soltaram duas bombas atômicas no Japão em 1945? – pergunto. Sim, o objetivo principal foi intimidar os soviéticos. E essa é a razão dos metrô serem tão profundos – serviriam de abrigos antiatômicos.

Ademais – justificam –, foram os soviéticos, com Stálin à frente, que venceram os nazistas na 2.^a Guerra Mundial, e não os norte-americanos. Com a perda de 27 milhões de civis e militares, foi uma vitória com muito sangue e heroísmo, pouco reconhecida no ocidente – queixam-se. E as atrocidades e os dois milhões de soviéticos mortos pelo regime? – pergunto. Respondem com outra pergunta: Quem os contou? Os números são muito menores e as mortes foram essencialmente cometidas por Stálin, que já foi punido, embora tenha sido um grande patriota.

De fato, rememorando a história, Stálin faleceu em 1953 e no XX Congresso do Partido Comunista realizado em 1956 seu sucessor, Nikita Khrushchov, em um célebre discurso, denunciou seu antecessor pelas brutalidades e abusos de poder: “Stálin descartou o método leninista de convencer e educar. Ele

abandonou o método de luta ideológica para que prevalecesse a violência, repressões em massa e terror”. Ademais, como punição, além da liquidação moral, seu corpo embalsamado que até então jazia ao lado do sarcófago de Lênin, na Praça Vermelha, sofreu um *downgrade* ao ser transferido para as muralhas do Kremlin, ao lado de outros heróis soviéticos.

Há um segundo grupo, a quem pouco importa o passado socialista, adotando uma postura pragmática e um *modus vivendi* similar ao de qualquer outra cidade do ocidente. Valoriza a meritocracia, a capacitação profissional – 53% da população russa têm Ensino Superior, é o índice mais alto do mundo (Brasil, 11%). Preocupa-se com o desemprego que ronda os 7%, com os custos complementares de uma boa educação, saúde e previdência, embora beneficiem-se das moradias doadas pelo Estado – as mesmas que habitavam durante o antigo regime e com direito a repasse aos herdeiros.

Sem provocações explícitas, os dois grupos convivem à sua maneira com o passado, e o Presidente Putin representa uma quase unanimidade – seu governo mantém mais de 80% de aprovação popular, pois incorpora o status de líder forte. É reconhecido como um patriota, agregador e conduz na medida certa a abertura econômica que precede a abertura política. Assim o faz a China, assim o fez o Chile. Já o Brasil optou pelo caminho inverso: primeiro a abertura política, relegando a um plano secundário o ambiente de negócios, a inovação, a desburocratização e as reformas necessárias.

A Rússia, com o dobro do território brasileiro e contrastes do tamanho de uma Transiberiana, vai muito além de Moscou e S. Petersburgo, cidades símbolos, *de per si* muito diferentes, porém ambas atraentes, limpas, seguras, sem pichações e mendicância, repletas de gente afável e culta. Nelas, características semelhantes às metrópoles ocidentais, com os preços análogos aos de São Paulo e os irritantes congestionamentos, convivem com uma cultura *sui generis* e uma historiografia muito interessante, formada por páginas pungentes de heroísmos, traições, luxúria, sangue e sofrimento. Todavia, a locomoção e a compra de ingressos são complexas, poucos falam o inglês e as placas indicativas são somente em russo. Ainda assim, para um merecido passeio neste país singular no mundo, prevalece o conselho que recebi: não se meta na Rússia sem um bom planejamento e um guia especializado!

Jacir J. Venturi, coordenador da Universidade Positivo, ex-professor da UFPR e da PUCPR, foi também presidente do Sinepe/PR e vice-presidente da ACP

Pensamentos

- “Pouco se pode esperar de alguém que só se esforça quando tem a certeza de vir a ser recompensado”

José Ortega y Gasset (1883-1955), ensaísta, jornalista e ativista político espanhol

- “Deus dá as batalhas mais difíceis aos seus melhores soldados.”

Papa Francisco (n. 1936), nascido em Buenos Aires, de nome Jorge Mário Bergoglio, jesuíta que sucedeu ao Papa Bento XVI em 2013, e primeiro Papa das Américas

- Boas ideias naufragam ao serem levadas a uma reunião.

Do autor

Fábula Grega: o melhor esconderijo é o seu interior

Conta uma fábula grega que os deuses do Olimpo estavam preocupados com a evolução do homem. Este estava se desenvolvendo tanto pelo uso de sua inteligência que em breve alcançaria os imortais deuses.

Era preciso agir. O tonitroante e todopoderoso Zeus, senhor dos deuses e do mundo, vociferou: “Vamos esconder do homem o seu talento, e ele jamais nos alcançará”.

Mas onde esconder o talento do homem? Poseidon, deus dos mares, sugeriu as profundezas dos oceanos. Apolo, deus da luz, no topo da montanha. Deméter, deusa da terra, em vales recônditos. Hefesto, deus do fogo, em magmas vulcânicas. Ares, deus da guerra, nas geleiras eternas.

Impávido, Zeus declara: “Nada disso, o melhor esconderijo do homem é o interior do próprio homem. Ele jamais há de procurar o que está dentro de si”.

Esta fábula não só enaltece a busca do autoconhecimento e do desenvolvimento das próprias potencialidades, mas também retrata a saga intelectual do povo grego. Mesmo aos neófitos, a cultura helenística enseja um extraordinário fascínio.

Texto do autor

Pensamentos

- “Ser o mais rico do comércio não é o que mais importa para mim. Ir para cama à noite e pensar que foi feita alguma coisa grande. Isso é o que mais importa para mim.”

Steve Jobs (1955-2011), inventor, magnata norte-americano do setor de entretenimento e informática e cofundador da Apple

- “Nada vale mais do que o dia de hoje. Você não pode reviver o ontem. O amanhã ainda está além do seu alcance”.

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) nasceu em Frankfurt e é um dos principais escritores do Romantismo europeu. Sua obra-prima: Fausto

- “A grande pergunta que nunca foi respondida e que não fui eu ainda capaz de responder, apesar dos meus trinta anos de pesquisa sobre a alma feminina: o que uma mulher quer?”

Sigmund Freud, em carta à Marie Bonaparte (1882-1962). Ela foi paciente, discípula, amiga e princesa da Grécia. Deve-se a ela a preservação dos textos de Freud, pois seriam extintos pelos nazistas

O professor e suas 5 fases

Em tom jocoso, um pouco caricato, descrevamos as cinco fases de alguns professores ao longo de sua trajetória profissional:

1.^a fase: recém-formado, é exigente, impõe disciplina, controla faltas e horários, é rigoroso na correção das provas, tendo pouca ou nenhuma sensibilidade com o número de reprovados. Exige tratamento de professor.

2.^a fase: mais maduro e mais compreensivo, transige. Aceita convites de aniversários, chama Luciana de Lu, Eduardo de Du...

3.^a fase: conforma-se com o baixo desempenho de uma parte da turma, tolera a indisciplina, aceita de bom grado que o chamem de “profe” ou pelo primeiro nome apenas.

4.^a fase: acomodado, já não se atualiza, vira um contumaz reclamão da burrice dos alunos e do governo pelos baixos salários.

5.^a fase: já com muitos anos de casa, o professor é eleito chefe. Aí sim, dobra a dose das mesmas reclamações, rodeado de um cinturão de bajuladores. E, num fim melancólico, entra para os umbrais da aposentaria.

Texto do autor

Pensamentos

- “Os bons dias dão felicidade. Os maus dias dão experiências. Ambos são essenciais para vida. A felicidade o faz doce, os problemas o mantêm forte, a dor o mantêm humano, as quedas o mantêm humilde.”

Autor desconhecido

- “Eu nunca conheci nenhum pessimista bem-sucedido.”

Jorge Paulo Lemann (n. 1939), economista e megaempresário suíço-brasileiro

- “Passar a mulher pra trás é fácil, difícil é passar adiante!!!”

Chiste popular

A EaD deixou de ser o patinho feio da Educação Superior

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Em 2015 (dados do INEP/MEC mais recentes disponíveis), houve 6,6 milhões de matrículas na Educação Superior na modalidade presencial (pública e privada), um crescimento de 46% sobre 2005. Nesses mesmos dez anos, o crescimento do número de alunos na EaD (Educação a Distância) foi de 1.120%, atingindo a antes inimaginável cifra de 1,4 milhão de alunos – ou seja, o equivalente a 21% da presencial. Há ainda cerca de outros 5 milhões de adultos ou jovens estudando uma especialização, ou disciplinas específicas, ou cursos *in company* em plataformas estritamente digitais. Um em cada três alunos de licenciatura faz o curso *on-line*; em Pedagogia, metade.

Em seu início – em torno de 2003 –, a EaD enfrentava elevados preconceitos por precarizar a qualidade do ensino, e merecidamente. Depreciavam-na como o supletivo da Educação Superior. Hoje, no entanto, com os avanços das novas tecnologias, com a profusão de ambientes virtuais aliados a novos modelos pedagógicos (metodologias ativas), propicia-se a oferta de uma educação de qualidade equiparável à presencial.

Soma-se, ainda, a incorporação pelas IES (Instituições de Ensino Superior) de profissionais (professores, tutores, mentores, técnicos, etc.) com expertise na modalidade, laboratórios, videoaulas e momentos para a troca de ideias no ambiente virtual (fóruns). Ademais, mesmo sendo de 1996, a LDB faz re-

ferência à EaD em nove artigos ou incisos, e o MEC tem amparo ferramental para avaliar os cursos remotos com os mesmos critérios dos presenciais, sendo elevadas as exigências para a implantação de polos.

E três sempre foram as principais características da EaD: horários flexíveis, preços acessíveis e não necessidade de deslocamentos para as aulas. Com o ganho de escala, a mensalidade, na média, fica em torno de 40% da similar na modalidade presencial. É um instrumento democrático, pois permite ao aluno estudar onde e quando puder. Enfatize-se: é uma modalidade que exigirá tanto ou mais horas de estudos que a presencial. Requer disciplina pessoal, foco, autonomia e maturidade para não embicar para o sedutor mundo das mídias sociais e outras distrações virtuais. E, após formado, o diploma não faz qualquer inferência de que a graduação foi concluída na modalidade *on-line*.

Todavia, apesar do crescimento expressivo de matrículas nas graduações, a taxa de escolarização de Educação Superior no Brasil ainda é muito baixa: apenas 13% dos trabalhadores têm faculdade (no Japão é 45%) e somente 18% dos nossos jovens de 18 a 24 anos estão matriculados numa IES (Chile tem 45% e Argentina, 34%). Em meio a esse deserto, viceja o oásis do ensino em plataformas digitais com seu gigantesco potencial num país de dimensões continentais. Pesquisa encomendada pela CNI ao Ibope, em 2014, apontou que 79% dos brasileiros com mais de 16 anos acreditam que a EaD é uma solução para levar educação a mais pessoas. Outra pesquisa realizada com matriculados na EaD aponta que 41% dos alunos têm entre 31 e 40 anos e 87% trabalham fora.

A bem da verdade, se hoje ainda há alguma dicotomia entre educação presencial e *on-line*, em poucos anos serão modalidades tão simbióticas que diremos “é ensino e ponto”. Em nossas IES, cada vez maior é o avanço célere da oferta de ensino híbrido, *blended* ou semipresencial – nos quais se amalgamam o presencial e o virtual sob os ditames do que melhor convém para o aprendizado. Em recente palestra na Universidade Positivo, o Prof. Armando Valente, da Unicamp, afirma apropriadamente que o “nosso diploma, até pouco tempo atrás, era medido por horas de bunda do aluno em sala de aula”.

Educação digital não é modismo na graduação: ela veio para ficar.

Jacir J. Venturi, coordenador da Universidade Positivo, foi professor da UFPR, PUCPR e diretor de escolas

Pensamentos

- “O próprio viver é morrer, porque não temos um dia a mais na nossa vida que não tenhamos, nisso, um dia a menos nela.”

Fernando António Nogueira Pessoa (1888-1935), poeta, filósofo, dramaturgo, ensaísta, tradutor, publicitário, astrólogo, inventor, empresário, correspondente comercial, crítico literário e comentarista político português

- Somos em geral condescendentes conosco e inclementes com os outros. Nosso cérebro abriga um ótimo advogado para os nossos erros, e também um bom juiz para os erros alheios.

Do autor

- De um amigo que se divorciou: minha mulher ficou com tudo menos a culpa. E eu com duas pensões: o que eu pago a ela e onde fui morar

Seriam guampas ou gabolice?

Para as más-línguas da época, o Presidente Getúlio Vargas teria tido um romance com Adalgisa Nery (1905-1980), poetisa, escritora, mulher linda. Era casada com Lourival Fontes (1899-1967), jornalista sergipano, homem culto que dirigia com mão de ferro o temido DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), ligado diretamente à Presidência da República, e responsável pelo controle rígido dos meios de comunicação. Várias vezes o Presidente foi advertido sobre os comentários a respeito de seu *affair* com Adalgisa. Getúlio despistava com fina ironia:

– Qual nada! Isso é invenção do Lourival, somente para se gabar!

Esta tirada arguta do Presidente, ainda que careça de amparo histórico, bem retrata como ele tinha um tirocínio intelectual muito sagaz.

Texto do autor

Pensamentos

- “Ser senador é melhor que o paraíso, pois não precisa morrer.”

Darcy Ribeiro (1922-1997), antropólogo, historiador, sociólogo, escritor e político brasileiro

- “A vida não é uma jornada que deva ser feita sozinha e nem mal acompanhada.”

Citado por Christiane Kaminski, professora universitária de Curitiba e membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná

- As pessoas se encontram em geral para falar de outras pessoas: “O mais necessário num encontro é o ausente”.

Dito popular

Sou jovem, posso ser voluntário

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

O trabalho voluntário é uma via de mão dupla, pois leva dignidade, autoestima e bens materiais à comunidade atendida. O retorno é a transformação interior, a ampliação da experiência e o prazer de ser útil.

A atitude solidária humaniza não apenas os beneficiados, como também os que estendem a mão.

Sim, surpreendente e encantadora é a alegria com que os voluntários praticam e relatam suas atividades. São pessoas que compartilham uma energia positiva muito forte. Enfim, praticar o bem é uma terapia gratificante. É a voluntarioterapia.

Os alunos da nossa escola dedicaram algumas tardes a diversas atividades no Asilo São Vicente de Curitiba. Pintaram o muro ou nele plantaram heras e interagiram com as 150 idosas através da música, pintura, representações, aparos de unhas e cabelos, doações de alimentos e remédios, etc. Aos professores coube a tarefa de contextualizar as ações realizadas através de trabalhos escolares em Matemática, Biologia, Química e História.

Desta rica experiência, colhemos alguns depoimentos dos jovens participantes:

- “Saí da zona de conforto e arregacei as mangas. Estou cansada, mas feliz”.
- “Combate a tristeza e amplia a rede de amigos e amigos generosos”.
- “Aprendi a ser mais humano e mais humilde”.
- “Quando estou praticando o voluntariado, esqueço os meus problemas, até porque os meus problemas são pequenos dentro da realidade que estou vivenciando”.
- “Levanta o ânimo e afasta os pensamentos ruins”.

Via de regra, o jovem é generoso, mas lhe falta iniciativa e uma maior consciência social. Numa pesquisa que realizamos com 1 900 alunos de três escolas de Curitiba, constatamos que apenas 8% dos jovens participam de ações comunitárias. No entanto, 71% gostariam de participar, mas não sabem como. Assim, estamos muito aquém dos países da Europa e América do Norte, onde a inserção dos jovens em projetos comunitários é relevante: de 40% a 62%.

É imprescindível que o jovem se incorpore às práticas e à cultura de solidariedade de sua família, sua escola ou sua igreja. Se ele não se identifica com essas atividades, temos um espectro imenso de opções, pois há no Brasil 250 000

entidades voltadas ao desenvolvimento socioambiental. O terceiro setor já movimenta 1,2% do PIB brasileiro.

Além de tudo, muitas empresas entendem que um candidato que faz trabalho voluntário é colaborativo, mantém bons relacionamentos, sabe se doar, desenvolve mais rapidamente a liderança e não se apequena diante das vicissitudes.

Mesmo fazendo pouco, o trabalho comunitário enobrece. Belas e oportunas são as palavras do ícone maior do voluntariado, Madre Tereza de Calcutá: “Minhas ações podem ser pequenas, gotas no oceano. Mas sem essas gotas, o oceano seria menor.”

É preciso ser proativo, como o fabulativo beija-flor em contraponto ao egocêntrico elefante: era verão e o fogo crepitava feroz na floresta. O obeso elefante fugiu para o grande rio que permeava a floresta e os outros animais se puseram a debelar o incêndio. O beija-flor apanhava uma minúscula porção de água e a arremessava sobre as chamas, enquanto o elefante, com sua tromba avantajada, refestelava-se na segurança do rio. O elefante, ao observar o colaborativo beija-flor em suas idas e vindas, perguntou:

– Meu pequeno pássaro, que fazes? Não vês que de nada serve a tua ajuda?

– Sim, responde o beija-flor, mas o importante para mim é que estou fazendo a minha parte!

Jacir J. Venturi, presidente do Sinepe/PR e membro do Conselho de Leitores da Gazeta do Povo

Pensamentos

- “O lugar mais seguro em que o navio pode estar é o porto. Mas ele não foi feito para permanecer ali. Os pais também pensam que são o porto seguro dos filhos, mas não podem se esquecer do dever de prepará-los para navegar mar adentro e encontrar o seu próprio lugar, onde se sintam seguros.”

Içami Tiba (1941- 2015), médico e professor pela USP, autor de 29 livros com 4 milhões de exemplares vendidos

- Quem tem sócio tem patrão

Do autor, com a experiência de ter tido simultaneamente 11 sócios em 4 empresas

- “O segundo casamento é o triunfo da esperança sobre a experiência.”

Motejo popular

O senhor já combinou com os russos?

Mané Garrincha (1933-1983) foi bicampeão mundial, tendo jogado nas Copas de 1958 e 1962. Nesta, com a contusão de Pelé, o gênio das pernas tortas, nascido no RJ, município de Pau Grande, foi de longe o principal jogador. Na semifinal contra os donos da casa, Garrincha liquidou a defesa adversária, mesmo litigando contra uma torcida hostil e um juiz peruano gatuno. O jogo terminou em Brasil 4 x 2 Chile, com dois gols de Garrincha e um cruzamento certeiro para Vavá cabecear. No dia seguinte, o Jornal El Mercurio estampou: Garrincha: *¿de qué planeta usted viene?*

Muitas são as pilhérias a seu respeito, uma delas deu origem à famosa expressão: “já combinou com os russos?”

Garrincha detestava duas coisas: educação física e as preleções dos técnicos. Esquemas táticos? Soavam-lhe como palavrões! Jogadas criativas e dribles sempre para a direita eram suas características. Claro que seus marcadores sabiam disso. Mas, qual o quê! Levavam a pior!

Na Copa de 1958, véspera do jogo contra a Rússia – então URSS –, a preocupação era Tsarev, temível lateral incumbido de uma missão impossível: segurar Mané. O técnico Feola se esmerava junto ao nosso craque: “quando o Tsarev vier em disparada, passe a bola. Quando o outro beque vier pela direita, drible pela esquerda...”. Enfim, havia mil recomendações, cabendo as iniciativas aos russos.

Na sua simplicidade, Mané Garrincha lançou a pergunta demolidora:

– O senhor já combinou tudo isso com os russos?

Presente naquela memorável partida, Nilton Santos conta que “os russos começaram marcando mano a mano. Tsarev foi o primeiro a ser abatido por Garrincha. De repente, um amontoado de russos estava em volta dele. Era hilariante o desmanche que Mané fazia por ali”.

Foi um jogo memorável e uma grande vitória de 2 x 0, com o nosso craque jogando à sua maneira.

Carlos Drummond também disse, muito oportunamente, que, “se há um deus que regula o futebol, Garrincha foi um de seus delegados, incumbido de zombar de tudo e de todos nos estádios”.

Texto do autor

Pensamentos

- “O que há de se fazer com a verdade de que todo o mundo é um pouco triste e um pouco só.”

Clarice Lispector (1920-1977), escritora e jornalista brasileira nascida na Ucrânia, no livro “A Hora da Estrela”

- “Deficiência está em quem não respeita o próximo.”

Campanha de conscientização sobre o autismo

- Em SC, como tem muita terra dobrada (com morros e vales), se diz: “planta de espingarda e colhe a laço”.

De um agrônomo catarinense, em tom de blague

Último Pisa revela um futuro comprometido para o Brasil

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Foi um gesto destemido do ministro Paulo Renato ao inscrever o Brasil no exame do Pisa em 2000. O então presidente Fernando Henrique teria questionado: “e se formos o último colocado?”. O ministro argumentou que o Pisa é um dos instrumentos de maior credibilidade em avaliação educacional do mundo. Foram 32 países participantes naquele ano. Bingo! – nos posicionamos em último: 56% dos estudantes de 15 anos avaliados em Matemática, Leitura e Ciências tiveram um desempenho de “quase analfabetos funcionais”, à boa distância do penúltimo colocado – o México, com 44%.

O Pisa 2015 – agora com 70 países avaliados e cujo resultado foi divulgado há poucos dias, em um relatório de 966 páginas dividido em 2 volumes – mantém o Brasil entre os últimos: 66.º em Matemática, 63.º em Ciências e 53.º em Leitura. Quando se coteja com os nossos coirmãos latino-americanos, lamentavelmente ficamos abaixo da Argentina, Chile, Uruguai, México, Costa Rica, Colômbia e Peru.

O desempenho dos nossos estudantes decresceu em relação à edição anterior (2012) e considerando a média das três áreas citadas, o Brasil está na 64ª posição pois obteve apenas 401 pontos (em 2015) contra uma nota média de 493 pontos dos participantes. Cada 40 pontos do Pisa equivalem a um ano de escola. A partir dessa premissa, o nosso *gap* em relação à média dos países ricos

é de 2,3 anos e, em relação ao 1.º colocado (Cingapura), é de 3,7 anos. Para ser mais didático, um adolescente cingapuriano de 11,3 anos tem a mesma proficiência de um aluno brasileiro de 15 anos. Esta cidade-estado nos oferece um bom modelo: cada professor dedica um mínimo de 100 horas por ano a cursos de capacitação.

Em Educação não há mágica. Elevar os gastos do setor não é suficiente, embora necessário para que os alunos permaneçam mais tempo na escola, bem como para capacitar os nossos profissionais da educação e remunerá-los condignamente, adotando-se critérios meritocráticos. Como já faltam recursos em outros setores, um salto dos atuais 5,8% para 10% do PIB para a Educação pode ser deletério se mantivermos o atual *status quo* de deficiências na gestão, de descontrole nos gastos, de falta de comprometimento dos pais e despreparo, corporativismo de parte de nossos docentes.

O Pisa é aplicado a cada três anos com adolescentes de 15 e 16 anos – e *ipso facto*, é um indicador de quanto o futuro do nosso país está comprometido. O agravante é que esse estudante brasileiro tem idade para estar no Ensino Médio, cujo desempenho foi sofrível em duas outras avaliações, também em 2015: o Ideb, com média 3,7 (numa escala até 10) e o Enem, igualmente em queda no comparativo com 2014. É uma tragédia nacional que afeta especialmente as famílias de baixa renda, gerando ainda mais desigualdades sociais. E a única alternativa para que haja justiça social é oportunizar educação de qualidade em todas as camadas da sociedade. “A escola é a nova riqueza das nações. Passou a valer mais que a fábrica, o banco, a fazenda” – faz-se oportuno Peter Drucker, renomado consultor norte-americano.

Da lista dos 70 participantes do Pisa 2015, mais uma vez os 7 primeiros colocados são asiáticos. Reconhecidamente, esses países têm em comum a cultura de valorização e respeito ao professor. Ademais, adotam um currículo obrigatório mínimo, consentâneo com as habilidades valorizadas no mundo contemporâneo e nas provas do Pisa: raciocínio lógico, boa escrita, compreensão de texto e conteúdo adequado. Já no Brasil, pontuando entre os últimos, houve indignação manifesta das famílias ou da sociedade? Nenhuma ou quase nada. Comunidade silenciosa perpetua o fracasso!

Jacir J. Venturi foi professor do Colégio Estadual do Paraná, EJA, Pré-Vestibulares, PUCPR e UFPR

Pensamentos

- “Posso ter uma vida espiritual sem nenhuma prática religiosa institucional.”

Luiz Felipe Pondé (n. 1959), filósofo e escritor brasileiro

- A corrupção é uma planta venenosa, até mesmo letal, que prospera em todos os países. Porém, a impunidade é muito nossa, é a nossa jabuticaba, a mais amarga de todas.

Do autor

- “Muitos colocam a felicidade no amor, mas esta não é a função do amor carnal: a função deste amor é procriar.”

Postagem de uma mídia social

Papai, quanto você ganha por hora?

Todo dia o mesmo ritual: o pai extenuado chega à noite em casa após mais um duro dia de trabalho. Seu filho, com os olhos cheios de admiração, o abraça, trocam algumas palavras sobre a escola e se despedem com beijos na face, o boa noite e o “durma com os anjos”.

Certo dia, com a voz tímida, o garoto pergunta ao pai, que acaba de chegar:

– Papai, quanto você ganha por hora?

O pai surpreso, desconversa. O filho insiste:

– Papai, quanto você ganha por hora?

O sempre ocupado pai promete uma resposta para o dia seguinte, mas se aflige com a pergunta. Passado algum tempo, dirige-se ao quarto do filho e o encontra deitado.

– Filho, você está dormindo?

– Não, papai! – responde o garoto.

– Querido, eu ganho 28 reais por hora.

O filho levanta-se da cama, abre a gaveta e, entre notas e moedas, conta 28 reais. Abraça o pai com ternura e, com os olhos cheio de lágrimas, pergunta:

– Você pode me vender uma hora do seu tempo?

Esta conhecida e singela história enseja a meditação sobre a disponibili-

dade de tempo para com os filhos, os quais, mais cedo do que se pensa, compreenderão:

- a) a árdua luta dos pais pela sua sobrevivência profissional;
- b) o necessário cumprimento dos deveres no importante papel de provedores;
- c) que a dedicação ao trabalho é fator de realização pessoal e é modelo de responsabilidade.

Busca-se, evidentemente, a prevalência do bom senso, da medida, do equilíbrio entre a vida profissional e a vida familiar. Nesse contexto, importa mais a qualidade do afeto que a quantidade de tempo disponível aos filhos.

Texto do autor

Pensamentos

- “O mundo será salvo pelos eficientes, não pelos caridosos, pois até os caridosos agem por interesse.”
Roberto Campos (1917-2001), economista, professor, escritor, diplomata e político brasileiro
- “Comunicação não é o que você diz, é o que os outros entendem.”
David Ogilvy (1911-1999), publicitário britânico
- “Não há tempo, tão curta é a vida, para discussões banais, amarguras, tirar satisfações.”
Mensagem do Instagram

Desenvolver o pensamento lógico

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Ensinar a raciocinar, em meio a tantas demandas, é uma das principais tarefas da escola. Não importa a área, sempre encanta uma apresentação oral ou escrita com bom encadeamento lógico. Temos uma geração que tem preguiça de pensar. Entretanto, nunca se valorizou tanto a pessoa ou o profissional com boa capacidade de raciocínio, enfim o resolvidor de problemas. Hoje o jovem aprende rápido e esquece rápido, não mergulha fundo e, assim, o aprendizado é fugaz ou fruto de um clique.

Uma das mais proficuas maneiras para desenvolver o pensamento lógico e o poder de síntese, é a dedicação à área de exatas ou a um texto com dificuldade média ou elevada. Mas isso requer muita organização pessoal. Só se aprende a raciocinar com o cérebro e com as nádegas. Ou seja, galhofa à parte, aluno sentado numa cadeira, uma mesa com folhas de rascunhos, para resolver exercícios ou resenhar a matéria, estudo diário, um ambiente silente e prioritariamente muita disposição para o aprendizado. Portanto, nada de cama ou sofá: vai estudar ou tirar uma soneca? Um texto profundo ou exercício mais complexo é um desafio e faz bem aos neurônios. Há muito mais sinapses em 15 minutos dedicados a um problema difícil, mesmo não resolvido, do que na solução de três outros exercícios bastante acessíveis.

Quando da visita de Howard Gardner ao Brasil, na plateia éramos 100 privilegiados educadores. Julgo que o maior mérito de Gardner foi valorizar e inserir no espectro das Inteligências Múltiplas as inteligências interpessoal e intrapessoal. Quando perguntado quais as mais valorizadas para o mercado de trabalho, Gardner foi enfático:

- É a combinação da união do pensamento lógico à capacidade de lidar com as pessoas.

O edifício gardneriano se sustenta sobre a premissa de que todas as inteligências podem e devem ser desenvolvidas. A escola e a família sempre suscitam respostas positivas por parte do aluno, quando oferecem condições adequadas de aprendizado e um ambiente estimulador.

Desenvolver na criança e no adolescente a inteligência lógico-matemática, uma das nove inteligências de Gardner, é das incumbências mais relevantes dos professores e dos pais. Continua indispensável a memorização de alguns conteúdos das disciplinas, mesmo com todos os avanços tecnológicos. No entanto, o saber enciclopédico perde em parte a sua importância, pois em poucos minutos estamos ao alcance de um teclado, e só o Google hospeda mais de 2 trilhões de páginas. Diante desse gigantesco acervo de informações – verdadeiras ou falsas – é preciso discernimento e racionalidade.

Estamos convivendo com “mestres” que, por serem bonzinhos, a bem da verdade são pseudodidatas, apresentam as matérias por demais prontas, tipo *fast-food*. É crítico o nível de exigência da maioria dos livros e apostilas de Matemática adotado pelas escolas, quando se sabe que esse componente curricu-

lar é o que melhor induz o desenvolvimento da têmpera racional da mente. As tecnologias disponíveis ensinam enormes benefícios, mas em contrapartida aliciam os jovens ao aprendizado superficial e, quando se exacerba, roubam preciosas horas que deveriam ser dedicadas ao estudo, às leituras,   prática esportiva e às relações interpessoais.

Raciocinar exige esforço. “Pensar dói” – declamava Brecht. Quando o rei Ptolomeu folheava os pergaminhos de *Os Elementos*, recheados de axiomas, teoremas e postulados, perguntou esperan osamente a Euclides:

- Não existe uma forma mais fácil de aprender essas demonstrações?

- Não, majestade, não há estrada real para a Geometria – teria respondido o autor.

Há 24 séculos, aproximadamente, a Matemática e a Filosofia helenísticas nos despertaram para o prazer de pensar. Foi o início da civilização e culminou com o espírito cartesiano – *cogito, ergo sum* –, de ceticismo, indagação e crítica. Destarte apropriadas são as palavras do filósofo e matemático francês Henry Poincaré (1845-1912): “Duvidar de tudo ou acreditar em tudo são atitudes preguiçosas. Dispensam-nos de refletir”. A Matemática tem, sim, o escopo utilitário e prático, mesmo àqueles profissionais que aparentemente passam ao largo dos algarismos, como os advogados –   preciso lembrar que uma boa demanda jurídica tem por fulcro um excelente encadeamento lógico.

No Brasil não temos uma cultura de valorização das Ciências Exatas e as estatísticas corroboram essa assertiva: apenas 11% dos concluintes do Ensino Médio em escolas públicas têm capacidade tida internacionalmente como mínima em Matemática. Recentemente, entre 144 nações avaliadas, o nosso país aparece na 132.^a posição no desempenho em Matemática e Ciências, atrás da Venezuela, Colômbia, Camboja e Etiópia.   recorrente e sabido que em Matemática e Ciências pontuamos entre os últimos no ranking de 65 países num programa subordinado à ONU (Pisa). Com os avanços tecnológicos, inovações e registro de patentes, há uma valorização inédita em pesquisas. E aqui também perdemos de goleada: um pesquisador para cada mil pessoas ocupadas; nos EUA, são 9,5; na Coreia do Sul, 11.

Não se pode debitar ao acaso o fato de os países que apresentaram elevado grau de desenvolvimento nas últimas décadas estarem no rol dos mais bem classificados nos testes internacionais de Ciências e Matemática. No topo desse

ranking estão China, Hong Kong, Finlândia, Cingapura, Coreia do Sul, Japão e Canadá. E se queremos participar desse honroso cortejo – países econômica e socialmente com elevado grau de desenvolvimento nas últimas décadas – o bom ensino das ciências tem que ser priorizado.

A Coreia do Sul nos anos 70 resignava-se com indicadores econômicos e educacionais até um pouco piores que os nossos. Trabalho persistente, cultura de valorização do estudo e elevados investimentos na educação fizeram daquele tigre asiático uma das mais bem-sucedidas nações emergentes. Hoje cerca de 40% dos jovens sul-coreanos, entre 18 e 24 anos, estão nas universidades. Aqui, apenas 18%. Se no Brasil dá-se ênfase são às Ciências Humanas, lá são às pesquisas e ao ensino em Ciências Exatas. Ir bem ou mal em testes internacionais de Matemática tem elevado significado, pois, nas oportunas palavras do pensador francês Jacques Chapellon, “existe paralelismo fiel entre o progresso e a atividade matemática; os países socialmente atrasados são aqueles em que a atividade matemática é nula ou quase nula”.

Como é uma atividade solitária, o aluno brasileiro não é atraído, pois culturalmente é pouco valorizada, quando não motivo de pilhérias ou *bullying*. “Não menospreze os *nerds* da sua escola. Você ainda irá trabalhar para um deles” – aconselha Bill Gates, que juntamente com Steve Jobs foram proeminentes nas disciplinas de Ciências Exatas.

A Matemática é uma ciência sisuda, sinistra, lúgubre, abstrata e tem cara de poucos amigos; pensam muitos que por ela foram humilhados. No entanto, sendo a Matemática a rainha e serva de todas as ciências, uma das joias da coroa de Sua Majestade, é lúdica, bem-humorada, hilária e se apresenta na forma de quebra-cabeças, passatempos, sudokus, diversos *games*, xadrez, soroban, causos e galhofas. Divertem e são bálsamos para as horas de tédio ou quando falta companhia. Merecidamente, o mercado de trabalho valoriza o profissional leitor e dotado de raciocínio lógico.

Enfim, a Matemática tem seus encantos, apesar do rigor e de sua linguagem fria e sincopada. Contemplando as leis físicas e universais, a harmonia e a beleza do Universo, já se disse que a mente de Deus é matemática. Os antigos gregos desenvolviam a Matemática não com escopo prático, utilitarista, mas movidos pelo desafio intelectual ou pelo sublime prazer de pensar.

Alheios a esses paradoxos, valemo-nos das palavras de Leibnitz: “A Matemática é uma honra do espírito humano”. Enfim, a nossa rainha tem muitos

encantos. Não conheci quem nela mergulhasse fundo e não fosse tomado de enlevo. Em justa homenagem, reverencio o físico e escritor argentino Ernesto Sábato, uma vez que se faz pertinente ao referir-se à Matemática: “um mundo de infinita harmonia, com seu universo platônico, com sua ordem perfeita, seus objetos eternos e incorruptíveis, de uma beleza ímpar”. Ele recorda que esta imagem advém desde os 12 anos, quando “sentiu uma espécie de vertigem ao assistir à demonstração de um teorema”.

O paradoxo é que os cientistas estão desenvolvendo tanto os computadores que eles ainda nos ensinarão a pensar. Blague à parte, a Matemática desenvolve o raciocínio e autodidatismo, e o hodierno desenvolvimento tecnológico exige cada vez mais elevado tirocínio mental para o entendimento de textos ou elaboração de algoritmos sem um professor para auxiliar. Desconstrói-se, descaracteriza-se, desmerece-se a Matemática quando o seu ensino fica restrito à memorização e à aplicação de fórmulas. Um crime de lesa-majestade à nossa rainha, sendo a principal joia da sua coroa o encadeamento lógico, que promove a autoconfiança para descobrir e pesquisar outros temas da vida prática e das ciências.

Jacir J. Venturi, engenheiro, professor de matemática (da UFPR, PUCPR, cursos Pré-Vestibulares), atual presidente das Escolas Particulares do Paraná (Sinepe/PR) e coordenador da Universidade Positivo

Pensamentos

- “Aprendi a não tentar convencer ninguém. O trabalho de convencer alguém é uma falta de respeito, é uma tentativa de colonização do outro.”

José Saramago (1922-2010), em 1995, ganhou o Prêmio Camões e, em 1998, o Prêmio Nobel de Literatura

- “A abelha não perde tempo tentando convencer a mosca de que mel é melhor que merda”.

Ou com palavras mais polidas:

”Por mais que a abelha explique à mosca que a flor é melhor que o lixo, a mosca não entenderá, porque cada um vive na sua verdade.”

Das mídias sociais

- Somos diversos e não adversos.

Do autor

O rádio que só falava alemão

Mané Garrincha (1933-1983), nascido em Pau Grande, município do Rio de Janeiro, foi um legítimo representante do futebol-arte, alegria do povo. Jogou 60 partidas pela seleção brasileira, de modo que participou de 52 vitórias, sete empates e sofreu apenas uma derrota. Esta, (in)justa, em sua última partida, quando a seleção canarinho perdeu para a Hungria por 3 x 1, na Copa de 1966.

Até o circunspecto Carlos Drummond de Andrade se rendeu aos seus encantos, quando o craque morreu, em 1983: “foi um pobre e pequeno mortal que ajudou um país inteiro a sublimar suas tristezas. O pior é que as tristezas voltam e não há outro Garrincha disponível.”

Histórias hilárias a seu respeito são muitas. Vejamos uma delas:

Durante a Copa do Mundo de 1958, na Suécia, o nosso grande ponta-direita entrou numa loja e se encantou com o rádio que estava na prateleira. Pediu para ligá-lo na tomada e ouviu uma locução numa língua incompreensível. Ao seu lado, o zagueiro Orlando Peçanha – tremendo gozador – sussurrou:

– Você está pensando em comprar o rádio? Não, não, ele só fala alemão!

De pronto, o nosso querido Mané desistiu de seu sonho de consumo.

Texto do autor

Pensamentos

- “Tudo pode ser tirado de uma pessoa, exceto uma coisa: a liberdade de escolher sua atitude em qualquer circunstância da vida.”

Viktor Frankl (1905-1997), neuropsiquiatra austríaco e fundador da terceira escola vienense de psicoterapia, a Logoterapia e Análise Existencial

- “Você têm inimigos? Bom. Isso significa que você lutou por algo, em algum momento da sua vida.”

Sir Winston Churchill (1874-1965), político conservador e estadista britânico

- “A vida não dá presentes; distribui merecimentos.”

Meme do aplicativo WhatsApp

Ensino Médio: mudar é preciso, apesar das críticas

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

O atual Ensino Médio brasileiro, de formato único no mundo, representa a maior mazela da educação brasileira. É uma jabuticaba vencida que empurramos goela abaixo de nossos adolescentes. Performance baixíssima e taxa de reprovação e abandono perto dos 30% no 1.º ano, o que contribuiu para o número de 1,7 milhão de jovens de 15 a 17 anos denominados jocosamente de nem-nem (nem trabalham, nem estudam) pelos demógrafos. Longe de ser dramático, é uma verdadeira tragédia nacional que afeta especialmente as famílias de baixa renda, gerando mais desigualdades sociais.

Há mais de 10 anos, nós, educadores, clamamos por mudanças no Ensino Médio, em que parte do conteúdo programático (20 a 30%) é composta de penduricalhos desmotivantes e desnecessários que corroboram para um desempenho sofrível nas provas de Matemática e Leitura no último Ideb (2015), cuja média foi 3,7 (numa escala até 10). Um agravante: não é um indicador isolado, pois também houve queda nas médias das provas de Matemática e Linguagem no último Enem (2015), em comparação a 2014, realizadas por estudantes de 14.998 escolas. Ademais, sobejamente conhecido é o resultado dos nossos discentes de 15 anos, nas provas do Pisa, sempre entre os 5 últimos lugares entre as 65 nações participantes.

Em vez do atual engessamento do conteúdo programático do Ensino Médio, com a aprovação da Lei n.º 13.415/17 haverá uma larga flexibilização. O escopo atual é a capacitação para o Enem e os vestibulares, não obstante apenas 17% dos nossos jovens de 18 a 24 anos estarem numa faculdade, constituindo, portanto, um dispêndio de tempo e recursos, com pouca efetividade.

Faz bem o MEC ao manter para o novo Ensino Médio a obrigatoriedade das disciplinas de Português e Matemática, nos 3 anos, uma vez que ensejam estudantes com bom raciocínio lógico, boa verbalização e escrita, requisitos muito valorizados em um mundo globalizado – daí também a importância do Inglês, este também incluso na matriz curricular.

Em decorrência da flexibilização, haverá uma diversidade na oferta do Ensino Médio, o que certamente será um desafio para as instituições de ensino. Num amplo espectro, teremos numa ponta escolas essencialmente ancoradas

no programa do Enem, visando ao ingresso nas boas faculdades, e na outra ponta escolas que venham a optar, na parte diversificada, exclusivamente por disciplinas profissionalizantes. Nesse leque de opções, haverá uma ampliação de escolas com jornada de 7 h diárias – outra ênfase louvável da referida lei.

O maior gargalo e motivo de debates entre gestores, professores e comunidade será definir a vocação institucional (a parte diversificada): se formação técnica, quais cursos? Se Ciências Humanas, por que não outra área? Ou, por que não priorizar uma boa preparação para o Enem?

Sem dúvida, o maior benefício será o direito de escolha do jovem (são 5 áreas) de acordo com suas habilidades ou preferências. Por consequência, os índices de evasão e reprovação diminuirão. O formato atual, excessivamente acadêmico, vai continuar existindo, para atender a parcela de alunos que almejam entrar numa boa faculdade. Conquanto, será ofertada a opção de cursos para formação técnica, atendendo tanto aqueles que têm potencialidades de aplicação prática dos conhecimentos teóricos quanto os que se veem seduzidos pelo ingresso rápido no mercado de trabalho, justificado pelo fato de o Brasil apresentar um elevado descompasso em relação aos países da OCDE, cujo índice de matriculados em cursos profissionalizantes é, em média 40%, enquanto aqui é de apenas 8%.

Jacir J. Venturi, presidente do Sinepe/PR e coordenador da Universidade Positivo, foi professor da PUCPR e UFPR e diretor de três escolas de Curitiba

Pensamentos

- “Na vitória, seja magnânimo.”
Winston Churchill (1874-1965), primeiro-ministro britânico, Prêmio Nobel de Literatura e o maior estadista do século XX
- “A normalidade é uma estrada pavimentada: é confortável andar, mas não crescem flores.”
Vincent Van Gogh (1853-1890), pintor impressionista holandês, em sua curta existência foi autor de mais de 700 obras, um gênio não reconhecido em vida
- No Brasil, como se pratica a imunidade parlamentar, o que temos é imunidade para lamentar
Do autor

A antiga Biblioteca de Alexandria foi destruída pela insanidade belicosa dos romanos e pela intolerância religiosa.

Alexandria, às margens do Mediterrâneo, reinou quase absoluta como centro da cultura mundial no período do séc. III a.C. ao séc. IV d.C. Sua famosa biblioteca continha praticamente todo o saber da Antiguidade, em cerca de 700 000 rolos de papiros e pergaminhos. Seu lema era “adquirir um exemplar de cada manuscrito existente na face da Terra”. Era frequentada pelos mais conspícuos sábios, poetas e matemáticos. Nela fez-se a primeira tradução do Antigo Testamento, do hebraico para o grego. Sua destruição talvez tenha representado o maior crime contra a ciência e a cultura em toda a História da humanidade.

Em 48 a.C., envolvendo-se na disputa entre a voluptuosa Cleópatra e o irmão, o imperador Júlio César e seus quatro mil legionários incendiaram a esquadra egípcia ancorada no porto. O fogo se propagou e destruiu parte do acervo da biblioteca.

Depois que o imperador Teodósio baixou um decreto proibindo as religiões pagãs, o Bispo Teófilo – Patriarca de Alexandria, de 385 a 412 d.C. – determinou a queima de todas as seções que contrariavam a doutrina cristã.

Em 640 d.C., o califa Omar ordenou que fossem destruídos pelo fogo todos os livros da biblioteca sob o argumento de que “ou os livros contêm o que está no Alcorão e são desnecessários ou contêm o oposto e não devemos lê-los”.

Texto do autor

Pensamentos

- “Os homens são como vinhos: a idade estraga os ruins, mas aprimora os bons.”

Adágio popular

- “O Brasil nunca perde uma oportunidade de perder oportunidades.”

Roberto Campos (1917-2001), economista, professor, escritor, diplomata e político brasileiro

- Há amigos(as) que prazerosamente você deseja passar a noite de sexta-feira, mas ainda melhor aqueles(as) que você se sentiria muito feliz em passar o dia de domingo.

Do autor

A gestão de conflitos no ambiente escolar

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

A escola é um espaço de aprendizagem, convivência e alegria. No entanto, também de conflitos. E é salutar que o seja, pois ela é um laboratório para a vida adulta e esta exige resiliência às frustrações, tristezas e divergências. Sendo impossível e até indesejável que se zerem os conflitos, há como minimizá-los desde que exista um regramento e uma unicidade de ação e verbalização dos gestores, professores e funcionários.

Ademais, o ambiente escolar é um cadinho da comunidade na qual está inserido, onde campeiam mazelas e virtudes de toda ordem. Essa diversidade é uma riqueza, pois o convívio potencializa o desenvolvimento das habilidades humanas e sociais. Se bilhões de árvores compõem a Floresta Amazônica e não há duas árvores iguais, quanto mais nós, humanos, dotados de inteligência e sentimentos! Somos diversos, mas não precisamos ser adversos.

Todavia, no contexto escolar há a presença do *bullying*, que em geral é a principal fonte de hostilidades e sofrimento, sendo um indicativo de quanto a escola está comprometida moralmente. É responsabilidade dos professores e gestores implementar uma cultura de tolerância, respeito e aceitação de que somos diferentes, através da vigilância e de ações de orientação sobre as eventuais agressões.

Todo conflito deve ser atacado no nascedouro, antes que a marola vire um tsunami, e enfrentado em profundidade, como um desafio, não apenas tangenciado. Ademais, requer do mediador um bom discernimento para decidir entre resolver de pronto ou praticar a técnica do decurso dos dias para que os envolvidos reflitam e madurem. O travesseiro pode ser um bom conselheiro, ensina a sabedoria popular.

Diante de uma contenda entre duas ou mais pessoas, o conciliador deve ser imparcial, porém assertivo, e sempre que oportuno aliviar a tensão com uma boa frase de efeito, como a clássica de Shakespeare: “A tragédia começa quando os dois lados acham que têm razão.” Recomenda-se, ainda, enfatizar que há de prevalecer a força dos bons argumentos e a disposição para o diálogo.

Em casos mais extremados, o educador deve fazer uso de sua autoridade e exigir alguns minutos para uma reflexão em silêncio. E, sereno, retomar o

diálogo com uma resenha do acontecido ou um toque de humor para desfazer as nuvens borrasquentas. Por exemplo: vocês sabem por que cavalo dá coice? E sorrindo responde: porque cavalo não sabe argumentar.

É consenso o fato de que a boa rotina, a comunicação eficaz, a disciplina e o bom ensino curricular definem uma gestão escolar eficiente e minimizam os conflitos. Tão importante quanto é oportunizar às crianças e aos adolescentes o convívio no ambiente escolar, pois é uma fase única na qual há um baixo custo em se aprender com os erros nas relações humanas. É um singular laboratório para a prática das inteligências inter e intrapessoais (segundo Gardner), que ensejam adultos flexíveis, abertos ao diálogo e que saibam conviver com a diversidade na futura vida profissional e familiar. De todas as virtudes, a mais importante é a solidariedade: base das relações sociais e a partir da qual se fundamenta uma convivência pacífica.

Jacir J. Venturi, presidente do Sinepe/PR e coordenador da Universidade Positivo. Foi professor e diretor de escola

Pensamentos

- Quando um estrangeiro foi questionar no Japão os direitos dos presos, pois o estado é rigoroso por exigir trabalhos dos prisioneiros, comida mínima e básica, às 21 horas as luzes são desligadas, banhos uma ou duas vezes por semana. Resposta do diretor do presídio: – Preso não tem direitos. Só deveres. Direitos ele tinha quando era cidadão, mas renunciou a eles mesmos ao partir para o crime.
- “O bem que se faz hoje pode ser esquecido amanhã. Faça o bem assim mesmo. Veja que, ao final das contas, é tudo entre você e Deus! Nunca foi entre você e os outros.”
Madre Teresa de Calcutá (1910-1997), religiosa católica da Macedônia. Dedicou sua vida às comunidades carentes e foi cononizada em 2016. Prêmio Nobel da Paz de 1979
- Se te demoras em encontrar o que de bom te resta do relacionamento afetivo, é hora de partires...

Do autor

Ensinarás... Ensinarás ... Ensinarás...

“Ensinarás a voar...

Mas não voarão o teu voo.

Ensinarás a sonhar...

Mas não sonharão o teu sonho.

Ensinarás a viver...

Mas não viverão a tua vida.

Ensinarás a cantar...

Mas não cantarão a tua canção.

Ensinarás a pensar...

Mas não pensarão como tu.

Porém, saberás que cada vez que voem, sonhem, vivam, cantem e pensem...

Estará a semente do caminho ensinado e aprendido!”

Madre Teresa de Calcutá (1910-1997), religiosa católica da Macedônia. Dedicou sua vida às comunidades carentes e foi canonizada em 2016. Prêmio Nobel da Paz de 1979

Pensamentos

- “Se você tirar a doença de certo indivíduo, ele vai criar outra, porque ele precisa da doença.”

Hipócrates (460 a.C.-377 a.C.), grego, em vida foi cuidador da saúde e considerado “o pai da Medicina”

- “Os números podem chorar ou sorrir, depende como você os trata.”

Citado por Carlos Eduardo Sanches, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná

- “Não seja o dedo que aponta, mas a mão que ajuda.”

Das mídias sociais

O Ensino Médio vai mudar

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

“O Ensino Médio vai mudar” – declara de forma peremptória o atual Ministro da Educação, Mendonça Filho, em entrevista publicada nas Páginas Amarelas da Veja (27/07/16). Esse é o mais urgente e necessário desafio, em meio a um mar de tantos outros reptos a serem enfrentados pela pasta.

Pergunta o Ministro: "Que chances estamos dando aos jovens do Ensino Médio? Zero!" – responde, justificando o amontoado maçante de disciplinas e que os alunos têm ambições e aptidões diferentes. E acresce: "O nosso Ensino Médio é único no planeta, não funciona, tem que ser mais flexível."

Especialistas, educadores e equipe técnica do MEC têm se debruçado intensamente para apresentar ao Congresso, até o fim do ano, uma grade curricular menos engessada e por consequência haverá uma readequação do Enem.

O Ministro e o MEC têm sinalizado que todos os discentes do Ensino Médio terão uma ementa comum em Língua Portuguesa, Matemática e Inglês. Dependendo das escolhas profissionais futuras, os estudantes terão disciplinas com menos ou mais ênfases nos conteúdos de Ciências Humanas, Exatas, Biomédicas, Arte.

Debatermos com os professores das diversas disciplinas e, para a maioria, há sobrecarga de conteúdos no Ensino Médio, sendo 20% a 30% do programa formado por penduricalhos desnecessários. Isso corrobora um desempenho ruim, o que pode ser atestado pelo último resultado do Ideb (2013), cuja média foi 3,7, bem aquém do 6,0 – média dos países desenvolvidos. Ademais, a taxa de reprovação e abandono beira os 30% no 1.º ano; estão fora da escola 1,7 milhão de jovens de 15 a 17 anos.

Reduzir o conteúdo da atual matriz do Ensino Médio é uma das poucas 'quase unanimidades' entre os educadores. Que não parem dúvidas, porém, quanto à obrigação primeira da escola: ministrar um bom ensino curricular, preparando o aluno para os concursos e a vida profissional.

Há outras sugestões de 'quase unanimidades': oferta intensa de período integral; formação continuada de professores; carreira docente com valorização pela meritocracia; investimentos em novas tecnologias educacionais. E o mais importante: ampliação de vagas na Educação Profissional – seja concomitante, seja depois do Ensino Médio. O Brasil apresenta um enorme descompasso em relação aos países da OCDE, cujo índice de matriculados em cursos técnicos é em média 40%, enquanto aqui não deve chegar a 10%.

Foram deletérias as consequências da derrocada do Pronatec e, com tantas demandas, é injustificável que o Sistema S, com uma bela tradição na oferta de formação profissional, tenha bandeado parte de seus investimentos para escolas regulares. O Ensino Técnico tem o condão de reduzir a evasão e a reprovação, pois o estímulo vem da aplicação prática dos conhecimentos teóricos ministrados e da sedução do ingresso rápido no mercado de trabalho.

O foco do atual Ensino Médio é preparar para o Enem e os vestibulares, embora apenas 17% dos nossos jovens de 18 a 24 anos estejam matriculados numa faculdade, enquanto na Argentina esse número é 34%; no Chile, 45%; nos EUA, 52%; na Coreia do Sul, 71%. Há, ainda, cerca de 5,3 milhões de jovens de 15 a 25 anos que os demógrafos denominam jocosamente de nem-nem (nem estudam, nem trabalham). De quem é a responsabilidade por essa quase tragédia nacional? Do governo, pais, professores? Em parte, sim. Mas também desses jovens, pois boa parcela é hedonista, acomodada e a 1.^a lei a ser revogada é a que impera entre eles: a lei do mínimo esforço. Em um mundo competitivo, não há como obter conquistas sem uma intensa disposição e disciplina para o trabalho e para os estudos.

Jacir J. Venturi, presidente do Sinepe/PR, coordenador da Universidade Positivo e vice-presidente da ACP

Pensamentos

- “É necessário que o mal se exceda para que o bem prevaleça.”
Allan Kardec (1804-1869), escritor francês que se notabilizou como o codificador do espiritismo
- “Muitas vezes a vida é como um jogo de pôquer, nem sempre o vencedor é o tem as melhores cartas.”
Citado por um palestrante americano
- “É verdade, todo o amor é uma gaiola. De ouro, prata, ferro velho...”
Da sabedoria popular

A história não é complacente com os governantes populistas

Os governantes que implementam medidas impopulares – embora benéficas para o futuro – são alvos de agressões, isolamento e críticas. Encontram uma resistência feroz por parte de muitos e o apoio tíbio de uns poucos. São os estadistas, que vão além do seu tempo e forçam passagem em meio a uma maioria reivindicadora. “Ainda não descobri a maneira infalível de governar. Mas aprendi a fórmula certa de fracassar: querer agradar a todos, ao mesmo tempo” – discursava apropriadamente John F. Kennedy.

Confortam-se com o dever cumprido e com o julgamento da posteridade. Sim, a História – essa “juíza imparcial” – repara injustiças, mas tem o péssimo

hábito de andar devagar. É notório o *gap* entre o aplauso de um tempo atual e aplauso da História. Em contrapartida, a demagogia, o assistencialismo e o populismo seduzem o líder míope como o canto da sereia. Nesse mister, se faz oportuno Roberto Campos: “Nas veias dos demagogos não corre o leite da ternura humana e sim o vinagre da burrice ou o veneno da hipocrisia”. Na América Latina, há dois modelos de governos populistas que deixaram como legado o caos econômico, a desesperança e a frouxidão moral: o chavismo e o peronismo.

Esses governantes se deixam fascinar pelo aplauso do seu tempo, bem sabendo que implementar as necessárias reformas seria enfrentar insatisfações. Faltou-lhes a postura como a de Abraham Lincoln – até hoje o mais venerado presidente dos EUA –, que em meio às vicissitudes do cargo costumava repetir que, se fosse responder a todas as críticas e ofensas que lhe eram direcionadas, não trataria de mais nada. E deixou como legado uma frase tantas vezes reiterada: “Você pode enganar todo o povo durante algum tempo e parte do povo durante todo o tempo, mas não pode enganar todo o povo todo o tempo”. Winston Churchill, celebrado como o maior estadista do século XX, ao assumir o Governo de coalizão em 1940 proferiu seu célebre discurso, nada prometendo além de trabalho, suor e lágrimas.

Texto do autor

Pensamentos

- “Não é solitário quem é solidário.”

Divaldo Pereira Franco (n. 1927), professor, médium, escritor, orador, e filantropo brasileiro

- “Elon Musk falou recentemente que comparar a inteligência artificial com o cérebro humano seria algo similar a comparar os homens com macacos. Sim, neste caso nós somos os “macacos” da vez e as máquinas são a tecnologia mais avançada. E a diferença entre homens e robôs é bem maior do que a de humanos e macacos.”

Marina Gazzoni, editora-chefe do site Seu Dinheiro, em texto de 2019

- “Em cinco minutos você produz um socialista, mas para produzir um liberal, são anos.”

Paulo Guedes (n. 1949), Ministro da Economia, doutor e mestre pela Universidade de Chicago, professor da PUC-RJ e da FGV

A voluntarioterapia

“O trabalho voluntário é para mim uma prece silenciosa. Deveis encontrar uma causa generosa à qual sacrificareis tempo e dinheiro, porque é assim que conhecereis a alegria de dar. Mais do que vossas posses, é quando derdes de vós próprios é que realmente dais.” – se faz presente Gibran Khalil Gibran (1893-1931), poeta, escritor e filósofo libanês.

Praticar o voluntariado é uma terapia gratificante. Via de mão dupla nas relações humanas, leva dignidade e autoestima. O retorno é o prazer de se sentir útil e a transformação interior.

Sim, surpreendente e encantadora é a alegria com que voluntários praticam e relatam suas atividades. São pessoas que compartilham com os outros uma energia positiva muito forte. Não se apequenam diante das vicissitudes e são entusiastas.

Portanto, belas e oportunas são as palavras de Dalai-Lama: “A ajuda aos semelhantes nos traz sorte, amigos e alegrias. Sem ajuda aos semelhantes, acabaremos imensamente solitários.”

Texto do autor

Pensamentos

- “Ciência e Religião: o ser humano precisa de ambos.”

Fritjof Capra (n. 1939), físico teórico e escritor, na obra O Tao da Física

- “O bom da viagem é quando se chega em casa.”

Provérbio português. Também se diz: “boa romaria faz quem em casa fica em paz”

- Importa mais as sementes que plantamos que os frutos que colhemos.

Do autor

Com um livro estou só e bem acompanhado

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Estar só no silêncio de uma biblioteca ou livraria nos conduz à serena paz de espírito, tão rara em qualquer outro ambiente. “O livro traz a dupla delícia de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado”, – numa oportuna citação do escritor gaúcho Mário Quintana (1906-1994). Sim, o aconchego de um bom livro alimenta a alma.

Ler o que se gosta é um dos grandes prazeres da vida. É bálsamo para as horas de tédio ou de ausência de companhia. O dia termina em conflitos? Ofensas? Socorra-se em Montesquieu: “Jamais sofri qualquer mágoa que uma hora de boa leitura não tenha curado.”

Frente às fortes exigências da vida moderna, podemos experimentar duas formas de praticar a benfazeja catarse: nas páginas de um bom livro e nas caminhadas pelos aprazíveis parques da cidade. Sensação de bem-estar provocada pela serotonina. Está provado que tais atividades equilibram os níveis sanguíneos de adrenalina e cortisol.

Inerente ao ato de ler, há o prazer de citar frases dos autores. Assim, complemento o parágrafo anterior com duas citações: “Uma leitura prazerosa é tão útil à saúde como o exercício do corpo” (Emmanuel Kant); “quem lê muito e anda muito, sabe muito e vive muito” (Miguel de Cervantes).

Nos últimos anos, o nosso colégio tem trazido a Curitiba escritores da Academia Brasileira de Letras para palestrar aos estudantes. Depois de um desses eventos, sorvendo um copo de vinho numa mesa de jantar, Nélide Piñon instiga Carlos Heitor Cony:

– A leitura é a coisa mais erótica da vida – provoca Nélide.

– A leitura é o maior prazer da vida, depois daquele outro – complementa Cony com um sorriso maroto.

Adentrar numa livraria ou biblioteca – e eu o fiz em centenas de cidades por este “mundo, vasto mundo” – causa uma volúpia inenarrável. Em suas estantes, cada obra a nos mirar, tal qual a esfinge com os seus enigmas. Instigantes são as palavras do escritor Cristovão Tezza: “Os livros vivem fechados, capa contracapa, esmagados na estante, às vezes durante décadas – é preciso arrancá-los de lá e abri-los para ver o que têm dentro.” Ou, tergiversando, os livros se parecem a milhares de conchas garimpadas em águas límpidas ou barracentas, da margem ao talvegue. E folhear as suas páginas equivale ao encantamento de abrir cada concha na busca de maravilhosas pérolas entre moluscos e nácares.

Concluo parafraseando Jorge Luís Borges (1899-1986), ao imaginar uma biblioteca como uma espécie de paraíso. É um espaço de enlevo, democrático e ao mesmo tempo mágico, pois quem lê desenvolve a boa escrita, a oralidade, a análise crítica, o pensamento autônomo, a abstração e a imaginação.

Jacir J. Venturi, diretor de escola e autor de livros. Foi professor da UFPR e PUCPR

Pensamentos

- “O problema hoje é que as pessoas não valorizam pessoas boas, elas tentam usá-las.”

Bob Marley (1945-1981), cantor e compositor jamaicano, símbolo da resistência negra e da luta por mais justiça social

- “Eu vi o pior da humanidade naquele dia, mas, também naquele dia, vi o melhor da humanidade.”

Tom Colucci, capitão do Corpo de Bombeiros de Nova Iorque na trágica manhã de 11 de setembro de 2001 e, hoje, padre católico. Nova Iorque amanhecia ensolarada quando, às 8h46, um Boeing 767 chocou-se contra um dos prédios do World Trade Center, iniciando uma série de ataques promovidos por 19 terroristas sob a inspiração de Osama bin Laden, com saldo de 2.996 mortos.

- Faça um político trabalhar: não o reeleja!

Adesivo de automóvel

Um mantra para cada dia

Em busca diária do meu aprimoramento pessoal:

- Tentarei ser coerente, ser eu mesmo. Mas não o mesmo por toda a vida, pois devo evoluir um pouco a cada dia.
- Serei generoso sem me importar com o reconhecimento, pois antes de tudo devo ter a sabedoria para suportar a ingratidão.
- Tentarei ser uma pessoa interessada e interessante (que aprende com os outros e ensina).
- Demonstrarei atenção genuína pelas boas realizações de cada amigo, familiar ou colega.
- Não vou deixar que mágoas do passado e ansiedade pelo futuro estraguem o meu presente.
- A vida é uma ótima escola, serei um bom aluno e cada erro me serve de aprendizado.
- O passado passou, nem Deus consegue mudar o passado, mas as lições permanecem em minha vida.
- Na vida eu acerto ou aprendo.
- A vida é uma gangorra com altos e baixos – matematicamente uma senoide. Deus nunca nos dá tudo, mas também não nos priva de tudo.

- Pouquíssimas pessoas estão interessadas na minha autoestima. Por isso deixo de lado os melindres.
- A cada momento a vida me apresenta bifurcações: a decisão é minha, somente eu sou responsável pelas consequências.
- Mesmo cansado, posso ir um pouco mais além.
- Entendo que todo o relacionamento é um sistema de vasos comunicantes. Dedicarei o melhor dos afetos, pois mutuamente se retroalimentam.
- Devo aprender a dizer não, uma arte das mais difíceis. Mas de grande eficácia para um bom desempenho profissional e familiar.
- Não procuro culpados, estou em busca de soluções.

Texto do autor

Pensamentos

- “Somos o que pensamos. Tudo o que somos surge com nossos pensamentos. Com nossos pensamentos, fazemos nosso mundo.”

Buda (563 a.C.-483 a.C), nome popular de Sidarta Gautama, príncipe indiano de uma região no sul do atual Nepal que, tendo renunciado ao trono, se dedicou à busca da erradicação das causas do sofrimento humano e de todos os seres, e desta forma encontrou um caminho até ao “despertar” ou à “iluminação”, dando origem à religião budista.

- “Está em nós mesmos, meu caro Brutus, e não nas estrelas, as causas de nossas desgraças.”

William Shakespeare (1564-1616), na peça Hamlet

- “Depois que eu me chamar saudade, não preciso de vaidade.”

Nelson Cavaquinho (1911-1986) foi um importante músico brasileiro

Ser mãe: como equilibrar vida profissional e pessoal?

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

“O mundo mudou muito e as crianças também. Só uma coisa não mudou: elas continuam a necessitar da presença cuidadosa, reguladora, protetora e dedicada dos adultos” – se faz oportuna a educadora Rosely Sayão. Mudaram as crianças e com elas mudaram as mães. Sim, temos hodiernamente uma re-

lação entre mãe e filho mais íntima, cúmplice, interativa e as crianças recebem estímulos bem além das gerações anteriores.

O desejo da maioria das mulheres é ser bem sucedida no mercado de trabalho e na família. Pesquisa realizada com mães brasileiras com atividade laboral fora do lar revela que 91% delas acreditam que é possível ser boa mãe e boa profissional. Conciliar a maternidade e a vida profissional requer elevada organização e uma rotina bem estruturada.

Uma regra de ouro é não levar problemas pessoais para a empresa e tampouco o *stress* do trabalho para dentro de casa. Outros propósitos devem ser implementados: apresentar-se por inteira em cada uma das funções, longe da ânsia de ser perfeccionista; negociar na empresa horários mais flexíveis e períodos de *home office*, até aceitando conquistar menos profissionalmente e assim ter mais tempo para lamber a sua cria.

As tarefas de mãe e de profissional devem ser bem distribuídas e, tanto quanto possível, descentralizadas, aliviando a pressão sobre si mesma. Uma nova dinâmica familiar é necessária, com a coparticipação do companheiro, de uma rede de apoio familiar (bem-vindos, avós!), de uma boa creche ou escola em período integral.

Ser mãe ou ser pai é assumir responsabilidades compartilhadas. Diferentemente da minha geração, em que o pai não chegava perto das fraldas, hoje a maior parte dos homens assume a pater/mater/nidade com enlevo e cumplicidade que me causa inveja. Modelo para os filhos é o casal que se alterna e se complementa nas funções domésticas: mamadeiras, fraldas, alimentação, banho, contação de histórias, leituras, jogos digitais e ao ar livre, tarefas escolares, desenvolvimento das habilidades e todo o esforço para conciliar as férias e feriados escolares.

Independentemente de trabalharem ou não fora de casa, um dos maiores equívocos que as mães cometem é exercer o papel de Mulher Maravilha – e pouco compartilham as tarefas domésticas com o filho –, pois não preparam o “reizinho ou rainhazinha” para a vida adulta permeada de adversidades e frustrações, para a qual se exige autonomia e múltiplas habilidades.

Ao filho, deve-se delegar tudo o que ele tem de capacidade física e intelectual para realizar. Se não o fizer – e essa dura tarefa deve ser estimulada por to-

dos os adultos da casa –, perde-se uma oportunidade única e é pouco provável que a nossa super-heróina se livre das consequências futuras.

Como diretor de escola, conheci muitas mulheres vocacionadas para o lar e dedicadas à educação dos filhos, ótimas mães e merecem a nossa justa homenagem. Outras deixaram o trabalho por alguns anos e retornaram ao mercado. Outras, ainda, exerceram a maternidade e a profissão com equilíbrio e planejamento, embora eventualmente perpassasse em seu coração algum sentimento de culpa. Essa pluralidade e diversidade é que tornam a vida interessante!

Ensina um provecto aforisma oriental que Deus, não podendo estar ao mesmo tempo em todos os lugares da terra, criou as mães para ajudá-Lo na árdua tarefa de construir um mundo melhor. Há momentos, sim, de desamparo e desalento no cotidiano de uma mãe. Conforta a mensagem que parafraseio da Oração de São Francisco de Assis: que eu, sendo mãe, aceite mais consolar que ser consolada. Mais compreender que ser compreendida. Mais amar que ser amada.

Jacir J. Venturi, coordenador da Universidade Positivo, presidente do Sinepe/PR (que congrega cerca de 2.000 escolas particulares do Paraná) e vice-presidente da ACP

Pensamentos

- “Se há um agravo pungente a perdoar, é tempo, é hora. O mais profundo rancor não resiste a um apelo de braços abertos.”

Helena Kolody (1912-2004), poeta e escritora paranaense

- “A Matemática é a única linguagem que temos em comum com a natureza.”

Stephen Hawking (1942-2018), doutor por Cambridge, cosmólogo britânico, considerado o mais brilhante físico teórico desde Einstein, mesmo acometido da doença degenerativa Esclerose Lateral Amiotrófica

- O professor é o adulto na relação e, se ele amplia um problema na relação com o aluno, é o grande perdedor. O que era uma marola vira um tsunami. Ele deve matar a indisciplina no nascedouro.

Do autor

Olacir, suas lindas mulheres e lagostas

Olacir Moraes, que faleceu em 2015 com 84 anos, foi um megaempresário mato-grossense, dono de banco, construtora, ferrovias. E recebeu o epíteto de “Rei da Soja” – por ter sido o maior plantador desta leguminosa no mundo. Costumava dizer: “comecei a trabalhar muito jovem e tinha muito capital: minha cabeça, meus braços e muita vontade de trabalhar”.

Já beirando os 80 anos, Olacir gostava de ser fotografado abraçado com belíssimas mulheres, bastante jovens. Certa feita, convidado a participar do Programa Amaury Jr., na TV, o jornalista à queima roupa lhe perguntou:

– Doutor Olacir, o senhor acha mesmo que essas garotas gostam do senhor?

– Meu amigo Amaury, eu adoro lagosta. Quando vou a um bom restaurante e peço um prato desse manjar, eu não pergunto se a lagosta gosta de mim. Eu simplesmente como e depois pago.

Texto do autor

Pensamentos

- “Se você não paga o produto, o produto é você.”

Dito norte-americano, em referência às mídias

- “Kiss up, kick down (agrada o chefe e maltrata o subordinado).”

Adágio norte-americano

- “Los optimistas dicen que el pueblo esta comiendo mierda y los pesimistas que no hay mierda para todos.”

Troça espanhola

A Curitiba que muito amamos – e da qual tanto zoamos

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

O frio de Curitiba era o mote para o poeta Paulo Leminski declamar em alto e bom som, junto às mesas do velho Bar Palácio: “Rio de Janeiro é o mar, Curitiba é o bar e onde beber é legítima defesa”.

O curitibano de raiz ou por adoção é bem informado, culto. Em política e economia, é um liberal-conservador. Orgulha-se de sua cidade. Sobre ela dispensa críticas e humor fino, tipo inglês. É jocosos com o seu clima: Curitiba só

tem duas estações, o inverno e a estação rodoviária. Ou: o verão de Curitiba é tão bom que até o inverno vem passar muitos dias por aqui. Sabe em que aquela escritora inglesa teria se inspirado para definir o título do livro *Cinquenta tons de cinza*? Adivinhou: nas fotos do céu curitibano, enviadas por uma amiga.

Características do *fog* londrino – a neblina e o ar gélido – são coisas de cidade de primeiro mundo. E, num misto de blague e didática, adverte ao turista: desembarcando na terra dos pinheirais, tenha na mala um suéter, camisa regata e capa de chuva, pois no último outono, num único dia, muita chuva, sol e uma amplitude térmica de 19° C.

Um amigo, que aqui passou uma festa momesca, convalescendo de um transplante de fígado, faz chiste: o melhor do carnaval foi a música *Pour Elise* tocada pelos caminhões da Liquigás. E, para sua surpresa, naquele ano, muito sol em Curitiba, como uma represália às tormentas que assolaram o litoral catarinense, para onde se aninha o curitibano típico nos feriados.

Nos anos 70, o curitibano – adjetivado de provinciano – vivia às turras com catarinenses que aqui desembarcavam, em busca da excelência das faculdades e das boas oportunidades de emprego. Namorar uma de suas belas polacas era a suprema ousadia. Vigiadíssimas pelos pais e até mais pelos irmãos, casadoras, seios fartos e naturais, fogo contido e, ante qualquer investida, fingiam brabeza. Os arranca-rabos entre “curitibocas” e “catarinas” – como pejorativamente se altercavam – foram recorrentes. Por que barriga-verde? Cada lado com sua versão, ambas nada republicanas e até bastante chulas. A etimologia tupi-guarani de *curi-tyba* (“muito pinhão”) sofria por parte dos catarinas uma prosaica corruptela: cu-ritiba, em que “ritiba” significava “do mundo”. Pândegas à parte, amavam-se mutuamente.

Curitiba, Cidade Sorriso? Só se for sorriso amarelo! Um raro sorriso de curitibano cura até câncer! O revide não tardou, com a construção da passarela da Vila Hauer, na Marechal Floriano, na época a via preferida de entrada dos catarinenses. A passarela em arco recebe dos nativos daqui a espirituosa alcunha de “quebra-chifre de catarina”.

E, se no meu peito bate um coração que ama, este coração jamais haverá de negar amor à terra que me deu grandes alegrias e oportunidades. Feliz e agradecido, brindo os 323 anos de uma metrópole transformada, terra de todas as gentes, referencial urbanístico. E se, lá nos anos 70, as mal-afamadas “repú-

blicas“ de estudantes das ruas Riachuelo e Treze de Maio abrigaram a mim e a uma horda de estudantes de outros estados, hoje a cidade se enleva como a “República de Curitiba”, cuja senha faz jus: “ventos frios sopram de Curitiba”.

Jacir J. Venturi, catarinense e cidadão honorário de Curitiba, é fundador do Amo Curitiba – Ações Voluntárias (com 750 projetos desenvolvidos com alunos em creches, asilos e escolas de periferia) e professor

Pensamentos

- “A maior atração de uma cidade é a qualidade de vida de seus moradores.”
Jaime Lerner (1938-2021), quando prefeito de Curitiba, tendo aqui cumprido três mandatos como alcaide, e muito devemos a ele as grandes transformações urbanísticas
- Se você tem um problema, pare, medite e se pergunte: daqui um ano, isso será representativo para mim ou já caiu nas brumas do esquecimento?
Do autor
- “Se tutti cornuti portasero lampione, Dio mamma, che bella illuminazione!”
Scherzo italiano irreverente

Jovens: sejam atores sociais!

Vivemos em uma das nações com maior desigualdade social. O Brasil não é um país pobre, mas sim injusto. No entanto, há milhões de jovens com tempo disponível, bem instruídos, bem nutridos e, no entanto, hedonistas em excesso (do grego *hedoné*, que significa “prazer”), ou seja, se preocupam demasiadamente com suas próprias satisfações. É de se perguntar: o que choca mais, a pobreza ou a passividade da maioria de nossos jovens?

Mesmo fazendo pouco, o trabalho comunitário enobrece. E as empresas valorizam o candidato que é um ator social, pois sabe se doar, mantém bons relacionamentos, desenvolve mais rapidamente a liderança e não se apequena diante das vicissitudes. Bem válido o depoimento de um jovem durante o seu trabalho comunitário: “Quando estou praticando o voluntariado, esqueço os meus problemas, até porque são pequenos dentro da realidade que estou vivenciando”.

Texto do autor

Pensamentos

- “A opinião dos outros é dos outros e não minha.”

Mensagem do aplicativo WhatsApp

- “Desaprender aos 50 anos de idade é tão difícil quanto aprender.”

Tereza Martin-Retirtillo, presidente da IE Exponential Learning. Para ela, o desafio dos mais experientes é mudar o modelo mental e ter a humildade de voltar para o grau zero no momento de aprender novas habilidades

- Quando temos um filho, mudamos nossa visão de mundo.

Do autor

A nossa educação básica transita do bom ao ruim

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Metaforicamente, o edifício da Educação Básica brasileira se assenta sobre três pilares: a Educação Infantil é boa; o Ensino Fundamental também bom, mas contém algumas patologias; o pilar do Ensino Médio está coalhado de “bicheiras”, usando o jargão dos engenheiros.

Segundo dados do Inep, de 2000 a 2014 a Educação Infantil (atende crianças de até 5 anos) obteve um incremento de 2,52 milhões (mi) de matrículas, contrapondo-se a uma queda de 7,25 mi no Ensino Fundamental (alunos de 6 a 14 anos).

Apesar da queda na taxa de fecundidade, que hoje é de 1,72 filho por mulher contra 2,39 em 2000, a expansão da Educação Infantil é explicada por uma gradativa mudança cultural, pois cada vez mais os pais percebem vantagens na pré-escola como a ampliação do vocabulário, compartilhamento de experiências, interação e cooperação com os coleguinhas, maior aprendizagem de regras de convivência no coletivo, entronização da musicalização e de um segundo idioma, etc. Soma-se a isso um vigoroso avanço na qualidade das pré-escolas, além do custo e absenteísmos de uma babá.

Ainda com base nas estatísticas do Inep, podemos espocar champanhe, pois cerca de 80% de nossas crianças frequentam a pré-escola, o que de acordo com a Unesco é um ótimo índice, similar ao dos países com elevado grau de desenvolvimento educacional. Para corroborar os aspectos positivos, 98,4% de

nossas crianças e adolescentes de 6 a 14 estão frequentando a escola, o que nos aproxima muito da universalização do ensino.

Entretanto, há diversas patologias que ocorrem no Ensino Fundamental e, em especial, no Médio. Há um descomunal *gap* quando se compara a qualidade de ensino entre as 230.730 escolas brasileiras, mensurado pelos resultados do Ideb e Enem. Ademais, apenas 8,16 milhões de jovens de 15 a 17 anos estão matriculados no Ensino Médio, o que representa 79%, índice bastante aquém das nações desenvolvidas. A taxa de reprovação e abandono beira os 30% e o Ideb é de 3,7, quando o desejável é 6.

De modo geral, nosso Ensino Médio não oferece atratividade devido à matriz curricular excessivamente acadêmica, inflexível e voltada para os vestibulares. Cobra-se dos jovens a aprendizagem de 13 componentes curriculares obrigatórias, ignorando suas potencialidades e aspirações. Precisamos, sim, de colégios que mantenham um bom preparo para o ingresso nas faculdades mais concorridas, porém há um contingente de alunos que almeja um currículo que privilegie mais a prática, eliminando-se os penduricalhos teóricos desnecessários. No século 21, com os avanços das tecnologias educacionais, em que a informação está ao alcance de um teclado, a escola deve equilibrar os conteúdos cognitivos com as denominadas competências socioemocionais.

Com a derrocada do Pronatec, apenas cerca de 10% dos nossos jovens de 15 a 18 anos estão matriculados em cursos técnicos, um enorme descompasso com países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), cujo índice é de 40%. O Ensino Profissionalizante tem o condão de reduzir a evasão e reprovação, pois o estímulo vem da aplicação prática e da perspectiva do rápido ingresso no mercado de trabalho, o que não exclui a possibilidade de ingresso numa faculdade.

Há 4 meses, o MEC disponibilizou uma primeira proposta para uma nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com ampla consulta à comunidade. Se bem-sucedido, teremos 60% (Formação Geral) do programa das escolas como único e obrigatório para todo o Brasil e bem mais enxuto que o atual. Os outros 40% (Itinerários Formativos) passam a ser uma liberalidade de cada sistema de ensino, considerando as peculiaridades regionais.

Embora tardia, louva-se a iniciativa do MEC e há sim necessidades de ajustes. E pasmem: dentro do prazo, foram encaminhadas pela comunidade 8,4 milhões de contribuições, inclusive dos professores das escolas particulares

do Paraná, através do Sinepe/PR. Aguardemos para 15 de março a divulgação a 2.^a versão, com a incorporação profundamente seletiva e sensata dessas contribuições.

Jacir J. Venturi, presidente do Sinepe/PR e coordenador da Universidade Positivo, foi professor e diretor de escolas da Educação Básica.

Pensamentos

- “Gilberto Amado dizia que ficava eufórico quando encontrava um brasileiro capaz de ligar causa e efeito. Na prática, vivemos dissociando uma coisa de outra. Roberto Campos, descrente do Estado, em relação à corrupção afirmava: “Em sendo impossível mudar a natureza do pecador, cumpre reduzir as oportunidades de pecado”, para dizer que a única forma de diminuir a corrupção no Brasil é diminuir o tamanho do Estado.”

José Pio Martins, economista, foi Reitor da Universidade Positivo, em artigo na Gazeta do Povo de 4/10/14

- “A simplicidade é o último degrau da sabedoria.”

Confúcio (551 a.C.-479 a.C.), pensador chinês. A ênfase do confucionismo é a moralidade pessoal, a justiça e o respeito às normas

- Bons resultados se obtêm jogando não só com as cartas boas, também com cartas ruins.

Do autor

O juramento do jovem ateniense

Na Antiga Grécia, na mais bela solenidade de Atenas, o jovem ao completar 18 anos prestava o seu juramento: “Tudo farei pela grandeza da minha pátria. Tudo farei para que meus filhos me superem no amor às ciências, às artes e na observância da justiça”.

Sim, “é fácil ser bom, o difícil é ser justo”, ensina a cultura helênica. Em alto e bom som, Aristóteles complementa: “todos os que meditaram a arte de governar os homens se convenceram de que o destino de um país depende da educação dos jovens”.

Aos pais, a nossa homenagem e profundo respeito, pela doação e até heroísmos cotidianos diante das fortes exigências da vida contemporânea.

Texto do autor

Pensamentos

- Os metros quadrados mais nobres de um bairro deveriam ser os da sala de aula. Um bom educador é comprometido com a sua comunidade, pois carrega dentro de si a chama esplendorosa do entusiasmo em promover o ser humano nos espectros ético, cognitivo, social e espiritual.

Do autor

- “Às vezes é mais barato pagar a propina e cancelar a obra.”

Mário Henrique Simonsen (1935-1997), ministro, engenheiro, economista, professor e banqueiro brasileiro

- “A dor sempre deixa suas marcas. O amor também.”

Da sabedoria popular

Como professor, não tenho o direito de ser mediano

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Fruto da convivência com didatas e educadores, das leituras, das boas práticas e até mesmo dos erros cometidos, compartilho os principais ensinamentos de uma rica experiência de 44 anos como professor e gestor em todos os níveis de ensino de escolas públicas e privadas. E me penitencio por tê-los praticado apenas em parte.

A escola é o espaço da diversidade e, por consequência, um excelente laboratório para a vida adulta. A sala de aula representa os metros quadrados mais nobres de qualquer organização educacional. Promover bons valores, autonomia e autodidatismo são os maiores legados do professor. Este se torna dispensável com o inexorável passar dos anos, mas os seus ensinamentos reverberarão sobre várias gerações. Nada é mais grandiosa que a missão do educador. E, como educadores, não temos o direito de ser medianos.

Aula que tem de ser dada merece ser bem dada e, para tanto, bem preparada. Dar uma boa aula não é difícil e é uma excelente terapia. O difícil é dar uma boa aula e manter a motivação e a disciplina. Sem disciplina não há aprendizagem na escola, nem na vida. O docente deve conter a indisciplina no seu nascedouro, antes que a marola vire um tsunami. Impor limites é uma das suas tarefas precípua. O denominado “professor bonzinho” é danoso à escola e ao educando.

Mestre: entre em sala com disposição e alegria, tendo em mente que o aluno não está interessado nos seus problemas particulares ou nos desgastes

da aula anterior. Quase todo dia o professor tem o seu calvário. Conflitos com os educandos são inevitáveis. Mas pare e pense: quem é o adulto na relação? O magistério é uma árdua fadiga, enquanto sublime tarefa de legar ao mundo uma geração melhor que a nossa.

A didática é primordial, com a premissa de que no ambiente da sala de aula são intensas e constantes as mudanças, o que requer reciclagem continuada. A paixão pelo ensino e a vontade de investir na própria formação demonstram quem realmente quer ser um bom didata. O bom educador é um eterno aprendiz, mantendo-se atualizado nos avanços da sua matéria e das novas práticas e tecnologias educacionais.

No convívio com os educandos, é imprescindível o equilíbrio entre afeto e disciplina, como pratos distintos de uma balança: de um lado, ternura, tolerância, diálogo. Do outro, limites, respeito às normas e à hierarquia. Uma relação que deve ser intensa e proativa, jamais morna ou tibia.

É indispensável que haja unidade de ação e verbalização do professor e equipe pedagógica diante dos alunos e de familiares, para minimizar posturas antagonistas de alguns pais – como se família e escola em trincheiras opostas estivessem. A escola erra, sim, e a família também. A tolerância ao erro, dentro de certos limites, é uma virtude e um aprendizado para a vida adulta. Sigmund Freud bem assevera: “educar é uma daquelas atividades em que errar é inevitável”.

Jacir J. Venturi foi professor do Colégio Estadual do Paraná, EJA, Pré-Vestibulares, PUCPR e UFPR. Atualmente é coordenador da Universidade Positivo

Pensamentos

- Pessoas que você nunca deve esquecer:
 - a) quem te ajudou nos tempos difíceis;
 - b) quem te deixou nos tempos difíceis;
 - c) quem te colocou em tempos difíceis.

De uma rede social

- “Todo dia leio cuidadosamente os avisos fúnebres dos jornais; às vezes a gente tem surpresas agradabilíssimas.”

Millôr Fernandes (1923-2021), humorista, dramaturgo, desenhista, escritor e tradutor carioca

- “O Estado não fala. O Estado escreve.”

Citado por Sandra Teresinha da Silva, quando de um embate no Conselho Estadual de Educação do Paraná

Feliz a nação que pode vaiar o seu Presidente

Juscelino Kubitschek (JK) ocupou a Presidência da República entre 1956 e 1961. Seu principal legado foi o conjunto de medidas que promoveram o desenvolvimento econômico, a industrialização e a construção de Brasília. Em contrapartida, seu governo ampliou expressivamente o endividamento do país e os índices de inflação.

Durante um ato solene no Rio de Janeiro, ao iniciar o seu discurso, JK foi recebido com três minutos de vaias, ao final dos quais – como que a perguntar: cansaram? – pegou o microfone, com postura serena, e começou o discurso com uma frase que, uma vez proferida, rendeu-lhe outros três minutos de manifestação, desta feita aplausos:

– Feliz a nação que pode vaiar o seu Presidente.

Texto do autor

Pensamentos

- “Prefiro ser impopular a populista.”

Presidente Michel Temer, em entrevista à revista The Economist em 2017

- “Não tenho medo de morrer. Tenho pena.”

Chico Anysio (1931-2012), cearense, versátil humorista e ator, trabalhou por 40 anos na Globo, onde representou cerca de 200 personagens

- Todo conflito perturba a ação ou a tomada de decisão.

Do autor

Dez anos de Prouni: um relevante programa social

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Lembro bem da tarde na qual atendemos o deputado federal Irineu Colombo (PT-PR), em uma reunião no Sinepe/PR, quando – com o zelo de quem busca uma joia – retira da sua pasta duas folhas de papel. Ali estava o texto que seria o embrião do Prouni.

Forte era a pressão da sociedade por mais vagas no Ensino Superior ante a realidade de que as universidades públicas não poderiam atender ao enorme contingente de concluintes do Ensino Médio, enquanto – de acordo com o Inep – havia mais de meio milhão de vagas ociosas nas instituições particulares

de Ensino Superior. Um ecossistema propício, apresentado em maio de 2004 aos então ministros da Educação, Tarso Genro, e da Fazenda, Antônio Palocci, que anuíram que fosse encaminhado ao Congresso Nacional, na forma de PL 3.582, da qual o deputado Colombo foi o relator.

Julgo que o Sinepe/PR deu uma importante contribuição, interpondo sugestões, assistência jurídica ao texto preliminar e presença em Brasília. Jamais poderíamos imaginar que o Prouni se tornaria o programa social de Estado mais bem sucedido na área educacional. Ademais, segundo pesquisa recente, a educação ocupa a segunda colocação nas prioridades das famílias, só perdendo para a alimentação. Sim, o estudo é o melhor investimento para a ascensão social, pois só se perde com a loucura ou com a morte.

Das reivindicações do Sinepe/PR, duas foram alijadas da lei aprovada pelo Congresso: a de que a renúncia fiscal contemplasse também o INSS da cota patronal, vetada pelo ministro Palocci (a isenção ficou restrita ao IRPJ, CSLL, Cofins e PIS); e a de que o Prouni abarcasse todos os alunos com renda familiar de até 1,5 salário mínimo, independentemente de serem egressos de escola pública ou privada.

Entre 2005 e 2013, o Prouni abriu as portas do Ensino Superior para 1,2 milhão de jovens. Hoje, 1.116 IES particulares participam do programa. Na média, significa uma bolsa para cada 10,7 alunos pagantes. É um contingente significativo, pois 74% das matrículas do nosso ensino superior estão nas faculdades particulares, o que corresponde a 5,2 milhões de alunos.

E a meritocracia foi contemplada, pois é requisito que o candidato alcance um mínimo de 450 pontos no Enem. Essa parceria público-privada representa um ganha-ganha: corrobora para que as IES privadas preencham suas vagas ociosas, e a renúncia fiscal do governo é pífia em relação aos benefícios. O reitor de uma universidade privada me afirma que a renúncia é de apenas R\$ 350 por aluno, o que corresponde a 15% do custo de um aluno nas universidades públicas.

Atualmente, os sindicatos e a federação das escolas particulares encampam uma nova frente de batalha: o Probásico, um programa similar ao exposto acima com o qual, e com o mesmo tipo de renúncia fiscal, poder-se-ia atender cerca de 700 mil alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Se é uma boa experiência para o Ensino Superior, por que não para a Educação Básica?

Jacir J. Venturi, coordenador da Universidade Positivo e professor aposentado da UFPR e PUCPR, é presidente do Sinepe/PR (que congrega cerca de 2.000 escolas particulares do Paraná).

Pensamentos

- “Não tenho medo da morte. Tenho medo da dor.”
Ruben Braga (1913-1990), escritor capixaba.
- “A gratidão é a memória do coração.”
Dito francês
- “Ame o que você tem... antes que a vida lhe ensine a amar o que você tinha.”
Adágio da sabedoria popular

A fila dos esperançados

Era um enterro singular: na frente, um caixão; ao lado, um senhor segurando um cachorro pela coleira; e atrás uma fila de quase mil pessoas.

Passando de automóvel, o motorista, intrigado com a cena, perguntou ao senhor do cachorro:

- Quem morreu?
- Minha sogra.
- Como aconteceu?
- Este cachorro mordeu minha sogra.
- Quer vender o cachorro?
- Bom... só se entrar na fila...

Pensamentos

- “O inocente é o mais perigoso. Ele tem a raiva maior e age de forma mais destrutiva num relacionamento, porque acha que está com a razão. Perde o senso de medida. O culpado está sempre mais disposto a ceder e a reparar. Via de regra, a reconciliação fracassa não pelo lado do culpado, mas do inocente.”
Bert Hellinger (1925-2019), auto intitulado “psicoterapeuta” alemão, pois não teve nenhuma formação na área de Psicologia e criou o método teraêutico Constelações Familiares
- “Se o problema cair nas suas mãos, o problema é seu.”
Paulo Ams Cunha, gestor educacional de Curitiba
- “Todos somos ignorantes, apenas em assuntos diferentes.”
William Penn Adair “Will” Rogers (1879-1935), ator e comediante estadunidense

Desvalorização do professor, o maior limitador da nossa melhoria na educação

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Nenhum país nutre tão profundo respeito aos mestres quanto o Japão. Senti-me privilegiado por conviver um fim de semana com 40 docentes nipônicos para uma troca de experiências. Eles dedicam dois turnos a uma única escola, onde lecionam, atendem os alunos, corrigem tarefas, preparam aulas e praticam esportes. Nesse nobilíssimo ambiente prevalece o respeito às normas, à hierarquia e, com a efetiva participação dos pais, tem-se uma boa rotina escolar.

Professores e alunos têm em conjunto um almoço frugal na escola, feito por uma cozinheira e, pedagogicamente louvável: não há inspetores, nem zeladoras. A limpeza dos pratos, talheres, pátios, salas, corredores é tarefa dos alunos e professores. Com autoestima elevada, dizem os mestres nipônicos que gozam da deferência da comunidade, recebem incentivos para viagens e são considerados “bons partidos” pelas moças casadouras pelos 40 dias de férias, emprego estável e por gostarem de crianças.

Embora discretos, verbalizam uma lamúria: o salário é aquém dos engenheiros, médicos e executivos. Quem depende de aluguel em Tóquio compromete metade do holerite de 4 mil dólares.

Resgatar o prestígio e até o *glamour* da carreira do magistério no Brasil é o primeiro passo para uma significativa melhoria em nosso combalido sistema educacional. A desvalorização do professor é o principal limitador para que os nossos mais talentosos alunos abracem a sublime missão de legar uma geração melhor que a nossa. O reconhecimento advém necessariamente de uma postura modelar e profissionalismo do docente. E para esse mister há um axioma básico: aula a ser dada, merece ser bem dada e, para tanto, bem preparada. Uma boa aula representa momentos de enlevo e de felicidade genuína – enfim, é uma excelente terapia para professores e alunos.

Após 43 anos vivenciando intensamente o ecossistema educacional em todos os níveis, permita-me um depoimento: reverencio profundamente cerca de dois terços dos nossos professores, pedagogos e gestores. Esses merecem um maior reconhecimento da sociedade, inclusive salarial. O outro um terço, porém, compromete profundamente um bom trabalho pedagógico pelo desinteresse, corporativismo ou militância ideológica.

Reconhecidamente, parte das escolas padecem do despreparo ou da falta de autonomia dos gestores. Para o educador José Pacheco, a crise do nosso ensino é mais abrangente, pois “é uma crise moral”. Sim, a escola é um cadinho da sociedade onde ela está inserida. Notícia recente destaca que, das 30 cidades mais violentas do mundo, 11 são brasileiras. E não há como o espaço escolar ficar imune. Tabulou-se o questionário aplicado durante a Prova Brasil de 2011, aos alunos do 5.º ano ao 9.º ano em instituições públicas, e obteve-se um resultado horrendo: 4195 professores foram agredidos fisicamente dentro dos colégios. A degradação de valores é sintomática quando se coteja o custo médio de um preso em uma penitenciária – 1.887,80 reais – com o salário de 1.044,94 reais de um professor com licenciatura plena, 20 h, recém-ingresso (Gazeta do Povo, 27/01/13). Um *gap* de 80% entre esses dois custos, isso no Paraná, e na maioria dos estados é ainda pior.

Retornando ao parágrafo inicial: no Japão, todos os súditos se inclinam ao saudar à Sua Majestade. Menos o professor, sob a irretorquível premissa de que “não há um bom imperador sem bons professores.” Já no exílio em Paris, o nosso D. Pedro II foi além: “Se não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro”.

Jacir J. Venturi foi professor da educação básica de escolas públicas e privadas, da UFPR, PUCPR e coordenador da Universidade Positivo

Pensamentos

- “Os brasileiros são gloriosamente improdutivos; Basta aterrissar no Brasil e já se começa a perder tempo.”
Da Revista The Economist de abril/2014
- “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender. E se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”
Nelson Mandela (1918-2013) foi presidente da África do Sul, Prêmio Nobel da Paz em 1993, tendo sido preso por 26 anos como um ativista contra a segregação dos negros (Apartheid)
- “Chega um dia que a gente simplesmente muda. Os sentimentos acabam e o coração faz novas escolhas.”
Frase colhida de uma rede social

Expressões consagradas

Da sabedoria universal

Abaixo, reproduzo algumas das principais expressões que se consagraram ao longo dos séculos e que, quando escritas ou verbalizadas, denotam erudição e podem representar o clímax de um debate:

1) Nó Górdio

Segundo a lenda, Górdio, camponês da Frígia, tendo sido escolhido rei, dedicara seu carro de bois a Zeus, amarrando a canga com uma corda tão engenhosamente entrelaçada que não se podiam ver as pontas.

Alexandre, o Grande, tendo ouvido dizer que quem desatasse o nó de Górdio reinaria sobre todo o Oriente, prontificou-se a fazê-lo, mas, encontrando dificuldade, resolutamente cortou-o com a espada.

Significado: diante de um grande problema, às vezes é necessário um gesto enérgico, eficaz e até impulsivo.

2) Ovo de Colombo

Conta a lenda que Cristóvão Colombo (1451-1506) fora convidado, em Madri, para um banquete, pelo grande cardeal da Espanha, Pedro Gonzalo de Mendoza, que lhe dera à mesa o lugar de honra, fazendo ainda com que ele fosse servido com as deferências concedidas aos soberanos.

Um despeitado cortesão desmerecia Colombo, ainda mais por ser um genovês. Alegava que, havendo terras a oeste e caravelas que se podiam manter por longos meses sobre os mares, o descobrimento do caminho para as Índias Ocidentais não era um feito tão notável.

Colombo, em resposta, tomou um ovo e convidou os presentes a pô-lo em pé. Cada um tentou fazê-lo, mas em vão. Por fim, Colombo quebrou a casca de uma extremidade e, pondo-o em pé, demonstrou de maneira tão simples quanto era fácil descobrir o caminho do Novo Mundo, depois que alguém já tivesse feito.

Significado: diante de algo difícil de ser realizado, uma pessoa com espírito pragmático o realiza com facilidade.

Pensamento de Horácio que se aplica a todas as coisas pomposamente anunciadas e que produzem, quando se realizam, grande decepção. Resultado pífio diante da expectativa gerada.

4) Vitória de Pirro

No século III a.C., Pirro, Rei de Épiro, foi vitorioso em sangrenta batalha sobre os romanos, perdendo porém o melhor de seu exército. Teria, então, dito: “Com mais uma destas vitórias, estarei perdido”.

Significado: entenda-se como Vitória de Pirro aquela alcançada com grandes perdas.

5) Espada de Dâmocles

Dâmocles era um súdito que muito bajulava o Rei de Siracusa, Dionísio. Certo dia, como exaltasse a felicidade de Dionísio, por exercer plenamente sua autoridade, o tirano fê-lo sentar-se em seu próprio trono. Porém, mandou que colocassem acima da sua cabeça uma espada pendente por um fio que a qualquer instante poderia se romper. Queria, com isso, simbolizar as preocupações em reinar.

Significado: quem detém o poder vive sob constantes inquietudes.

6) Pomo da discórdia

No casamento de Tétis, conta uma lenda grega, não fora convidada Éris, a deusa da discórdia. No entanto, ali compareceu com o único propósito de vingar-se: atirou sobre a mesa uma maçã (um pomo) de ouro, exclamando: “Para a mais bela”.

Reclamaram o fruto as deusas Minerva, Vênus e Juno, provocando entre elas uma grande desavença.

Significado: pessoa ou coisa que provoca uma grande disputa ou encrenca.

7) Toque de Midas

Segundo a lenda, Midas, Rei da Frígia, pediria aos deuses um privilégio: o de fazer com que se transformasse em ouro tudo que tocasse. Seu desejo foi satisfeito, mas não pôde mais alimentar-se, pois seus alimentos se transformavam em ouro.

Significado: diz-se do indivíduo com grande capacidade de enriquecer.

8) Trabalho de Sísifo

Sísifo é um personagem da mitologia grega. Exercendo o poder com ti-

rania e dando os piores exemplos de corrupção, Sísifo teria sido condenado a pagar pelos seus crimes fazendo rolar uma enorme pedra até o alto da montanha. Atingindo o cimo, a pedra descia de novo para a base da montanha, tendo Sísifo que ir buscá-la outra vez. E assim se repetia dia após dia.

Significado: refere-se a um trabalho repetitivo e inútil.

9) Semear a cizânia

Cizânia é o sinônimo de joio, planta nociva que nasce em meio ao trigo. Daí a expressão separar o joio do trigo. Semear a cizânia é promover a discórdia, a desarmonia.

10) Panem et circenses

Em latim, significa “pão e circo”, referindo-se à plebe da época do Império Romano, que tudo o que mais queriam era trigo e espetáculos gratuitos. A expressão foi cunhada pelo poeta Juvenal (55 d.C.-127 d.C.) em seu livro *Sátiras*. Em meio a muitas belas frases deste livro, encontrei: “Nunca é longe demais o caminho que nos conduz à casa de um amigo”.

11) Patinho feio

Expressão que se aplica a todas as pessoas que, a princípio mal julgadas, superaram finalmente as que antes lhe pareciam superiores, na aparência física ou nas aptidões gerais. Tal expressão surgiu de um conto infantil do escritor dinamarquês Hans C. Andersen (1805-1875) sobre uma pata que chocava em sua ninhada um ovo de cisne e estranhava que um dos filhotes fosse diferente dos demais. O patinho feio, ridicularizado e hostilizado por todos os irmãos, tornou-se, porém, ao crescer, o mais belo de todos: um sereno cisne a deslizar no lago.

Significado: não fazer pré-julgamentos, enxergar a beleza no que cada pessoa tem de diferente. Somos diversos, mas não adversos.

12) Ave, Caesar, morituri te salutant

Tradução: “Salve, César, os que vão morrer te saúdam” – frase dos garbosos gladiadores romanos que desfilavam antes da luta, diante da tribuna imperial, no Coliseu. Este foi o mais portentoso monumento arquitetônico da

Roma Antiga. Sua planta baixa possuía a forma elíptica, cujo eixo maior tinha 188 m e o menor 156 m. Começou a ser construído em 72d.C. por Vespasiano e foi concluído em 82 por Tito. A cobertura móvel, à altura de 85 m, era sustentada por um sistema inédito de tirantes, acionado em caso de chuva para proteger seus 40 mil espectadores.

Excertos, alguns deles obtidos do “Dicionário Brasileiro de Provérbios, Locuções e Ditos Curiosos”, de R. Magalhães Júnior, Ed. Documentário, e outros de consultas na Wikipedia

Pensamentos

- “O poder é o afrodisíaco mais forte.”

Henry Kissinger (n. 1923), de origem judia, foi professor de Harvard, Secretário de Estado dos EUA e Prêmio Nobel da Paz

- “Viver é uma arte e brindar faz parte.”

Frase de efeito para quando embevecidos e mesmerizados bailamos nossas taças no ar para brindar uma conquista

- “A mesma mão que aplaude apedreja.”

Dr. Oscar Alves, médico, político paranaense e presidente do Conselho Estadual de Educação do PR

Oh, insensatos que somos, por degradar a natureza

Do autor, publicado no Estadão, Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

O ambiente sustenta a vida e degradá-lo compromete o nosso futuro – nada mais óbvio. Ademais, o bem-estar que nossos filhos e netos terão ou não, daqui a 20 ou 50 anos, depende diretamente de como tratamos o planeta hoje. “A Terra não nos pertence. Ela foi emprestada de nossos filhos”, se faz oportuno um cacique indígena norte-americano, em frase proferida há mais de um século.

O ser humano se autoproclama inteligente, mas na verdade é insensato e paradoxal, para não dizer estúpido, por contaminar a água que bebe, o ar que respira e o solo do qual obtém alimentos, por destruir de forma desmesurada as florestas, as plantas e os animais.

Um estudo do Fundo Mundial para a Natureza (WWF) estima que foram ultrapassados em muito os limites de exploração que o planeta pode suportar

sem ser degradado. A Terra já não mais nos aguenta. Para voltar ao equilíbrio precisaríamos de 1,5 Terra. É a marcha da insensatez do ser humano consumista, utilitarista, predador.

E a Mãe Natureza sabe ser pedagógica, pois a um só tempo é agradecida e dadivosa com quem a trata bem, em contrapartida é incisiva e veemente na reação quando agredida. Eventos meteorológicos extremos, como inundações, secas, incêndios, tufões, furacões, são exemplos eloquentes de catástrofes naturais e o incremento deles no decurso das últimas décadas, como consequência da ação humana, é incontestável.

Os desastres naturais custaram à economia mundial quase US\$ 3 trilhões entre 1998 e 2017, conforme publicação da ONU em colaboração com a Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. No Brasil, as perdas chegaram a US\$ 15,7 bilhões no mesmo período. O estudo demonstra ainda que o número de pessoas afetadas e que necessitaram de algum tipo de ajuda emergencial chega perto dos 4,4 bilhões, seja por mortes, seja por ferimentos ou falta de abrigo.

De 1970 a 2019 (50 anos cheios) mais que dobrou a população mundial – de 3,7 bilhões para 7,8. Na mesma proporção, a emissão de CO₂ (dióxido de carbono), no mesmo período, partiu de 15 bilhões de toneladas para 34, fruto do uso de combustíveis fósseis e processos industriais. Desse total, coube ao Brasil, no mesmo período, a emissão de 2,18 bilhões de toneladas deste gás, ocupando assim o 5.º lugar no mundo, atrás de China, EUA, Índia e Rússia.

Segundo a Organização Meteorológica Mundial, a última década foi a mais quente da qual se tem registro. Em consequência, o Brasil está secando. Nos últimos 35 anos, o país perdeu 16% da superfície de água e as queimadas atingiram 20% do território nacional, conforme relatório do MapBiomás. Os reservatórios de nossas usinas hidrelétricas estão no menor nível histórico. Com efeito, uma nova bandeira tarifária, chamada “escassez hídrica”, precisou ser criada, pois nem a bandeira vermelha está mais dando conta dos custos da energia mais cara devido ao acionamento das custosas e poluentes termelétricas.

Semelhantemente, os sinais agônicos de nossos rios justificam o neologismo “hidrocídio”. Em um dos biomas de maior diversidade do mundo – a Mata Atlântica –, restam apenas 7,3% da cobertura original. Constatam-se terras estorricadas por secas e queimadas cada vez mais severas aqui e em todo o mundo. “Quando a Terra já estiver desertificada é que o ser humano vai aprender que não se come dinheiro” – se faz oportuna a escritora Rose Marie Muraro.

Os mares estão ficando mais ácidos. A alteração do pH se deve ao excesso de gás carbônico, afetando a produção de micro-organismos e plânctons que estão na base da cadeia alimentar de muitos seres vivos dos ecossistemas marinhos. Ademais, há o progressivo degelo dos glaciares e a elevação do mar em 20 cm desde 1900.

Kilimanjaro, o monte mais alto da África, deve perder totalmente a cobertura de gelo até 2030, em processo acelerado de derretimento nas últimas décadas. É irônico, pois, na língua nativa da Tanzânia, o verbete *kilimanjaro* significa “o monte das neves eternas”. Aquele povo primitivo só não imaginava que o ser humano contemporâneo – que se autoproclama civilizado – pudesse subverter os sagrados ditames do tênue equilíbrio ambiental.

A bem da verdade, o planeta não poderá ser salvo apenas pelos governos ou ONGs, ou pela nossa comisseração e discursos nas mídias sociais, mas pelas ações concretas de cada um de nós. Não basta condoer-se com o desmatamento da Floresta Amazônica, com a morte dos ursos polares, com a extinção do mico-leão-dourado. É preciso que deixemos de vislumbrar o aquecimento global como uma hipótese teórica e a sustentabilidade como um mero discurso politicamente correto. É preciso que pratiquemos o básico, como a destinação correta do lixo, o uso responsável e comedido da água e da energia elétrica. É preciso que cada um de nós esteja disposto a arcar com um produto mais caro, mas que é produzindo respeitando o ambiente, em detrimento do mais barato, porém não biodegradável. Em não o fazendo, vamos nos autoproclamar *homo stupidus* em vez de *homo sapiens*.

Jacir J. Venturi, autor de livros, vice-presidente do Conselho de Educação do PR, foi diretor de escola e professor de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Pré-Vestibular

Pensamentos

- “Às vezes, não conseguir o que você quer é uma tremenda sorte.”
Do atual Dalai Lama, Tenzin Gyatso (n. 1935), monge budista tibetano, Prêmio Nobel da Paz em 1989. Vive exilado com a incorporação do Tibete pela China em 1950
- “Nada é tão fácil que, feito com má vontade, não se torne difícil.”
Públio Terêncio (?-159 a.C.), poeta e dramaturgo romano
- “Perdoar é muito diferente de voltar a confiar.”
De um engenheiro após ter sido enganado por um amigo e ex-sócio

Zoo-frases

- O homem é um boi brabo que o filho amansa e o neto monta.
- Todo burro gosta de ouvir o seu zurro.
- Os rouxinóis emudecem quando os jumentos ornejam.
- Cavalo dá coice porque não sabe argumentar.
- Ou se engole o sapo, ou se come merda.
- Não adianta trocar a roda da carroça quando o problema é o burro.
- Ao bom burro basta bater na cangalha.
- Foi buscar lã e saiu tosquiado.
- Além da queda, o coice.
- Passarinho que acompanha morcego amanhece com a cabeça para baixo.
- Quando se poupa um lobo, condenam-se muitas ovelhas.
- Não se deve matar a vaca para acabar com o carrapato.
- Boi manso não anda com boi brabo (frequentemente citado pela conselheira Marise Ritzmann Loures).

Sabedoria popular

Pensamentos

- “Quando a circunstância é boa, devemos desfrutá-la; quando não é favorável devemos transformá-la e, quando não pode ser transformada, devemos transformar a nós mesmos.”

Viktor Frankl (1905-1997), neuropsiquiatra austríaco e fundador da terceira escola vienense de psicoterapia, a Logoterapia e Análise Existencial

- “Com a burrice, até os próprios deuses lutam em vão.”

Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805), poeta, filósofo, médico e historiador alemão

- “É junto dos ‘bão’ que a gente fica ‘mió’.”

João Guimarães Rosa (1908-1967), escritor, diplomata, romancista, contista e médico brasileiro

Filhos tecnológicos, porém com menos habilidades motoras

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Considere o melhor troféu – ou um butim de guerra – seu filho chegando em casa com a roupa suada, emporcalhada. Um pouco de vitamina S (S de sujeira) fortalece o sistema imunológico infantil. Por muitas gerações, os mo-

mentos marcantes e felizes da infância e adolescência foram de simplicidade e interação ao ar livre: brincar em parques ou chácaras, subir em árvores, jogar bola, empinar pipa, pedalar, nadar, andar em trilhas, cavalgar, correr de rolimã, dar banho no cãozinho, assoviar, participar de churrascos com os amigos.

As atividades ao ar livre promovem o bem-estar psíquico e o desenvolvimento de habilidades motoras. Entretanto, parte de nossas crianças e adolescentes mantém-se na reclusão de seus quartos ou condomínios, absortos em seus celulares, videogames ou em *chats* com amigos virtuais às centenas – mas mal cumprimentam os vizinhos de porta. Professores de Educação Física afirmam que seus alunos estão mais individualistas e mais desajeitados, com diminuição das aptidões físicas para correr e jogar. Alguns, sequer conseguem amarrar adequadamente o cadarço do tênis.

A carência dos benfazejos raios solares – não só em crianças, mas também nos adultos – está se evidenciando como um problema de saúde pública. São eles fundamentais para o metabolismo da vitamina D, muito eficaz – além de gratuita – na proteção contra a osteoporose, depressão, doenças degenerativas, diabetes e alguns tipos de câncer.

Os pais podem romper essa inércia do filho: acompanhá-lo em brincadeiras divertidas e planejadas ao ar livre; matriculá-lo em academia, clube ou atividades complementares da escola, sempre estimulando as boas amizades; monitorar o tempo de uso dos dispositivos eletrônicos.

Em 2014, a Academia Americana de Pediatria recomendou limites para a exposição diária a todo tipo de mídia: dos 2 aos 5 anos, devem permanecer no máximo 1 hora diante das telas; 2 horas aos pré-adolescentes de 6 a 12 anos; e um máximo de 3 horas a partir dos 13 anos. Próximo desses marcos, teremos um jovem criado em um ecossistema de boa aprendizagem e com estímulos para o raciocínio lógico, antenado às novas tecnologias, requisitos imprescindíveis para o ingresso em uma universidade e no mercado de trabalho.

É consensual que o excesso de aparelhos eletrônicos compromete a compleição física, socialização, cooperação doméstica, estudos e leituras, provocando sedentarismo e obesidade, designados como o mal do século. O número de meninos e meninas obesos no Brasil quadruplicou nos últimos 20 anos. E não menos importante, o referido excesso compromete o sono reparador, cuja

quantidade recomendada pela Sociedade Brasileira de Pediatria para a faixa etária de 3 a 6 anos é de 10 a 11 horas diárias de sono; para a de 7 a 12 anos, de 9 a 10 horas. Aquém disso, pode causar baixo rendimento escolar e comportamento irascível ou indolente.

Em uníssonos, escola e família devem praticar a preciosa regrinha de ouro: agir com temperança e bom senso quanto ao uso dos *gadgets* eletrônicos. Devemos, sim, capacitar crianças e adolescentes para uma sociedade cada vez mais tecnológica, mas com o discernimento de que, diante de nós, descortina-se irreversivelmente o fascinante e ao mesmo tempo falacioso mundo digital.

Jacir J. Venturi é presidente do Sinpe/PR e coordenador na Universidade Positivo

Pensamentos

- “O socialismo é forjado pela inveja, é administrado pela hipocrisia, gera preguiça e destrói a riqueza.”

Armando Ribas (1922-2020), nasceu em Cuba, exilado na Argentina, filósofo e ensaísta liberal, profundo conhecedor da História Universal. Costumava repetir: “Vivir sin libertad no vale a pena.”

- “Não guardo rancor, mas não tenho amnesia.”

De uma rede social

- “Atualmente, a tua mente: atua ou mente?”

Trocadilho postado no Facebook

Quintana – o poeta das coisas simples

- “Com o tempo, você vai percebendo que, para ser feliz, você precisa aprender a gostar de você, a cuidar de você, e, principalmente, a gostar de quem gosta de você.”
- “A amizade é um amor que nunca morre.”
- “Amar é mudar a alma de casa.”
- “Amar é quando a gente mora um no outro.”
- “O amor só é lindo quando encontramos alguém que nos transforme no melhor que podemos ser.”
- “A vida é o dever que trouxemos para fazer em casa.”

Mario Quintana (1906-1994), escritor, poeta, tradutor, nascido em Alegrete (RS)

Pensamentos

- “Amor são duas pessoas assistindo à televisão ou a um filme, à noite, só os dois, de pijamas, juntinhos, e não acontecendo nada... é aconchego.”

Depoimento de uma psicóloga em uma live em 2020

- “Um especialista é alguém que sabe cada vez mais sobre cada vez menos.”

Frase atribuída a Voltaire e também a outros autores. À luz de uma lógica simples, pode ser complementada: um especialista é alguém que sabe cada vez mais sobre cada vez menos, até que saiba tudo sobre nada

- “Viver em paz não é viver sem problemas, sem atribulações, sem tormentas. Viver em paz é viver com a clareza de estar fazendo o que precisa ser feito.”

Mário Sergio Cortella (n. 1954), professor, escritor, palestrante, foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo

Férias melhores, com boas leituras

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Ler aquilo de que se gosta é um dos grandes prazeres da vida. É bálsamo para as horas de tédio ou de ausência de companhia. O dia termina em conflitos? Ofensas? Socorra-se em Montesquieu: “Jamais sofri qualquer mágoa que uma hora de boa leitura não tenha curado”.

Em diversas ocasiões, o nosso colégio trouxe a Curitiba escritores da Academia Brasileira de Letras para palestrar aos alunos. Depois de um desses eventos, sorvendo um copo de vinho numa mesa de jantar, Nélida Piñon instiga Carlos Heitor Cony: “A leitura é a coisa mais erótica da vida”, provoca Nélida. “A leitura é o maior prazer da vida, depois daquele outro”, complementa Cony com um sorriso maroto.

Vivemos em um mundo com abundância de livros, revistas e jornais. Ademais, grandes clássicos da literatura podem ser baixados na internet. Os livros digitais se consolidaram e representam uma alternativa ao livro físico. Aqueles têm o apelo de uma maior praticidade, pois um *e-book* tem capacidade para armazenar milhões de páginas.

Fruto de uma cultura já arraigada e do inconsciente coletivo, muitos de nós, refratários ao *e-book* sob a alegação que os livros de papel oferecem mais encanto, tal qual o *smartphone* ou *tablet*, acabaremos nos rendendo à essa nova tecnologia. O mundo digital cobra mais disciplina pessoal e o alerta é que seus múltiplos penduricalhos e estímulos sonoros e visuais roubem a magia, a imaginação ou a reflexão mais profunda. Supõe-se que as versões digital e física conviverão como acontece com os livros infanto-juvenis: a venda cresceu 24% nos dois últimos anos, alavancada pela versão *on-line*.

Nas férias, nem o adulto, nem o estudante precisam ficar longe das leituras por 20, 30 ou 60 dias sob o pretexto de “esfriar a cabeça”. Ler jornais, revistas ou livros, além de útil, é aprazível. Desperta e consolida um hábito nobre, intensamente valorizado na vida profissional e nos vestibulares. Mais e mais os concursos priorizam o aluno-leitor, aquele que compreende e produz bons textos e, por consequência, é mais criativo, inovador, melhor verbaliza as ideias e é capaz de expô-las em público. Oportunas são as palavras de Alvin Toffler, escritor e futurista norte-americano: “Os analfabetos deste século não são aqueles que não sabem ler ou escrever, mas aqueles que se recusam a aprender, reaprender e voltar a aprender”.

Por que a maioria dos nossos alunos obtém notas baixas nas provas do Enem e do Pisa? São avaliações com textos longos que requerem interpretação, raciocínio, contextualização, enfim, não apenas conteúdos específicos dos componentes curriculares. São habilidades cognitivas que só incorporam os leitores contumazes. A propósito, no último Pisa (divulgado em 2014), pontuamos entre os últimos: 58.^a posição, num universo de 65 países.

Diante das fortes exigências da vida moderna, podemos experimentar duas formas de praticar a benfazeja catarse: nas páginas de um bom livro e nas caminhadas pelos parques da cidade, praias e campos. Está provado que tais atividades promovem a sensação de bem-estar provocada pela serotonina. Se os músculos se fortalecem com os exercícios físicos, igualmente o cérebro necessita de sinapses através dos neurônios: leituras, memorizações, exercícios que exijam raciocínio. E afastam ou minimizam o Alzheimer, a depressão e a solidão. Uma mente vazia ou preguiçosa é oficina de doenças e vícios.

Jacir J. Venturi, professor, presidente do Sinepe/PR, coordenador da Universidade Positivo

Pensamentos

- “Descobri nos caminhos incertos da vida que o mais importante é o decidir.”

Cora Coralina (1889-1985) foi uma poetisa e contista brasileira

- “O que não é medido não é gerenciável.”

Vicente Falconi (n. 1940), consultor em gestão e escritor brasileiro

- “A vida deve ser intensamente vivida, e o amor vivido até a última gota, sem nenhum medo, não mata.”

Clarice Lispector (1920-1977), escritora e jornalista brasileira nascida na Ucrânia

A vida profissional pode muito bem ser ajustada

O consultor Gutemberg B. de Macedo dá seu depoimento em um de seus livros: “Conheço executivos bem-sucedidos que mantêm uma vida balanceada. São bons profissionalmente e, até prova em contrário, bons maridos, bons pais, bons líderes e bons cidadãos. O segredo? Saber dividir, compartimentar esses diferentes papéis. É preciso parar para refletir com profundidade. A vida é uma benção de Deus. Desequilibrá-la é destruí-la. E destruí-la é uma espécie de estupro da própria divindade. Se Ele descansou, quem afinal você pensa que é para querer ir além?”

A vida profissional, apesar de suas elevadas exigências, pode muito bem ser ajustada a uma vida particular equilibrada. É uma questão de ênfase e dosagem de tempo.

Texto do autor

Pensamentos

- “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”

Cora Coralina (1889-1985), pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, foi uma poetisa e contista goiana

- “Se conseguiste enganar uma pessoa, isso não significa que ela seja tola, isso significa que ela confiou mais em você do que você merecia.”
Charles Bukowski (192001994), nascido na Alemanha, porém viveu nos EUA, autor de 45 livros, parte deles bastante controversos pelos temas lascivos
- “Família é quem respeita você, sua vida e suas escolhas. Seu sangue até pernilongo tem.”
Dito hilário popular

Internet: ruptura nos consagrados modelos educacionais

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Um belo exemplo do uso da internet vem do casal Bill e Melinda Gates: para a filha mais velha de dez anos, os dois estabeleceram o limite de 45 minutos por dia. Sábados, domingos e feriados um pouco mais: uma hora. Ao proferir uma palestra no Canadá, Bill Gates conta que a filha protestou:

- Mas, pai, vou ter este limite por toda a minha vida?

- Não. Quando sair de casa, você poderá definir seu próprio tempo de uso do computador – responde Bill Gates, arrancando risos do auditório.

Uma atitude de pais zelosos e com autoridade. Porém, isso aconteceu há 7 anos. Hoje Jennifer está com 17 anos, é uma adolescente e, nesse curto período, houve imensos avanços tecnológicos e nos costumes. Tampouco o Dr. Google consegue responder à atual postura do casal em relação aos três filhos – os outros dois têm 14 e 11 anos –, pois residem numa cibermansão de US\$ 45 milhões, às margens do Lago Washington, próximo de Seattle. Sabe-se, apenas, que os pais proíbem o uso de iPhone, iPod e iPad, da arquirrival Apple, mas permitem os similares da Microsoft.

É consensual que a internet representa uma ruptura em relação aos consagrados modelos educacionais e pedagógicos, justificando a divisão a.w. (antes da web) e d.w. (depois da web). Diante de nós, descortina-se o fascinante e falacioso mundo do www.

A bem da verdade, em nenhum momento da História se ofereceu acesso ao conhecimento de maneira tão ampla e democrática. A contrapartida é que

metade de seus *bytes* é descartável, fútil ou pernicioso, especialmente às nossas crianças e adolescentes. Pesquisa divulgada pela CGI em junho de 2013 comprova que 47% dos brasileiros de 9 a 16 anos utilizam o sedutor mundo digital todos os dias, percentual que na faixa etária dos 15 a 16 anos sobe para 83%. O mesmo Instituto CGI publicou que 62% dos alunos das escolas públicas têm computador em casa, e o índice sobe para 94% nas residências dos estudantes das escolas privadas. A atividade preferida é acessar as redes sociais – Facebook, Tumblr, Instagram, WhatsApp, Twitter e YouTube.

No ano passado, a empresa digital Symantec pesquisou o tempo gasto *on-line* pelos adolescentes em 14 países, resultando uma média de 11,4 h semanais. Os brasileiros foram campeoníssimos com 18 h. Há os que vão além de 3,5 h diárias, sacrificando a sociabilização, horas de sono, cooperação doméstica, compleição física e, sobretudo, os estudos e as boas leituras. Conectam-se com pessoas de Chicago, Amsterdã ou Sidney e mal cumprimentam os vizinhos de porta. Queixume recorrente dos pais, os filhos mesmo presentes não param de dedilhar o *smartphone*; dos professores das faculdades, o que mais os aborrece não é mais a indisciplina e sim a displicência do aluno com seu *tablet* ou *notebook*, alheio ao tema da aula. É a denominada ausência presencial.

À onipresente interação dos jovens com as telas dos *gadgets* se faz oportuna a frase do filósofo e epistemologista francês Michel Serres, que mesmo com seus 83 anos é docente da Universidade de Stanford: “A pedagogia modificou-se completamente com as novas tecnologias”. A jornalista da Gazeta do Povo, Marleth Silva, sintetiza o último livro deste filósofo: “O ambiente mudou tanto que dá para afirmar que esses jovens são novos seres humanos”. Quanto à conduta é inegável, talvez dentro do cérebro humano também, pois pesquisas de neurocientistas já sinalizam que a era digital está alterando as conexões neuronais.

O ciberespaço é simultaneamente virtuoso e pernicioso. Prevalece a popular alegoria da lua cheia: sedutora e brilhante, mas tem o seu lado oculto. Há apenas 15 anos era inimaginável que, ao alcance de um teclado, teríamos acesso a um democrático e gigantesco conjunto de informações, hoje gerenciados por três milhões de computadores do Google distribuídos em mares e terras.

Educar é uma árdua tarefa – certamente a mais nobre – e requer vigilância, controles, diálogo. Os pais – fruto de sua experiência – devem conhecer os

sites e os games que os filhos usam e orientá-los dentro dos conceitos de segurança e ética. Há softwares gratuitos e pagos que permitem o filtro e bloqueio de sites, histórico e controle do tempo de navegação e até monitoramento à distância. Vivemos em um mundo cada vez mais complexo, porém nenhuma tecnologia suplanta ou dispensa a presença cuidadora, afetiva e disciplinadora dos pais, mormente no repasse de valores e modelos.

Jacir J. Venturi, professor aposentado da UFPR e da PUCPR, coordenador da Universidade Positivo

Pensamentos

- “Amai, porque nada melhor para a saúde que um amor correspondido.”
Vinicius de Moraes (1913-1980), poeta, dramaturgo, jornalista, diplomata, cantor e compositor brasileiro
- “Isso de querer ser aquilo que exatamente a gente é, ainda nos vai levar além.”
Paulo Leminski (1944-1989), escritor, poeta, crítico literário, tradutor e professor paranaense
- “Sou solteira porque acredito no amor.”
Citado por Terezinha Lima Pereira, doutora em Literatura, funcionária pública do Estado do Paraná

Para que sua idade fisiológica seja sempre menor que sua idade cronológica

É fundamental manter uma rotina de bons hábitos, o que requer uma disciplina pessoal cotidiana:

- Boas horas de sono reparador (de 6 a 8 horas): em cada dia ouvir interessadamente as mensagens do seu organismo. Fazer exames e consultas médicas pelo menos uma vez ao ano, ou quando o seu corpo apresentar alguma anormalidade. O bem maior é a saúde, pouco podemos sem ela.
- Alimentação equilibrada, parcimoniosa, diversificada: proteínas, carboidratos, frutas, legumes, castanhas, sementes, especiarias. E boa mastigação (o estômago não tem dentes). Render-se à gula é promover doenças. Diz um ditado árabe: sente na mesa com fome e levante com um pouco de fome.

- Exercícios físicos moderados e diversificados, cerca de pelo menos 3,5 horas por semana em dias alternados.
- Intensa atividade intelectual: assim como os músculos se fortalecem com os exercícios físicos, igualmente novas redes neuronais se formam por meio de atividades que exijam raciocínio, abstração, análise crítica. Com isso, um círculo virtuoso se estabelece, desencadeando a formação de novas sinapses, que por sua vez impedem ou retardam os males degenerativos, pois uma mente preguiçosa é oficina de doenças e do afastamento de um bom convívio social.

Texto do autor

Pensamentos

- “Um homem modesto, com muitos motivos para a modéstia.”
Zoação de Sir Winston Churchill (1874-1965), político conservador e estadista britânico
- “Sua excelência chegou ao limite da ignorância e então prosseguiu.”
Millôr Fernandes (1923-2012), nome artístico de Milton Viola Fernandes, desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro
- “Egos obesos, mentes anoréxicas.”
Meme das redes sociais

Jovens sem causa

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

É tristemente baixa a capacidade de mobilização dos nossos jovens. Salvo exceções, perderam o nobre sentimento da indignação diante dos problemas sociais e políticos, em um país com milhões de estudantes bem-nutridos, beminstruídos, com tempo disponível e, no entanto, consumistas, hedonistas e sem qualquer participação comunitária. Poucos são os jovens que conhecem a crua e nua realidade da periferia de sua cidade ou que movem alguma ação concreta para debelar a perversa condição de miserabilidade de 19 milhões de brasileiros.

Em uma pesquisa que realizamos com 1900 alunos de três escolas de Curitiba, constatamos que apenas 8% participam sistematicamente de ações voluntárias. No entanto, 71% gostariam de participar, mas não sabem como. Assim,

estamos muito aquém dos países da Europa e da América do Norte, onde a inserção dos jovens em projetos comunitários é relevante: de 40% a 62%.

Mesmo com a mídia concedendo espaços generosos a temas como justiça social, corrupção, impunidade, mais vagas nas escolas técnicas, qualidade do ensino público, poucos são os jovens que se apresentam. Cadê o frenesi que está no DNA da juventude, a exemplo das campanhas dos movimentos estudantis de 1968, das Diretas Já, dos caras pintadas pró-*impeachment* do Collor? Depois disso, duas décadas de tibieza e inércia, em meio a uma profusão de boas causas. Os lídimos aglutinadores dos anseios da sociedade, como a UNE, UBES, UPE, DCE, Grêmios, etc., pouco ou nada se manifestam. Falta-lhes representatividade, capacidade de mobilização e, comumente, se desgastaram com suas participações político-partidárias.

Mundialmente, vivemos duas realidades distintas: intensa participação estudantil, na denominada Primavera Árabe, fornecendo músculos aos legítimos e populares movimentos em prol da democracia; e, em contrapartida, o que se vê no Ocidente? Violência, quebra-quebras, saques, como os que eclodiram nas ruas de Los Angeles em 1992, de Paris em 2005, de Santiago, Londres, Madri e quase uma dezena de outras cidades em 2011. É a fúria das ruas. Não há causas, apenas caos.

Especialmente em relação aos recentes vandalismos em Londres, Zygmunt Bauman, 85 anos, professor universitário, autor de dezenas de livros e um dos mais respeitados sociólogos da atualidade, é enfático: “É uma revolta motivada pelo desejo de consumir, não por qualquer preocupação maior com mudanças na ordem social. Foi um motim de consumidores excluídos e frustrados. Todos nós fomos seduzidos para ver o consumo como uma receita para uma boa vida”.

Aos sábados, a Gazeta do Povo nos brinda com as deliciosas e afetivas crônicas da jornalista Marleth Silva. Há duas semanas, discorreu sobre os jovens ingleses que fizeram quatro noites de quebra-quebras e só pouparam as livrarias. A nossa jornalista indaga e já em seguida palpita: “Que livro essa rapaziada deveria escolher? Eu arriscaria *O Apanhador no Campo do Centeio*, do Salinger.”

Realmente, uma ótima sugestão. Porém, nós, os sessentões remanescentes dos movimentos estudantis de 1968, líamos Sartre, Marcuse, Platão, Darcy Ribeiro, Celso Furtado. Pouco entendíamos dos dois primeiros, pois eram densos

e maçantes, mas estavam na moda. E não nos faltava pilhéria e presunção quando afixamos um cartaz na parede da pensão da Rua Riachuelo, onde morávamos em quatro: “Há muito mais filosofia numa república da Riachuelo, que em toda a República de Platão.”

Sempre atentos aos riscos iminentes, cantávamos as músicas de protesto de Vandré, Chico, Gil e Caetano. Hoje, um quase hino à apatia, a maioria dos jovens pratica o refrão de Zeca Pagodinho: “deixa a vida me levar.” No entanto, essa bela música tem um estribilho reparador: “mas meu coração é nobre.”

Jacir J. Venturi, professor, diretor de escola e vice-presidente do Sindicato das Escolas Particulares do PR

Pensamentos

- “Ostra feliz não produz pérola.”

Rubem Alves (1933-2014), psicanalista, educador, teólogo, escritor e pastor presbiteriano brasileiro

- “Quem alimenta põe a coleira.”

Dito popular citado por Marise Ritzmann Loures, membro do Conselho Estadual de Educação do Paraná

- Quanto o filósofo Sócrates percorria as feiras de Atenas, os vendedores tentavam empurrar produtos para ele comprar, e ele filosoficamente respondia: “Não, eu só estou olhando de quantas coisas eu não preciso para ser feliz”.

Malu, o carismático

Os deuses do Olimpo – na crença dos antigos gregos – concediam a poucos homens o *khârisma*, ou seja, a graça, a fascinação. Luiz Alfredo Malucelli, o nosso Malu, colheu em vida os frutos desse precioso dom nutrindo-se do afeto da esposa, dos cinco filhos e de milhares de amigos. Um dom manifesto intensamente em suas profícuas atividades laborais, especialmente no Canal 12 e no Palácio Iguçu.

Mas Malu, antes de tudo, é gente boa, que fala, que ouve e antes de tudo descontraí com seus risíveis causos. Jamais ofensivos. Para dar mais sabor às suas pilhérias, se justifica: “eu não invento, só aumento”.

Cultivei um hábito, arranjado há 30 anos: aos sábados, levanto e abro

a Gazeta do Povo. Em qual página? Na coluna do Malu, na qual, num estilo chistoso, permeia reminiscências, algumas com fulcro histórico; em outras, prevalece o critério do *se non è vero, è ben trovato*.

Há 19 anos fui apresentado ao Malu. O convite era à boca pequena, por ser uma ocasião especial: uma paca ao forno. Sim, o quadrúpede preparado com maestria sob nobilíssimos temperos. Foi uma ocasião inolvidável ao palato e às meninas dos olhos, pois como cozinheiro ele é uma unanimidade. Sempre faço blague: “Malu, ao ver você me dá água na boca”.

Nesses jantares, o autor sempre me pedia para contar histórias que pudessem nutrir sua coluna sabática. Muitas foram publicadas, e lembro da primeira, que acabou com o título de “A modéstia do professor”:

“O professor Jacir Venturi foi ao lançamento do livro de poesias *Plantares*, do também mestre Nilson J. Machado. Jacir mostrou-se surpreso com a publicação de um livro de poesias, pois o escritor já tinha publicado mais de dez livros, todos de Matemática. O professor Nilson respondeu: ‘Meu caro Jacir, depois de 50 anos, da cintura pra cima poesia; da cintura pra baixo, só prosa’.”

Enfim, muitas foram as horas de convivência com o Malu, horas de alegria, de bons vinhos e do riso saudável e terapêutico. Que fazem bem à mente e à alma, pois, nas oportunas palavras de Umberto Eco, “o riso aproxima o homem de Deus”. E, enquanto Deus deve estar rindo desbragadamente com as boas histórias do querido Malu, os nossos sábados não serão os mesmos!

Jacir J. Venturi foi sócio-fundador dos colégios Decisivo, Stella Maris e Unificado, professor da UFPR e PUCPR e coordenador na Universidade Positivo

Pensamentos

- “Se você tivesse que identificar, em uma palavra, a razão pela qual a raça humana ainda não atingiu (e nunca atingirá) todo o seu potencial, essa palavra seria ‘reuniões’. Lembre-se de que um amador solitário construiu a Arca. Um grande grupo de profissionais construiu o Titanic.”

Luís Fernando Veríssimo (n.1936), gaúcho, escritor, humorista, tradutor, roteirista de TV, saxofonista bissexto, filho de Érico Veríssimo.

- “Educar mal um homem é dissipar capitais e preparar dores e perdas à sociedade.”

Voltaire (1694-1778), escritor, ensaísta e filósofo iluminista francês

- “O mais valioso dos bens, depois da saúde, é a paz interior.”

Fransois de La Rochefoucauld (1613-1680), autor de livros com sentenças e máximas morais. Foi ativista político francês, foi preso e exilado

O protagonismo da Universidade de Stanford no Vale do Silício

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

A Universidade de Stanford iniciou as atividades letivas em 1891, num legado do casal Leland e Jane Stanford à memória de seu filho único, que faleceu com apenas 15 anos de febre tifoide quando passavam férias em Florença, na Itália. Leland Stanford, empresário, senador e governador da Califórnia, dedicou a essa empreitada parte de sua fortuna, adquirida como um dos *big four* construtores de ferrovias dos EUA, inclusive parte da fazenda onde residia o casal, em Palo Alto, com área de 3.310 ha.

A concepção da universidade mereceu um planejamento meticuloso de cinco anos e a participação de um dos mais conceituados arquitetos do país, que assina também o projeto do Central Park de Nova Iorque. À época, na região escolhida predominava a exploração de minas de ouro, e a Califórnia como um todo era tida como terra inóspita, de caipiras.

Nesse ecossistema tão pouco promissor e fruto dos anseios de genitores que se defrontam com galhardia a mais intensa tragédia humana – a perda de um filho –, nasce uma universidade com DNA inovador. Até então, o acesso das moças ao Ensino Superior era quase nulo, enquanto Stanford, desde o primeiro ano, disponibiliza as vagas para jovens de ambos os gêneros. A maioria absoluta das universidades era vinculada a credos religiosos, mas Stanford nasce laica. Por iniciativa de Jane, constroem-se alojamentos para estudantes e professores dentro do câmpus, inédito para a época.

Ademais, tamanho foi o zelo em contratar bons docentes e em projetar um câmpus faustoso que choveram estocadas – dizia-se que renomados catedráticos iriam ensinar para as belas paredes. Os fatos, para o nosso gáudio, chicotearam os críticos: 555 alunos matriculados no primeiro ano de funcionamento.

Apenas dois anos após concretizado o sonho, Leland veio a falecer, e a viúva doou quase toda a fortuna remanescente à Universidade, na época US\$ 11 milhões, quantia cuja aparência nominal não representa adequadamente a expressiva cifra em valores correntes: mais de US\$ 320 milhões.

Dessa academia emerge uma megaempresa com orçamento anual de US\$ 7,3 bilhões, detentora de hospitais, pesquisas, patentes e ações de empresas ali incubadas ou aceleradas, sendo o ensino responsável por apenas 15% a 18% da renda bruta. As doações são igualmente significativas: US\$ 1,13 bilhão/ano, com 76 mil doadores cadastrados, numa cultura muito intensa lá, quase nula cá. Alunos matriculados perfazem um total de 16.430, mais da metade em programas de especialização, mestrado e doutorado, cuja anuidade média é de US\$ 69 mil.

Contíguo geograficamente à Stanford e longe de qualquer coincidência, o Vale do Silício é reconhecido como a Meca da Tecnologia. Em meio à diversidade de origens – 40% das pessoas que ali trabalham são estrangeiras de nascimento –, há uma atmosfera de *bits e bytes* que paradoxalmente também desperta valores humanos como competências socioemocionais, trabalho em equipe, comunicação interpessoal, transparência, etc.

Um marco histórico desse protagonismo da Universidade de Stanford sobre o Vale do Silício foi a fundação da HP, em 1939, pelos estudantes Hewlett e Packard, inicialmente uma pequena empresa de componentes eletrônicos. Desde então, nasceram nessa região nada menos que Cisco, eBay, Google, Instagram, LinkedIn, Netflix, Nike, NVIDIA, Sun Microsystems, Tesla, Yahoo. Ademais, é a instituição de ensino que detém o maior número de prêmios Nobel em todo o planeta.

Destarte, como fruto da persistente prática de uma tríplice hélice – universidade, empresa e governo – na propulsão da inovação e resolução de problemas, estima-se que 39.900 empreendimentos criados mundo a fora por alunos e egressos, que geram uma receita anual de US\$ 2,02 trilhões, equivalente ao PIB brasileiro.

O que torna ainda mais estimulante o magnífico e bem conservado câmpus, ornamentado por dezenas de esculturas de Auguste Rodin, são as bicicletas. Sempre aceleradas (são 13 mil delas, sendo os carros proibidos), se deslocam para as bibliotecas, cantinas, alojamentos, ou de um bloco para outro.

Naquela tarde ensolarada de primavera, maravilhados em visita à Stanford, testemunhamos cenas prosaicas nesse templo do saber – rapazes e moças de calções pedalando suas *bikes*, alegremente a se galantearem. Mas atenção nefelibatas: há casos de atropelamentos, suprema inglória para um turista ou um stanfordista...

Jacir J. Venturi, coordenador na Universidade Positivo. O autor participou em maio/18 de uma missão a Stanford e a 8 empresas do Vale do Silício, com mais 32 diretores e mantenedores de escolas e IES.

Pensamentos

- “O maior perigo em tempos de turbulência não é a turbulência; é agir com a lógica do passado”.

Peter Ferdinand Drucker (1909-2005), famoso professor, escritor e consultor austríaco dedicado à temática de gestão e estratégia

- “Eliminação da miséria é o desafio ético do nosso tempo. É esta a fronteira civilizatória, assim como foi, no século 19, o fim da escravidão.”

Fernando Schüller (n. 1965) foi Secretário de Estado do Rio Grande do Sul, diretor do Insuper, articulista da Revista Veja

- “Detesto as vítimas quando respeitam seus algozes.”

Jean- Paul Sartre (1905-1989), filósofo francês

Obs.: Quando a vítima manifesta empatia, amizade ou até mesmo amor pelo seu agressor, este sentimento é denominado pela psicologia como Síndrome de Estocolmo. Recebe este nome pelo fato de que os reféns – quando do júri – se posicionaram de forma compassiva em relação aos seus sequestradores. O ocorrido se deu em agosto de 1973, na cidade de Estocolmo, Suécia. Usa-se como referência a mulheres que sofrem agressões físicas ou psicológicas de maridos ou companheiros e são incapazes de denunciá-los, até mesmo os amparam e os defendem durante os processos judiciais.

Pichações: Curitiba não merece

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Para Paulo Leminski (1944-1989), “há muitas Curitiba dentro de Curitiba”. Batel, Cabral, Boqueirão, Bairro Novo, etc., um universo de 75 bairros. São na verdade quase cidades dentro de uma cidade, com suas peculiaridades. Mas o que teriam em comum? Infelizmente, as abomináveis pichações.

Curitiba é considerada um laboratório urbano de civilidade e não merece essa predação bárbara e transgressiva. Bem lembrou Jaime Lerner: “Curitiba, pela sua formação étnica, é uma síntese do mundo e tornou-se uma referência para o mundo”. Se o meu *feeling* não falhar, a pichação é mais repudiável em Curitiba e se mostra com lente de aumento, pois há uma quebra de expectativa. No Rio de Janeiro ela se dilui, se apequena em meio à luxúria paisagista e em São Paulo, em meio ao caos da metrópole.

Todo curitibano tem um pouco de urbanista e esse pendor marcante é um sinete da nossa autoestima. Talvez tenha como marco o Calçadão da Rua das Flores – e é com extrema indignação que se registram pelo menos 76 portas de aço pichadas quando se perambula à noite, domingos ou feriados pelos seus 800 m.

O Calçadão é fruto de uma epopeiazinha: era uma sexta-feira, 19 de maio de 1972, quando pontualmente, às 18 h, correntes foram estendidas e um pelotão de operários deu início às obras. Uma estratégia sagaz para evitar demandas judiciais. Sim, os comerciantes eram hostis ao fechamento da rua para automóveis e na segunda-feira a Av. Luiz Xavier – a menor avenida do mundo – estava recoberta de *petit-pavé*, à exceção de uma estreita canaleta para a passagem dos carros.

Uma força transformadora e o arrojo urbanístico se fizeram presentes em dezenas de outras intervenções, merecendo o epíteto de Cidade Modelo, de 1.º Mundo, Ecológica, Sorriso. Opa, Sorriso Amarelo, quando ciceroneamos a cidade para um turista. Em qualquer ponto da cidade, pare! Uma agressão aos olhos, à estética, lá estão elas, as delituosas pichações, do cimo dos prédios ao releu meio-fio. Diante do olhar ou de alguma palavra de reprimenda do nosso amigo turista, ganha algum significado a frase do folclórico candidato a vereador, Pedro Lauro, que fazia propaganda de campanha com giz nos meios-fios. Dizia: “todo curitibano anda de cabeça baixa”.

Em décadas distintas, apresentamos a cidade para duas delegações estrangeiras. Em 1990, a uma plêiade de 40 professores do Japão, que visivelmente encantados adjetivaram Curitiba como moderna, bela e limpa. Em 2011, uma comissão de quatro educadores do Reino Unido incensou a cidade e sua gente educada e bonita, porém se indignou com os muitos “rabiscos”.

A pichação é um deboche à sociedade, primordialmente um crime com detenção de até um ano, multas e mais o custo do reparo, penas alternativas e proibição de participar de concurso público por dois anos. Ademais, agride a estética e o patrimônio público e privado. Uma praga social, pois as ocorrências recrudesceram 45% em 2012 sobre 2011, e de acordo com matéria da Gazeta do Povo de 11/12/2012 a Prefeitura gasta anualmente R\$ 1,3 milhão para reparar os danos dos pichadores, sem incluir os custos administrativos.

Incalculável é a soma dos ônus dos lojistas. Como diretor de escola, dezenas de vezes também fomos vítimas. Nos muros, plantávamos mudas de heras ou unhas-de-gato; nas portas de aço, sempre que amanheciam danificadas, o inspetor pincelava com uma primeira demão de tinta, antes da chegada dos alunos, para não dar visibilidade aos transgressores.

Intensamente louvável é a iniciativa da Associação Comercial do Paraná (ACP) em promover ações repressivas e preventivas em uma parceria com a Prefeitura, Polícia Militar, Civil, Guarda Municipal, Instituto GRPCOM, Secretarias de Educação, Sinepe/PR, etc., totalizando 21 entidades de classe.

Todos na ACP assumiram esse compromisso. Nós, professores e gestores escolares, temos a relevante incumbência de desenvolver ações pedagógicas que visem a uma maior consciência dos danos materiais, estéticos e culturais das pichações, mormente pelo fato de a faixa etária que mais picha estar dentro da escola. Curitiba merece!

Jacir J. Venturi, presidente do Sindicato das Escolas Particulares do Paraná, Cidadão Honorário de Curitiba e vice-presidente da ACP

Pensamentos

- “Aprendi que as pessoas esquecerão o que você disse, as pessoas esquecerão o que você fez, mas as pessoas nunca esquecerão como você as fez se sentirem.”

Maya Angelou (1928-2014), escritora e poetisa estadunidense

- “Nunca é tarde para ser o que você poderia ter sido.”

George Eliot (1819-1880) foi uma romancista autodidata britânica

- “Quando tudo dói, a dor não é física.”

Brocardo popular

Ontem feliz, hoje estou triste

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Uma frase pungente de Jorge Luís Borges marcou-me como um sinete: “Cometi o maior pecado que um homem pode cometer: não fui feliz”. A maior aspiração do ser humano é a felicidade contínua e, bem sabemos, impossível. Outro eminente escritor, George Bernard Shaw, dá o seu veredito: “Uma vida inteira de felicidade! Nenhum homem vivo conseguiria suportá-la. Seria o inferno”.

Felicidade e infelicidade fazem parte de uma gangorra em movimentos alternantes, e desejamos que as alegrias se aninhem permanentemente no alto da gangorra. Mas a vida impõe frustrações, reveses, perdas, lutos. A aceitação dessa alternância entre fases, ditosas ou não, torna o fardo mais leve. Rejeitar o sofrimento ou tristeza é como rejeitar a própria condição humana.

A televisão e as mídias sociais fazem da conquista da felicidade uma obsessão. Em tom de blague, podemos dizer que o ideal de vida seria morar no Facebook – só tem gente feliz! E, quanto aos ídolos, enxerga-se pouco do lado humano deles, prevalecendo o bordão: é feliz porque é famoso e rico. Porém, o vazio e o infortúnio também os abatem e parte deles busca na dependência química um escapismo. Elvis Presley (42 anos), Marilyn Monroe (36) e Michael Jackson (50) foram vítimas dos medicamentos. Raul Seixas (44) e Amy Winehouse (27), de alcoolismo. Janis Joplin (27) e Jim Morrison (29) morreram após uma overdose de heroína. Kurt Cobain (27), viciado em cocaína, suicidou-se com um rifle na estufa de sua casa.

A felicidade também depende de fatores hereditários? Estudos iniciados em 1970 por David T. Lykken, geneticista e professor de Psicologia da Universidade de Minnesota, indicam que sim. O autor e outros pesquisadores afirmam que, quanto ao bem-estar subjetivo, dependemos em parte da “grande loteria genética que ocorre no momento da concepção” – daí resultaria o fato de as pessoas serem predominantemente otimistas ou pessimistas. É evidente que temos picos extremados de infelicidade – mortes de entes queridos, doenças severas em si mesmos ou em familiares, perda do emprego, separação conjugal – ou, em outra ponta, de felicidade: a vivência de um grande amor, o recebimento de uma bolada na loteria, grandes conquistas dos filhos. Porém, passadas essas anomalias pontuais, “você retorna ao nível padrão de felicidade do cérebro,

determinado em grande parte pelos genes”, argumenta o psicólogo e professor na Universidade da Virgínia Jonathan Haidt.

Mas, então, ficamos bovinamente subjugados por esse determinismo? Certamente que não! Se alguém tem predisposição hereditária para diabetes, há como preveni-la ou minimizá-la. Da mesma forma, a busca do contentamento interior requer esforço, disciplina pessoal e bom uso do nosso livre arbítrio. No livro *A Semente da Vitória*, Nuno Cobra elenca três condições essenciais para o bem-estar de uma pessoa: sono reparador; alimentação saudável; e exercícios físicos regulares. Complemento essa lista com: bons relacionamentos (amar e ser amado); atividades culturais; momentos de lazer; a prática da espiritualidade e da solidariedade; boas leituras e boas músicas. Enfim, a prática do bem, a sensação do dever cumprido e a persistência em ser útil são valores essenciais para o genuíno contentamento, e as palavras de Goethe bem arrematam o nosso texto: “Uma vida inútil é uma morte prematura”.

Jacir J. Venturi, professor, é coordenador da Universidade Positivo e autor de três livros

Pensamentos

- “Não deixe que a escolaridade interfira na sua educação.”

Mark Twain (1835-1910), escritor e humorista estadunidense

- “Controle seu destino, ou outra pessoa o fará.”

John Welch Jr. (1935-2020) foi presidente da GE, considerado o executivo do século

- “O amor é uma grave doença mental.”

Platão, filósofo e matemático da Grécia antiga

Transformemos em sol a estrela que está em nós

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas.

Quanta riqueza desconhecida há em cada um de nós!

Na saga intelectual do povo grego, há uma fábula que enseja lições preciosas. Os deuses do Olimpo estavam preocupados com a evolução do homem por causa de seu intenso desenvolvimento obtido pelo uso da inteligência. Da forma como o homem aprendia sobre ele mesmo e sobre a natureza, poderia em breve alcançar os deuses imortais.

Então, o tonitruante e todo-poderoso Zeus, senhor dos deuses e do mundo, vociferou: “Vamos reagir! Vamos esconder do homem o seu talento e ele jamais nos alcançará!”. Mas onde esconder o talento do homem? Posêidon, deus dos mares, sugeriu que fosse escondido nas profundezas dos oceanos; Apolo, deus da luz, no topo do Himalaia; Démeter, deusa da terra, nas areias movediças do Saara; Hefesto, deus do fogo, nos magmas vulcânicos do Vesúvio. Ares, deus da guerra, sugeriu que o talento do homem fosse escondido nos desfiladeiros das Termópilas.

Impávido e altaneiro, o poderoso Zeus levanta-se do trono e dá o veredito: “Nada disso! O melhor esconderijo para o talento do homem é no interior dele mesmo. Ele jamais há de procurar o talento que está dentro de si”.

Essa fábula enaltece o autoconhecimento: potencialidades, dons, virtudes, valores que em tantos de nós jazem latentes, escondidos. Howard Gardner, professor e psicólogo da Universidade de Harvard, em 1987, publicou a teoria das sete inteligências múltiplas. Hoje, já são nove: lógico-matemática, linguístico-verbal, musical, espacial, corpóreo-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, naturalista e existencial.

Gardner admite duas premissas, complementares entre si: uma indica que cada tipo de inteligência é concedida como herança biológica; a outra são as habilidades do ser humano “como um cristal multifacetado e, tal qual, pode e deve ser polido”.

O peso atribuído à genética na formação de uma pessoa talentosa varia entre os neurocientistas e psicólogos: de 30% a 50%. No entanto, é consenso que nossas potencialidades serão desenvolvidas somente com estímulo, determinação, disciplina pessoal e transpiração. No caminho que leva aos píncaros do reconhecimento popular, poucos são os bancos com sombra.

“A gente é para brilhar. Brilhar com brilho eterno”, declama o grande poeta soviético moderno Vladimir Maiakóvski (1893-1930). Ele próprio era um gênio do talento linguístico-verbal, mas péssimo nos relacionamentos humanos, na inteligência interpessoal. Era vaidoso, intempestivo, crítico cáustico, alcoólatra. Dizia: “prefiro morrer de vodka a morrer de tédio”. Imprevisível, concluiu seu famoso poema *A Plenos Pulmões* e suicidou-se com um tiro no peito.

Aqui entre nós, temos como exemplo a poeta paranaense Helena Kolody (1912-2003), intensamente expressiva por seus talentos linguístico-verbais, inter e intrapessoais. Era afável, carismática e abnegada. Da saudosa poeta, destacamos a frase final deste artigo: “Deus dá a todos uma estrela. Uns fazem da estrela um sol. Outros nem conseguem vê-la”.

Jacir J. Venturi é presidente do Sinepe/PR, coordenador da Universidade Positivo e autor de três livros

Pensamentos

- “É ótimo celebrar o sucesso, mas mais importante ainda é assimilar as lições trazidas pelos erros que cometemos.”

Bill Gates (n. 1955), cofundador da Microsoft e filantropo norte-americano

- Muito se aprende ao começar por baixo numa empresa. Há um ditado popular que ensina: “o único trabalho onde você pode começar por cima é o de cozeiro.”

Do autor

- “Admiro que tem inteligência acima da mídia.”

Do WhatsApp

Tributos: lutar ou morrer

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

“Os impostos têm limites naturais, além dos quais uma nação se deita para morrer ou se levanta para lutar” – oportunas palavras do filósofo e historiador francês Joseph E. Renan. No Brasil, a carga tributária saltou de 21% para 35,4% do PIB desde 1985, início do mandato de Sarney. O consultor norte-americano Walt Rostow complementa bem essa ideia, ao destacar que “só não podemos escapar da morte e dos impostos. E só a primeira não dá para piorar”.

Trabalhamos 5 meses por ano para cumprir as obrigações tributárias com os fiscos federais, estaduais e municipais, o que representa quase o dobro em relação à década de 70. A indignação fica ainda maior ao serem somados cerca de dois meses se contratarmos serviços privados nas áreas de saúde, previdência, segurança e rodovias. Resumo da ópera-bufa: trabalhamos 7 meses para suprir as legítimas necessidades do Estado, suportando a ineficiência, a corrupção e a burocracia desse mesmo Leviatã. Só com os denominados tributos invisíveis – e

cito apenas quatro –, o dispêndio anual dos contribuintes é insólito: planos de saúde (R\$ 180 bi), educação particular (R\$ 60 bi), segurança privada (R\$ 40 bi) e, desde 1996, a não correção das alíquotas do Imposto de Renda (R\$ 35 bi).

Via de regra, no planeta Terra não se aplica tributo algum sobre a escola privada, pois entende-se que está desonerando o Estado. No Brasil, ao contrário, o pai é triplamente penalizado ao não conseguir escolas públicas de qualidade. Se matricular o filho numa escola particular, um terço do boleto será destinado ao fisco na forma de tributos, sem os quais, uma mensalidade de R\$ 1.000,00 poderia ser reduzida a R\$ 666,00, com a mesma qualidade de ensino. Neste sentido, um belo exemplo é o Prouni, no qual a renúncia fiscal do governo permitiu, nos últimos 10 anos, o ingresso de 1,3 milhão de universitários na rede privada com um quinto do custo por aluno em comparação ao das Universidades Federais.

O Brasil tem imensas carências sociais e minorá-las se faz necessário. Causa indignação quando nos comparamos com países de menor carga tributária em relação ao PIB e que oferecem à população serviços públicos mais eficientes. O atual governo passou os 9 meses do ano em intenso movimento de ensaio e erro, na ânsia de arrecadar mais, e em contrapartida fez apenas uma suave lipoaspiração, enquanto o empresário e o trabalhador cortaram na carne. É urgente uma reforma estrutural, pois a nossa dívida pública alcançou a cifra de R\$ 3,68 trilhões em julho de 2015 – o que equivale a 64,6% do PIB –, colocando o país sob o risco de insolvência. Era 51% em 2012.

Um levantamento do Ministério do Planejamento – a pedido de um deputado – mostra o exagero dos cargos de confiança (que independem de concurso público): Brasil, 23 mil; EUA, 8 mil; França, 4 mil; Chile, 600; Alemanha, 500; Inglaterra, 300. Dados levantados pelo O Globo mostram que as 143 estatais geraram um prejuízo de R\$ 1,8 bi em 2013 e, apesar disso, entre 2009 e 2013 o número de funcionários aumentou 30%.

E o que dizer dos 39 ministérios de Dilma? Mal. Deodoro tinha 8; Getúlio, 11; Figueiredo, 15; FHC, 21. E vale uma comparação: EUA, 22; Chile, 22; Reino Unido, 18; Alemanha, 16. E a Previdência? Uma bomba-relógio, com um déficit previsto de R\$ 125 bi para 2016. Mesmo que se aprove a CPMF, com alíquota de 0,38%, a arrecadação será de R\$ 60 bi. E nenhuma proposta para conter esse rombo avassalador.

E para concluir, estamos vivenciando uma das fases mais graves da história do país, com a imbricação e a superposição de três crises simultâneas: política, econômica e ética. O Governo e o Congresso têm o dever cívico e moral de oferecer uma alternativa de solução. Austeridade fiscal: eis a receita imprescindível, porém amarga. Parafraseando Dante, os piores lugares do inferno deveriam ser reservados aos governantes populistas, gastadores e corruptos, pois geram miséria e infelicitam uma nação.

Jacir J. Venturi é vice-presidente da ACP (Associação Comercial do Paraná) e presidente do Sinepe/PR (Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Paraná)

Pensamentos

- “Você consegue realizar muito se não se importar com quem ganha o crédito.”

Ronald Reagan (1911-2004) foi ator, político e presidente dos EUA

- Muitos justificam a sua limitada condição financeira por terem sido honestos, como se não fosse uma obrigação moral e cidadã de todos. E boa parte deles foram honestos por falta de oportunidades ou evocam tal argumento para justificar sua incapacidade profissional

Do autor

- “Não se compare a ninguém neste mundo. Se fizer isso, estará insultando a si mesmo.”

Bill Gates (n. 1955), cofundador da Microsoft e filantropo norte-americano

Os bons ensinamentos: uma rota segura

“Um educador sempre afeta a eternidade.
Ele nunca saberá onde sua influência termina.”

Henry Adams (1838-1918), historiador norte-americano.

Uma maravilhosa lição de vida pode ser obtida dos gansos selvagens canadenses, que migram do Hemisfério Norte para o sul. Como arautos de mudanças, quando partem, é prenúncio de frio. Ao retornarem, é chegado o verão. Guiados pelo Sol e pelo campo magnético da Terra, cumprem a rota mais curta e somente estabelecem grandes curvas para evitar desertos e oceanos.

Neste longo voo, a formação do bando é a de um majestoso V, cujo vértice está voltado para frente. Nessa formação geométrica, cada pássaro da frente cria um vácuo para o de trás, rendendo ao grupo quase o dobro do aproveitamento com o mesmo esforço. Família e escola nos ensinam que, quando um conjunto de pessoas compartilha o mesmo objetivo, e de forma organizada, é mais leve a tarefa de cada um, e os resultados são extraordinários.

Ao ganso da frente cabe a tarefa de dar direção ao bando. E, quando cansa, alterna a posição de ponta com outro pássaro. É o líder. Em seu peito, batem as rajadas do vento forte, os pingos da chuva castigam seus olhos. Mas é ele, o líder, que tem as asas fortalecidas, que vislumbra melhor o horizonte, que contempla melhor as belezas do sol nascente e do sol poente. Os problemas são como as rajadas de vento, que nos fortalecem para enfrentarmos a vida com mais determinação. E Deus nunca nos dá tudo. Mas também não nos priva de tudo. E por mais que haja dificuldades, Ele não permite embates maiores que a nossa capacidade de vencê-los.

Os líderes sacrificam muitas vezes a si próprios por uma causa relevante cujo maior prêmio não é o triunfo, mas a imensa satisfação do dever cumprido. E se fracassam, “resta o conforto de que mais valem as lágrimas de não ter vencido do que a vergonha de não ter lutado”.

Quando um dos gansos é ferido ou fica doente, incontinenti, dois deles saem da formação e lhe dão companhia e proteção. É a manifestação da solidariedade em se postar ao lado das pessoas em seus momentos difíceis. Quem não tem amor e amizade em seu coração, sofre da pior doença cardíaca. E se hoje somos o ganso que ocupa o vértice – somos o líder –, amanhã dois outros gansos poderão nos fazer companhia, por estarmos enfermos ou senis.

Na formação angular, os gansos que vêm atrás grasnam freneticamente para motivar os da frente. Na convivência em grupo, tanto é importante a nossa efetiva participação quanto as palavras encorajadoras. Pessoas motivadas são mais felizes e produtivas. A ação organizada unida ao entusiasmo produz uma força insuperável.

Ter uma rota segura é considerar os bons ensinamentos transmitidos pelos pais, professores e bons amigos. São eles os timoneiros, os grandes edu-

cadores. A propósito, educar tem raiz numa palavra latina belíssima: ducere, que significa “conduzir, mostrar o caminho”. São eles que abrem as portas do futuro e iluminam o nosso caminho com as luzes mais brilhantes que puderam encontrar. Sim, somos um pouco de cada familiar, de cada professor e de cada amigo que tivemos.

Jacir J. Venturi é presidente do Sinepe/PR (que congrega cerca de 2000 escolas particulares do Paraná) e coordenador da Universidade Positivo. Foi diretor e professor de escolas públicas e privadas.

Pensamentos

- “Depois de tomar uma grande decisão uma pessoa me perguntou: E aí, você está feliz? Respondi: feliz não, em paz sim. Na vida aprendi que nem sempre vou estar feliz, agora estar em paz é minha grande necessidade.”

Wesley Diniz, consultor carioca

- “Quem tem algo por que viver é capaz de suportar qualquer coisa.”

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão

- “Onde há muito sentimento, há muita dor.”

Leonardo da Vinci (1452-1519), para muitos considerado o maior gênio da História da humanidade, pintor, escultor, matemático, engenheiro, arquiteto, botânico, anatomista, poeta e músico.

Nunca se casou. Dizia: “O casamento é como enfiar a mão num saco de serpentes na esperança de apanhar uma enguia.”

Uma lápide sem nome

Leonard Matlovich foi militar, tendo servido a Força Aérea Norte-Americana por 12 anos. Altamente condecorado por sua bravura na Guerra do Vietnã, inclusive ficando gravemente ferido em uma das escaramuças. Morreu em 1988, com 44 anos.

Notabilizou-se nos anos 1970 e 1980 por seu ativismo em defesa dos direitos dos gays. Foi capa da Revista Time, em 1975, com foto e legenda “I am a homosexual”. Por ter assumido publicamente a sua homossexualidade, foi dispensado da Força Aérea neste mesmo ano.

Em sua lápide, no Cemitério do Congresso em Washington, não consta o seu nome, a seu pedido, apenas data de nascimento e morte, e a inscrição:

A GAY VIETNAM VETERAN

When I was in the military, they gave my a medal for killing two men and a discharge for loving one.

(Quando eu estava no exército, eles me deram uma medalha por matar dois homens e uma dispensa por amar um.)

Pensamentos

- “As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel. O drama da internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade.”

Umberto Eco (1932-2016), escritor e filólogo italiano, professor da Universidade de Bolonha, autor do best-seller O nome da rosa

- “Sei que alguém vai me enterrar, mas eu não vou fazer isso comigo.”

Cora Coralina (1889-1985), pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, foi uma poetisa e contista brasileira

- Insista, persista e não desista.

Do autor

O nosso Ensino Médio não é sequer “médio”, é ruim

Do autor, publicado na Gazeta do Povo, Linha Direta e/ou outros jornais e revistas

Ano a ano, estamos enxugando gelo. Mais e mais gelo, quando nos reportamos ao Ensino Médio, que ostenta a taça de chumbo no espectro das mazelas da educação brasileira. Na faixa etária de 15 a 17 anos, apenas 47,7% mantêm adequada a relação idade/série e 1,9 milhão desses jovens abandonam a escola em cada período letivo. Com fulcro em dados divulgados pelo MEC na semana passada, o índice de reprovação em 2011 atingiu 13,1%, o dobro do percentual de doze anos atrás. No Paraná, o contingente de reprovados cresceu de 11,5% para 12,6% de 2008 para 2011. É um quadro negro. Qualquer indústria estaria em estado falimentar com tão elevado percentual de descarte. O colégio deve

ser mais atraente, ou, de acordo com a pesquisa, o principal motivo de abandono e reprovação é que a “escola é chata”. O conteúdo é por demais clássico, acadêmico – sem se importar com os diversos tipos de inteligência e potencialidades do aluno.

Em todo o *ranking* comparativo com outros países, sempre pontuamos entre os últimos no quesito desempenho escolar. Para reverter esse quadro, o primeiro passo – e único que não exige dispêndios financeiros – é reduzir o conteúdo da atual grade curricular do Ensino Médio. Há poucas “quase unanimidades” entre os educadores e esta é uma delas. Amiúde, debatemos com os professores das diversas áreas, e para a maioria há sobrecarga de conteúdos. Dessa rica convivência, ou fruto das visitas a outras escolas do Brasil ou exterior, ou das nossas leituras, é com convicção que afirmamos: por decorrência dos vestibulares, o nosso Ensino Médio necessita de uma assepsia, cujos vermes são os excessos da grade curricular.

É a hora e a vez de um bom discernimento para enxugar o programa do Ensino Médio. Destarte, alargaremos os horizontes e estaremos dando um primeiro passo em direção aos países com boa estrutura educacional. Que não pairam dúvidas, porém, quanto à obrigação primeira da escola: ministrar um bom ensino curricular, preparando o aluno para os concursos e a vida profissional. Reduzir o programa em 20% a 30% não implica em abaixamento no nível de aprendizagem, pois constituem penduricalhos desnecessários.

Uma vez implementada a redução e um melhor detalhamento dos conteúdos, há espaço e tempo para o início de um ciclo virtuoso: ofertar aos alunos ensinamentos mais atraentes e edificantes. Exemplos? Oficinas (parte delas operativas), Artes, escolha profissional, empreendedorismo, educação ambiental e financeira, informática, valores, cidadania, etc. A atual geração dos jovens valoriza o lúdico, a multimídia, as práticas experimentais, a vivência dos fenômenos naturais e humanos, o diálogo entre as diversas áreas. Isto posto, estaremos mais próximos das palavras simples e plenamente inteligíveis do epistemologista suíço Jean Piaget: “Só se aprende o que tem sentido, o que é prazeroso”. Seria cômico se não fosse trágico: o nosso antigo 2.º grau não é “médio”, é ruim. Com as exceções reconhecidas pelas famílias.

Jacir J. Venturi foi professor de Matemática do Colégio Estadual do Paraná, de escolas privadas e diretor de escolas da Educação Básica

Respostas: Desafiando o seu Raciocínio (I)

I – 9h15

1) O relógio de parede está parado. O avô, ao sair para ir ao vizinho, dá corda no relógio.

2) Ao chegar ao vizinho, vê que horas são no cronômetro. Digamos, 8h. Ao sair do vizinho, olha o cronômetro novamente, que marca, digamos, 9h. Conclusão: lá permaneceu, neste exemplo, por 1h.

3) Ao chegar em casa vê o relógio de parede e marca, digamos, 1h30. Destarte o tempo de percurso (ida e volta) foi de 30 minutos, ou seja, aproximadamente 15 minutos para a volta.

4) Que horas o avô vai acertar o seu relógio de parede? Resposta, para este exemplo: 9h15 min.

Resposta: Desafiando o seu Raciocínio (II)

R\$ 17,50, pois se dobrou com o primeiro santo e em seguida doou R\$ 20,00, restaram R\$ 15,00. No segundo santo, dobrou os R\$ 15,00, ficando com R\$ 30,00, mas como doou R\$ 20,00, sobraram R\$ 10,00 no bolso. No terceiro santo, tendo dobrado, ficou com R\$ 20,00, mas, conforme combinado, ao doar os R\$ 20,00 o velhinho ficou zerado.

Obs.: Quem me contou esta historinha, até bem popular, foi a Dona Lu, uma senhora muito simpática, responsável pela limpeza na academia que frequento. Sempre podemos aprender com as pessoas simples, como sempre podemos ensinar algo às pessoas interessadas. Um dos lemas de vida é: seja uma pessoa interessada e interessante.